

# TEATRO

# COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

## COORDENADOR

Antônio Martins Filho

## CONSELHO EDITORIAL

Francisco Carvalho

Joaquim Haroldo Ponte

Geraldo Jesuino da Costa

## CAPA

Eduardo Campos

## MONTAGEM DA CAPA

Assis Martins

## EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carlos Alberto Dantas

EDUARDO CAMPOS



# TEATRO

(TEATRO COMPLETO DE EDUARDO CAMPOS)

VOLUME II

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

1999

## SUMÁRIO

UM AUTOR EM DOIS ATOS

Segundo Ato

*Marcelo Costa* — 7

O MORO DO OURO — 23

A ROSA DO LAGAMAR — 67

A DONZELA DESPREZADA — 107

O JULGAMENTO DOS ANIMAIS — 147

O ANDARILHO — 163

FORTUNA CRÍTICA — 171

ICONOGRAFIA — 237

## UM AUTOR EM DOIS ATOS

Marcelo Costa

### SEGUNDO ATO

Prosseguindo em sua carreira de autor, Eduardo Campos que já havia encenado *O Demônio e a Rosa*, *O Anjo*, *Os Deserdados*, *A Máscara e a Face*, *Nós as Testemunhas* (primeiro volume desta coleção), agora se apresenta em nova fase.

“Eu sinto, honestamente, que sou um homem de teatro. Até quando escrevo conto ou romance, por trás do personagem está o dramaturgo”. Assim Eduardo Campos falou a Van Jafa.<sup>1</sup>

A autenticidade de seu teatro e de seu talento, é coisa nunca contestada. Sua vocação para a ribalta, legítima. Como ressaltou B. de Paiva: “Acredito-o sincero no seu caminho de observador das grandes transformações sociais, e permita-me dizer: é um autor que participa da construção de um teatro nacional para O universal”.

E o homem de teatro não se resumia ao ator, ao teatrólogo mas acrescenta-se: não fui apenas cenógrafo, mas pintor de tabuletas. Estas, de sexta até domingo, anunciavam para o bairro os espetáculos do Teatro-Escola. (...) Nesse campo, progredi. Na montagem de peças, passei a aplicar a rotunda para valorizar o espaço cênico, garantindo-lhe maior profundidade, providência posta em prática pela primeira vez no Ceará, salvo melhor juízo, em 1950, quando da apresentação de peça de minha autoria: *O Demônio e a Rosa*”.

Some-se a isso o estudo teórico: “Nesses dias, os dos anos quarenta, descobri os grandes nomes que haviam contribuído para a renovação da arte cênica. Através de intensa leitura conheci o chamado “teatro de

---

<sup>1</sup> Entrevista a Van Jafa, maio, 1967.

agitação”, ou Outubrista, da Rússia, que o historiador René Fulope Miller acabara de contar em seu alentado “Espírito e Fisionomia do Bochevismo”. Desde aí tornar-me-la íntimo de Stanislavsky, de quem viria a conhecer, em 1954, apreciadas confissões autobiográficas. No afã de tudo saber sobre as novas técnicas da dramaturgia universal, travei conhecimento através de livros com Anton Giulio Bragaglia, inovador da cena italiana”.

## TEATRO LITERÁRIO

“Eu fui ao Rio<sup>2</sup> em 43 e assisti a uma peça que me impressionou vivamente porque era uma réplica das peças que eu imaginava representada na Europa. Eu visualizava um teatro avançado, o que na minha ingenuidade julgava um teatro de vanguarda. Então assisti *Vestido de Noiva*. Não era uma peça comum, era um espetáculo mesmo. E escrevi posteriormente, seguindo a mesma linha de planos, O **Demônio** e a **Rosa**, peça essa saudada entusiasticamente, não pelos que a assistiram em Fortaleza, mas pelos que a leram editada pela *Revista Clã*. Várias pessoas se manifestaram a favor como Guilherme Figueiredo que escreveu até um artigo.

“Depois eu vi que esse era um *teatro literário* e que era um teatro de esnobação em que o autor veiculava muito suas idéias, os seus princípios literários, mas completamente distanciado da vida, da realidade. É um teatro etéreo e não terreno”.

## DENÚNCIA SOCIAL

Prosegue Eduardo Campos analisando a sua trajetória: “Então passei para uma *literatura mais objetiva* e escrevi possivelmente no meu entender a minha melhor peça: **Os Deserdados**. São todas essas formas literárias bonitas de dizer as coisas numa peça em que não estão. modificadas as condições de existência do povo.

“Temos nos **Deserdados** o drama do misticismo, o drama da seca e o drama da perversidade que gira em torno desses problemas. Posteriormente me desviei dessa tendência por influência do próprio TEATRO ESCOLA DO CEARA que fazia espetáculos para uma classe social dis-

---

<sup>2</sup> Entrevista a Van Jafa, maio 1967.

tanciada dos problemas mais imediatos do povo e passei a escrever peças em que os personagens e o sentido de aventura eram mais da *intelligentzia* burguesa do que do estado natural da convivência da minha comunidade que é pobre”.

## DRAMAS COM AUTENTICIDADE

“Com a retomada da responsabilidade do teatro nacional de fazer os seus *dramas com autenticidade*, eu vi que era necessário retomar também o caminho anteriormente abandonado em **Os Deserdados**, então escrevi dentro desta linha **O Morro do Ouro**, **A Rosa do Lagamar** e **A Farsa do Cangaceiro Astucioso** e, finalmente, **O Fazedor de Milagres**”.

## A TRILOGIA DOS DRAMAS URBANOS

Foi então que Eduardo Campos escreveu a primeira trilogia “assumidamente consciente” do teatro cearense. A Trilogia dos Dramas Urbanos (ou simplesmente suburbana, na falta de melhor definição), capitaliza toda a experiência teatral de Eduardo Campos. O autor, explode em talento na maturidade.

Se sua obra preferida é **Os Deserdados** a consagração popular, por toda numa cidade, viria mesmo com as montagens da Comédia Cearense, na década de 60.

No depoimento do autor: “soaram por volta de 1963 os bons tempos, pelo menos para mim, de “**O Morro do Ouro**”, dias alacres, divertidos, contestadores, e de muitos aplausos. Os primeiros momentos de minha sonhada “Trilogia dos Dramas Urbanos”. Sobem ao palco, nessa hora, os pobres do Ceará, comunidade emparedada em sofrimentos mas paradoxalmente descontraída e otimista. Essa mesma gente em 1964 vai falar também, dar o seu recado, nos momentos dramáticos de “**A Rosa do Lagamar**”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Retrospectiva em tempo de Teatro, 1979.

## NA COMÉDIA CEARENSE

Na década de 60, o teatro cearense, reviveu os dias gloriosos da década de 20, quando Carlos Câmara e seu Grêmio Dramático Familiar, eram aplaudidos. A COMÉDIA CEARENSE aliou a nova fase do dramaturgo (Eduardo Campos) ao talento do encenador (B. de Paiva), e a dinâmica atuação de Haroldo Serra, como produtor. Não só a dramaturgia como também o espetáculo caminharam *pari passu*, em alto nível, pela primeira vez no Ceará. E é bom não esquecer o apoio dos governadores Parsifal Barroso e depois Virgílio Távora (quando o teatro era arte e não marketing), do reitor Martins Filho e de intelectuais do porte de Newton Gonçalves, criando o Curso de Arte Dramática.

A COMÉDIA CEARENSE afirmava-se cada vez mais, era líder absoluta do teatro cearense. **O Morro do Ouro** é dessa fase. Drama realista, a peça estreou a 11 de julho de 1963 com Afonso Barroso (Zé Valentão), Tereza Bithencourt (Madalena), Edilson Soares (patrício), Haroldo Serra (seu Fortuna), José Humberto (Aleijado), Hirarnisa Serra (mulher do aleijado), Zilma Duarte (lavadeira<sup>4</sup>), Lourdinha Martins (Margot), Leonam Moreira e Edinaldo Brasil (carregadores), Eliete Paiva, Laís Freire, Maria da Glória Martins (assistente sociais), Eliete Regina (Esmeralda), Mizaél Fernandes e José Maria Cunha (políciais), Gracinha Soares (Elvira), Carlos Paiva (Dr. Gervásio), Fátima Alencar e Hiramisa Serra (senhoras da sociedade), direção B. de Paiva e cenário de Flávio Phebo.

Gente que nunca antes tinha entrado no TEATRO JOSÉ DE ALENCAR, foi ver **O Morro do Ouro**. O sucesso na Fortaleza, era total. Eu fui testemunha disso. Em termos de sucesso de uma peça em temporada contínua, O Morro só perde em número de público e permanência em cartaz para a *Valsa Proibida* (versão de 65). O espetáculo lotou o Teatro José de Alencar durante três meses, de terça a domingo. Seu sucesso extrapolou o campo teatral. Era assunto das rodas, como se fosse um clássico de futebol.

---

<sup>4</sup> Antonietta, em “**O Morro do Ouro**” entrava da platéia, fazendo uma lavadeira. Em Iguatu, num representação da Caravana da Cultura, o teatro estava lotado. Um guarda vendo uma mulher mal vestida e com uma lata d’água, querendo entrar no teatro, foi tratando de botá-la pra fora. Antonietta procurou justificar, a hora de sua entrada já se aproximava e nem choro resolveu. Foi preciso que Francisco Matos, do elenco, saísse de cena, para resgatá-la.



## EVOLUÇÃO

A peça retrata o conflito de Madalena (o nome é bem apropriado), prostituta do **Morro do Ouro**, com a chegada repentina da Mãe, beata típica do Cariri. (“Não quero que ela de repente tenha uma tristeza dessas, de ver a filha prostituta. Haverá coisa pior para uma mãe?”) Em contraponto Zé Valentão, seu amante, contrabandista e marginal, quer de volta a Madalena de antes: (“É esse vestido esquisito, Madalena, que lhe está transformando. Tire-o! Tire-o enquanto é tempo. Você não é uma senhora...”). Mas Madalena resiste. “Eu só tenho medo de uma coisa: do olhar de minha mãe”.

Nesta peça o folclorista Eduardo Campos presta inestimável serviço ao dramaturgo. O uso do serviço de alto-falante, o excelente aproveitamento do Bumba-meu-boi, a devoção ao Padre Cícero, etc. Tudo serve para tornar a peça mais nossa.

Eduardo Campos usa de fina ironia, com por exemplo na visita das assistentes sociais: “Vejam o colorido da pobreza! ‘C. Na credence de Da. Elvira pelo Padre Cícero: “Foi ele, que abaixo de Deus, conservou minha filha virtuosa e pura. Vou festejar o acontecimento com um anovena”. Seu Fortuna, o bicheiro, que vira Ezequiel “vendedor de santo é da regra ter nome de Bíblia”. O político demagogo, Dr. Gervásio “o pai da pobreza, o nosso candidato a vereador”, que tem um programa nacionalista”.

Madalena que antes era “a quenga do **Morro do Ouro**, a mulher mais falada da zona”, com a chegada da mãe: “algo me aconteceu”. “Perdi o jeito de ser puta”. No final Zé Valentão perde a amante.

O primeiro ato, famoso pela sua construção dramática tem realmente grandes virtudes, obedecendo a todos os mandamentos da dramaturgia. Bem estruturado, tem a *Exposição* já conta com ação, e o “*Elemento Incitador*” (*inciting incident*), o que dispara a ação, começando quando Madalena recebe a carta comunicando a chegada da mãe. “E agora o que vai ser? A coitada pensa que sou donzela...” Tudo esta contido, como deve ser, no primeiro ato. Também o *Ponto de Ataque*, a altura dos acontecimentos em que a peça começa, não é retardado, nem avançando demais, esta na medida certa. Já o terceiro não tem uma Resolução que o espectador espera. Falta o que os estudiosos chamam de *Cena Obrigatória*. No caso do **Morro do Ouro**, o confronto de Elvira com Zé Valentão, ou mesmo de Elvira com Madalena e o amante, ela só está esboçada

na rubrica: “Vai em procura de Elvira que se volta para receber a filha em seus braços”. Daí a frustração com o final meio insatisfatório. Mesmo com o triunfo da virtude. A pecadora arrependida. “Resolvi mudar. Estou gostando da diferença que faz quando se é tratada com respeito... como uma senhora”.

## O DIRETOR VÊ A PEÇA

Líder cultural e renovador do teatro cearense, B. de Paiva, que voltava do Rio, contratado para dirigir o Curso de Arte Dramática, dava novo impulso ao nosso teatro, numa renovação semelhante ao que Zimbinski havia feito no Rio com *Vestido de Noiva*. Dirigindo a peça comentou:

“Da reportagem – quase surrealista – de **O Demônio** e a **Rosá** aos flagrantes do drama social e agrário de **Os Deserdados**, Eduardo Campos tinha começado em **O Anjo** a campanha de um teatro dinâmico e, se não conformista, mas atual e direto. Começaria então o roteiro (quase trilogia) em suas peças: **Nós, As Testemunhas, A Máscara** e a **Face** da tragédia burguesa, não fechando o ciclo, que poderia documentar os problemas das famílias das altas rodas tradicionais da sociedade.

Abre então a página do drama da cidade, revelando os personagens dos subúrbios, esta estranha e necessária moldura que acompanha o progresso das grandes comunidades. O primeiro ato de **O Morro do Ouro**, onde a essência das figuras se revela e segura o contexto do drama, é uma das mais perfeitas “primeiras atos” do teatro brasileiro. Corre e domina as figuras, permitindo um ritmo crescente, onde o encerramento (apoiado num lugar comum do teatro clássico: a mensagem, antecipa um equilíbrio de tempo e lugar, e onde então, mesmo focalizando um ambiente regional – desperta para o universal das grandes tragicomédias sociais. O folclórico e o pitoresco se irmanam – artesanalmente –, permitindo viver necessariamente aqueles acidentes, e funcionando necessariamente em razão do aproveitamento dos efeitos que os personagens do auto popular “Bumba-meu-Boi”.

## O MORRO PELA IMPRENSA

A enorme repercussão da peça foi documentada na imprensa: “E a peça? ela é um soco bem forte dado no rosto da sociedade. O primeiro ato – primor

de movimento, de vida, de flahs, de mensagem de adaptação – perde terrivelmente para os dois restantes. A pressa – a inimiga do intelectual- engole tudo e fica como que uma obrigação, a peça a terminar”. (Adísia Sá).

“O que admira na nova peça de Eduardo Campos, **“Morro do Ouro”**, é a perfeita identificação do teatrológo com o ambiente posto em destaque.(...) Acredito que o autor será bastante criticado por muita gente que ainda acha que em uma obra de arte, sobre a nudez pura da verdade, deve vir sempre o manto diáfano da fantasia. (Fran Martins).

“E a verdade é que as apresentações (múltiplas) de **“O Morro do Ouro”**, nessa nova fase” foram sucesso aqui em Fortaleza, para alegria dos que, apreciando a nobre arte teatral, sabem quanto ela é incompreendida e desestimulada entre nós, já por arte de um grande público pouco sensibilizado, já e sobretudo por parte dos poderes públicos, sempre e lamentavelmente desinteressados pelos problemas da cultura artística...” (Otacílio Colares).

## VERSÃO MUSICAL

**O Morro do Ouro** voltaria à cena, em 1971, em versão musical de Haroldo Serra. Inicialmente a peça foi apresentada pelo GRUPO UNIVERSITÁRIO DE TEATRO, criado por Haroldo Serra em Março de 1971, sendo segundo Ricardo Guilherme “um apêndice da Comédia Cearense”. Não sendo bem sucedida a tentativa de Haroldo Serra de penetrar no meio universitário, a versão musical da peça passa a usar a sigla da Comédia Cearense.

**O Morro do Ouro** musical estreou a 15 de Junho de 1971, no Teatro José de Alencar, perdendo as características de drama realista para se inspirar em *happenings* mais precisamente no musical “Hair”, que estava na moda. O elenco inicial era formado por: Jorge MeIo, Tereza Melo, Atualpa Paiva Reis, Haroldo Serra, Hiramisa Serra, Mário Mesquita, Socorro Noronha, Benedito Siqueira, Orlene Moura, Regina Távora, Wanda Albuquerque, Amélia Riomar, Carlos Limaverde, Martha Vasconcelos, Walden Luiz, Arlindo Araújo, e outros. Músicas de Belchior e Jorge Melo.

Em julho do mesmo ano, ainda como Teatro Universitário, representando o Ceará **O Morro do Ouro**, venceu o III Festival de São José do Rio Preto, conquistando os prêmios de Melhor Espetáculo, Melhor Atriz Coadjuvante (Socorro Noronha), e Melhor cenografia (Haroldo Serra). A

peça também foi escolhida pelo júri popular como o Melhor Espetáculo. “Estes jovens estão conseguindo criar uma nova imagem do Nordeste. Uma imagem colorida, onde se reflete um Estado em desenvolvimento, em todos os setores e principalmente no teatro (...) a mulher do aleijado (Hiramisa Serra) esteve esplêndida” disse o *Diário da Região*, São José do Rio Preto, de 20 de Julho de 1971.

Uma montagem carioca do **O Morro do Ouro** foi dirigida por Haroldo Serra no Teatro SENAC, estreando a 2 de Fevereiro de 1972, com Myriam Pérsia e Milton Moraes nos principais papéis, além de outros cearenses Almir Teles, Martha Vasconcelos, Hiramisa Serra, Marcus Miranda.

Em 1972 a Comédia Cearense inaugura o TEATRO MUNICIPAL de Juazeiro do Norte (22 de Julho) com **O Morro do Ouro**, peça que integrou as “Caravanas de Cultura”, apresentando-se em inúmeras cidades do interior. O TEATRO DA EMCETUR, (denominado TEATRO CARLOS CÂMARA em 18 de Julho de 1981), também foi inaugurado com **O Morro do Ouro** (a 5 de Outubro de 1974).

Em 1976, estreando a 10 de Março **O Morro do Ouro** tem versão paulista, com direção de Haroldo Serra, no TEATRO APLICADO de São Paulo, com grandes louvores da crítica.

## **ROSA DO LAGAMAR**

Outro grande sucesso de Eduardo Campos, viria a 5 de novembro de 1964 com a estréia de Rosa do Lagamar. No elenco original estavam: Hiramisa Serra (papel título), Tereza Bithencourt, Haroldo Serra, Edinardo Brasil, Lourdinha Falcão, Tarcísio Gurgel, João Falcão, B. de Paiva, José Humberto Cavalcante e Antonieta Noronha sob a direção de B. de Paiva com cenário de J. Figueiredo. Rosa do Lagamar, em termos de público e mesmo de qualidade, repetiu o sucesso do **O Morro do Ouro**.

Em Julho de 1966 a Comédia Cearense viaja para o Rio de Janeiro com Rosa do Lagamar apresentando-se no TEATRO NACIONAL DE COMÉDIA. O crítico Yan Michalski comentou: “Mais uma vez foi colocada diante de nós a cristalina mas tão facilmente esquecida verdade. O teatro brasileiro não se restringe apenas a Rio e São Paulo. O grupo de Fortaleza, por exemplo, demonstra possuir um elenco cuja competência – na medida em que um único espetáculo possa constituir base válida para

juízo – pode perfeitamente ser comparada ao nível médio dos elementos profissionais que costumamos ver no Rio”.<sup>5</sup>

Van Jafa no *Correio da Manhã*<sup>6</sup> escreveu: “Rosa do Lagamar’ deixa bem claro a qualidade de Eduardo Campos, que teve a seu favor a personagem Rosa (telúrica e de características gregas) (...) “Rosa do Lagamar’ indica uma vez o caminho de um teatro brasileiro, de um teatro repleto de autenticidade, de um exato teatro regional, a comédia de costumes, típico de aspectos sociais e por vezes políticos”.

A 14 de Outubro de 1975 a Comédia Cearense estréia a versão musical de Rosa do Lagamar, de drama realista passou a comédia musical numa versão de Haroldo Serra.

Foi com esta nova roupagem que concorreu ao festival da FENATA (Federação Nacional de Teatro Amador) e no I Festival de Inverno de Campina Grande (1976), participou do Encontro de Teatro Nordestino, em Salvador e do Projeto Mambembão, (Brasília, Rio e São Paulo), em 1979. Em julho de 1995 foi montada por um grupo carioca no Teatro Henriqueta Brieba, na Tijuca.

Rosa do Lagamar propiciou a atriz protagonista, Hiramisa Serra, indicação de melhor atriz (uma das cinco do primeiro trimestre de 1979) para o prêmio Mambembe do Serviço Nacional de Teatro. Excelente e insuperável no papel de Rosa, Hiramisa Serra inscreve seu nome entre as grandes atrizes do teatro cearense.

Duas placas de bronze atestam o sucesso da Rosa. Uma no TEATRO JOSÉ DE ALENCAR, pela centésima apresentação e outra no TEATRO DA EMCETUR pelo 3000 espetáculo. Calcula-se que teve 500 apresentação ao longo do tempo. O número é simbólico, pode ser um pouco mais ou pouco menos. Mas está próximo da verdade. E é incontestável que Rosa do Lagamar é a peça mais representada no Ceará.

Em 1987 é a vez da Comédia Cearense fazer sua festa de 300 aniversário. Nada mais representativo de seu repertório que Rosa do Lagamar. No mesmo ano no festival de São José do Rio Preto Rosa do Lagamar foi mostrada recebendo louvores da crítica.

---

<sup>5</sup> *JORNAL DO BRASIL*, 12 de julho de 1966.

<sup>6</sup> *CORREIO DA MANHÃ*, 14 de julho de 1966.

## DRAMA COMOVENTE

**Rosa do Lagamar** é a história de uma mulher que saindo do Lagamar (outra favela nos arredores de Fortaleza) comprou um casebre na Aldeota (bairro da alta sociedade) e que, por infelicidade, se tornou vizinho da construção do palacete do rico Severiano. “Eu não podia acabar meus dias no Lagamar” diz Rosa.

Mas o milionário quer uma casa com jardim e piscina “Não estou gostando... Será necessário dar um jeito... comprar a casa... Um café! Só serve para reunir desocupados”. Sua proposta: “Sonde a dona do barraco. Quero ver se é possível entrarmos num acordo.”

Rosa contrapõe: “Deus me livre de voltar para aquele inferno, de ser outra vez **A Rosa do Lagamar.**” No embate dessas duas forças se desencadeia o drama: “O senhor quer o seu jardim grande... e eu, o meu terreiro, a frente da minha casa.”

Este é o problema social de Rosa (Severiano) mas tem, outro, problema individual (Crispim), o marido que não via há dez anos, “a ferida que trago no coração”.

No final Rosa perde. Não sem muita luta. Rosa perde o marido, a casa, e a filha honrada. Em sua dose de infortúnio termina “encosta-se, trêmula a um dos móveis, como se fosse ela mesma um pedaço de madeira, uma tábua, uma coisa, e não uma criatura humana”.

É sintomático, como assinala o jornalista José Anderson (de Brasília) que “O casal que representa a alta sociedade cearense é desprovido de qualquer humanismo, e nas suas vestes, carros, ventiladores, por causa do calor cearense, preocupações e aspirações, sentimos toda a futilidade de suas vidas”. Não é um retrato perfeito de nossa sociedade de filisteus? O atenuante é que Severino é novo rico. “Eu comecei assim pobre e fiquei rico. Fui ganhando dinheiro, juntando os cobres, fazendo novos investimentos... comprei de começo um carroção... Depois, uma camioneta... E foi desenvolvendo o negócio, prosperando sempre. Hoje seu exemplo, elogiado, festejado pelos meus amigos e pela sociedade”.

Eduardo Campos é mordaz na crítica aos versos de Juvenal Galeno. Uma heresia nos anos sessenta. À futilidade do chá das Voluntárias de Jacarecanga, nas referências que faz “Esse povo rico da Aldeota é

encenqueiro”, “Aldeota onde todo mundo arrota decência”, sobre “as damas do Ideal Clube”, etc.

O diálogo é direto, as personagens falam o que pensam, o subtexto é evidente. O linguajar autêntico, informal e apropriado, denunciando um Eduardo Campos como fino observador do jargão dos subúrbios.

Excelente o confronto, a cena em que Rosa discute com a dondoca Julieta. O contraste das duas personagens opostas. “A senhora não vai levar vantagem comigo”. “Não fui com o jeito da mulher”. Rosa do Lagamar, é verdadeiro teatro, da melhor qualidade.

## HOLLYWOOD CEARENSE

A TV Ceará inaugurada em 1960 vem valorizar o artista local. Os programas são feitos ao vivo, novelas, especiais, comerciais, tudo. A fama dos atores e sua consagração era imensa. O todo poderoso canal 2 era a única estação de televisão na época. Veio a consagração em Barcelona (com o vídeo-teipe dos Deserdados. Havia certa disputa dos atores de TV com os atores de teatro. Afinal não era de bom tom aparecer num veículo que ainda não era arte. Cacilda Becker deu o exemplo fazendo novelas na Tupi. Mas o trabalho na TV chamou a atenção do público para o artista cearense e o público acreditou e aplaudiu. Chegou haver um quase profissionalismo. A TV era um organismo vivo e não uma estação repetidora. No teatro o modelo era o Teatro de Amadores de Pernambuco, uma grande família, daí os casamentos entre atores na Comedia cearense.

Se o teatro tinha as estrelas, Nadir Saboya, Gracinha Soares, Hiramisa, Tereza Bittencourt, José Humberto, Haroldo Serra, Aderbal Júnior, a TV respondia com Emiliario Queiroz, Ary Sherlock, Marcus Miranda, Maria Luiza, Dora Barros, Karla Peixoto, João Ramos, Cleide Holanda, Jane Azeredo, Rinauro Moreira, Iris Breno, o comediante Renato Aragão e muitos outros.

Eduardo Campos, como superintendente da emissora, dava apoio integral na divulgação, nas chamadas gratuitas para os espetáculos, na premiação de “Sete Dias em Destaque”. Neste tempo a imprensa cumpria seu papel social.

Destas fases são textos de Eduardo Campos para a televisão: **Contrabando ao Cair da Noite, Inquilinos do Medo, A Flor do Pecado, As Trezentas Moedas** e muitas outras.

## A DONZELA DESPREZADA

Mas a trilogia estava incompleta no palco. **A Donzela Desprezada**, terceira e última parte, era uma obra maldita. Inédita no palco e em livro, recusada por diretores de teatro e até mesmo pelo autor. Mas como o patinho feio, ela era penas diferente.

Até que por curiosidade resolvi ler a **Donzela**. Foi, acredite, amor à primeira leitura, e tudo que disser a seu respeito pode parecer suspeito. Desde a primeira leitura eu soube que a peça se tomaria um presente de Eduardo Campos para mim.

Por trinta e um anos o texto ficou dormindo na gaveta. Sua montagem se tornou um imperativo histórico. Assim quando se pensou na inauguração do novo Teatro do IBEU-CE, com uma programação de “cearensidade”, fugindo do nosso complexo de inferioridade, escolheu-se um texto do mais importante dramaturgo cearense e de preferência um texto inédito. Portanto a 13 de agosto de 1995, o GRUPO BALAIÓ estréia **A Donzela Desprezada**. A estréia da peça foi um triunfo. Kátia Camila, Martha Vasconcelos, Socorro de Carvalho, Leonardo Martins, Rodrigo de Freitas, Aurora Miranda Leão, Deugiolino Lucas, Jorge Rithie, Jota Arraes, Castro Segundo, Ivany Gomes, Augusto Abreu, Arnaldo Cerkas, Cícero Medeiros, Edvaldo Lira compunham o elenco, com direção de Marcelo Costa.

A estréia da peça foi um triunfo, e embora ninguém do Pirambu tenha vindo em romaria ao teatro como fez a população do **Morro do Ouro**, sua permanência em cartaz atesta o êxito da montagem.

## PARES DRAMÁTICOS

**A Donzela Desprezada** é o menos realista dos três textos. O foco menos aproximado. Se no Morro e em Rosa, Eduardo Campos tem um olhar, digamos “microscópico”, na Donzela ele é mais distanciado. Por isso algumas passagens parecem apenas esboçadas, um texto em elaboração. Prevalecem cenas curtas, telegráficas, cenas simultâneas, ritmo ágil.

O cenário agora é o Pirambu, bairro pobre como **O Morro do Ouro** e o Lagamar dos outros textos. A rainha do partido azul da quermesse é seduzida por um motorista de caminhão da entrega sistemática de gás. E a



notícia, dada pela própria Amelinha, estoura no dia da coroação. Na verdade Amelinha é quem seduz Edmundo. A mulher frágil tem papel ativo, rompe barreiras e preconceitos. É ela quem toma toda a iniciativa. Quando a mãe viúva saía para cumprir suas obrigações de zeladora da igreja, “Edmundo vinha conversar com ela”. Por isso quando surgem as implicações policiais, quando se forjam sua menoridade e inocência, ela não quer a degradação dele, Edmundo. Seu amor por ele tem, na renúncia, a grandeza de uma Julieta.

Ao contrário das outras **A Donzela** tem um final feliz (implícito). Amelinha realiza o seu sonho freudiano de fazer amor num caminhão carregado de botijões de gás vazios. A platéia vibra e mais uma vez ela não pede nada em troca. Também diferente das outras peças o autor pede dois cenários no palco.

Amelinha e Valdelice formam um par dramático que tem paralelo nos pares das outras peças; mãe e filha em conflito. São as mulheres fortes do autor, característica sua desde a fase intermediária (no Teatro Escola do Ceará) que ainda mais se acentua nessa trilogia de dramas suburbanos pela ausência da figura paterna sempre. Madalena versus Elvira (Morro), Maria Galante versus Rosa (Rosa) e Amelinha versus Valdelice (Donzela), as filhas causando e infelicidade da mãe, para conseguir sua própria felicidade. Das três só Madalena se sacrifica. As demais personagens, principalmente, os homens, tem sua cota de sordidez. Mas como Eduardo Campos os torna humanos em suas fraquezas, não chegamos a odiá-los. A galeria, portando, é rica de tipos para serem estudados.

Agora que a virgindade não é mais tabu, se questiona sobre a atualidade da peça. Ela apenas mudou de gênero. De drama, ou tragicomédia, passou a comédia assumida. Mesmo porque nossos atores, com sua tendência natural para o gênero, assim a traduziram no palco. Desse ponto de vista **A Rosa do Lagamar** continua a mais dramática das três. Não só pelo conflito social, a luta pela moradia, ainda mais acentuada hoje, diante do qual o fanatismo religioso de Da. Elvira e a libido de Amelinha, podem parecer banais. Na série crescente de ataques, que sofre, Rosa mantém a dignidade e integridade de uma rainha troiana, principalmente na comovente cena com o oficial de justiça que a despeja. O pitoresco do **O Morro do Ouro** e do Pirambu não estão presentes. Rosa está fora de seu habitat, embora carregue o Lagamar dentro dela. Ela se nutre da saudade e da esperança de rever o capitão Crispim, o marido que a abandonou, e de ficar longe do Lagamar, em sua fé por São

Francisco de Canindé. Mas o drama é bem dosado e Eduardo Campos nos dá surpreendentes final de atos, como acontece em Rosa no término do primeiro e do segundo ato, e no encerramento do primeiro da Donzela. Rosa também tem sido maltratada no palco, é preciso dizer, em espetáculos descuidados, em locais inadequados e mesmo com corte de cenas como a da volta de Crispim. Nunca entendi porque; é um dos momentos climáticos. O autor prepara sua entrada meticulosa- mente, num efeito dramático poderoso. Ainda serve para aumentar mais a dose de infortúnio de Rosa, tratada apor “velha”.

As peças são bem estruturadas, num crescendo dramático, num perfeito domínio dos limites e qualidades do palco. Os diálogos correm, fluem na boca das personagens e seriam melhores sem a perfeita colocação dos pronomes.

Nesta trilogia, além do autor dramático, o jornalista, o repórter, o contista e principalmente o folclorista, que existem em Eduardo Campos, se juntam para pintar um rico mural da cidade de Fortaleza. Um precioso painel dos subúrbios de Fortaleza.

## O JULGAMENTO DOS ANIMAIS

Eduardo Campos é autor ainda, da peça infantil **O Julgamento dos Animais**, estreada em 1962 e várias vezes remontada pela Comédia Cearense. A principal delas, (14 de Outubro de 1962) teve Emiliano Queiroz e Ary Sherlock no elenco. No contexto de sua obra **O Julgamento dos Animais** ocupa um lugar singular. É seu único texto desse gênero e que não mais se repetiria.

“Nessa interessante obra, uma das mais bem imaginadas, Eduardo Campos supera, ao nosso ver, tudo o que se tem feito no gênero em nosso país inclusive, toda a farta produção de Maria Clara Machado e até mesmo de Lúcia Benedetti”, observa Marciano Lopes. Exageros à parte A Revolta dos Animais está entre as melhores do gênero. Envolvendo o público, solicitando a participação das crianças, didática sem ser chata. Antes das preocupações atuais com a ecologia, a peça já estava na vanguarda ao defender animais e o meio ambiente.

A entrada de novo personagem importante (Espírito mau) impulsiona a ação que quase recomeça a peça, isto já via acontecido em outros trabalhos como é de caso de Gustavo (**A Máscara e a Face**), do oficial de Justiça (**Rosa do Lagamar**).

## O ANDARILHO

Outros textos de Eduardo Campos se seguiram a esta trilogia. **O Andarilho** é um deles. A peça curta tem uma mensagem profunda, filosófica. Um grito de liberdade contra toda forma de fascismo e abuso de autoridade. Conotações místicas na superfície. “O pensamento é livre”.

**O Andarilho**, teve leitura dramática 1979 no Teatro José de Alencar, em solenidade comemorativa dos quarenta anos de atividades teatrais de Eduardo Campos. A peça em 1 ato, contou com B. Paiva, Haroldo Serra e Paulo Alencar, elenco.

Alem destas peças existem os inéditos, no palco e em publicação: Inquilinos do Medo (1962), Noite de Coronéis, (1972) Quem Pode Ser Profeta (1979).

## MULHERES FORTES, GRANDES INTÉRPRETES

Uma curiosidade sobre a obra de Eduardo Campos. Em nenhuma das peças aparece a figura paterna. São filhos problemáticos ou rebeldes (em geral filha) em confronto com a mãe. Mesmo em Rosa do Lagamar, único em que o pai aparece, ele é ausente da formação familiar.

Isto proporcionou a grandes atrizes, um trabalho memorável de interpretação. Destacaram-se Nadir Saboya (Hortênsia de **Os Deserdados**, Elvira de **A Máscara e a Face**), Fernanda Quinderé (Carmem em **Nós, as Testemunhas**), Hiramisa Serra (Mulher do Aleijado, em **O Morro do Ouro**, e Rosa de **Rosa do Lagamar**. Sem falar das peças que não entram nesta coleção.), e Martha Vasconcelos (Elvira, em **Morro do Ouro**).

## ESTA COLEÇÃO

A obra agora reunida em livro, vai possibilitar o estudo, a análise e mais montagens do autor. Eduardo Campos, cronista de Fortaleza dos anos sessenta fez em drama, o que Carlos Câmara, em seu tempo, fez em burletas musicais. É modesta, pois, a conclusão do dramaturgo: “desprovida de grandes lances, modestíssima mas perseverante, tem sido a minha carreira teatral”..

Tudo isso já é história. Os anais do teatro cearense já consagraram.

## O MORRO DO OURO

### PERSONAGENS:

ZÉ VALENTÃO  
MADALENA  
PATRÍCIO  
“SEU” FORTUNA  
ALEIJADO  
MULHER DO ALEIJADO  
LAVADEIRA  
MARGARIDA  
1º E 2º CARREGADORES  
ASSISTENTES SOCIAIS  
ESMERALDA  
POLÍCIAIS  
ELVIRA  
DR. GERVÁSIO  
SENHORES DA SOCIEDADE  
E O “BOI CEARA”

Integrar-se-á na visão do espectador trecho de uma favela cearense: **O Morro do Ouro**, em Fortaleza, assim denominada por fixar-se como comunidade humana sobre área onde a cidade, diariamente, deposita o lixo. A esquina da rua principal está quase no proscênio, firmada numa casa de melhor aspecto, de varanda, que, aberta, devassará o seu interior. Como muitas cenas se processarão no interior da sala da frente (sala e quarto ao mesmo tempo), o cenário não terá parede por esse lado, para que todos os movimentos sejam percebidos pelo público. Há no quarto um lavatório improvisado; um retrato de mulher despida na parede, uma penteadeira e sobre esta, entre vidros de perfume, carteiras de cigarro americano e garrafas de uísque. Em frente há um boteco, des-

ses onde a vida recebe o tumulto dos marginais. Exibe mesas pela calçada, três ou quatro. Próximas ao boteco, de um e de outro lado, nascem ruas de casas pobres e miseráveis no aspecto. Longe, no alto, desenha-se claro o perfil de edifícios de apartamentos em contraste com o ambiente que se deseja apresentar.

Quando corre o pano, a manhã expira. Zé Valentão, malandro e contrabandista, levanta-se da cama onde dorme Maria Madalena, sua amásia, e vai vestir-se. Está em cuecas, e posto assim, no meio do quarto, é grotesco. A mulher continua a dormir de bruços. Zé Valetão, pronto, dirige-se à porta e abre-a um pouco, pondo-se a refrescar. Por instantes contempla a fisionomia da rua. Sob duas mesas de boteco, encostadas uma à outra, dorme Ezequiel, mais conhecido por “seu Fortuna”, cambista do jogo de bicho. No momento, dorme em sua extrema indigência, sob o teto improvisado. Zé Valentão dá de ombros, como se dissesse de si para si: “Vê lá se acabo minha vida numa miséria dessa!” Acende o cigarro americano, depois de servir-se de uísque. Ainda estalando a língua e dizendo – “Este é do bom!” – retoma ao centro do quarto. Demora a ver a mulher dormindo. Depois, num impulso, vai até ela e lhe bate nas nádegas com um vigor que desmerece a intenção do agrado.

## PRIMEIRO ATO

**Zé Valentão** – Fecha as pernas, mulher!

**Madalena** – (Enfada) Ahhhh! (Mexe-se na cama, virando-se. De frente para ele, a limpar os olhos mal despertos) Louco! Fresco! Não tem graça não, ouviu? (Depois de uma pausa). Chegou de madrugada a... e Já Vai? ...

**Zé Valentão** – (Confidenciando) Desta vez a polícia quase pegava a gente, quase. Quando saímos com o jipe, trazendo a “muamba”... cada pé de pau era um soldado de fuzil na mão. (Batendo no peito) Eu era besta pra ficar?

**Madalena** – Os gringos trouxeram muito uísque?

**Zé Valentão** – O iate encostou cheio, mas só conseguimos negociar cigarros e sandálias. (Mudando de tom). Queria que você visse a fatura de calcinhas de “nylon”.

**Madalena** – Nojento. Não trouxe nenhuma pra mim! Tomara que seja castigado.

**Zé Valentão** – Arre égua! (Outro tom) Não será por tão pouco que vou me arriscar, Madalena. Quando for preso agora é para ter o meu retrato nos jornais. (Senta-se na beira da cama). Peguei aposta como até o fim do outro mês serei notícia de primeira página... manchete com eles dizem.

**Madalena** – Até o fim do outro mês? Por que o prazo?

**Zé Valentão** – Não sou de andar em Igreja, mas respeito as santas. Mulher e santa comigo é no carinho.

**Madalena** – O homem doido!

**Zé Valentão** – (Tornando-se eufórico). Não estamos no mês de maio? Maio não é o mês de Maria? (Decidido) Não faço feio no mês de Nossa Senhora.

**Madalena** – (Com enfado) Isso é superstição.

**Zé Valentão** – Seja o que for, não faço! Quando eu era menino, no mês de maio não batia nos outros. Ficava bonzinho. (Sensibilizado lembrando). Era o único mês em que eu freqüentava o catecismo...

**Madalena** – (Senta-se na cama, recolhendo lençol diante do corpo) Quando é que você volta?

**Zé Valentão** – Depende... Vou tentar trazer a muamba e falar com o homem que dá cobertura. Logo que possa, volto. Pode ser hoje, pode ser amanhã. (para, impressionado) Por quê?

**Madalena** – Meu Deus, já vem você outra vez com ciúme! Perguntei por perguntar. Por acaso é proibido? (Dengosa) *Todos* sabem que eu gosto de você ... Eu sou sua, Zé, não sou?

**Zé Valentão** – (Agarrando-a em cima da cama) Você está falando a verdade ou está sacaneando? Tenho uma desconfiança de você! (Aperta-a num carinho exagerado) Se a encontro com outro, não vai prestar! De jeito nenhum!

**Madalena** – (Livrando-se dele, a custo) Bruto! Tá me machucando! **Zé Valentão** – (Distante dela) Olhe a vida, hem? É bom saber que não durmo no ponto. Comigo não tem duas histórias diferentes. No **O Morro do Ouro** todo mundo me conhece. Meu nome anda por aí como retrato de candidato.

**Madalena** – (Dá de ombros, vira-se de bruços outra vez na cama. Zé Valentão vendo-a assim, vai aplicar-lhe outra palmada. Lembrando-se

dessa possibilidade, a mulher vira-se rapidamente de costas) Venha para cá, venha! Larga de ser nojento. Parece que não tem educação!

**Zé Valentão** – (Às gargalhadas) Educação! Onde se viu puta ter educação? (Vai ao lavatório. Apanha água e escova os dentes metendo o anular esquerdo na boca à guisa de escova). É melhor você abrir o rádio para fazer ginástica. Pensa que não está barriguda?

**Madalena** – Barriguda é a sua mãe! (Logo em seguida) Zé, vá embora daqui, vá!

**Zé Valentão** – (Cospe no lavatório; compõe melhor o cabelo, pronto para sair) Educação, hem? (Começa a rir, a repetir).

**Madalena** – (Ergue-se da cama e o persegue) Grosseiro! Bicho imundo! (pausa) Tomara que a polícia o segure ainda hoje! (Bate a porta com força. Vai ao lavatório, a reparar) Estúpido! (Diante da penteadeira, pára, a se contemplar, como se quisesse ver o tamanho da barriga). Ter a desfaçatez de me chamar barriguda! Onde já se viu por aqui mulher mais pai-d'égua do que eu. (passa as mãos sobre o estômago, descendo-a para o ventre) Enxuta! (Nas proximidades principia a tocar uma irradiadora de subúrbio. O locutor, após curto trecho de música, diz: “Esta é a voz possante do Serviço de Alto-Falantes do **O Morro do Ouro**, iniciando a sua programação para o dia de hoje. (Outro tom) “Bom dia, pessoal! Já é dia! (Madalena irritada, após escutar o que o locutor disse). De manhã, de tarde, de noite, e esse maluco não nos deixa em paz! Ainda bem que o vento, de quando em quando, afasta o som. . . (Vai vestir-se a um canto onde está passada uma corda – e sobre esta, duas toa-lhas estendidas – imitando um biombo. Enquanto vai se desfazendo das peças íntimas, a trocar de roupa) Barriguda!

**Ezequiel** – (Na calçada do boteco, está despertando. Espreguiça-se. Sai de debaixo das mesas. Nesse instante o Sr. **Patrício** – que é o dono do boteco – abre as portas do seu estabelecimento). Maldita irradiadora! (Indo à ponta da calçada e se voltando para o lado de onde parte o som). Baixa essa banda de música, miserável! Assim também não tem quem agüente!

**Patrício** – (Desgostando-se dos modos de Ezequiel). Anda, homem, é dia! Quero saber até quando você dormirá debaixo das minhas mesas. (Chegando-se para perto dele). Nem para colocar as mesas no lugar se anima?

**Ezequiel** – Arre diabo, que implicância!

**Patrício** – E ainda se aborrece! Como estão as coisas hoje em dia!

**Ezequiel** – Seu Patrício, quer me fazer favor? Brigue comigo mais tarde. Não vê que estou cansado? Quase não pude dormir. (Outro tom) O Senhor sabe lá o que é um cambista de responsabilidade como eu, que vende o jogo de bicho, ficar sem sonho? (Esfregando os olhos). Só dormi de madrugada. Depois das duas.

**Patrício** – Engraçadinho! Queria, naturalmente, que eu enxotasse os meus clientes.

**Ezequiel** – Valha-me Deus! Quem está falando nisso? (Apontando para a casa de Madalena). Não dormi direito por causa do Zé Valentão. Andou metido em embrulhada e chegou antes da hora. Se tivesse antecipado meia hora mais, tinha agarrado outro homem na casa da amante. (Cospe no chão) Madalena é de morte! (A Patrício). Se me desse um copo d’água, eu agradecia...

**Patrício** – (Entra no bar, resmungando. Volta com um copo d’água). Você é o próprio merecimento em pessoa.

**Ezequiel** – (Bochechando a água). Isso pra mim é um elogio. (Outro tom). Qualquer dia desse essa dona vai desfilhar aqui do jeito que nasceu...

**Patrício** – Chega! Na minha frente não admito referências desairosas à dona Madalena!

**Ezequiel** - (Assobiando). Com que então o senhor também é do fã- clube?

**Patrício** – Isso não é da sua conta!

**Ezequiel** – (Balançando a cabeça). É tudo a mesma coisa. Vestiu saia, botou “califon”... fica todo mundo se babando atrás. (Pausa). Mas não lhe conto o sonho que tive!

**Patrício** – Pare! Não quero mais saber de histórias! Você vive a enganar meio mundo.. Ontem, me fez jogar cem mil réis na vaca. E nada.

**Ezequiel**- Vaca? Quem falou em vaca?

**Patrício** – Você, seu idiota! Contou-me que em sonho a mulher do leiteiro. Joguei na vaca, é claro. E sabe o que deu? Burro!

**Ezequiel** – (Tentando-o). Mas o sonho de hoje... Se o senhor ouvisse! E sonho de quebrar banqueiro.

**Patrício** – Não faça conta! Você pra mim é o pior cambista do mundo. Ninguém vê sorte sua. Nem você tem sorte! Vive com o pé na lama!

**Ezequiel** – (Como se nada ouvisse). Sonhei um sonho tão lindo... E foi com o senhor, seu Patrício. Era o senhor mesmo – conheci pela roupa –



estava dentro de casa. Nessa horinha, vinha um bicho feito homem bater na porta. Engraçado! Queria comprar cachaça. Bicho, falando como gente, só em história da Carochinha. Mas esse também falava.

**Patrício** – (Retira-se para o interior do boteco) Palhaço! Mentiroso!!

**Ezequiel** – (Continuando, como se Patrício o escutasse de perto). O bicho feito homem batia na porta! TóC-tóC! TóC-tóC! O senhor, seu Patrício...

**Patrício** – (Do interior do boteco). Não me meta nessa mentira!

**Ezequiel** – (Continuando) . . . vinha lá de dentro tão aborrecido – como agora – e perguntava: “Quer derrubar a porta?” E o bicho feito homem dizia: Não Senhor. Eu quero é vinte dois mil réis de cachaça”. Vinte e dois...

**Patrício** – (Não se contendo, chegando à porta). Vinte e dois? Você tem certeza que é um bom palpite?

**Ezequiel** – (Retirando o lápis e a caderneta do jogo, do bolso). Abro com vinte mil réis na centena ou amarro o bicho na milhar?

**Patrício** – Espere... É preciso calma. Bote dez mil réis no grupo e cinco na centena. (Outro tom) Por despedida, ouviu? E me faça favor: não conte esse sonho a ninguém mais.

**Ezequiel** – Conto o quê! É exclusivo.

**Madalena** – (Surgindo à porta da casa, voluptuosa. Tudo nela inspira envolvimento feminino, sexo. Quando anda, quando fala põe um certo “quê” de malícia em seus gestos. Dirigindo-se aos homens com liberdade). Alô!

**Ezequiel** – Alô!

**Patrício** – Ora viva!

**Madalena** – Fazendo a sua fezinha, seu Patrício?

**Patrício** – Sendo enganado por esse miserável.

**Madalena** – Seu Fortuna é homem de sorte.

**Ezequiel** - (Com intenção) Sorte tem a senhora, d. Madalena. Pensa que não vi ontem à noite?

**Madalena** – Tenho culpa de ser querida, seu Fortuna? (principia a andar, a gingar o corpo com deleite próprio). Cada um carrega a vida que Deus lhe deu. A minha sina é esta... agradecer os homens. Como se sentem felizes! Ou o senhor não está de acordo que esse serviço deva ser mesmo feito por nós, as mulheres? Imagine se os homens fossem obrigados a isso...

**Patrício** – Com licença. Preciso tomar umas providências quanto antes, que a vida começa cedo. (Retira-se para o interior do boteco).

**Madalena** – (A Ezequiel, que se conserva calado). Entalou-se?

**Ezequiel** – Quem sou eu, d. Madalena. Quem sou eu. Um homem que dorme debaixo de uma mesa...

**Madalena** – (Corrigindo-o) De duas!

**Ezequiel**- Pois seja! É como bicho. (Mudando de tom). Mas tenho cada sonho. Imagine se eu dormisse numa cama fofa, de colchão de molas. Esta noite, por exemplo, depois que o Zé Valentão chegou, comecei a sonhar... Um sonho bom, suave... (Pausa. Mudando de tom). Não adianta contar, não é? Ninguém se interessa.

**Madalena** – Continue, seu Fortuna. Pode ser que desta vez o palpite seja mais inspirado.

**Ezequiel** – Não adianta! O melhor que faço é parar. Qualquer dia desse, deixo de vender o jogo. Maldita profissão de bicheiro!

**Madalena** – (Confidencial). Se o senhor soubesse como ando com vontade de pegar em dinheiro... Só serve dinheiro muito. Dessa vez não é para comprar extrato francês. (Com voz triste). Queria mandar dinheiro para minha mãe. A pobre vive no sertão dando um duro danado. (Outro tom). Você tem mãe?

**Ezequiel** – Mãe? (pausa). Falar a verdade, se tive não me lembro. (Silêncio).

**Madalena** – (Depois de um instante) Vamos, me conte o seu sonho.

**Ezequiel**- (Sensibilizado). Espere um momentinho, d. Madalena. Não posso. contar sonho quando me emociono. A senhora foi falar em mãe... Me dá uma tristeza!

**Madalena** – Desculpe, seu Fortuna. Não falei por mal.

**Ezequiel** – Eu sei... (Respirando forte). Está passando. Fico entaladinho. (Esfrega a mão na garganta). Passou: (Outro tom). Era uma borboleta enorme, azul e verde. Vinha batendo as asas... Tá-tá. Tá-tá! voou, voou, fez uma volta longa, e de repente não quis pousar nas flores do jardim. Desceu no meio da rua... A senhora compreende: rua de sonho. (pausa). De repente, apitou uma locomotiva. Era um trem grande, mas muito grande. Veio vindo, e zás! atropelou a borboleta. Houve aí uma nuvem de pó... Um pó esquisito, verde, azul, amarelo! Quando aquilo passou, eu já estava que não me agüentava. A senhora me ouviu tossir?

**Madalena** – Não tenho certeza. Acho que ouvi.

**Ezequiel** – Era eu... Por causa do pó. (pausa). Quando a poeira levantou, a borboleta estava morta, uma perninha pra cá, outra pra lá. Parecia um número... (Outro tom). Faço seu jogo na milhar ou na centena?

**Madalena** – Não estou gostando do seu palpite de hoje. Parece mais uma história pra enganar menino.

**Ezequiel** – Mas foi o que eu sonhei! Juro verdade! (Incisivo). Com cinquenta mil réis na milhar a senhora manda dinheiro pra sua mãe, que enjoa! (Clareou de todo. É dia. Vem chegando ao local, para acomodar-se na calçada da esquina, um pedinte. É o Aleijado. A mulher que o acompanha é sua esposa).

**Patrício** – (Vem trazendo cadeiras para fora do boteco. Dirigindo-se ao Aleijado). Chegando cedo, hein?

**Aleijado** – (Com dificuldade). É verdade, seu Patrícia. Ontem, por pouco, não perdi o ponto. Não é que apareceu o desavergonhado de um cego reclamando-o? Daqui não me arredo nem obrigado pela polícia. Para isso pago ao ronda dez mil réis por dia.

**Mulher** – O mundo está cheio de invejosos, meu patrão. O senhor é testemunha que esta esquina não valia nada. O Aleijado passava o dia todo e só apurava mincharia. Foi só melhorar, os engraçadinhos apareceram.

**Patrício** – Se eu fosse o senhor ia pedir esmola na Praça do Ferreira.

**Mulher** – E pode? Conta pra ele, Aleijado. (Contando ela própria). Todo governo que sobe no Ceará, a mulher do governador acha logo de fazer caridade, perseguindo a gente.

**Patrício** – Perseguido? Como?

**Mulher** – Da última vez, levou o Aleijado para um tal albergue. (Outro tom). Coisa sem graça! A gente tem comida de manhã, ao meio-dia, de noite. Mas não dá certo. Não se pode pedir esmolas!

**Patrício** – (Rindo-se). Assim é ruim mesmo.

**Mulher** – (Indo ao cambista, que tem estado a conversar com Madalena. Como é? Tem um sonhozinho bom pra mim?

**Aleijado** – (Que a escutou). Não te mete com esse homem, mulher.

**Madalena** – Não conte o sonho da borboleta. Veja lá como se comporta.

**Ezequiel** – Não precisa recomendar, dona Madalena.

**Aleijado** – Ai meu Deus!... Deixe-me começar o trabalho. (Senta-se na esquina, depois de encher a rua com o ruído das muletas. A mulher fica falando baixinho com o cambista a um canto, enquanto Madalena,

espavorosa, entra no bar acompanhada de Patrício, que, de vez em quando, lhe faz carinhos. Os diálogos a seguir são na medida do possível paralelos).

**Patrício** – (Carinhoso) Você devia largar o Zé. Vir morar comigo...

**Madalena** – (Fingindo-se cheia de receios). Tire a mão daí homem.

**Patrício** – (O T.) Fique comigo e você vai ver como teremos dinheiro.

**Madalena** – Já não prestou! Você falou em dinheiro. Não vê que eu ando carecida?

**Mulher** – Não me diga! Conte mais.

**Ezequiel** – Era macaco do tamanho de dois homens. Batia, batia na porta, com tanta força que a borboleta, alvoroçada, levantou vôo.

**Madalena** – Não é propriamente pra mim o dinheiro. É pra velha! Mãe não tem mais força para pegar uma enxada. Toda vez que me lembro da coitada, sinto vontade chorar. . .

**Mulher** – Espere ... Não estou compreendendo. O palpite é pra borboleta ou pro macaco? Você mistura tudo!

**Aleijado** – (De longe). Mulher, larga esse homem! Vem me ajudar. **Madalena** – Se eu não vivesse assim, como se diz, irregularmente, o bom era mãe morar comigo. Quem sabe se as coisas não melhoravam?

**Patrício** – (Depois de um momento). Como foi que você caiu na vida?

**Madalena** – E eu sei? (Tristonha). Nasci certinha como as outras. Fui menina de grupo escolar, de freqüentar igreja. Filha de Maria... (Decisiva). Quem me botou a perder mesmo foi a minha danação de ser mulher, de conhecer a vida antes de tempo.

**Patrício** – (Abraçando-a). Como você é inteligente!

**Mulher** – (Que parou de conversar, observando Madalena). É fresca essa mulher!

**Ezequiel** – Deixe pra lá! O negócio agora é jogar na borboleta, fazer fé na centena.

**Madalena** – (Afastando-se de Patrício). Tem dia que fico assim, como passarinho doente.

**Patrício** – Não se aporrinhe, minha flor. Quando quiser, já sabe. Aqui está às suas ordens.

**Mulher** – Ponha cinco mil réis no milhar. (Ezequiel abre a caderneta e principia a fazer o jogo). Você é de morte!

**Aleijado** – Ai... Ai... (pára). O Mulher, bota a tigelinha aqui.

**Mulher** – (Indo a ele com uma tigelinha que traz na mão). Tinha esquecido.

**Aleijado** – Põe uma cédula dentro... Dinheiro chama a piedade dos outros.

**Mulher** – (Depositando a cédula na tigela). Botei cinco. Os outros cinco mil réis joguei na borboleta. Desta vez seu Fortuna me contou um sonho que é de juntar dinheiro com a pá.

**Aleijado** – (Desanimado). Ganha não!, Não acredito em jogo desse homem. (Olhando para Ezequiel). Me desculpe, se falo franco, seu Ezequiel...

**Ezequiel**- Pode me chamar pelo apelido...

**Aleijado** – Pois bem, seu Fortuna, o senhor só tem conversa.

**Mulher** – Oh! Mas conta cada sonho! O de hoje parecia até romance de feira! Imagine que o macaco batia na porta...

**Aleijado** – E por que você acredita que dará a borboleta? Pra mim esse jogo é todinho pro lado do macaco. Eu jogava nele.

**Mulher** – Você acha mesmo?

**Aleijado** – Acho. (principia a gemer). Ai... Ai...

**Mulher** – (Indo ao cambista, que vai prosseguir do caminho). Espere, homem! Quero modificar o jogo.

**Ezequiel** – Modificar como?

**Mulher** – Bote também cinco mil réis no macaco. (Exultante). Dessa vez o dinheiro será meu.

**Ezequiel**- (Baixo, ela). Vai deixar o Aleijado?

**Mulher** – Maluco! (Ezequiel sai rindo, apregoando. (Olha o bicho! Olha o bicho. A mulher se senta numa cadeira do boteco, entra em cena um homem com uma máquina de costura na cabeça. Outro o acompanha. Param ambos no meio da rua. O que carrega a máquina se abaixa para aliviar-se da carga).

**Homem 1** – (Que acompanha o Homem 2). É aqui. O dr. Gervásio recomendou mais de mil vezes que era para entregar a máquina, cedo.

**Homem 2** – Eu vim correndo. (Respirando forte) Isto aqui até parece o fim do mundo. (Aleijado recomeça a gemer).

**Homem 1** – Que é? Tem alguém morrendo?

**Homem 2** – (Olhando em derredor e deparando o Aleijado). É um aleijado! Já vi que esta ponta de rua vive afundada no lixo porque quer. Bastava ter amigos como o dr. Gervásio...

**Homem 1** - E não era?! Nem todo mundo tem cabeça.

**Mulher** – (Levanta-se e vai ver de perto o que há). Uma esmolinha para o aleijado...

**Homem 2** – Espere... O que a senhora é dele?

**Mulher** – Mulher, não vê? (pausa e mudando de tom). Isso aí, o que é?

**Homem 2** – Então a senhora não enxerga? Uma máquina moderníssima de costurar e bordar. (Bate com a mão sobre ela) Veja! (Afetando) Made in Japan! Fabricada no Japão!

**Homem 1** – Será aqui mesmo?

**Mulher** – É prá vender?

**Homem 2** – Que vender! O dr. Gervásio não é de vender nada. O coração dele é deste tamanho... (Abre os braços dimensionando a bondade do doutor).

**Madalena** – (Surgindo à porta do boteco. Vendo a máquina). Que beleza! (Vai até a máquina. Abaixa-se para examiná-la de perto). Novinha! Vê-se que nunca trabalhou! (pausa). Foi usada alguma vez?

**Homem 2** – Minha senhora, a máquina é nova. O dr. Gervásio não dá máquina usada. É homem de palavra.

**Madalena** – (Assustando-se). Quê? É para ser dada? (Virando-se para o bar). Chega, Patrício! Vem ouvir uma história de fada. (Outro tom). Não pode ser verdade. Isso nem em sonho.

**Patrício** – Que há por aí desta vez?

**Madalena** – Uma máquina... de graça! Venha ver!

**Patrício** – (Incrédulo). Esse pau tem formiga...

**Homem 1** – O senhor mesmo pode reparar com os seus próprios olhos o nome da feliz arda: Maria...

**Madalena** – Êpa! Eu também sou Maria... e não sou uma Maria muito desgraçada não!

**Homem 1** – (Lendo) Maria Conceição da Silva. Rua do Aleijado, número 22, Morro do Ouro. É aqui, não é?

**Patrício** – (Verificando a numeração das casas). Dezoito... dezenove... Não termina em vinte.

**Homem 2** – É o diabo! Teremos de voltar para trás com a máquina. (pausa). Será que não há engano na numeração?

**Madalena** – (Enamorando-se da máquina). Que beleza de máquina!

**Mulher** – Não posso acreditar que seja um presente...

**Homem 2** – Um presente, como lhe disse, do dr. Gervásio. Já distribuímos esta semana mais de setenta máquinas de costura.

**Madalena** – Quem é esse dr. Gervásio?

**Homem 2** – Então a senhora não o conhece? É o pai da pobreza, o nosso candidato a vereador. Quem votar com ele não se arrependerá (Dirigindo-se ao companheiro). Perdemos a viagem. É voltar daqui.

**Homem 1** - (Indeciso). Talvez fosse melhor deixarmos a máquina, enquanto procuramos o endereço certo.

**Homem 2** – Só se houver um lugar... uma casa...

**Madalena** – Se o problema é casa, a minha é pobre, mas serve. (Sai andando, faceira, e se posta um pouco distante, como se estivesse desinteressada. Nessa hora o locutor da irradiadora principia a dizer: – “Atenção, d. Madalena! Um alguém, com muito amor, lhe oferta esta página musical!” (Vem forte o início de uma melodia que, daí a instantes, vai desaparecendo).

**Patrício** – (para o Homem 1 ) É para ela! Recebe mais de vinte ofertas musicais por dia!

**Homem 1**- É um pedaço de mulher!

**Homem 2** – (Indo, galante, à Madalena). Se a senhora se compromete a zelar a máquina enquanto procuramos a felizarda, podemos deixá-la em sua casa.

**Madalena** – Naturalmente. (Outro tom). E quem mais sabe se esse dr. Gervásio, vindo falar comigo, não muda de opinião? Também sou eleitora qualificada... tenho título... E além do título, algumas vantagens facilmente apreciáveis.

**Homem 2** – De acordo.

**Patrício** – Então é guardá-la já, senão logo mais estarão aqui os curiosos.

**Homem 1** – Vamos levá-la. (A máquina é transportada. O som da página musical oferecida à Madalena toma conta do ambiente. Depois, distancia-se como que carregada pelo vento. Enquanto a máquina é conduzida à casa de Madalena, há frases mais ou menos assim: “Nunca vi candidato dar nada aos outros!” – “Isso até parece um sonho do seu Fortunala!” – “Quem sabe se o dr. Gervásio não vai melhorar a Câmara de Vereadores?”)

**Mulher** – (perto do Aleijado). Aposto como se eu quisesse ficar com a máquina, o homem não tinha concordado. Mas a safada rebolou pra

- ele... Galinha! (pausa) Você reparou? Agachou-se de propósito na frente, para mostrar os peitos!
- Aleijado** – Cala a boca! Se você também tivesse peito bonito, haveria de querer mostrá-lo!
- Mulher** – (Irritando-se) Você sabe que eu não admito prosa. Vê lá se eu sou quenga.
- Aleijado** – (Gemendo) Ai! Ai! Ai!
- Patrício** – (Descendo da casa de Madalena, vai até o Aleijado e coloca uma cédula na tigela). O gemido, hoje, parece que está fora de tom...
- Mulher** – (Interessada). Botaram a máquina na casa da dona?
- Patrício** – Por enquanto. Virão buscá-la depois. (Encaminha-se para o bar. A Lavadeira, que acaba de entrar com uma lata d'água na mão, vai falar com ele).
- Lavadeira** – (Vendo os homens que deixam a casa de Madalena). Alguma novidade?
- Patrício** – Uma máquina de costura que o dr. Gervásio mandou de presente para uma tal Maria Conceição. Por enquanto está aí na casa de Madalena. (pausa). É coisa de candidato a vereador.
- Lavadeira** – Eu nem queria tanto. Pra mim bastava ter água perto de casa...
- Patrício** – E o chafariz? Emperrou outra vez?
- Lavadeira** – Trabalha um mês, fica quebrado dois. (Num desabafo). Ando com uma raiva de político! Não gosto nem de nome de candidato riscado em parede. Sendo retrato, boto logo um chifre nele.
- Patrício** – Que qualidade de vingança, mulher! (pausa). Deseja alguma coisa?
- Lavadeira** – Uma caixa de fósforo. (Entram os dois no boteco).
- Madalena** – (toda derretida para o lado do Homem 2). Pois o senhor já sabe. Pode chegar aqui a qualquer hora e bater na porta. A máquina está guardada como se fosse minha.
- Homem 2** – Perfeitamente. Sei que a senhora é de confiança. O Dr. Gervásio vai ficar contente.
- Madalena** – Todo mundo me conhece. Sou mulher de responsabilidade.
- Homem 1** - Vamos indo, que temos outras máquinas a entregar.
- Homem 2** – Até logo, dona. (Estende-lhe a mão). Madalena aperta-a entre as suas sem querer soltá-la.



**Madalena** – Não se esqueça. Gostei imensamente do senhor. (Os dois vão saindo). (Chega a Monitora do Serviço Social do Governo do Estado acompanhada das assistentes Brigitte e Suzete. Patrício está à porta conversando outra vez tom a Lavadeira. Madalena entrou e abriu o rádio, que começa a falar mais ou menos assim: “Atenção, senhoras! Vai começar agora a Ginástica pelo Rádio! Fiquem com trajes bem leves para que os seus movimentos estejam totalmente livres... Vamos, respirem!.,. Posição um...” Madalena saca do vestido. Fica de combinação e principia a se mover comandada pelo locutor que continua a dizer: “Um, dois... Agora erga-se... Abaixe os braços... Vire para o lado direito! Vire para o lado esquerdo! Eleve o busto; o mais que puder, para a frente... Respire agora...” Continuará o locutor com frases semelhantes até Madalena se cansar. Fecha o rádio e se senta na cama).

**Monitora** – Lápis e papel na mão. Lembre-se que são assistentes sociais. Prestem atenção a tudo. O nosso inquérito deve ser o melhor todos.

**Aleijado** – Ai... Ai! Uma esmolinha!

**Monitora** – (Às moças). Vejam o colorido da pobreza! Sintam a expressão de miséria! (Indo à mulher). O seu nome, por obséquio.

**Mulher** – (Admirando-se). Meu nome? Prá quê? No **O Morro do Ouro** só me chamam de mulher do aleijado.

**Monitora** – (Surpresa). Uma prova de despersonalização! (Às moças). Anotem, meninas. Essas observações são de máxima importância para nós. (Outro tom, à Mulher). É casada segundo as leis de Deus?

**Mulher** – (Vexada, dirigindo-se Aleijado). Eu respondo?

**Aleijado** – Pode responder.

**Mulher** – (Indecisa) Eu... a senhora compreende...

**Monitora** – Basta me dizer, sem acanhamento, se é casada no civil ou no religioso.

**Mulher** – Em nenhum dos dois.

**Monitora** – (Estupefata). Ah! isso é viver em pecado! É mancebia! (Pausa). Vou mandar uma dama religiosa entender-se com a senhora. Inconcebível! (Voltando-se para Suzete e Brigitte). Entreviste aquela mulata, Brigitte! E você, Suzete, colha informações do senhor.

**Brigitte** – (Acercando-se da Lavadeira). Estamos fazendo um inquérito. Mas não é um inquérito policial. Compreenda. Desejamos informa-

ções de ordem social. (pausa). Por exemplo, por que razão a senhora carrega água.

**Lavadeira** – A moça é estrangeira? Não vê que não temos água encanada?

**Brigite** – Não sabia disso. Leio sempre nos jornais os planos do prefeito, que há sempre água em todos os bairros...

**Suzete** – (A Patrício). Nesta comunidade quantas pessoas existem casadas? O senhor sabe? Pode dar uma idéia?

**Patrício** – De verdade, não sei. Cada um vive sua vida... E eu não me meto.

**Brigite** – (À Lavadeira). Vamos ver se a senhora me compreende. (Explicando). Vitaminas são fontes de energia encontradas em tomates, cenouras, rabanetes... (pausa), Agora, me responda: já comeu vitaminas alguma vez?

**Lavadeira** – Tem no tomate, na cenoura... (pausa). Bom, se é isso, já comi uma vez. Foi numa festa na casa do meu padrinho, comerciante na cidade.

**Brigite** – (Faz anotações). Suspeita de avitaminose. (Balançando a cabeça). É preciso comer frutas e legumes! (Seguem-se os diálogos paralelos).

**Monitora** – Responda tudo. Não quero perder tempo. Veja que estou aqui, saindo do meu conforto, para cuidar de vocês. (Olhando ao redor). Que rua horrível! (pausa). E esse mau cheiro? É sempre assim?

**Mulher** – (Tomando o cheiro pelo nariz). Não, não sinto não. (Depois de um instante). Será essa catinguinha? (Explicativa). É do lixo! Todo o lixo da cidade é botado na rua.

**Monitora** – Mau cheiro ou catinga, seja lá o que for, é insuportável! Não agüento mais.

**Brigite** – (À Lavadeira) Quantos filhos tem a senhora?

**Lavadeira** – (Contando nos dedos). Dez.

**Brigite** – Estudam todos? Têm livros? Lápis? Merenda?

**Lavadeira** – Moça, a senhora está debochando...

**Suzete** – Não precisa informar rigorosamente. Basta dizer-nos a média. Quantos litros de leite vende por dia?

**Patrício** – Vou repetir outra vez prá senhora. Isto aqui é um boteco. Eu só vendo cachaça, fumo e “Martins”.

**Suzete** – (Anotando). Já escrevi. (pausa). Qual é a figura de mais destaque do bairro?

**Patrício** – (Coçando a ponta do queixo). De mais destaque... Vamos ver!  
(Depois de um momento). Sabe, o mais famoso da zona é o Zé Valentão.

**Suzete** – (Surpresa). Zé Valentão? O homem que agarra moças?

**Patrício** – Encontrando, eu acho que agarra. Quem é que não gosta de segurar donzela?

**Brigite** – Meu Deus! Com tanto filho assim, já devia ter pensado em evitá-los. Dê um jeito nisso.

**Lavadeira** – Só se eu dormir numa casa e o marido noutra. Se sabe outra receita, me diga.

**Margarida** – (Entra. Traz uma carta para Maria Madalena. Diante daquelas pessoas que são estranhas, pára. Tem dezessete anos. Vestido justo no corpo. Pinta-se com exagero). Morreu galego?

**Monitora** – (Vendo-a, com desprazer). Tudo como imaginava! **O Morro do Ouro** está precisando urgentemente de uma campanha moralizadora. É um centro de perdição. (Indo à moça). Como é seu nome?

**Margarida** – (Melosa) Margot!

**Patrício** – (Intrometendo-se para esclarecer). O nome dela é Margarida. É filha do motorista do caminhão do lixo.

**Margarida** – (Arrepiada à intervenção de Patrício). Margot, tem que ser Margot. É o meu nome de guerra.

**Monitora** – Quantos anos você tem, menina?

**Margarida** – Uns dezessete. Nem sei direito.

**Monitora** – Ocupa-se em alguma coisa?

**Margarida** – Não senhora. (puxa um cigarro para fumar. Seus gestos são displicentes). Não tenho tempo...

**Monitora** – (Irritada). Largue o cigarro! Na minha frente menor não fuma. E mesmo eu sou mais velha do que você. Mereço respeito. (Margarida, sem se alterar, acende o cigarro). Já lhe disse. Largue o cigarro! (Margarida puxa uma fumaçada e solta-a à cara da Monitora. Sai rindo em direção à casa de Madalena). Malcriada! É por isso que está tudo mudado e os comunistas querem tomar conta do mundo. Que falta de compostura, de respeito ao próximo! (Irritadíssima). Mas não vai ficar assim não! Vamos fazer aqui campanha de moralização! Disciplinar vocês todos. Acabar com os excessos perniciosos.

**Madalena** – (À porta da sua casa). Pode-se saber que despropósito é um? (À Monitora). Onde a senhora pensa que está?

**Monitora** – (Vendo Madalena, que veste apenas uma combinação). Despropósito?! Aparece em público em trajes sumários e ainda tem a coragem de me interpelar!

**Madalena** – (Calma). Esfrie um pouco, dona. E me diga agora; no jogo do bicho qual é o seu número?

**Monitora** – Grosseira! Vê-se logo de quem se trata. Respeite-me! Sou uma monitora das Assistentes Sociais da Aldeota. A senhora? Pode-se também saber quem é?

**Madalena** – (A Patrício). Diga-lhe quem sou Patrício!

**Patrício** – (Indeciso). É D. Madalena... é...

**Monitora** – Fale você mesma, sua intrrometida!

**Madalena** – Está tão interessada assim? Pois se prepare. (Incisiva). Eu sou a quenga do **O Morro do Ouro**, a mulher mais falada da zona, fácil de ser cortejada, agarrada pelos homens... Entendeu?

**Monitora** – (Horrorizada). Estamos em Sodoma! (Às Assistentes). Ligeiro, meninas. Vamos embora. É fugir quanto antes desse antro de perdição. (Vai saindo acompanhada das moças).

**Madalena** – Desapareça já, sua lambisgóia.

**Aleijado** – Com confusão eu não apuro nada!

**Margarida** – (À Madalena). Vá ver que ela nunca sentiu agrado de homem. (Outro tom). Vim lhe trazer uma carta. (Entrega a carta).

**Madalena** – (Apanha a carta e coloca-a no sutiã, sem ligar maior atenção). Tinha até graça ouvir conselhos de uma beata! (Enraivecida). Vá fazer sermão na casa dos ricos! São mais desavergonhados do que nós! (Entra. Já dentro do quarto) De combinação... Que tem isso? Eu já andei até nua no meio da rua... (Vai mexer na máquina de costura).

**Margarida** – (Indo sentar-se no boteco). Quando eu crescer, quero ser como d. Madalena.

**Patrício** – É melhor você tomar juízo. (Ficam conversando os dois).

**Mulher** – (Ao Aleijado). Já vi que não vamos almoçar hoje. Também você não bota arte no pedido! Capricha, que eles dão esmola.

**Aleijada** – Hoje, nem caprichando dá certo. (Outro tom). Ai, uma esmolinha pelo amor de Deus!

**Homem 2** – (Entrou em cena e foi direto à porta de Madalena. Bate na porta. Depois de um mento) Alô!

**Madalena** – Quem é?

**Homem 2** – Sou eu.

**Madalena** – Eu quem?

**Homem 2** – (Empurra a porta e entra). Quem haveria de ser?

**Madalena** – (Voltando-se para ele). Ah, o senhor!

**Homem 2** – (Reparando no quarto). É chique!... (Tira o paletó). Só vim porque a senhora disse que era bastante eu querer... Sou bem mandado...

**Madalena** – Bem mandado e meio...

**Homem 2** – Quando saí daqui fui dizendo com os meus botões: “Está aí uma mulher bacana que merece ganhar uma máquina de costura. Arranjo-lhe uma, nem que tenha de brigar com o dr. Gervásio”. O custo é querer, não é? (Detendo-se diante do quadro da artista despida). Que nu, hem, Aposto como você pêlo é mais bonita... mais enxuta...

**Madalena** – Não sei...

**Homem 2** – (Alcança-a). Olhe, queridinha, o dr. Gervásio desta vez vai perder a máquina. Será inteiramente sua.

**Madalena** – Minha? De veras?

**Homem 2** – (Tentando beijá-la) Depende você... De mais ninguém. (Beija-a).

**Madalena** – (Afastando-o com delicadeza). E se ele reclamar a máquina?

**Homem 2** – Reclama não! Eu sei o que faço. (Atraindo-a). Venha...

**Madalena** – (Leva a mão ao colo, como para se desabotoar e encontra a carta. Abrindo-a). Espere, é um momento. Vou primeiro ler as notícias lá de casa...

**Homem 2** – Pode ler. (Vai à penteadeira. Começa a botar loção no rosto, embaixo dos braços). Como nós dois somos parecidos. Sou louco por cheiro. (Cheirando o perfume). E esse é bom. Até parece você.

**Madalena** – (Surpresa, dobrando a carta de repente). Meu Deus! Que dia é hoje?

**Homem 2** – Não sei direito, mas acho que é sábado.

**Madalena** – (Corre à porta; abre-a. Gritando Patrício). Que dia é hoje, Patrício?

**Patrício** – (De longe). Vinte e dois!

**Madalena** – Retoma ao interior do quarto). Meu Deus, é hoje... (Mudando o tom, para o Homem 2) Meu senhor, vá saindo... Por favor, sume-se daqui... (Apanha-lhe o paletó) Já, imediatamente!!

**Homem 2** – (Atarantado). Você enlouqueceu, mulher? Explique-se.

**Madalena** – Não há tempo. Por favor, saia. Vá saindo.

**Homem 2** – E a máquina? Não vou perdê-la!

**Madalena** – Pois é desaparecer com ela! (Apresando-o). Vamos, vamos!

**Homem 2** – Pelos céus, acalme-se! Não precisa fazer escândalo. Me ajude ao menos a empurrar a máquina para fora. (Madalena vai auxiliá-lo a retirar a máquina do quarto. Em ato contínuo, deixa o quarto e corre ao boteco em direção de Patrício. Está visivelmente nervosa).

**Homem 2** – (Acabando de retirar a máquina de casa de Madalena). Ninguém compreende as mulheres! Se não me queria, não tivesse chamado!

**Madalena** – Salve-me, Patrício. Acuda-me!

**Patrício** – Criatura, se acalme e fale. O houve?

**Madalena** – (Falando aos borbotões). Mamãe vai chegar! Deve estar vindo por aí. Esta carta. Veja... Mamãe vam aí. (Outro tom). E agora? Como é que vai ser? A coitada pensa que sou donzela... e eu não passo de uma. (Engole a palavra). Que faço?

**Patrício** – Sente-se aqui. É ter calma. (Senta-a numa cadeira. Mulher se aproxima. Margarida vem também ver o que está acontecendo).

**Margarida** – Coitadinha! Como ficou pálida!

**Madalena** – Patrício! (Principia a chorar).

**Patrício** – Não chore. Haveremos de arranjar tudo. Não houve nada.

**Madalena** – (Confidenciando) Sabe, eu nunca tive medo... nunca! Nem do cão, entende? Mas agora, vou confessar. É tolice, eu sei. (Calina, num desabafo). Mas medo mesmo, Patrício, eu só tenho de uma coisa: do olhar de minha mãe. Como dói! (Baixa a cabeça, como se a quisesse esconder). Como dói!

**PANO – Fim do primeiro ato.**

## SEGUNDO ATO

### 1º QUADRO

Mesmo ambiente do primeiro ato. Quase noite. No quarto, Maria Madalena prova vestidos com Esmeralda, a modista, encompridando os costumes como se a providência lhe disfarçasse a vida irregular. Do lado de fora, diante do boteco está o Aleijado que se encaminha para o seu

“ponto” de pedinte. A Lavadeira atravessa a cena, carregando outra lata d’água. Ao fundo, Ezequiel conversa com Margarida.

**Policial 1** – encarregado de dar uma batida no **Morro do Ouro** – manda a lavadeira parar (com azedume).

**Policial 1** – Não passa ninguém sem ser revistado (O.T.) Deixe-me ver o que leva você dentro da lata.

**Lavadeira** – Estará pensando que é dinheiro?

**Policial 1** - Tudo pode acontecer. Vocês todos. (Abarca com o olho os que estão em cena)... são sempre muito inocentes e tolos. (Marcando as palavras). Mas a moamba do contrabando é sempre escondida aqui. A verdade é esta.

**Lavadeira** – Na minha lata eu só carrego água. (Abusada). E me deixe que tenho mais o que fazer.

**Policial** - Vá andando e não se ponha a reclamar. (Enquanto a lavadeira sai de cena) De hoje não passa essa malandragem. (Investiga- dor se aproxima dele).

**Investigador** – Distribuí os homens em todos os pontos. Mandei- os abrir bem os olhos. (Conclusivo) Cegam a gente! (Ficam conversando).

**Margarida** – (A Ezequiel que se dispõe vir para a frente da casa). Vá não! Está cheio de farda.

**Ezequiel** – Mas eu tenho que anunciar o bicho que deu. Aliás, o dia hoje está de azar. Não deu nem dezena para **O Morro do Ouro**.

**Margarida** – (Sem ligar, vigiando os dois policiais). Eles estão esperando o quê?

**Ezequiel** - Não se meta. Querem descobrir como o Zé Valentão esconde a moamba. Vai ser difícil.

**Madalena** – (No quarto, pondo um vestido sobre o que veste). É este? Dá pra remontar?

**Esmeralda** – Pra quê. É jogar dinheiro pela janela. **Madalena** – Repare direito. Dá.

**Esmeralda** – Querendo, mas é tolice. Vestido sem decote não chama homem. Homem se baba por duas coisas em mulher: peito e perna.

**Madalena** – (Vai ao guarda-roupa de onde retira outro vestido). E este, de mangas curtas? Dá?

**Esmeralda** – Não precisa também. É de bom comprimento.

**Madalena** – Precisa. Eu sei o que quero (pausa). Visto-o para você ver?

**Esmeralda** – Se você desejar...

**Madalena** – (Vai para detrás do biombo improvisado, trocar o vestido). Vou sentir uma grande diferença com vestido de mangas compridas! Mas é o jeito. Deus me livre de desgostar mamãe. Já aboli o ruge e o batom.

**Esmeralda** – (Depois de um momento, como se procurasse algo nas paredes). Cadê o retrato da mulher em pêlo? Carregaram?

**Madalena** – (Saindo do biombo, acabando de vestir-se). Nem me lembrava! Está debaixo da cama. Deus me livre de que ela veja! (Começa a rir). E se soubesse que o retrato era uma isca...

**Esmeralda** – Isca? Que história é essa? Anda...

**Madalena** – Todo homem que entrava aqui, perguntava sempre com o mesmo espírito: “Você em pêlo é mais bonita?”

**Esmeralda** – (Comentado) Era um bom começo, hem (pausa). Foi por isso que ás beatas fugiram! Imagine se soubessem das histórias deste quarto.

**Madalena** – (Como se tivesse sido picada alfinete). Ai, que assim você me fura.

**Esmeralda** – Machuquei-a?

**Madalena** – Mesmo aí... Ai! Doida! Não presta atenção onde empurra o alfinete!

**Esmeralda** – Desculpe. (pausa). Manga comprida ou três quartos?

**Madalena** – Comprida! Daqui por diante quero ser uma senhora de todo o respeito. Nada mostrar os braços, o colo.

**Esmeralda** – E os seios?

**Madalena** – É preciso esconder tudo!

**Esmeralda** – Você devia ter comprado logo um hábito de freira. Que idéia (Riem as duas. A modista prossegue seu trabalho. De momento a momento há gritinhos, pequenas reclamações de Madalena às alfinetadas involuntárias que recebe da outra. Às vezes sente cócegas). Ai, criatura, assim me tremo toda!

**Margarida** – (A Ezequiel) Posso mesmo esperar o seu sonho?

**Ezequiel** – Eu nunca tive tanta vontade de sonhar bem. O seu, vai ser o mais bonito daqui. Bonito e certo. É jogar pra ver o resultado!

**Margarida** – Eu confio em você. (põe-se a fumar).

**Ezequiel** – Vá confiando, minha filha; eu não engano ninguém. (Depois de um momento). Olha o bicho! Olha o bicho! (A Patrício que surge à porta do boteco). Foi um azar peste! Deu o carneiro!



**Patrício** – (Aborrecido). Com você não jogo mais!

**Mulher** – (Surge, estremunhada). E o sonho do macaco batendo na porta?

Bem que eu desconfie daquele macaco de tamanho de dois homens!

**Ezequiel** – O erro foi da senhora... Erro de interpretação! Carneiro também bate na porta. Não dá marrada? Tei! (Bota-se em direção à Mulher como se fosse carneiro).

**Mulher** – Venha pra cá, que lhe quebro os chifres!

**Aleijado** – (De longe). Larga esse homem, criatura!

**Patrício** – (para Ezequiel). Você é quem devia levar chifrada!

**Ezequiel** – Eu sonho, conto meus sonhos... e vocês jogam. Se perdem, não tenho culpa.

**Madalena** – (À porta). Ei, seu Fortuna, que bicho deu?

**Ezequiel** – Foi o carneiro, d. Madalena. Bicho bom na testa e nos enfeites.

**Madalena** – (Desanimando-se). Já vi que não tenho sorte. Desde pequena me considero assim. Nunca acertei numa rifa, nem de quermesse.

**Esmeralda** – (De dentro do quarto). Anda, criatura! O tempo corre! Assim não apronto o serviço. (Madalena rasga a cautela do jogo com enfado, e recolhe-se).

**Ezequiel** – (Vendo a máquina de costura que ficou na calçada do bar). Dava uma rifa... É sua?

**Patrício** – Não seja engraçadinho. Todo mundo sabe que está apenas guardada aí.

**Ezequiel** – Se o dono quiser, eu corro o ponto da rifa.

**Patrício** – Só se for para nos enganar novamente. Marreteiro! (Pausa). Um dia você me paga!

**Ezequiel** – Antes que eu apanhe, vou cair fora. Da próxima vez, pode ser que a sorte arregale os olhos para vocês. (Vai saindo). Volta-se para a Mulher do Aleijado. Olha a marrada, velha! (Bota-se pra ela como carneiro).

**Mulher** – (Raivosa). Fasta diabo! Um dia eu te ensino! Ezequiel- (Saindo aos pulos, pândego). Olha a marrada, gente! Deus carneiro! Foi o carneiro o bicho do dia! (Margarida o acompanha).

**Mulher** – Trapaceiro! Mente falando quanto mais sonhando. (Raciocinando). Sou burra e meia! Esperar sorte de um diabo que mora debaixo de duas mesas.

**Madalena** – (Que acabou de experimentar os vestidos). Meu quarto ficou mais respeitável?

**Esmeralda** – (Observando tudo). Sua mãe vai gostar... Está ótimo.

**Madalena** – Tirei o jarro e a bacia do asseio. Não ficava bem. Botei-os na privada. Davam uma impressão desagradável. Quando começamos a analisar as coisas, o feio sempre aparece.

**Esmeralda** – Fez muito bem. (prosseguem conversando).

**Policial 1** – (Consultando o relógio) Já anoiteceu e não percebo nenhum movimento suspeito.

**Investigador** – Ele falou em sete horas não foi? (pausa, enquanto o outro concorda) Pra mim, a denúncia está certa. Não acredito que os anjos tragam pelo ar para cá a moamba que é vendida na cidade. Há de haver um sabido... ou muitos sabidos na história.

**Policial 1** – (Decepcionado). Revistamos tudo! Só falta levantar o vestido das mulheres.

**Investigador** – (Olhando para Margarida). Aquela, nem precisa levantar. (Continua conversando).

**Madalena** – (À Esmeralda). Estive pensando colocar um santo em cima da penteadeira.

**Esmeralda** – (Depois de um momento, pesando a atitude). Não. Em cima da penteadeira? Dentro do quarto? Só se não entrar mais homem para certas coisas. (Outro tom). Lá em casa, o santo é no corredor. Dentro do quarto, assim diante da cama, não fica bem... principalmente em noite de lua.

**Madalena** – (Dando-lhe um tapinha, com intimidade) Sabidinha, hem? É ficar livre do olhar de todos, até dos santos!

**Esmeralda** – (Depois de rir). Nada de fiscalização!! (preparando-se para sair). Vou remontar o vestido azul; encompridar as mangas do outro. Faço votos que sua mãezinha não se decepcione da preciosidade que possui. (Anda; pára) Quando entrei, vi uns tipos da polícia aí fora. É encrença?

**Madalena** – Nem lhe conto! Estão desconfiando que o Zé é quem esconde o contrabando.

**Esmeralda** – Diga-lhe que é melhor mudar de vida. Isso de contrabando só dá resultado mesmo para deputado e gente rica. No fim, quem se aperreia é o pobre.

**Madalena** – E o Zé ouve conselho? É homem, minha filha, cabeçudo!

**Esmeralda** – (Como que se lembrando) E sabia... Eu sabia que tinha uma coisa errada

**Madalena** – O que é?

**Esmeralda** – (Indo até a cama e lhe botando a mão em cima). A cama!  
Onde já se viu moça donzela dormir em cama de casal?!

**Madalena** – (Num gesto de surpresa) Nossa Senhora! Se você não fala!

**Esmeralda** – É arranjar logo uma cama “Patente” ou rede. Vá por mim.  
(Saindo). Tchau!

**Madalena** – (Impressionada). Tenho que arranjar uma desculpa! (Da porta, vigiando a rua, os policiais). Que coisa mais aborrecida! (Fecha a porta. Vai ajeitar os enfeites do quarto).

**Aleijado** – (A Esmeralda, à passagem desta). Uma esmolinha pelo amor de Deus! Contemple esse pobre servo do Senhor! Eu... (Depois que ela se vai) Não consigo nada!

**Mulher** – (Encarando com antipatia os militares). Você sabe que soldado e padre dão azar. Se forem embora, melhora logo.

**Aleijado** – (À Mulher). Não vão querer revistá-la.

**Policial!** – (Indo ao Investigador). Os engraçadinhos daqui não sabem nem o que é sandália japonesa. São os vigaristas mais inocentes que já vi.

**Investigador** – (Referindo-se a Patrício) Vou peitar outra vez o dono do boteco. Estou desconfiando que ele sabe como é feito o serviço.  
(Vai até lá).

**Policial!** – Apertando, a coisa aparece.

**Investigador** – (A Patrício) Então o senhor não conhece o Zé Valentão?

**Patrício** – Já lhe disse que não o conheço. Vivo no meu boteco, vendendo minha aguardente, juntando meu dinheirinho... (Com ar de fingimento) Mas a minha palavra não serve?

**Investigador** – (Apanhando-o pelas bitacas). Você já viu dono de boteco-  
quim ter palavra?

**Patrício** – (pelejando para libertar-se do outro). Ai, que você me machuca!

**Investigador** – Queria bem que eu alisasse! Vê lá se eu sou barbeiro pra agradar macho!

**Patrício** – (Livrando-se dele). O senhor respeite... Há famílias por perto.

**Investigador** – (Cospe no chão) Sinto um nojo mentiroso!...

Coro:

OLHE O PASSO DA EMA,  
PENEIRO Ê  
MAS ELA SALTA, ELA VOA,  
PENEIRO Ê!  
PENEIRO Ê!  
MAS ELA SALTA, ELA VOA.  
PENEIRO Ê (BIS)

**Zé Valentão** – (Sem aparecer). Façam alas, que o boi Surubi vai passar!  
Arreda, pessoal! Eu sou o vaqueiro do boi mais famoso do Ceará!

**Investigador** – (A Patrício). Que é? Alguma comemoração?

**Patrício** – E o bumba-meu-boi. Brincadeira da rapaziada do bairro.  
(Madalena, ao ouvir o canto à porta, apreensiva. Margarida se põe a dançar, marcando o passo. O Aleijado tenta erguer-se).

**Aleijado** – Anda, mulher, me ajuda! Quero também ver o boi!

**Mulher** – (Ajudando-o a erguer-se). Vem mais festivo hoje! (Encaminhando-se para o lado de onde parte o ruído. Ouve-se mais perto o acompanhamento de instrumentos).

**Policial 1** – (Como se visse os dançarinos)! E uma palhaçada! Por isso é que vive tudo morrendo de fome. (Ao investigador). E culpam o governo! Como é que pode, se querem viver de dança!

**Zé Valentão** – (Metido de vaqueiro, com chapéu de couro e chicote à mão, aparece). Com a permissão das damas e cavalheiros, vai passar o Boi Surubi! (Ezequiel entra com atitudes pândegas).

**Ezequiel** – E com muito dinheiro, porque será seu o palpite da sorte, grande!

**Zé Valentão** – (Dirigindo-se ao Policial 1 e ao Investigador). Digníssimas autoridades! É uma honra o Boi Surubi dançar para tão respeitáveis criaturas! (Gritando para fora). Avança, meu boi famoso! (O Boi – feito de uma armação de madeira à feição taurina, coberta de lona, e movimentada por um ou dois homens, entra em cena. Outras figuras desse auto dramático brasileiro o acompanham, como a Ema, a Burrinha, o Jaraguá, e mais papangus. Principiam a dançar e a cantar diante das autoridades.)

Coro:

OLHE O PASSO DA EMA,

PENEIRO Ê!

PENEIRO Ê!

MAS ELA SALTA, ELA VOA, .

PENEIRO Ê!

(BIS)

**Patrício** – (Entusiasmado). É assim que o povo pobre se diverte; Viva o Boi! Policial! – (Desconfiado, querendo atingi-lo com uma marrada: Aquieta diabo! Não estou aqui de brincadeira!

**Zé Valentão** – (Como se percebesse). Fasta, Boi, que a autoridade é de respeito e não quer brincar. (Aos companheiros). Nós.. dançar hoje no terreiro do mestre Cazuz! Se houver tempo, voltaremos taremos mais tarde.

**Policial 1** – (Ao Investigador). Não sei porque, mas estou desconfiando... Veja esse Boi! Parece tão pesado. Repare... Dança difícil... Pesadão.

**Zé Valentão** – Vamos saindo, gente! Está ficando tarde e temos que chegar na hora.

**Madalena** – (Dentro do quarto). Valhei-me Nossa Senhora?

**Margarida** – Passe... vá passando, meu Boi famoso!

**Patrício** – É ir ligeiro, nobre vaqueiro! (O Boi tenta avançar para sair).

**Policial 1** – (De revólver em punho, em atitude ameaçadora). Pára! Cessa tudo! (pára o coro. Fica o acompanhamento.) Pára a música também! (Cessa o acompanhamento musical.) Quietos, tudo! (Indo à Mulher do Aleijado) Você aí, levante o Boi. Quero ver o que tem debaixo dele.

**Mulher** – Não vou arribar não.

**Policial 1** – (Empurrando-a). Faça o que lhe digo!

**Zé Valentão** – Protesto! O senhor não tem o direito de se intrometer na nossa brincadeira. E mesmo temos ordem do delegado para funcionar.

**Policial 1** – (Aos gritos). Levante o Boi! Vamos! (O Investigador é quem se aproxima do brinquedo. Com esforço, retira de cima dos homens que o conduzem. Começam a cair de seu bojo sandálias japonesas, pacotes de cigarros, peças de náilon).

**Investigador** – (Eufórico): A moamba, chefe! Pegamos o bando do Zé Valentão.

**Zé Valentão** – Em mim ninguém bota a mão! (A seu pessoal). Debanda, gente, que a polícia descobriu tudo! (O bando alvoroçado empurra a

armação do boi contra o Policial 1, que cai, protestando, enquanto se estabelece uma confusão propícia à evasão dos foliões. Zé Valentão foge).

**Policial 1** – (Levantando-se do chão, ao Investigador). Atrás dele, que agora eu sei quem é o Zé Valentão. (Ouvem-se apitos. Investigador corre meio desorientado. Ouvem-se disparos).

**Margarida** – (Pulando de satisfação) Vai ser difícil pegar o Zé! Pega não!

**Policial 1** – (Indo a ela). Cale-se, vagabunda!

**Ezequiel** – (Defendendo-a). Veja como trata a moça. É minha noiva.

**Policial 1** – Pois aceite meus pêsames. Vai-lhe dar muito desgosto. (Abaixa-se a reunir as sandálias e demais objetos que estavam dentro do Boi). Então, era com o Boi que os malandros estavam trazendo a moamba! (Elvira vem entrando. Segura uma mala de viagem. Tipo despenhado, de sertaneja. Apesar da idade, pisa firme no chão).

**Madalena** – (Vendo-a, de dentro do quarto). Mamãe! (Corre até a frente da penteadeira a se olhar e compor melhor e vestido).

**Policial 1** – (Segurando Elvira pelo braço). Espere, o que leva aí na mala?

**Elvira** – (Livrando-se dele, com enfado). Que modos são esses? Não vê que sou mais velha do que o senhor.

**Policial 1** – Sou da polícia.

**Elvira** – Por isso mesmo é que devia tratar outros com mais dedicação.

**Policial 1** – Vamos, velha, deixe de conversa. É cuidar de ir abrindo a mala!

**Madalena** – (Que saiu de casa a tempo de ouvir o que diz o Policial 1) Alto lá Respeite-a, que o senhor não está falando com os seus parceiros!

**Elvira** – (Alegre, reconhecendo a filha). Minha filha! (Abraça-a deixando cair a mala).

**Madalena** – Abraçando-a, mas sem deixar de se dirigir ao Policial 1). Não vê que somos gente direita? Temos culpa dos erros alheios?

**Policial 1** – Está bem. Não se discute mais. É que eu imaginei...

**Madalena** – Não tem que imaginar nada. (À mãe). Vamos, mamãe. (Segura a mala e segue com Elvira para casa).

**Investigador** – (Entrando em cena). Desta vez ele não escapará. Cercamos o morro todo.

**Policial 1** – Ajude-me a apanhar essas coisas. Precisamos inventariar o que encontramos, para servir de prova junto ao delegado. (Ambos juntam os pacotes, as sandálias. Ezequiel, Margarida, e os demais se acercam para ver de perto).

**Madalena** – (Já dentro de casa, à mãe). Mamãe, a senhora me desculpe. Não pensei que aquele bruto fosse incomodá-la.

**Elvira** – Foi bom, minha filha, que houvesse acontecido. (pausa). Não queira saber como me senti vaidosa, feliz, de tê-la como filha, quando você disse a ele: “Respeite que o senhor não está falando com os seus parceiros”. (Outro tom). Eu sabia, Madalena, eu tinha certeza que você não havia se perdido para o mundo. Graças a Deus! (Entra em casa. Deslumbrada, não pode esconder a satisfação por ver a filha morando com tanta decência). Foi a força do Santo, minha filha! Eu sabia que viria encontrá-la assim. Puxando-a para si). Ajoelhe-se para agradecer. Venha.

**Madalena** – (Indecisa). Mamãe, eu...

**Elvira** – E terá de ser agora. (pausa. Incisiva). Repita comigo: “Graças te dou, meu bondoso Padre Cícero... (Para. À Madalena). Comigo, minha filha.

**AS DUAS** – “Graças te dou meu bondoso Padre Cícero...”

**PANO – Fim do 1º Quadro**

## SEGUNDO ATO

### 2º QUADRO

Mesmo ambiente anterior. Entardecer. Mulher vem chegando acompanhada do Aleijado. A perna está enfaixada com gases e esparadrapos. Do interior da casa de Madalena ouve-se alguém chamando: “Mamãe! Mamãe!” É a própria Madalena à procura, de Elvira.

**Madalena** – (Sem aparecer em cena) Mamãe! Onde se meteu a senhora que não responde? Está no banheiro? (Entra falando consigo mesma). Vá ver que saiu (Atravessa o quarto. Abre a porta para sair. Volta. Diante do espelho verifica o vestido. Contenta com a observação, sai. Ao ver o Aleijado...) Piorou da perna?

**Aleijado** – Piorei... (pausa) Puxa! Nem conheci a senhora metida nesse vestido. É promessa?

**Madalena** – Não senhor. É que eu resolvi mudar, entende? (Noutro tom) Viu mamãe passar?

**Aleijado** – Se passou, foi cedo... (pausa) Anda muito a velhinha. Bastante esperta. Não sei porque me lembro da minha mãe quando a vejo.

**Madalena** – Coisa boa a gente ter mãe, não é? Agradecida. (Atravessa a rua. (Vai até o boteco onde se encontra com Patrício).

**Patrício** – Alguma novidade?

**Madalena** – Mamãe. Desapareceu outra vez.

**Patrício** – Andará por aí. (Reparando o vestido de Madalena) Você anda uma senhora de doutor. Tem jeito, sabe? (Dá-lhe uma palmadinha).

**Madalena** – (Repreendendo-o) Patrício! (Outro tom) Já lhe disse que não quero mais enxerimento. Você sabe!

**Patrício** – O que eu sei é que você e~tá fingindo o que não é.

**Mulher** – (Ao Aleijado) O safado do Patrício está doidinho prá bolinar d. Madalena. Repara.

**Aleijado** – Cala a boca! É por isso que ninguém me dá esmola, Você fala muito.

**Madalena** – Eu só quero é que você me ajude, Patrício. Fingindo ou não, preciso agradecer minha mãe. Não quero que ela de repente tenha uma tristeza dessa, ver a filha prostituta. Haverá coisa pior para uma mãe?

**Patrício** – Sei, sei!... Mas não precisa levar a representação tão a sério.

**Madalena** – Confio em você.

**Patrício** – Com uma condição. Quando d. Elvira regressar, você terá de acabar o seu romance com o Zé Valentão. (pausa). Agora está mais fácil, com ele preso...

**Madalena** – Não lhe entendo.

**Patrício** – Entende já. (Aproxima-se dela) Você pensa que eu não sou homem? (pausa) Serei de pedra, para vê-la fazendo ginástica todos os dias com as perninhas de fora? Não me controlo. (Abraça-a).

**Madalena** – (Solta-se dele) O Aleijado está olhando... Me larga!

**Patrício** – (Voltando-se para o Aleijado) Brechando, hem?

**Mulher** – (para o Aleijado) É um descarado!

**Aleijado** – Deixa o homem em paz... Eu estava olhando mesmo.

**Patrício** – (Insistindo em agarrar Madalena) Dê o fora no Zé Valentão e eu lhe darei sociedade no boteco.

**Madalena** – (Aborrecida) Patrício, é melhor mudar de assunto. Agora sou uma senhora.

**Patrício** – (Batendo-lhe nos quadris) Senhora, hem? Senhora de quantos?

**Madalena** – (Agastada) Patrício! Por que você me ofende? Por acaso lhe fiz algum mal?



**Patrício** – (Sensibilizado). Me desculpe, Madalena... Não quis ofender. (Mudando de tom). Não se fala mais no assunto.

**Madalena** – Pois seja assim. Não deixe mamãe perceber que não presto, que sou ,uma vagabunda... Não quero contrariá-la. Já lhe disse. A pobre velha está no fim da vida. Para enchê-la de decepções?

**Patrício** – Por mim, fique tranqüila. Juro-lhe.

**Madalena** – (Beija-lhe a testa num transporte emocional). Obrigada!

**Elvira** – (Entra a tempo de surpreender o gesto de Madalena). Minha filha, que modos esses?

**Madalena** – Desculpe, mamãe.

**Patrício** – (Explicando). Somos velhos amigos, eu a respeito muito.

**Elvira** – Ainda bem. (Outro tom) Mas se estiver pensando em casar com ela, terá que reformar primeiro o seu estabelecimento comercial.

**Patrício** – (Surpreso) Hem?

**Madalena** – Mamãe!

**Elvira** – Terá que deixar de vender cachaça. Não tolero tal bebida. Essa desgraçada acabou com a vida do meu finado marido.

**Madalena** – Mamãe, não se meta na vida particular de seu Patrício!

**Patrício** – Deixe-a falar, Madalena. Agrada-me.

**Elvira** – (Sem ligar). E enquanto não muda de negócio, é tratar de abrir o boteco mais tarde. Observei com tristeza. que logo cedo, às seis, já está aberto.

**Patrício** – Concordo com a idéia.

**Madalena** – (Tentando levar Elvira dali). Vamos para casa, mamãe. A senhora está ficando inconveniente.

**Elvira** – (Fazendo um gesto, à filha, para que se cale... Continuando...) Trouxe uma estampa do Padre Cícero. A moldura é linda! Foi ele, como já disse, que abaixo de Deus, conservou minha filha virtuosa e pura. (pausa). Vou festejar o acontecimento com uma novena.

**Madalena** – (Surpresa). Uma novena? Não vá me dizer que é na rua...

**Elvira** – E onde haveria de ser? Por acaso será **O Morro do Ouro** um antro de vagabundos e de mulheres perdidas, que não se possa rezar na rua?

**Madalena** – (Acalmando Elvira) Não se irrite, mamãe. Não falei por mal.

**Elvira** – (A Patrício). É assim a mocidade! Não sabe ter coragem de enfrentar os problemas.

**Madalena** – Estou ao lado da senhora.

**Elvira** – E tem que estar. O mais difícil eu já consegui. O locutor da irradiadora comprometeu-se a botar uns discos religiosos... (A Patrício)  
E enquanto durar a novena, seu Patrício, o boteco está proibido de vender aguardente.

**Patrício** – Mas... eu vou vender o quê?

**Elvira** – Fica por minha conta. Sei fazer uns refrescos, umas cambicas maravilhosas.

**Patrício** – Confiarei na senhora.

**Madalena** – E o povo, mamãe, o que dirá nós?

**Elvira** – Não devo satisfação ao povo, mas a Deus. O resto que se dane (Noutro tom). Quero que você consiga uma mesinha para servir de altar. Estive pensando em tudo. Bem na frente da casa o local é ótimo...

**Madalena** – (Decepcionada). Mamãe! Mude de idéia!

**Elvira** – Vá, minha filha. Não se aborreça. (Madalena sai, resmungando, a caminho de casa. Entrementes, chegam Homens 1 e 2, acompanhados de dr. Gervásio, candidato a vereador).

**Homem 2** – (Batendo palmas, a atrair atenção). Foi aqui, dr. Gervásio. Não entregamos a máquina, porque não encontramos a felizarda.

**Dr. Gervásio** – É uma pena! E se dizer que já dei mais de cem máquinas! Queria contemplar agora **O Morro do Ouro**. (O.T.) O jeito é levá-la daqui.

**Homem 1** – (Indo a Patrício). É um pesar, mas viemos buscar a máquina. O dr. Gervásio está decepcionado.

**Homem 2** – Já deu mais de cem máquinas. Quando promete cumprir.

**Dr. Gervásio** – (dirigindo-se à Elvira). A senhora é moradora desse bairro? (Acende um charuto).

**Elvira** – Não senhor. Sou do sertão do Juazeiro do Norte. Estou na casa de minha filha.

**Mulher** – (Aproximando-se). Ela é a mãe Madalena.

**Elvira** – (Corrigindo-a) De dona Madalena, não era assim que você ia dizer?

**Mulher** – (Encabulada) Era, sim senhora. (Retira-se em direção ao Aleijado).

**Elvira** – (Ao dr. Gervásio). O senhor é candidato a vereador ou fabricante de máquinas?

**Dr. Gervásio** – Candidato, minha senhora. Um candidato que já se considera eleito. Tenho um programa nacionalista. (pausa). Quando for eleito, virei morar no **O Morro do Ouro**. Quero sentir de perto todo o problema do bairro. Só assim teremos sua salvação!

**Elvira** – o doutor chegou atrasado. Abaixo de Deus quem vai mandar no **O Morro do Ouro** agora é o meu Padre Cícero. Hoje, à noite, aqui se instala com a minha novena.

**Dr. Gervásio** – Reza adianta, mas é preciso saber votar. (Ao Homem 2) Vá pregando os meus cartazes. Quero que todos fiquem bem orientados.

**Homem 1** – Sim senhor. (Começa a pregar na parede da casa de Madalena um cartaz que diz: **Dr. Gervásio** – O CANDIDATO DO POVO!) Vai ser eleito, não se discute!

**Elvira** – (Obstando-o). Não senhor! Vá pregar noutra local. que aí é o lugar do altar.

**Dr. Gervásio** – A senhora não acha que lugar de reza é na igreja?

**Elvira** – Nosso Senhor não disse isso. Reza-se em qualquer parte. (Madalena traz a mesa para fora. A mulher vai ajudá-la. O Aleijado geme).

**Aleijado** – Uma esmolinha!

**Dr. Gervásio** – Não suporto os enjeitados fortuna (Ao Homem 2) Dê um auxílio ao Aleijado.

**Homem 2** – (Indo ao Aleijado) O dr. Gervásio, candidato do povo que será o mais votado de Fortaleza, manda-lhe vinte cruzeiros.

**Aleijado** – Que Deus lhe dê uma bonita vitória!

**Dr. Gervásio** – Dê mais dez mil réis. O agradecimento foi bom!

**Homem 2** – (pondo o dinheiro na tigela do Aleijado). É pra fazer a propaganda do doutor!

**Dr. Gervásio** – (À Elvira). A senhora tem licença do delegado para a novena?

**Elvira** – Não senhor: Quem dá licença para minhas coisas sou eu mesma. Elvira Conceição do Amaral. (Vendo Madalena Que acabou de forrar a mesa com uma toalha). Deixe, minha filha.. Eu mesma trarei o santo. (Dirige-se para a casa Entra).

**Dr. Gervásio** – (A Madalena).A senhora é a zeladora?

**Madalena** – Estou apenas ajudando minha mãe. Haverá algum mal nisso?

**Dr. Gervásio** – Desculpe. Foi apenas um comentário. É que achei o vestido assim... Assim... um pouco estranho.

**Homem 1** - (A Gervásio). Já podemos levar a máquina, doutor?

**Dr. Gervásio** – Agora não. Resolvi ficar para assistir à novena. Quem sabe se não serei também candidato do **O Morro do Ouro**? (pausa). Acenda um foguete!

**Homem 1** – (Disparando um foguete tipo “Adrianino”) Viva o dr. Gervásio, o candidato 1001, o pai da pobreza!

**Patrício** – (De longe) Qual é o número?

**Homem 1** – Mil e um! Se na hora de votar não se lembrar, é escrever mesmo o nome.

**Patrício** – Mil e um! Pelo menos é um bom palpite. (Retorna ao seu trabalho do bar).

**Elvira** – (Surge à porta; dirigindo-se ao Homem 1 que se prepara para soltar outro foguete). Pare com isso, que não é hora de festejar o santo. É preciso ter modos. (Entra em casa).

**Madalena** – (Ao Homem 1, que se enfada). Desculpe-a. Mamãe é do sertão. Pensa que pode falar assim com todo mundo.

**Dr. Gervásio** – Começo a gostar da velhinha.. Daqui pro fim da novena, ela também reconhecerá que eu sou o único candidato que não faz promessas mirabolantes, não engana o povo.

**Elvira** – (Surge do interior da casa, novamente, desta feita conduzindo um quadro em que se vê a estampa do Padre Cícero Romão Batista: Vai colocá-lo sobre a mesa. Voltando-se para Madalena). Vá buscar as velas, mas repare o comportamento!

**Madalena** – (Aflita). Mamãe, isso já está passando da conta! Seria conveniente a senhora desistir e fazer a novena dentro de casa para um número menor de amigos.

**Elvira** – Deixe de conversar besteira, minha filha. Faça o que lhe digo.

**Madalena** – (Dá de ombros, entra em casa). Passa da conta, passa de verdade!

**Dr. Gervásio** – (promovendo-se). Na última noite, d; Elvira, conte com a minha máquina de costura para um leilão em favor do santo. Quero contribuir para o melhoramento do móvel religioso do bairro.

**Homem 1** – (À Elvira) Solto um foguete, dona?

**Elvira** – Agora, volte, o doutor falou bonito! (Homem 1 dispara outro foguete. Nesse momento o locutor da irradiadora anuncia: “Senhores ouvintes, é com o máximo respeito que atendendo à d. Elvira, passamos a transmitir o momento da prece!”). Ouve-se música religiosa).

**Patrício** – (Da porta do boteco exhibe uma tabuleta na qual se lê – “SUSPENSA A VENDA DE CACHAÇA”... À Elvira). Gosta?

**Elvira** – É assim que se faz! A bebida é a perdição do mundo!

**Monitora** – (Ao entrar em cena avista Patrício com a tabuleta erguida; vê Madalena surgir à porta segurando em cada mão uma vela acesa. O Aleijado, de voz piedosa, ao vê-la, pede um auxílio: “Pelos divinos olhos de Nossa Senhora”. A Monitora pára perplexa. Entra-lhe pelos ouvidos a música religiosa da irradiadora). Não é possível! Meu Deus, se não é sonho eu não estou no **O Morro do Ouro!** (As Assistentes entram também em cena). Por favor, se expliquem! (À Madalena) O que é isso?

**Madalena** – (Serena) As velas para o altar... para festejar o santo.

**Monitora** – (Indo a ela, tocando-a com os dedos). Você é você mesma? Na semana passada, quando estive aqui tudo era tão diferente... Ao chegar em casa tive que orar pela salvação das almas dos moradores do bairro. (Às Assistentes). Não foi exato?

**Suzete e Brigitte** – Sim, senhora.

**Monitora** – (À Madalena, insistindo). Explique-se!

**Madalena** – Não há explicações, minha senhora. E com licença que estamos nos preparando para a novena.

**Monitora** – (Mais perplexa ainda). Novena? Você disse NOVENA? Não, não pode ser! Como é que pode haver tamanha transformação?

**Elvira** – (Irritando-se). Olhe, se a senhora vem da parte do demônio, retire-se daqui com as suas sirigaitas. Novena é novena, e não precisa fazer essa cara de espanto. Ouviu?

**Homem 2** – Vamos ter uma belíssima novena!

**Homem 1** – Nove noites de cânticos e flores! (O vento traz mais forte o som da música religiosa da irradiadora): **Dr. Gervásio** – Com música e foguetes!

**Elvira** – Com velas e benditos! Entende? (À Monitora) Se a senhora tem algum espírito mau no corpo, fique, que Deus a livrará dele.

**Monitora** – (Assustada, confusa, diante de todos. Dirigindo-se às Assistentes) Escrevam, ligeiro, nos seus cadernos. (As meninas de lápis e papel à mão, prontas para executar as ordens da Monitora). MILAGRE! MILAGRE NO **O MORRO DO OURO!**

**PANO – Fim do 2º Quadro**

## TERCEIRO ATO

Aquilo que foi uma simples mesa com um quadro de santo, em cima, já agora se transformou em pequeno altar. Ao redor do quadro, em que se vê a estampa do Padre Cícero Romão Batista, destacam-se ex-votos, os mais diversos. É noite. Há velas acesas. De vez em quando se ouvirá a irradiadora transmitindo músicas religiosas:

**Ezequiel** – (Apresenta-se inteiramente transformado. Deixou a barba crescer, pois, diante dos últimos fatos, achou mais conveniente vender santos, medalhas, etc. É um autêntico vendedor de santos, como alguns que ainda percorrem as cidades do Nordeste. No momento em que se abre o pano, juntamente com Margarida, prepara o ambiente para as comemorações da noite: quermesse e novena. Margarida mete-se em um roupão à semelhança de hábito franciscano, e ajuda a pregar cordões de bandeirinhas de papel). Se lhe perguntarem porque está vestida assim, diga que é promessa.

**Margarida** – E se me perguntarem que graça alcancei?

**Ezequiel** – Invente uma! O importante é ajudarmos d. Madalena! E com isso vai-se apurando algum dinheiro, que gente besta aparece em todo lugar. Não viu como as noites têm sido animadas?

**Margarida** – Eu acho que o jogo do bicho rendia mais. Quando é que nós vamos poder casar?

**Ezequiel** – Tolicel! Você sabe lá o que é milagre! (pausa) O santo é importante, mas santo sem milagre não faz igreja, não faz romaria, não faz multidão...

**Margarida** – Mas você não vai dizer que “essa coisa” daqui é milagre...

**Ezequiel** – Eu não digo nada. Aproveitei no sonho, vou aproveitar também no milagre.

**Margarida** – (Indo postar-se diante do altar). Ponho essa bandeira aqui?

**Ezequiel** – Sai daí, diabo! Não vê que é preciso respeitar o santo?

**Margarida** – (Afastando-se. Indo a outro lugar prender as bandeirinhas) Seu Fortuna...

**Ezequiel** – Quando vai aprender que agora só deve me chamar Ezequiel? Vendedor de santo é da regra ter um nome da bíblia.

**Margarida** – (Ao ouvir vozes) O povo já vem chegando.

**Ezequiel-** (Apressando-se): Vamos dar o fora. E veja bem. Nada de fumar na frente deles. É preciso respeitar a promessa. (pausa). Onde está o meu mostruário?

**Margarida** – Ficou na casa da Francisquinha.

**Ezequiel-** Vamos até lá (Retiram-se os dois)

**Monitora** – (Entra, liderando um grupo de senhoras. Acompanha-se das assistentes). É milagre autêntico! (À meia voz). E se dizer que a mulher era uma dessas doidivanas que andam por aí sem pouso certo, Mas Deus, com a sua força prodigiosa penetrou-lhe o coração, bem fundo, fazendo-a repudiar a vida devassa.

**Uma senhora** – (Curiosa): Então, era assim? Vivia entregue ao pecado? Que coisa horrível!

**Monitora** – Inteiramente devassa! Mas depois do que aconteceu, só vindo para crer. O próprio povo se meteu num escrúpulo de admirar! Não fala mais no passado. Está esquecido inteiramente. (Lembrando-se): Tabu! Perfeitamente. É um tabu da comunidade.

**Outra senhora** – Só vi coisa semelhante em filme mexicano.

**Monitora** – (Apontando o sr. Patrícia que surge no boteco). É outro convertido. Vendia cachaça de alto teor alcoólico. Depois do que houve, mudou de negócio. (Dando ênfase). Vende agora os melhores refrescos, as mais apreciadas cambicas da cidade! Uma senhora – É inacreditável! Deixar de vender cachaça para vender refrescos!

**Suzete** – (Apontando Ezequiel que chega conduzindo o seu mostruário de santos e medalhas) Olhem o cambista!

**Monitora** – Não pode ser! O cambista não tinha barba! **Suzete** – Aposto como é ele.

**Ezequiel** – (Apregoando). Retratos e lembrança do grande milagre! A mão de Deus desceu sobre **O Morro do Ouro** e a pecadora se converteu. Medalhas, fitas, a medida do santo... raminhos... (Às senhoras) Não se habilitam?

**Monitora** – (Aproximando-se dele). Tire-me de uma dúvida, cavalheiro. O senhor já foi cambista?

**Ezequiel** – Fui, sim senhora! Mas graças a Deus estou regenerado! Vi que não devia estar levando diariamente os outros ao caminho do vício.

**Monitora** – (Exultante). Não lhes dizia! É assim que o homem abre o coração à virtude!

**Ezequiel** – Perfeitamente. Como a senhora sabe, eu vivia atolado na mentira, na falsidade. Inventava sonhos que nunca tinha tido. E tudo, só para iludir, para enganar... (pausa). Não quer comprar uma medalhinha do santo?

**Monitora** – Cuidado, hem! Não diga isso! Medalha não se vende. Troca-se por dinheiro! Troca-se!

Ezequiel- Pois é, então troque o seu dinheiro por ela...

**Monitora** – Depois, depois.

**Uma senhora** – Estou encantada! Vou trazer minhas amigas do pif-paf da Aldeota, para conhecer **O Morro do Ouro**. A SOCIEDADE DESCE PARA **O MORRO DO OURO**... E SOBE PARA DEUS.

**Ezequiel** – (A ela, que acabou de falar) Não quer trocar uma medalhinha?

**Monitora** – Suzete! Brigitte! Anotem todas as fases! Não percam os detalhes.

**Ezequiel** – (Apregoando). Ei Medalhas! Ei, medalhinhas! Tudo do tamanho da sua fé!

**Monitora** – Conserve a compostura homem! Quando anunciar, faça-o com devoção e respeito. (Virando-se para a casa de Madalena). É a casa da ex-pecadora. Mora agora com a sua genitora. Antigamente, ninguém sabia direito com quem dormia. Cada noite, era um estranho...

**Uma senhora** – Ah! se pudéssemos ver o quarto dela! **Madalena** – (Curiosa). O quarto do pecado! Eu dava um conto de réis.

**Monitora** – Penso que poderei tentar. (Contra cena com as companheiras).

**Ezequiel** – (Anunciando). Medalhas, medalhinhas e medalhões!

**Madalena** – (Vindo do interior da casa para o quarto, acompanhada de Elvira). A senhora não acha que está exagerando demais? Ontem foi um despropósito de gente diante de nossa casa. Hoje, como tudo indica, vamos ter umas duzentas pessoas... Afinal de contas, não estamos numa cidade do interior, mas na capital!

**Elvira** – Minha filha, contenha os impulsos! Pensa que quando está falando assim. É você que quer? É o cafute! É ele que tenta as criaturas. (pausa). E a prova da tentação está dentro deste quarto.

**Madalena** – (Com enfado). Não pense nisso mamãe!

**Elvira** – Quer ver? (Apontando a cama). Onde já se viu moça direita dormir em cama de casal? Não me conformo! Daqui para a minha volta, haveremos de dar fim a esta indignidade.

**Madalena** – Mamãe, eu durmo em cama de casal porque gosto... É mais cômoda... mais larga...



**Elvira** – Larga, não é? Começa assim mesmo. Depois a tentação se mete nela também.

**Monitora** – (Batendo à porta). Posso entrar, senhora?

**Madalena** – Conheço a voz! É aquela chata visitadora de não sei quê!

**Elvira** – (Baixo, à filha). Tenha educação! É dever nosso receber as visitas.

**Monitora** – (Insistindo) Licença?

**Madalena** – (Enfada, vai abrir a porta à Monitora). Boa-noite.

**Monitora** – Boa-noite, minha santa. Permite? Estou liderando um grupo devocional de senhoras da alta sociedade que desejam conhecer a senhora... (pausa). Podemos entrar?

**Madalena** – (Indecisa).

**Elvira** – (Adiantando-se). Podem estar à vontade. É um prazer para nós recebê-las.

**Monitora** – Ótimo! (Reparando o vestido de Madalena). Frouxo... Mangas compridas! Chi! Como você melhorou! Está tão diferente.

**Madalena** – (Querendo mudar de assunto). É... Pode trazer as suas amigas.

**Monitora** – (Ligeirinha, indo às senhoras). Venham todas. Ela consente.

**Uma senhora** – (Apressando a outra). Fiz até promessa pra que deixasse.

**Monitora** – (A elas, baixo). Vocês vão contemplar, pela primeira vez, o quarto de uma pecadora.

**Outra senhora** – Que bom! (Entram as senhoras na casa, acompanhando a Monitora).

**Monitora** – (Apontando Elvira) É a mãe de d. Madalena. Senhora respeitável... Muito direita.

**Uma senhora** – (passando a mão na cama). A cama... (pausa) Posso sentar nela?

**Madalena** – À vontade.

**Outra senhora** – (Indo até a amiga, evitando que se sente). Não, não faça isso! (Baixo). Não vê que é um instrumento do pecado?

**Monitora** – (percebendo o diálogo entre as duas e procurando disfarçar) Ótimo! Estamos satisfeitas. Muito obrigada por ter consentido entrarmos em seus aposentos (As senhoras). Vamos. (As Assistentes que também estiveram no quarto). Sobre a cama de casal, não precisam comentar. (Vão saindo).

**Uma senhora** – (À outra). Você viu a largura da cama?

**Outra senhora** – Como é que você queria que fosse? (Na rua ficam conversando em bloco). O Aleijado vem chegando auxiliado pela Mulher. Está de roupa mudada e de melhor aspecto).

**Ezequiel**- Medalhas! Troque-as por dinheiro!

**Aleijado** – (Indo às Senhoras) Oh piedosas mulheres, uma esmolinha pelo santo amor de Deus! (Zé Vatentão surge na esquina e se conserva escondido, vigiando o que se passa em frente da casa da amante).

**Margarida** – (Trazendo uma mesa que se apresenta cheia de bolos, etc. Carrega-a segura por um lado; a Lavadeira ajuda-a). Vai ser um dia de lavação! Não sei o que será de nós quando d. Elvira for embora.

**Lavadeira** – (Reparando a casa de Madalena). E a dona daí, como é que vai? Dizem que só quer ser agora o 31 de fevereiro. Nunca mais falou nome feio.

**Margarida** – Você acha que ela se regenerou? Pra mim, está só tapeando.

**Lavadeira** – E haveria de ser diferente? Embaixo daquela roupa de freira, tem o diabo insatisfeito. (pausa). Nunca contei pra ninguém. Mas cansei de chegar à casa dela, e encontrá-la dormindo... (Baixo)... em pêlo! (pausa). Cada coxal!

**Margarida** – Vamos ficar aqui. Perto demais dá confusão.

**Lavadeira** – Então, venha pra cá. (Vão-se movimentar, quando o Homem 1 entra apressado).

**Homem 1** – Arreda do caminho, que o dr. Gervásio vai chegando para a novena.

**Lavadeira** – Outra vez o homem da máquina de costura. Já me disseram que só tem esta.

**Homem 2** – (Com a máquina na cabeça) Olha uma mãozinha aqui, pra arriar. (Ezequiel vai ajudá-lo).

**Ezequiel** – Ainda não entregaram a máquina?

**Homem 2** – Então, você não sabe? Vai ser a prenda de maior valor do leilão dessa noite.

**Monitora** – (Assistindo à conversa). É a graça de Deus se manifestando em tudo! Que maravilha! O próprio político se rende à força da fé!

**Homem 1**- O dr. Gervásio é homem de moral e fé! Será o candidato mais votado. A senhora votará nele?

**Monitora** – (Impondo-lhe silêncio). Por favor. Nada de política agora. Temos que respeitar os fiéis.

**Dr. Gervásio** – (Ao Homem 1) A senhora tem razão. A política para depois.

**Monitora** – (Avistando Patrício e se dirigindo às Senhoras). Vamos tomar um refrigerante. O sr. Patrício nos atenderá com o que houver de melhor.

**Patrício** – (Ao vê-las se aproximarem). A última noite da novena vai ficar na história d**O Morro do Ouro!**

**Monitora** – Pudera, não! Trouxe minhas amigas. Elas precisavam ver de perto esta transformação milagrosa. (Confidenciando). Breve, é de se cobrar ingresso. (Mudando de tom). Tem refresco de maracujá?

**Patrício** – Acabou-se cedo. Agora só temos refresco de manga.

**Suzete** – Sou louca por manga! Uma senhora – E eu também (patrício vai servi-las – Zé Valentão, procurando alcançar a casa de Madalena, sem ser visto, entra em cena).

**Elvira** – (No interior do quarto, apresentando-se para sair). Volto num instante, minha filha. Vou buscar as flores que encomendei para a última noite.

**Madalena** – Não demore muito, mamãe, que eu não entendo de reza.

**Elvira** – Basta arranjar outra toalha limpa para honrar o santo. (Sai).

**Madalena** – (Encosta a porta. Põe-se a andar dentro do quarto. Pára. Vai contemplar as pessoas que estão lá fora. Retoma, aborrecida, ao centro do quarto). Não sei mais o que faça!

**Zé Valentão** – (Empurra a porta e entra rápido. Depois que fecha a porta atrás de si) Puxa! Que coisa difícil!

**Madalena** – (Voltando-se para ele) Zé!

**Zé Valentão** – Madalena! (Depois de uma pausa, reparando-lhe o vestido). Que é isso? Promessa?

**Madalena** – (Que quase esteve para abraçar-se a ele, recuando). Não. Que idéial!

**Zé Valentão** – Que está engraçado, está! (Começa a rir). Já é sua fantasia para o carnaval?

**Madalena** – (Tentando explicar). Você não compreende, tenho certeza. Mas depois que mamãe chegou, algo me aconteceu.

**Zé Valentão** – (A descobrir as alterações que Madalena fez no quarto). Tirou a mulher nua? (Descobrimo outros detalhes) E o lavatório? Onde vou fazer agora o meu asseio?

**Madalena** – (Nervosa, como se a conversa desse asco). Chega, homem! Não são mais conversas para mim.

**Zé Valentão** – (Sem entender, indo a ela). Fale, vá falando, que estou cada vez mais burro. Se não me falta a memória, era você mesma que queria que eu lhe contasse as anedotas de português e papagaio. Lembra-se daquela que o homem chegava e encontrava a mulher dentro do quarto com...

**Madalena** – (Interrompendo-o) Não! Já não me sinto bem ouvindo isso.

**Zé Valentão** – (Senta-se a um canto. Acende um cigarro, meio perplexo, como se tudo aquilo lhe causasse espécie. Depois de um momento). Madalena, vou lhe contar uma história que ouvi de minha mãe. Não é anedota. (pausa). Um homem pobre, um dia, desejou um auxílio de um coronel. Foi à casa deste, e como se sentisse encabulado, sem saber o que fazer, sentou-se numa mala que existia na sala. Quando o coronel entrou, ele se levantou, cheio de coragem, e disse: “Coronel, vim pedir a mão de sua filha em casamento”. Sabe o que falou o outro? “Meu amigo, saia dessa mala e se sente naquela cadeira”. Quando o pobre se sentou na, cadeira, começou a chorar, a se lamentar. “Me desculpe, coronel. O que quero mesmo é uma esmola. Mas, agora, me explique o que me fez lhe pedir a sua filha em casamento?” E o coronel simplesmente explicou: “É força do dinheiro, meu filho. Aquela mala : está cheia de moedas de ouro”. (Mudando o tom). É esse vestido esquisito, Madalena, que lhe está transformando. Tire-o! Tire-o enquanto é tempo. Você não é senhora...

**Madalena** – Tolice! Sei que não é o vestido...

**Zé Valentão** – Você não era assim! (pausa). Aqui pra nós, agora que passou. Às vezes eu chegava a pensar que você já se despia demais. Exagerava muito. Como gostava de andar nua.

**Madalena** – Cale-se!

**Zé Valentão** – É mentira? (pausa. Puxa uma fumaçada de cigarro, visivelmente nervoso). Fui preso, sofri o diabo. Perdi tudo naquela noite. O Deputado que me prometeu cobertura, não apareceu... (pausa). Houve uma hora, na delegacia, que reinei plantar a mão na cara do delegado: Mas lhe juro que não fiz porque estava pensando em me livrar “deles”, e outra vez vir correndo para cá... lhe contar anedota de papagaio, de português... e... tê-la em meus braços, na cama, entende? Um homem não esquece o corpo da mulher que ama.

**Madalena** – (Que tapou os ouvidos para não ouvir as últimas frases). Já disse: não quero mais saber disso. (Depois de um momento, vendo-o calado). Perdi o jeito, compreende? Perdi o jeito de ser puta.

**Zé Valentão** – (Num salto). Está aí! Agora sim, posso dizer que é feitiço! Foi isso que lhe botaram em cima. (Indo até ela). Quer uma prova? Vá lá fora e diga àqueles basbaques que gosta de mim, que é minha amante, que...

**Madalena** – (Impacientando-se): Não é feitiço, eu sei!

**Zé Valentão** – De duas uma: ou é feitiço ou o vestido é amaldiçoado!

**Madalena** – É não!

**Zé Valentão** – Faça a prova! Lá fora... (Avança até ela, agarrando-a). De lado de fora, basta gritar bem alto: eu sou a rapariga do Zé Valentão! Entende? Se for feitiço, você verá. Eles vão embora e você virá outra vez deitar-se comigo.

**Madalena** – (Confusa). Não sei o que há em mim. Eu... Por tudo agora fico confusa, sem jeito de. Não. Sinto-me encabulada.

**Zé Valentão** – Encabulada? E quando você bebia e gritava palavrões na porta da rua?

**Madalena** – (Num grito). Não relembre! (Principia a soluçar).

**Zé Valentão** – Assim piora! Você sabe que não gosto de ver ninguém chorar, principalmente você. (Depois de um momento, exasperado pelos soluços da mulher). Cale-se!

**Madalena** – (Retendo o choro). Zé... por favor...

**Zé Valentão** – (Segura-a outra vez com violência e leva-a em direção à porta). É acabar já com o feitiço! (A mulher se abate. Ele empurra-a para fora).

**Madalena** – (Vacilante). Não faça isso!

**Zé Valentão** – Grite! Eu sou a puta do Zé Valentão! Grite!

**Madalena** – (perturbada). Eu... eu sou... eu...

**Zé Valentão** – Alto! Para que todos a escutem!

**Madalena** – Eu... eu...

**Monitora** – (Gritante para Madalena). Não fraqueje mulher! É a tentação do demônio! **Vozes** – O diabo está tentando a pecadora!

**Monitora** – Deus há de ampará-la!

**Madalena** – (Sem ligar às ordens e ameaças de Zé Valentão contempla o povo e recolhe-se aterrorizada). É impossível!

**Zé Valentão** – Impossível? Será que é difícil dizer a verdade?

**Madalena** – (Depois de um momento) Que verdade? Eu já não sei qual é a verdade...

**Zé Valentão** – (procura na gaveta da penteadeira uma garrafa de uísque. Depois de encontrá-la, destampa-a). Primeiro o delegado; depois a traição do deputado ladrão... Agora é você. Todos conspiram contra Zé Valentão. (Bebe).

**Madalena** – (Chorando). Zé, por favor, me deixe. O melhor que você faz é ir-se daqui.

**Zé Valentão** – (Quase num grito). É isso! Já estava adivinhando. Quer que eu vá embora para logo meter na minha cama outro macho.

**Madalena** – Não existe outro! (Após um instante) Resolvi mudar... Estou gostando da diferença que faz quando se é tratada com respeito... como uma senhora.

**Zé Valentão** – (Sem ligar ao que ela diz). Haverá de ser feitiço. E o feitiço estará por aqui... No quarto... na cama... em algum santo de cabeça pra baixo... no... no... (pára). No vestido! (Triunfante). Tinha que ser nele, eu já havia desconfiado! Vamos, tire o vestido, Madalena.

**Madalena** – (Afastando-se de Zé, medrosa) Não, Zé! Você está louco?

**Zé Valentão** – Vai ser divertido você aparecer nuazinha na frente desses bobocas.

**Madalena** – Zé, você perdeu o juízo?

**Zé Valentão** – (Às gargalhadas). Eu é que lhe pergunto isso! (Já perto dela). Vamos, dispa-se.

**Madalena** – (Aterrorizada). Não!

**Zé Valentão** – (Num gesto violento rasga-lhe o vestido pelo decote. Num gesto de pudor, Madalena procura reunir as peças que se largam do vestido, cobrindo-se. Zé empurra-a para fora, possesso, aos gritos). Se quiserem um espetáculo, vão assisti-lo agora. Está aqui a minha novena, seus diabos.

**Madalena** – (Debatendo-se, à revelação da vergonha que sente pela primeira vez). Não me largue fora, não! **Vozes** – (Em unísono). Senhor, salvai a pecadora!

**Madalena** – (Contemplando o povo). Por favor, não me olhem! (Patrício entra no boteco. As mulheres postam-se de costas. Os homens baixam a vista; alguns se retiram).

**Zé Valentão** – (Gritando para Madalena através da porta). Já estou vendo a manchete dos jornais: “Acabou com a novena botando a rapariga nua diante do santo.” Vai ser uma esculhambação!

**Madalena** – (Batendo na porta com os punhos) Zé, eu quero entrar! É horrível sentir vergonha!

**Zé Valentão** – Mais tarde! (Outro tom) Eu sei que você voltará pro meu lado. Vou preparar a cama, ouviu? (Despeja bebida outra vez no copo. Bebe). Tenho cada anedota para lhe contar... Não demora. Logo mais você estará juntinho de mim... e eu poderei tê-la durante toda a noite, duas, três, mil vezes! (Apanha o retrato da mulher nua, debaixo da cama, e coloca-o na parede). Só falta agora o jarro e a bacia do lavatório...

**Madalena** – (Cansando de bater na porta para que Zé a abra, abate-se, exausta, vencida, recostando-se à parede. De repente, distingue Elvira, que, ao entrar, é carregada daí pelas pessoas que assistiram à cena. Entretanto, Zé Valentão deslocou-se, vagorosamente, à porta, deixando-a apenas encostada, com o ferrolho puxado. Rápido, voltou à cama, metendo-se nela).

**Zé Valentão** – (Feliz, cantarolando uma música que inventou na hora). Eu sei que tu voltas pro meu lado! Eu sei que tu voltas por amor!

**Madalena** – Mamãe! (Vai em procura de Elvira que se volta para receber a filha em seus braços) Mamãe! (Vão-se afastando, todos. Os que ainda demoram na rua, logo em seguida se ausentarão. Há um silêncio marcado apenas pela voz de Zé Valentão).

**Zé Valentão** – (Insistindo na invenção música amorosa). Eu sei que tu voltas pro meu lado! Eu sei que tu voltas pro meu lado! Eu sei que tu voltas pro meu! Eu sei... Eu sei... (para, a escutar. Não ouvindo ruído algum, como que se exaspera com o silêncio enervante que há fora. Encaminha-se à porta. Abre-a de uma vez, certo de encontrar Madalena sentada na soleira (Afetuoso). Madalena, venha... (Surpreso, não avista a mulher nem outra pessoa. A rua está deserta, fria, incomunicável. E ele, sem se conter, como um menino contrariado em seus desejos). Madalena. MADALENA! (A esse último grito de desespero, corre o pano.)

**Fim do Terceiro e Último Ato.**

## **A ROSA DO LAGAMAR**

### **PERSONAGENS:**

**ROSA**  
**MARIA GALANTE**  
**VASQUES**  
**DR. SEVERIANO**  
**EMÍLIA**  
**D. JULIETA**  
**FREDERICO (VIGIA)**  
**CRISPIM**  
**BELTRÃO**  
**MULHER**  
**OFICIAL DE JUSTIÇA**

A casa de Rosa está situada, por um desses descuidos da administração municipal, em local onde, de futuro, se edificará uma rua. Daquela, ver-se-á a sala da frente, que é a de uma tapera sem maiores pretensões, guarnecida de móveis rústicos, improvisados. À esquerda, além de parede divisória, avança para a rua uma puxada a abrigar o recinto que serve de café e restaurante aos trabalhadores de construções do bairro que, embora o mais elegante da cidade, oferece por vezes visível desigualdade de existência entre os seus habitantes. Adiante, na mesma linha de visão, uma pilha de tijolos e, de permeio a estes, material facilmente identificado como sendo de construção. A frente da casa e do lado direito notar-se-á, no desenrolar da ação, o trânsito de pessoas, como se de fato ali já se insinuasse uma rua. Na salada frente da casa de Rosa, que é a dona da tapera e do café ao lado, tudo se assenta caprichosamente, demonstrando pulso forte – e também zelo – de mulher voluntariosa. Numa das paredes ver-se-á o retrato do marido, o “capitão” Crispim, que, saindo de Fortaleza como embarcado, nunca mais voltou ao lugar. Seu regresso, posto sempre em perspectiva, é um mo-



tivo de encanto e ao mesmo tempo de turbulência na vida de Rosa. Será madrugadinha quando se iniciará a ação. Na semi-escuridão que ainda faz, destaca-se a figura de Rosa às voltas com os seus afazeres domésticos. Há um ir e vir no interior da casa, passando pela porta, que dá acesso ao local do café, a conduzir xícaras, bandejas e confeitos que – é a impressão – prepara naquela ocasião.

## 1º ATO

**Rosa** – (Indo à porta do quarto) Minha filha, é hora de levantar! (retoma ao centro da sala, sempre azafamada) Já lhe disse um bocado de vez que não adianta dormir tarde, se não pode ficar deitada até ao meio-dia, como rica! Veja que a gente é pobre! Pobre só serve prá notícia de jornal! E notícia ruim! (Virando-se novamente para os lados do quarto) Anda, Maria! (Outro tom) E eu, meu Deus, onde vou buscar tempo para fazer tanta coisa? Os bolinhos de bacalhau já preparei... O pé-de-moleque está no for- no... (Numa inspiração súbita) Ai, que é o café da construção! Foi encomendado para bem cedo...

**Maria** – (Aparece em cena, espreguiçando-se, mal apercebida de que a mãe não está mais ali) A senhora não sabe como eu sonhava... Acordou-me exatamente na horinha em que eu ia sendo levada ao altar... Um mocetão louro, mamãe, bonito! Até parecia artista de cinema estrangeiro. (Notando, então, que a Rosa se ausentou) Mãe, vem ouvir o sonho!

**Rosa** – (Sem aparecer) Só se for um bom palpite pro jogo do bicho. Ando carecida!

**Maria** – (Enfadada) É sonho de amor, mãe! O homem me perseguia e depois me agarrava como nas fitas de cinema. (pausa). Tá me ouvindo?

**Rosa** – (De dentro de casa) Vai falando, que estou escutando as besteiras. (Saindo) Estará pensando que sonho dá camisa? Dá não!

**Maria** – (Indo a um canto da sala apanhar água para lavar o rosto) Que horas são? (Metete o dedo na boca, à guisa de escova).

**Rosa** – (Alertando-se) É dia, dia alto, e você a remanchar! Logo mais os operários estarão por cá.

**Maria** – (Espreguiçando-se) Era um rapagão louro... Tinha um carro. Até parecia carro de contrabando!

**Rosa** – Sonho não enche barriga, menina .(Tomando ao nariz uma fragrância estranha) Espere, que cheiro é este que você está usando?

**Maria** – Que é isso, mãe? Nem botei perfume ainda! ...

**Rosa** – (De repente) As batatas! Estão queimando! (Corre para os lados da cozinha, ao fundo da casa).

**Maria** – (Acabando de fazer o asseio) Que dia é hoje, mamãe?

**Rosa** – (Sem aparecer) Terça-feira; 22! O mês tá se acabando e o “seu” Novais nada de me pagar a marmita. Fiar é a derradeira coisa que se pode fazer numa terra como esta. Ninguém tem vergonha!

**Maria** – O café tá pronto?

**Rosa** – Ah, bom! Faz é tempo! (pausa) Se não vier, vai esfriar.

**Maria** – (Indo ao espelho, admirando-se) Ando com uma vontade de pegar um moço louro...

**Rosa** – (A ponto de irritar-se) Cala a boca! Se seu pai estivesse aqui, as coisas eram outras! (Retira-se) É homem direito. Quando voltar, vai-se admirar de como tirei o pé da lama... (pausa) Eu não podia acabar meus dias no Lagamar...

**Maria** – Aí a mamãe quis mostrar que era gente “caixa alta”... e veio morar na Aldeota...

**Rosa** – Eu não sei o que você quer dizer com essa história de “caixa alta”, mas eu não podia viver com os pés dentro d’água, como bicho... (pausa) Você era menina, não se lembra! Todo mundo a se fazer de caridoso... Mulheres, padres... o diabo!

**Maria** – (Repreendendo-a) Mamãe!

**Rosa** – Mas se é verdade! Todo dia eu peço a São Francisco de Canindé para que seu pai volte... (Convicta) E ele voltará.

**Maria** – Se eu fosse a senhora. mandava botar o baralho...

**Rosa** – Não me fale em baralho! Quero lá saber de cartas! A última vez, a enxerida da madame Sofia me garantiu que tinha uma mulher no meio de nós dois. Era isso que deixava o navio dele no sul do País. Como se seu pai fosse canalha!

**Maria** – (pondo-se diante do retrato, a olhá-lo) É, tudo pode acontecer...

**Rosa** – Pode não! Tendo-se vergonha, o cão esfrega o rabo e nada consegue! Crispim sempre foi um homem às direitas. (Retira-se para levar o copo à cozinha).

**Maria** – (Contemplando o retrato) É, pai, aqui pra nós, eu acho que o baralho de madame Sofia anda certo...

**Rosa** – (Aparecendo aos fundos) Venha ajudar, menina. Não acha que é muito serviço para uma pessoa só?

**Maria** – Já vou. Estava vendo a cara de papai... (Sai de cena com Rosa).

**Severiano** – (Após ouvir-se a batida da porta de um automóvel, há frases como estas: “Por aqui, Dr. Severiano!” – “Cuidado com as pedras, Doutor!” – “Doutor, não vá manchar o terno!”). Em seguida, entra em cena o Dr. Severiano, acompanhado de Vasques) Terrenão! Excelente!

**Vasques** – E que clima, doutor! (Apontando adiante) Veja o mar! É um teatro...

**Severiano** – Há outras residências luxuosas na redondeza?

**Vasques** – Não mais bonita que a do senhor! Pelo encostar de tijolos pelo vai-e-vem de operários, já vi tudo... Sua casa, doutor, será um estouro! (pausa) Quanto pagou o palmo do terreno?

**Severiano** – Trinta mil cruzeiros! À vista, os impostos todos por minha conta.

**Vasques** – Virgem! É dinheiro muito! (Outro tom) Quando D. Rosa comprou o cantinho dela, terra aqui não valia nada. (Apontando a casa de Rosa) Pagou menos de cem mil réis.

**Severiano** – Mas eu sou rico, e nos ricos todo mundo quer meter o dedo (pausa) Meu amigo, repare bem: as três piores famas que o homem pode ter são a de conquistador, ladrão... e rico.

**Vasques** – Está faltando uma, doutor. E a de como?

**Severiano** – (percebendo a intenção do outro) Bem, mas isso é infelicidade, depende mulher.

**Vasques** – Pois para mim, doutor, é fama desgraçada essa de andar dando chifradas nos outros...

**Severiano** – Você é impiedoso! (Outro tom) Duzentos e cinqüenta palmos de frente! Quer dizer que vou ficar com uma vista maravilhosa do mar...

**Vasques** – (Sentando-se) Se eu pudesse vivia espiando o mar, fumando um cigarrinho... (pausa) Mas não posso. Cobra que não anda não engole caçote...

**Severiano** – O senhor trabalha no bairro?

**Vasques** – Como vendedor ambulante, doutor. Vendo tudo, loção, desodorante, óculos de grau, bilhete de loteria...

**Severiano** – Espere... Óculos de grau? E a receita médica?

**Vasques** – A receita é a prática... É experimentar, experimentar, até acertar...

**Severiano** – Eu comecei assim pobre e fiquei rico.

**Vasques** – Sério, doutor?

**Severiano** – Perfeitamente! Fui ganhando dinheiro, juntando os cobres, fazendo novos investimentos... Comprei de começo um carroção... Depois, uma camioneta... E por aí fui desenvolvendo o negócio, prosperando sempre (Mudando de tom, confidente) Hoje sou exemplo, elogiado, festejado pelos meus amigos, pela sociedade.

**Vasques** – É muita sorte! Tentei essa coisa de investimento, mas não deu certo. Vou acabar pobre como nasci. (Fica a falar baixo com Severiano).

**Maria** – (À janela, vigiando-os, meio escondido) Mãe, vem ver!

**Rosa** – (Sem aparecer) Alguma novidade?

**Maria** – O Vasques... o meu bem.

**Rosa** – (Aparecendo e indo ter com a filha) Com que então, novamente por cá essa raposa velha!

**Maria** – Ora, mãe! Ele está caidinho pela sua filha!

**Rosa** – Para mim, esse cara tem jeito de homem casado. Sempre desconfiei dele. Olhe só com que malandrice fala...

**Maria** – Ó, mamãe, também assim ninguém entende a senhora!

**Severiano** – (A Vasques, decisivo) É não esmorecer, homem. A desgraça do pobre é a preguiça. Isso de ficar em casa, parado, não resolve.

**Vasques** – Se todo pobre fosse como eu, o mundo já estava pelo avesso.

**Severiano** – (Reparando a casa de Rosa. Rosa e Maria se escondem) Não estou gostando... Será necessário dar um jeito, comprar a casa... Um café! Só serve para reunir desocupados. Dou por visto a gentalha que faz ponto aqui.

**Vasques** – Bom, em parte, o senhor tem razão. Mas o café é aqui um quebra-galho!

**Severiano** – Sonde a dona do barraco. Quero ver se é possível entrarmos num acordo. Gostaria de ver tudo isso logo mais desembaraçado. (Vai-se retirando) Até logo.

**Vasques** – Vá com Deus, doutor! Seja feliz! (Depois de um momento) Ora se acredito que ele começou pobre como eu! (O.T) Sou lá menino para acreditar em história de Trancoso!

**Rosa** – Vou cuidar da minha vida que é melhor. (pausa. A Maria Galante) Olhe como se comporta com esse moço.

**Maria** – Tolice, mãe. Eu sei me cuidar. (Sai para a frente da casa. Rosa fica cuidando de sua cozinha).

**Vasques** – (Vendo Maria Galante chegar-se a ele) Tinha que ser a minha menina, já de pé, para o sol estar tão bonito! (Quer abraçar Maria e esta o repele).

**Maria** – Êpa! Alto lá! Estará pensando que sou aqui do governo? Venha com calma.

**Vasques** – Você viu vis agem, Maria Galante? Então não sabe que eu sou apaixonado por você?

**Maria** – Pobre de quem confiar em homem! (pausa) Veja o que aconteceu à mamãe! (Outro tom) Que queria aquele homem metido a importante?

**Vasques** – Não vá me dizer que você e sua mãe não estavam por trás da janela de olho na gente! (Começando a explicar) Homem de muito dinheiro. Tem um automóvel que parece uma casa.

**Maria** – Já sei. É o proprietário do palacete que está sendo construído. (pausa) Ah, se eu pudesse morar numa casa dessa! Dizem, Vasques, que tem até água quente.

**Vasques** – Tem, mas que adianta? A nossa casa não terá isso e poderemos também ser felizes.

**Maria** – Presepeiro! Acredito lá que você queira casar comigo!

**Vasques** – (Tentando tomar-lhe a mão) Mas eu gosto de você.

**Maria** – (Esquivando-se) Mamãe é que tem razão. Você só quer se aproveitar, ficar pegando em mim, etcétera e tal...

**Vasques** – (Meio agastado) Você pensará que gostar do homem é fazer como a sua mãe, que leva o tempo todo a aguar o retrato de seu pai.

**Maria** – (pondo-se ofendida) Não toque nisso se quiser ser feliz. Mamãe não o tolerará mais, sabendo que ridiculariza papai.

**Vasques** – (Enlaçando-a) Ora, deixe-se de zanga!... Eu gosto de você, minha filha. E, assim, de manhã, com um ventinho desses...

**Rosa** – (Surgindo a conduzir um bule de café desses que se usam para servir a operários) Que saimento é um? Estará pensando que a moça é fogão, para você se esquentar?

**Vasques** – Bom-dia, d. Rosa! (Largando Maria Galante) Os meus mais sinceros respeitos. (Outro tom) Sonhei ontem com o seu Crispim...

**Rosa** – Isso de sonho é aí com a minha filha. Eu já passei da idade (Outro tom) Mas, agora, aproveitando, é bom que lhe dê um recado...

**Maria** – Mamãe!

**Rosa** – Não me atrapalhe (pausa) Olhe, seu Vasques, eu só tenho esta

menina. Sabe Deus com que sacrifício tenho lutado para não vê ela desonrada. Você sabe! Primeiro, foi o dono da loja querendo se aproveitar. Tirei ela de lá, empreguei ela na sorveteria... E o gerente logo se engraçou dela. Outra cantada. Agora...

**Maria** – (Interrompendo-a) Pare, mamãe! É ridículo!

**Vasques** – Eu sou homem sério, dona Rosa! Não vou querer me aproveitar de minha querida!

**Rosa** – O importante é provar! (pausa) Bote uma xícara de café pro moço, minha filha.

**Vasques** – Não carece não.

**Rosa** – Carece. O café é bom. E esse, feito agora, está bemquentinho. (Maria serve o café).

**Vasques** – (provando) Delicioso!

**Rosa** – Foi ela quem passou. Filha minha tem que saber ao menos preparar café (Outro tom) Desejo que ela se case com um homem de vergonha, seu Vasques.

**Vasques** – Vou-me esforçar, dona Rosa.

**Emília** – (Chega à casa de Rosa. É a passadeira da zona, está metida em um vestido de “soirée” que, se vê logo, não lhe pertence. Traz outros trajes debaixo do braço, enquanto na outra mão, carrega o ferro de engomar) Rosa? Cadê você?

**Rosa** – (procurando apresentar-se à amiga) Aqui. Conversando com seu Vasques.

**Emília** – Vim passar a ferro... Lá em casa o calor anda infernal.

**Rosa** – (Reparando na amiga) De quem é este vestido, criatura?

**Emília** – Nem lhe conto. É de uma freguesa besta. Exigente, que só ela. (pausa) Você acha que tinha cara de fazer um traje desses para mim? Saísse eu na rua com essa presepada, juntava homem assim atrás de mim, dizendo pilhéria.

**Vasques** – O jeito é mesmo suspeito... Bom, vou-me calar.

**Rosa** – Um dia a casa cai, mulher. Estou cansada, de lhe dizer prá não usar vestido alheio. Esse povo rico da Aldeota é encrenqueiro!

**Emília** – Rosa, fazia mal se fosse calça ou sutiã... mas vestido! (Outro tom) Posso entrar na casa?

**Rosa** – É sua! (Emília desloca-se para a sala da frente, onde se põe a arranjar a tábua de engomar, etc.)

**Vasques** – Mulher decidida. Vale mais do que muitos homens...

**Rosa** – Cuidado para não estar nesse meio... (pausa) Agora, minha filha, é preciso despachar os fregueses. Os copos já estão limpos e a chaleira pronta.

**Vasques** – Eu posso ajudar a senhora, dona Rosa?

**Rosa** – Depende. Afinal, acredito no juízo de Maria Galante.

**Maria** – (Apanhando a chaleira e entregando o balde, com os copos) Voltarei logo, mamãe.

**Rosa** – (Vendo-os saírem) Juízo, hem! A vida não é sonho com moço louro de cinema.

**Emília** – (Vai passando diante do retrato de Crispim, pára. Cheira as flores) Hum, que perfume! (À Rosa) Quando é que o capitão volta?

**Rosa** – (Que se aproximou da amiga) E eu sei, criatura? (Contemplando o retrato) E eu sei?

**Emília** – Faz muito tempo. Não faz? Uns cinco anos?

**Rosa** – (Desolada) Dez mesmo. (Deixa-se sentar) Você não pode compreender o meu problema, Emília. Dez anos... sem um homem dentro de casa.

**Emília** – Por que não?

**Rosa** – Porque é difícil. Só quem vive assim, como eu, pode avaliar tanto sofrimento. É doloroso não se ter um amigo, um confidente para os nossos momentos de tristeza... (pausa) O que sustenta a felicidade de uma vida, Emília, é ter alguém que compreenda a gente.

**Emília** – (Indo abraçá-la, compadecida) Não se entristeça, que Deus proverá (pausa) Se eu soubesse que lhe chateava, não tinha falado nisso.

**Rosa** – Não, não estou chateada. Você é minha amiga. É que, às vezes, sinto vontade de desabafar... E não posso. Não tenho com quem. Minha filha não me entende... é muito nova.

**Emília** – Se eu fosse você, escrevia ao Presidente da República cobrando notícias do Crispim.

**Rosa** – Abriu-se o chão e o homem desapareceu, criatura! Sabe-se lá por onde anda! Já lhe mandei mais de vinte cartas! (Vencida) Elas voltam sempre... Não encontraram nunca!

**Emília** – (Indecisa) Não sei... Eu...

**Rosa** – Fale, criatura.

**Emília** – Pode ser que você se ofenda.

**Rosa** – (Indo beber água) Pode dizer, que tudo é possível.

**Emília** – Eu estava imaginando comigo mesma: vá ver que o Crispim não regressou porque arranjou outra mulher.

**Rosa** – (Encolhe-se toda, como que espetada) Meu Deus! Ele não seria capaz disso!

**Emília** – E por que não? É homem! Tem certas necessidades. Está longe de casa. (Outro tom) Mande botar o baralho...

**Rosa** – As cartas. são mentirosas.

**Emília** – Pois sempre ouvi dizer o contrário, que não mentem ja- mais. Na certa o baralho deu que ele tinha amante.

**Rosa** – Deu, mas é mentira de Madame Sofia. Então, não sabe? Ela marcou o valete de paus, e o valete de paus apareceu agarrado com a dama de copas... Coincidência! E a mulher, perversa, quis botar confusão na minha cabeça! (Pausa, nervosa) Uma bestalhona! Se acredito! Veio de Caucaia e mandou escrever nos jornais que tinha desembarcado do Egito.

**Emília** – Prá mim, tem mesmo mulher entre você e “seu” Crispim, Não concebo que um marido possa esquecer a família sem mais nem menos, por quase dez anos... Nem um telegrama! (pausa, mudando de tom) Saia de casa, se enfeite... aperte o vestido. (Voltando mais forte) Vá ver que ele arranjou dessas desavergonhadas que dão de beber aos homens café coado em sunga de mulher!

**Rosa** – (Súplice) Pare, pare!... Pelo amor de Deus, se for minha amiga, se cale. Você não compreende. Tocou agora bem dentro da ferida que trago no coração... (Depois de um momento) Tem hora, Emília, que tenho vontade de arrancar aquelas flores e jogar no meio da rua... espatifar o retrato... (para) ; Não, é difícil compreender. E o pior é quando, de noite, eu procuro alguém e não encontro. O vazio, Emília, como é horrível o vazio!

**Emília** – Vamos mudar de assunto. É falar sobre o dia, nas minhas doidices, no que quiser...

**Rosa** – (Sofrida, continuando) Uma vez me disseram que eu era sem fé. Não sei se é verdade. Mas acho que tudo na vida é contra mim. Tem uma força me puxando prá baixo. Saí do Lagamar, perdi o marido. (Raivosa) Se eu soubesse que a Aldeota era amaldiçoada, tinha ficado mesmo naquela miséria.

**Emília** – (Retira o vestido de “soirée” que veste e se conserva de combinação até meter-se noutro, o que fará a seguir) Eu não entendo de



filosofia, não estudei... Mas não acredito em sujeira do destino. (Vestindo-se) Me ajuda, mulher!

**Rosa** – (Ajudando-a) Se alguém chegar, vai te pegar metida no vestido da freguesa!

**Emília** – Aí, sim, é sujeira do destino. (Entra o vigia da construção, Frederico, para tomar café).

**Rosa** – (Vendo o vigia chegar) Vá falando, que vou despachar “seu” Frederico. (Ao vigia) Um cafezinho, “compadre”?

**Vigia** – É, para quebrar o jejum, que :a noite foi longa.

**Emília** – (À Rosa) Me diga uma coisa: no Lagamar a vida era ruim mesmo? Vejo tanta coisa escrita nos jornais...

**Rosa** – (pondo o café na xícara e servindo-o ao vigia) No inverno quando as águas subiam, era só lama dentro de minha casa. Aí, vinham os jornais, apareciam os locutores de rádio... E choviam as damas da sociedade, gente de toda sorte, querendo consertar a nossa vida... (Respirando, aliviada) Deus me livre de voltar para aquele sofrimento, de ser, outra vez, **A Rosa do Lagamar**.

**Vigia** – (Acabando de tomar o café) Quem avisa amigo é, d. Rosa. Vão querer tirar a senhora daqui.

**Rosa** – Eu “tô” acordada, seu Frederico.

**Vigia** – Faço votos para que nada lhe aconteça. (Levantando-se) Me desculpe, mas tenho quer ir. (paga e sai).

**Maria** – (Surgindo em cena, após depositar bule e o balde em cima da mesa) Noventa cruzeiros, mamãe!

**Emília** – Bom começo. E sua mãe ainda reclama!

**Rosa** – (Recolhendo o dinheiro e indo guardar o bule e o balde na cozinha) Só eu sei o meu sacrifício, Emília. Estirar conversa, explicando muito, não adianta.

**Maria** – (Que acompanhou Rosa, deparando-se agora com Emília) Que vestido baseado

**Emília** – Não se incomode. Quando você se casar arranjo-lhe um de tule, branco... Não precisa pensar em gastar dinheiro.

**Maria** – Que bom! Só assim meu casamento sairá logo. O Vasques me disse que o problema é o enxoval.

**Emília** – Você já viu noiva de pobre com enxoval? O enxoval é a honra!

**Maria** – Emília, sabe? Você é legal! Será minha madrinha de casamento.

**Emília** – E eu aceito. (Sai à porta com o ferro, a soprá-lo, quando observa que se aproxima alguém) Se não me engano, é o dono do palacete que vem aí outra vez...

**Maria** – (Indo ver) É o carro do Dr. Severiano! Dessa vez vou anotar o milhar da placa.

**Emília** – Vou dando o fora. (À Rosa, que está na cozinha) Rosa, voltarei depois para passar o resto da roupa!

**Rosa** – (Aparecendo aos fundos) Que aconteceu?

**Emília** – É o Dr. Severiano. . e vem com a mulher dele. (Outro tom) Ô sujeitinha do meu abuso! (Outro tom) Tchau! (Retira-se).

**Maria** – (Olhando para o lado em que devem entrar Severiano e a esposa. D. Julieta) A mulher é uma pose!

**Severiano** – (Entrando em cena, seguido da mulher) O local, filhinha, não poderia ser mais contemplado pela natureza. Veja o panorama que vamos ter da nossa casa! Avista-se o mar.: o Mucuripe... as jangadas... (Declamando com afetação) “Minha jangada de vela – Que vento que- res levar? Tu queres vento de terra, Ou queres vento do mar?”

**Julieta** – Esses seus versos são horríveis!

**Severiano** – Mas não são meus! São versos de Juvenal Galeno... (Outro tom) Eles entram bem! Que beleza! Procure entusiasmar-se mulher!

**Julieta** – Olhe, vou ser franca. O terreno da senhora do desembargador é mais romântico... A casa deles tem de um tudo!

**Severiano** – Por Deus, Julieta! O terreno do desembargador é uma nesga de terra. O nosso tem duzentos e cinqüenta palmos.

**Julieta** – E onde botaremos a piscina? Vou querer reuniões noturnas ao redor da piscina, com luz indireta... O cronista social me disse que devo insistir na piscina...

**Severiano** – Ainda não pensei. Mas podemos escolher o local.

**Julieta** – E outra: não vou aceitar um pedacinho de jardim. Não!

Quero um jardim amplo, onde eu possa receber aos sábados. (Outro tom) Você já imaginou, Severiano, os jantares que ofereceremos aos nossos amigos?! Ah! (Suspira) e tem que ser com White Horse!

**Severiano** – É melhor sairmos do sol. Há sombra no café! (Segue em direção à casa. A mulher acompanha-o com certa relutância. Vendo Maria e Rosa, cumprimenta-as) Bom dia. Podiam servir-nos um cafezinho?

**Rosa** – (Após corresponder o cumprimento) Ora, o senhor desculpa. Não temos acomodações... Sirvo o café mesmo em nossa casa. (À Maria) Minha filha, bote os tamboretas para as visitas.

**Severiano** – (Sentando-se no tamborete que Maria Galante traz) Muito obrigado, moça.

**Julieta** – (Recusando) Para mim, não precisa. Fico mesmo em pé.

**Rosa** – O tamborete é limpo, dona menina.

**Julieta** – Não é isso. Estou de regime. Quero ficar mais tempo em pé para emagrecer.. (pausa. Ao marido) É melhor você ir logo ao assunto, pois tenho compromissos na cidade. Ainda vou ao chá das Voluntárias.

**Severiano** – (Após pigarrear) Minha senhora, resolvi vir aqui porque me falaram que esse pedaço de terra lhe pertence. É verdade?..

**Rosa** – É, sim, senhor. (À filha) Maria, traga café para o senhor e para a madame. (Maria retira-se para apanhar a bandeja e xícaras).

**Severiano** – Eu gostaria... a senhora compreende... Não me leve a mal. Eu gostaria de comprá-la. Minha esposa deseja que tenhamos em nossa nova residência um espaço maior, uma vista mais bonita do bairro... Vamos gastar muito e queremos que a nossa casa seja a mais bonita da Aldeota.

**Julieta** – Ela já entendeu Severiano. Faça logo a proposta.

**Severiano** – Bem, eu desejava comprá-la... Dou pelo terreno e pela casa vinte mil cruzeiros.

**Rosa** – (Imperturbável) Minha filha, traga o café, ligeiro. (pausa) Como foi que o senhor disse?

**Severiano** – (Tirando o lenço do bolso, a enxugar o suor) ‘Eu estou propondo pelo terreno e pela casa vinte mil cruzeiros. É uma boa oferta, inclusive as despesas ficam por minha conta. (Maria entra com a bandeja, indo servir café a Severiano).

**Rosa** – Minha filha, primeiro à senhora.

**Julieta** – Não tomo café, infelizmente.

**Maria** – E água-de-coco, aceita?

**Rosa** – Aceita não, minha filha. A mulher está emagrecendo...

**Severiano** – (Saboreando o café) Muito bom! Como aprecio café!

**Julieta** – (Abanando-se) Café e uísque.

**Severiano** – Isso mesmo. (Agradecendo obséquio da moça) Bem, que diz da minha oferta?

**Rosa** – O senhor desculpe lhe desapontar, mas não é questão de dinheiro: eu não quero vender a casa.

**Julieta** – Severiano, você sempre falha com a sua pretensa tática comercial. Não lhe ia dar trinta mil cruzeiros pela palhoça?

**Maria** – (Admirada) Trinta mil cruzeiros? (À Rosa) Mamãe!

**Severiano** – É verdade... Não me lembrava. (pausa) A senhora me desculpe. Houve um equívoco. Eu queria oferecer pela casa trinta mil cruzeiros.

**Rosa** – Desculpe, doutor. A casa não está à venda.

**Julieta** – Oferece logo mais dinheiro a essa mulher. Você ainda não compreendeu o jogo dela?

**Rosa** – (Num impulso, sem se controlar mais) Alto lá, madame! A questão aqui não é dinheiro! E sabe? A senhora não vai levar vantagem comigo. Pensa que não reparei o seu luxo todo, não querendo se sentar no meu tamborete... Por acaso ele tinha algum prego que lhe furasse os fundos da calça? Hem?

**Julieta** – Audaciosa! Falar em minhas vestes íntimas!

**Rosa** – E se dê por satisfeita, pois sei lá se a senhora está de calça!

**Julieta** – (Vai avançar sobre Rosa, enquanto Severiano se interpõe entre as duas) Atrevida!

**Severiano** – Vamos embora, Julieta. É lamentável o que aconteceu.

**Julieta** – Que falta de educação! Então, não se respeita mais uma dama da sociedade!

**Rosa** – Minha senhora, sabe de uma coisa? Eu não tenho sorte com homem, imagine com mulher!

**Maria** – Mamãe! Por favor, não diga mais nada!

**Severiano** – (puxando Julieta, que se vai retirar) Vamos embora! Por favor, não vamos dar escândalo!

**Julieta** – (Saindo) Malcriada! Mostro-lhe que a casa será minha!

**Severiano** – (À Rosa) Queira me desculpar! (Sai)

**Maria** – Mamãe, a senhora foi muito grosseira... Não devia ter respondido daquele modo.

**Rosa** – Não agüentei, minha filha. Graças a Deus, não tenho sangue de barata. Não fui com o jeito da mulher.

**Maria** – (Inconformada) Mas indelicada!

**Rosa** – Não repita mais isso, ouviu? (Meio desesperada) Afinal, sou eu a burra, a ignorante! Aliás, é o que eu sou mesmo. Burra, por criar você

como gente de bem! Burra, por confiar na porqueira do meu marido!  
Burra, por não procurar outro homem que queira morar comigo!

**Maria** – Mamãe, se acalme! Por favor, chega de despropósito!

**Rosa** – Não me fale nesse tom! Eu estou calma. Estará pensando que sou histérica? (pausa) Por favor! Não me diga nada. Quero fazer alguma coisa, tomar uma atitude, ter consciência que posso agir, que novamente sou senhora de minha vida; de meus atos... E é hoje. (Vai ao jarro de flores, arranca as flores e joga tudo no meio da rua) Chega também de sentimentalismo por causa de um macho que me despreza!

**Maria** – As flores de papai!

**Rosa** – Nem flores, nem jarro, nem mais retrato na sala! Cansei de esperar, minha filha! Não adianta imaginar que as coisas vão melhorar.

**Maria** – Mas não há razão, mamãe!

**Rosa** – Há, sei que há! Se eu tivesse um homem dentro de casa, se seu pai estivesse aqui, aquela perua não tinha me provocado. Tudo me acontece porque sou uma mulher sem marido. Por isso, acaba-se o culto, mata-se o santo, termina-se com a festa. (Retira o retrato da parede e vai jogá-lo também no meio da rua).

**Maria** – (Impedindo-a) Não, mãe! Eu guardo no meu quarto.

**Rosa** – Na sentina! Só se for na sentina! (pausa) ligeiro! Ligeiro! (arreja-se a uma cadeira, abatida. Vê-se que está confusa. Confusa e cansada. Fica olhando a filha levar o retrato. Em seguida olha para o local em que durante tantos anos estivera o retrato, com um ar de sofrimento).

**Vasques** – (Entra às pressas. Antes de penetrar já gritava por Rosa. Estaca à porta, vendo-a sentada) Nem lhe conto, d. Rosa! Nem lhe conto!

**Rosa** – (Desalentada) Que houve Vasques?

**Vasques** – Está aí!... Chegou um navio de guerra... E me disseram que o maquinista do barco é o Crispim... O seu Crispim! (Maria vem chegando à sala, pára, ao ouvir as últimas palavras).

**Rosa** – (procurando levantar-se com dificuldade, indo a ele) Verdade, Vasques? Não é mentira sua?

**Vasques** – Por Deus que é verdade!

**Rosa** – (Virando-se para a filha) Corre, minha filha... Traz de novo o retrato de teu pai!... (E rebenta num choro de alegria, de satisfação, sabe-se lá...)

## 2º ATO

### 1º QUADRO

O cenário é o mesmo, sendo noite alta, nos instantes que antecedem à chegada do “capitão” Crispim, marido de Rosa. A casa está mais iluminada, vendo-se duas ou três lamparinas. Há enfeites de bandeirinhas de papel de seda; pratos sobre a mesa, como se realmente fosse ocorrer uma festa. Quando o pano sobe, Maria e Vasques estão sentados no banco do café, enquanto Rosa, visivelmente nervosa, ultima as providências de ordem familiar. Emília, impassível, assiste ao movimento da amiga. Depois de um momento, não se contendo...

**Emília** – Chega! (pausa) Chega! Está passando da conta. Desde a hora em que o finório do Vasques avisou-nos do regresso do “capitão” Crispim, que você não pára! Sabe as horas?

**Rosa** – O que se faz de gosto regala o peito. (Aproximando-se da janela, como se consultasse o céu, as estrelas). É mais de dez horas.

**Emília** – Quase onze! (Fria) Não botando catanga na sua felicidade, acho que chegamos a meia-noite e nada. Nada de Crispim.

**Rosa** – (Ressabiada) Emília! Você é a única amiga que tenho. Compreenda que há dez anos estou esperando por esse momento. (Pausa) Preciso do meu homem dentro de casa. Afinal de contas, homem é homem. Não vê, agora, o caso do terreno? Sei lá se tenho força de resistir às propostas do Sr. Severiano! (Algumas pessoas que estavam abancadas no café, vão-se retirando. Ouvem-se risadas).

**Emília** – (Vendo o pessoal retirar-se) Ia ser bonita a festa! (pausa) Vai se perder o aluá todinho!

**Rosa** – Ele vem, Emília. Eu preciso dele comigo.

**Emília** – (Virando-se para a amiga) Coitada! Você anda tão nervosa.

**Rosa** – Ando mesmo! Com a notícia de Vasques estou num pé e noutro. (Alegre) Só imagino como ele não ficará alegre sabendo que temos filha moça... e que moçona, perto de casar! Não tem pai que não se babe, vendo uma bonita, cheia de corpo!

**Emília** – Talvez ele nem se lembre dela!

**Rosa** – Lembra... Pai é pai. (pausa) Sempre foi frio, mas no fundo um bom homem. (Recordando) Ah, como gostava de fresco de maracujá! (pausa) Será que Maria Galante lembrou disso? (Indo à porta da casa e falando à filha) O fresco está feito?

**Maria** – (Afastando o rosto de Vasques que a beija) Está... (A voz sai-lhe difícil).

**Rosa** – Responda direito, minha filha! Para que esse namoro exagerado?

**Maria** – (Soltando-se de Vasques) É esse bruto, mamãe!

**Vasques** – A senhora mesma disse que depois de noivos nós podíamos “avançar” o sinal... (Outro tom) Que era?

**Rosa** – O maracujá do Crispim. Quero que não lhe falte nada.

**Emília** – (À porta, contemplando Vasques e Maria) A mocidade precisa se aproveitar!

**Rosa** – (Entrando na casa acompanhada de Emília) Graças a Deus, resolveram se casar, Não gosto de exagero. Namorei, mas foi sempre com muito recato. Deus me livrou de ter feito certas coisas... (Outro tom) Hoje, tem que ser um vale-tudo.

**Emília** – Credo, mulher! E você terá visto nos dois aí alguma ação perigosa?

**Rosa** – (Séria) Emília, segure a sua língua!

**Emília** – (Rindo-se) Criatura, não falei por mal. (Vai à janela, e se põe a consultar o céu) É... o tempo vai mais apressado do que. nós Não tarda chegar meia-noite. (As risadas que se ouviam ao lado estão agora mais moderadas) Já foi muita gente para casa, cansada de esperar. Era bom servir logo uma bebidazinha.

**Rosa** – Sirvo o quê! Detesto álcool (Explicando) Comprei só uma garrafa de vinho, porque quero que o meu “capitão” comemore quando se encontrar comigo...

**Emília** – (Contemplando-a) Meu Deus, como você está romântica! (pausa) Aposto como está pensando tolice, querendo que ele...

**Rosa** – (Empurrando a outra com intimidade) Maluca!

**Emília** – Conheço mulher assanhada!

**Rosa** – Cala essa boca que os outros escutam tudo! (Depois de um instante) Sabe, não posso mais esperar... (Segue-se um silêncio sustentado pelas duas. Maria dá uns gritinhos, como se o namorado fizesse cócegas).

**Emília** – (Depois de um momento, grave) Não sei... mas acho que seu Crispim não vem.

**Rosa** – (Ofendida) Emília!

**Emília** – Mas é o que estou pensando! Não lhe posso mentir! (Vai sentar-se fora)

**Vigia** – (Aproximando-se de Emília) Então, o povo cansou-se mesmo de esperar o homem. Um magote já se foi.

**Emília** – É verdade, seu Frederico. (pausa) Hoje, a noite está animada para o senhor. Dou por visto o que seja passar das seis da tarde às seis da manhã, de olho aberto.

**Vigia** – A gente vai indo e se acostuma. Só estranha muito nos primeiros dez anos...

**Emília** – o doutor paga bem?

**Vigia** – É exigente, mas bom pagador.

**Emília** – E a mulher dele, aquela enfadada?

**Vigia** – Sempre cheia de jóias, com penduricalhos pelo pescoço, que se mal comparo, até parece uma vaca de chocalho! (Baixo, à Emília) Mandada no marido, quanto mais em mim. Tem cabelo na venta!

**Emília** – Então está ruim!

**Vigia** – E está mesmo, que ela quer por fina força, que a casa de d. Rosa seja tirada daqui!

**Vasques** – (Vendo o vigia) Aproxime-se, homem. Venha tomar um cafezinho. Espanta o sono!

**Vigia** – É boa lembrança. (pausa) A tentação do sono da meia-noite é de morte. De onze às duas da manhã, a gente tem que escorar os olhos. (Encaminha-se para onde estão Maria Galante e Vasques. Vai servir-se de café)

**Rosa** – (Que esteve ocupada com os arranjos domésticos) Chegou alguém aí?

**Emília** – O vigia. Queria saber as novidades. (pausa) Eu não sei se é conversa de se acreditar nela, mas me disse que a dona da casa vai fazer tudo para derrubar o barraco.

**Rosa** – Não acredito! Ainda existe lei no país (pausa) Você pensa que eu não tenho documentos? Quem me vendeu a casa passou a escritura... O papel está assinado por duas testemunhas e sobre selos...

**Emília** – Sei lá! Está tudo tão mudado! Ouço o rádio dizer, o dia inteiro, que ninguém se entende mais no Brasil, que o Presidente...

**Rosa** – (Interrompendo-a) Isso é política! Sempre foi assim. (pausa) Olhe, faz tempo que eles querem acabar com o país, e o Brasil ah no duro,



resistindo... (pausa) Minha filha, Deus é brasileiro. Na hora da necessidade, socorre a gente. Se não fosse assim, era uma esculhambação!

**Emília** – Lá isso é verdade. Meu pai já repetia o que meu avô dizia, que o país estava rolando para um abismo.

**Rosa** – Justamente! Rolando, rolando e nada de cair!

**Emília** – É, mas e diz respeito à sua casa, conversa é outra. D. Julieta é importante, e tem dinheiro.

**Rosa** – E o que devo fazer? Me render aos caprichos dela? Voltar pro Lagamar? (Explodindo) Doida! Caranguejo é que anda para trás. (pausa) Já lhe disse, cansei de ser **A Rosa do Lagamar!**

**Emília** – (Abre a boca, a bocejar) Deus do céu, estou que não me agüento mais.

**Rosa** – Estou vendo que o seu mal é sono. Vá fazer companhia ao vigia, tomar um cafezinho. Esperta!

**Emília** – Quero não, minha filha. Amanhã tenho um batente duro à minha espera. Vou entregar pelo menos quatro vestidos. (Reparando-se) E este terei de aprontar logo que chegar em casa.

**Rosa** – Um dia a dona do vestido te põe a mão em cima.

**Emília** – Ora, tudo pode acontecer.

**Rosa** – Você está cometendo uma ação feia, Emília.

**Emília** – Ação feia, mulher, se eu vivesse caçando homem. Que prejuízo causo? Se não uso o vestido, tenho que botar ele em cima de “uma mesa, ou largado no chão. (Outro tom) E ademais, minha querida, o meu corpinho é limpinho... enxuto! Ah, se toda rica tivesse o corpo que tenho! Vê lá! Andam por aí comprando enchimento pros peitos.

**Vasques** – (Que pareceu ouvi-las) Que conversa é esta, gente?

**Emília** – Não se meta. Cuide de seu material a deixe o dos outros em paz.

**Vigia** – (Levantando-se) Preciso ir trabalhar, Não devo me ausentar da construção. De repente, aparecer por lá um intruso.

**Emília** – Se está de saída, vou com o senhor, seu Frederico. (A Rosa) Desculpe, mas tenho que ir. É meia-noite.

**Rosa** – Que fazer? Te prender no pé da mesa? Afinal de contas, você já fez até demais por mim. Está comigo desde a hora do jantar. (Lembrando-se) Espere, leve um pratinho de bolo pros meninos.

**Emília** – Precisa não! Prá que esse trabalho?

**Rosa** – Ora, que mal faz? Eles também participam da festa. (Vai colocando guloseimas num prato que apanha à mesa) Pena que você não e para assistir à chegada do meu “capitão”.

**Emília** – (A Rosa) Vá dormir. Seu Crispim não volta mais.

**Rosa** – Volta. Meu coração diz que ele voltará...

**Emília** – Amanhã, você me contará tudo. (Ao vigia) Vamos, seu Frederico. (Retiram-se os dois)

**Vasques** – Sabe, Maria, vou dar o fora também. Já é tarde demais.

**Maria** – Não faça isso. Demore mais, senão mamãe se decepciona.

**Vasques** – Mas não há outro jeito! Você também estará pensando que seu pai vai voltar?

**Maria** – Por favor! Eu sei... estou desconfiando, mas não posso magoar mamãe.

**Vasques** – Coitada! Como se esforçou, preparando a festa. Veja os enfeites, as bandeirinhas de papel! Lembrou-se de tudo, até do refresco de maracujá... (Dispondo-se a sair) Mas não adianta insistir. (Contemplando as iguarias que estão sobre a mesa) Que pena, tanta comida feita!

**Maria** – Ela passou o dia trabalhando. Não me deixou fazer nada. Queria ela própria aprontar tudo.

**Vasques** – (Depois de um momento) É o diabo, mas tenho prá mim que o seu pai jamais voltará para cá. Jamais!

**Maria** – Seja o que Deus permitir.

**Vasques** – (Despedindo-se) Amanhã, virei conversar no sério. Marcar o nosso casamento.

**Maria** – (Beija-o) Oh, como você me faz feliz! (De mãos dadas os dois vão até a frente da casa)

**Vasques** – (A Rosa, que está ajeitando uma ou outra coisa na sala) Estou de saída, d. Rosa. Amanhã, venho ouvir as novidades.

**Rosa** – Venha mesmo, que a surpresa vai ser grande! (À Maria) E você, menina, trate logo de dormir. Assim que seu pai chegar, vou lhe acordar.

**Maria** – Posso ficar lhe fazendo companhia, mamãe!

**Rosa** – Vá dormir. O problema é só meu.

**Maria** – Então, tchau! (Segue para os fundos da casa)

**Rosa** – (A Vasquez) Mande a menina para dentro porque queria lhe perguntar uma coisa. Você disse mesmo a verdade, quando me informou a vinda do Crispim?

**Vasques** – Juro-lhe que sim. Seria incapaz de enganar a senhora.

**Rosa** – Então não me desespero ainda. Tudo pode acontecer. Deve ter havido algum atraso no navio...

**Vasques** – Faço votos que ele regresse e tudo corra bem.

**Rosa** – Amém.

**Vasques** – Então, boa-noite. Amanhã cedo, passo por aqui. (Sai)

**Rosa** – (Dirige-se para a mesinha do café. Passa a mão sobre os pratos, alisa a chaleira, toca nas xícaras como se sentisse o fracasso da festa. Apaga a lamparina do café e retoma à casa, sofrida. De repente, pára... encosta-se à parede) Eu sei que tu estás em qualquer canto do mundo, Deus! No Lagamar, no Pirambu, na Aldeota... Não posso continuar assim. Não posso! Já me sinto cansada, só, sem ninguém que me ampare...

**Maria** – (De dentro da casa) Mãe, vem dormir.

**Rosa** – Já vou, minha filha. Primeiro, tenho fechar a casa (pausa) Durma.

**Maria** – (Voz sonolenta) Ah... hum!..

**Rosa** – (principia a recolher numa bandeja os pratos, as xícaras. De momento a momento pára. Olha para os lados, a perscrutar. E reinicia o trabalho que lhe é penoso) Por que este homem não vem? Por quê? (Depois de um momento, desanimada, entra na casa. Fecha a porta).

**Crispim** – (Sem aparecer em cena, de voz insegura, já bebido) Acorda, mulher! Está chegando o bamba da zona! O querido das donzelas!

**Rosa** – (Abre a porta, excitada, a reconhecer a voz) É a voz dele! A voz do meu “capitão”!

**Crispim** – (Surge à direita da cena. É foguista de navio. Vê-se logo o tipo presepeiro e irresponsável que encarna. Veste as calças de marinho, azul, e traz sobre os ombros o complemento da farda. Aproxima-se da casa e por pouco não se joga no chão num tropeção que dá) Mulher!

**Rosa** – (Corre para ele, abraçando-o em desespero (pausa) Eu sabia que você ia voltar!

**Crispim** – (Rindo-se, pois o transbordamento da esposa, longe de sensibilizá-lo, diverte-o) Oh! então é você minha velhinha?

**Rosa** – Que pena não ter chegado mais cedo! Estavam comigo todos os seus amigos! Íamos ter uma festa bonita! Bolos, aliás, tudo para você! (pausa) Como é bom você ter voltado!

**Crispim** – Ótimo!... Pelo que vejo, o negócio melhorou.

**Rosa** – Deixei o Lagamar... Aquilo era um inferno! Comprei essa casa com terreno e tudo. E sabe quanto me deram por ela, agora? Trinta mil cruzeiros!

**Crispim** – (Assobia) Uma boa bolada! Se eu fosse você, vendia.

**Rosa** – Não! Aqui vai ser o nosso ninho. Eu dei um duro doido pra comprar ela! (Outro tom, lembrando-se) Não esqueci nada! Até o seu refresco de maracujá tá feito!

**Crispim** – (Rindo-se) Refresco de maracujá? Que engraçado!

**Rosa** – O que é que tem de engraçado?

**Crispim** – Eu não bebo mais refresco, mulher! (Outro tom) Tinha graça! O papaizinho aqui, agora, é do conhaque, do Martini, do uísque...

**Rosa** – Você não bebia! Não é verdade?

**Crispim** – Pois é, mas o rádio começou a falar... “Beba Martini, beba – uísque”, e eu fiquei bebendo... E o resultado é que me acostumei (Pausa) E isso é novidade? Até as mulheres bebem! Em qualquer festa social, elas tomam mais do que os homens.

**Rosa** – Então, você mudou muito!

**Crispim** – Mudou todo mundo, não é? Essas coisa, a tal bossa nova. E a minha voz?

**Rosa** – Está doente? Gripado?

**Crispim** – Burrinha! Quero saber se lhe agradam os meus esses, os erres... Agora só falo carioca... Mudei o sotaque!

**Rosa** – (Extasiada) Bonito! Que fala! Todo mundo vai admirar.

**Crispim** – Pois ande, vá buscar uma bebida forte. Quero comemorar ainda mais. Pelo caminho, eu já vim começando.

**Rosa** – Por favor, não quero que você se embriague, que lhe vejam assim.

**Crispim** – Deixe de prosa, mulher! (Dá-lhe uma palmada pouco afetuosa) Eu sei o que estou fazendo.

**Rosa** – (Quer reclamar, mas resolve ir buscar a garrafa. Enquanto caminha de volta) Você pode se embriagar. Tenho tanto medo.

**Crispim** – Eu? Me embriagar? (pausa) Estou desde de tarde numas e noutras! Já me acostumei. A bebida só me derruba se for muita.

**Rosa** – Ah! Esqueci o copo. Vou buscar.

**Crispim** – Que copo! (Arrebata-lhe a garrafa) Que copo! (Extrai a rolha da garrafa com os dentes) Vi isso num programa de televisão. O cara que destampou a garrafa mais depressa ganhou cinqüenta mil cruzeiros. (pau-

sa) Aprende-se muita coisa, não é? Se você soubesse fazer isso, ligeiro, estaria vendo que uma casa por trinta mil cruzeiros não vale nada.

**Rosa** – (Querendo tomar-lhe a garrafa) Ande, não beba! Me dê a garrafa, meu nego.

**Crispim** – (Repelindo-a) Não entregol! (pausa) Mudei um bocado sabe? O homem que viaja aprende muito. (princípio a beber pelo gargalo) O vinho não é dos piores. Já bebi coisa melhor mas esse serve!

**Rosa** – Crispim, meu nego, não faça isso! Você está exagerando, Já estou ficando nervosa.

**Crispim** – E daí? O melhor que você faz é mudar de disco.

**Rosa** – (Indo tomar-lhe a garrafa) Você fica bêbado, homem, e estraga a nossa noite! Eu não queria assim!

**Crispim** – (Empurra-a com grosseria, fazendo-a cair) Bêbado, eu? Dobre a língua. (pausa) Não me fale assim, Eu sou homem. Estou me divertindo. Sou social, entende?

**Rosa** – (Sem entender) Que houve com você? Não era assim! Eu estava esperando o meu marido, o pai de minha filha... (pausa) Oh! é uma decepção!

**Crispim** – E eu? Sabe o que eu esperava encontrar? Uma mulher conservada, ouviu? E uma velha! Quando você me abraçou ali, senti logo que tinha dado um golpe errado. E me disse a mim mesmo: “Ei, Crispim, você veio roer os ossos!” (A ela) Você só tem ossos!

**Rosa** – (Cobrando os olhos com as mãos, envergonhada) Não, não pode ser! É engano!

**Crispim** – Só bebendo, minha filha! Com a cabeça quente é que a gente pode suportar esse bofe.

**Rosa** – Se é assim, é melhor voltar... Volte... Volte...

**Crispim** – Ah, e ainda vem com luxo? Pensa que pode botar banca comigo, hem? Pois olhe, minha filha, eu estou acostumado a ter comigo mulher branca, de corpo liso, de fala estrangeirada... Francesa, que é mulher que faz um bocado de coisas que agradam os homens! E elas ficam nuas! É só pagar! (Bate com a mão no bolso das calças) É só pagar!

**Rosa** – (Sem querer mais ouvi-lo) Vá, vá embora, Crispim! Eu queria alguém que ajudasse a defender a minha casa, o meu chão, a honra de minha filha...

**Crispim** – (Acabando de tomar outra porção da bebida à garrafa) Estará pensando que me comove, velhinha?

**Rosa** – É a bebida! A bebida transforma os homens.

**Crispim** – A bebida, uma porra! Isto é vinho muito vagabundo! E não transforma ninguém! (De pé, tombando) Uma velha foi o que eu encontrei depois de dez anos!

**Rosa** – Vá embora... vá embora... vá embora...

**Crispim** – (Atira a garrafa fora) Velha!!! (E sai)

**Maria** – (Vindo do interior da casa, com a cara de sono) Mamãe, era o papai? (Vai até ela) Que foi? Diga. Era o papai?

**Rosa** – (Depois de um momento) Não, minha filha. Que pensamen to. Seu pai é um homem!

**PANO – Fim do Primeiro Quadro**

## SEGUNDO ATO

### 2<sup>o</sup> QUADRO

Dia em que se casarão Maria Galante e Vasques. É de tarde, uma semana após o desagradável incidente da visita de Crispim. O ambiente é festivo. Quando abre o pano, o Dr. Severiano está conversando com Rosa.

**Rosa** – Doutor, não pense ser birra minha, que pobre não tem direi- to a implicar. Mas procure entender. Não posso sair daqui.

**Severiano** – (Depois de um momento, voltando a insistir). Não me leve a mal se repiso o assunto. Sei que sua filha se casa hoje. Por isso, resolvi trazer-lhe nova proposta, mais vantajosa.

**Rosa** – O problema não é dinheiro. Será que não posso morar neste, bairro? Oh, doutor, assim também já passa da conta.

**Severiano** – D. Rosa, não se trata disso. Eu sou um democrata progressis- ta. Sei compreender o povo, seus problemas de ordem social. É que precisamos, eu e minha esposa, ter de nossa casa uma visão mais ade- quada... um jardim mais largo.

**Rosa** – O senhor quer o seu jardim grande... e eu, o meu terreiro, a frente da minha casa...

**Severiano** – Reexamine a questão. Dou-lhe mais dez mil cruzeiros. . Veja bem: quarenta mil cruzeiros já fazem um bom pé-de-meia.

**Rosa** – Por favor, não insista. Estou decidida. Não quero vender a casa.

**Severiano** – Repare na decisão que toma. Não lhe queria dizer nada, porque talvez (Indeciso)... A senhora precisa perceber.

**Rosa** – Fale, doutor. Um sofrimento a mais ou a menos, não faz diferença na minha vida.

**Severiano** – A senhora sabe que a sua casa foi construída em terreno da Prefeitura?

**Rosa** – (Admirada) Da Prefeitura? Essa não! Eu tenho a escritura, doutor!

**Severiano** – Falsa! Pode verificá-la na calma. É falsa!

**Rosa** – Mas se vi as testemunhas assinarem! Tudo certo, como diz a lei, por cima dos selos.

**Severiano** – A senhora caiu no “conto da casa”... Os malandros lhe venderam terreno da municipalidade.

**Rosa** – (Depois de um momento) Doutor, já vi muita indignidade na vida, mas essa não me entra bem. Houve testemunhas!

**Severiano** – (Dispondo-se a sair) A senhora está lembrada de quanto lhe ofereci?

**Rosa** – Sei, quarenta mil cruzeiro.

**Severiano** – Sessenta mil! **SESSENTA MIL!** (Gozando a reação causada pela proposta) Uma boa oportunidade para quem quer se livrar de perder tudo. Até logo!

**Vasques** – (Que chegou a tempo de ouvir as palavras do dr. Severiano) Sessenta mil cruzeiros?! Meu Deus, este homem ganha dinheiro como quem junta lixo! (pausa) Louco!

**Rosa** – (Voltando-se para Vasques) Louco é você! Não vê que o noivo não deve ver a noiva antes do casamento?

**Vasques** – Ora, isso é superstição! Acredito lá nisso!

**Rosa** – Mas eu acredito. (Outro tom) Vá saindo antes que Maria Galante apareça.

**Maria** – (Surgindo ao fundo da casa, metida num vestido branco de tule, que se vê logo não ser seu) Meu amor! Você por aqui?

**Rosa** – (À Maria Galante, tentando-lhe impedir a visão) Doida! Não olhe para ele, senão lhe acontece uma desgraça!

**Maria** – (Dominando-a) Tolice, mamãe! Essa época de abuso já passou.

**Vasques** – (Admirando-a) Que vestido! Onde você arranjou, criatura

**Emília** – (Entrando, vinda dos fundos da casa, com agulha e linha à mão)  
Deixe por minha conta! Minha afilhada vai se casar como dama do Ideal Clube!

**Vasques** – (pegando no vestido) A fazenda é muito boa! Custou bem trezentos cruzeiros o metro!

**Emília** – Ignorante! Trezentos cruzeiros é só a lavagem!

**Rosa** – Se a dona do vestido souber disso, não vai gostar. Meu coração palpita que você ainda se arrependerá dessa brincadeira.

**Emília** – Deixe por minha conta! Sei o que estou fazendo. (A se lembrar de algo) Ai, que posso ajeitar melhor o vestido. (A Maria Galante)  
Vamos apertá-lo; está um pouco frouxo na-cintura (Outro tom) Volto logo (Sai).

**Rosa** – Doida! Doida de levar pedra na rua!

**Maria** – E o padre? Você combinou tudo, Vasques?

**Vasques** – Deixe comigo. Não tem problema.

**Rosa** – Que não tem problema! (Como que raciocinando) Estou achando isso tudo atrapalhado!

**Maria** – Mamãe, não embarace o meu casamento.

**Rosa** – (Séria) Minha filha, casamento é assunto sério! (pausa) E sou franca: não tenho muita confiança aí no moço.

**Maria** – (Indo agarrar-se a Vasques) É meu artista!

**Rosa** – Um artista mesmo! Vive vendendo água colorida por perfume francês! Tem muito besta no mundo, minha filha!

**Vasques** – Faça uma força danada, d. Rosa! Não é mole, hem? Se fosse assim todo mundo vivia vendendo água colorida. É preciso ter classe! (Encena, com exagero, como vende a sua mercadoria).

**Rosa** – Para mim é roubo! E ainda tem a desfaçatez de cobrar mil cruzeiros por um vidro.

**Vasques** – Espere, e a alta do dólar?

**Rosa** – Dólar? O que tem o dólar com a sua marretagem, homem?

**Vasques** – E com a marretagem dos outros? Quando sobe o dólar, sobe tudo: o cafezinho, o leite, a ferramenta, o preço da corrida automóvel... Tudo! E eu com eles!

**Vigia** – (Chega metido num terno branco) Se era à falta de um padrinho docente, ninguém espera mais.



**Rosa** – Menino, como ele está nos trinquês!

**Vigia** – Só tenho essa, desde quando me casei mas é bonita. Metida no grude, chega fica tensa! (pausa) Ainda não acabei de pagar.

**Rosa** – Você não me disse, outro dia, que estava no fim do pagamento?

**Vigia** – Foi, mas o sem-vergonha do galego fez um reajustamento no preço, por causa alta do dólar... (A risada é geral).

**Rosa** – (Erguendo as mãos) Com essa eu vou embora! Alta de dólar outra vez! Tudo nesse país agora é por conta do dólar! (Sai)

**Vigia** – (Notando Vasques) Rapaz, dá azar ver a noiva antes do casamento.

**Vasques** – É história antiga, do tempo dos nossos avós! Tolice, homem!

**Vigia** – Sei lá! Eu acredito em tudo, em visagem, lobisomem, espírito, tudo! (Voz de Emília, de fora da cena) “Me solte! Grosseiro! Tire a mão de mim”.

**Vasques** – Ouvi direitinho a voz de Emília!

**Vigia** – (Voltando-se) E é ela mesma! (Outro tom) Uma encrenca! O subdelegado vem também.

**Emília** – (À entrada, voltando-se para trás) Não me empurre!

**Beltrão** – (Empurrando-a) Ora, deixe-se de luxo!

**Vasques** – (Indo a ele) O senhor veja com quem está tratando!

**Beltrão** – (Desfere uma palmada nos peitos de Vasques, que este recua) Não se meta, seu vigarista! (A Emília) Descubra! Estou cansado de revirar essa ponta de rua atrás da porcaria! Onde está o vestido da senhora do deputado?

**Maria** – (Tentando esconder-se) Meu Deus!

**Mulher** – (Que entrou logo atrás, apontando para Maria) É aquele o vestido da D. Alva!

**Beltrão** – (Dá um pulo e segura Maria Galante pelo braço) Não arrede o pé daí, que está presa!

**Mulher** – (Contemplando o vestido de Maria Galante) É ele! Conheço as preguinhas! (pausa, revoltada) Vestindo roupa alheia! Não tem vergonha!

**Emília** – (Tomando a frente) A moça não tem culpa. Largue-a, seu Beltrão (Avança para Beltrão, que a repele)

**Beltrão** – Para trás! A senhora está tratando com uma autoridade!

**Rosa** – (Vindo do interior da casa) Que é que acontece por aqui?

**Beltrão** – A sua filha, d. Rosa, usando vestido alheio! Logo de quem! Da mulher do deputado!

**Rosa** – (A Emília) Eu sabia que isso não ia dar certo! (A Vasques) Como é? E a alta do dólar, também não resolve isso não? (pausa) Bem que eu lhe dizia, que o noivo não deve ver a noiva!

**Vasques** – Quem não podia ver era o subdelegado!

**Beirão** – Olha a brincadeira! (À Maria Galante) Tire o vestido!

**Maria** – Eu, não! Ora se vou me despir!

**Beltrão** – É tirar o vestido agora, se não quiser se meter em encrenca:

**Maria** – Pois então, vou me despir lá dentro.

**Beltrão** – Lá dentro, não! Tem que ser aqui. Sei lá se a senhora não quer fugir!

**Vasques** – Assim também é demais. Não se respeita mais o sexo fraco.

**Beltrão** – Não se intrometa! Você sabe que a sua noiva está em falta.

**Vasques** – Sim, mas tenha paciência. A polícia não tem o direito de mandar os outros se despirem, principalmente, mulheres.

**Beltrão** – (A Maria) Tire a roupa!

**Maria** – Tiro não! Ora se vou mostrar o que é meu!

**Emília** – (A Beltrão) Eu tenho uma proposta... O senhor fecha os olhos, enquanto a moça rira o vestido. Nós outros ficamos de costas.

**Beltrão** – É. Não sei...

**Emília** – Não seja intransigente, homem.

**Beltrão** – Está certo. Contanto que fiquem todos aqui.

**Emília** – Vamos, fechem, fiquem de costas! (À Mulher resiste, e Emília insiste) A senhora também!

**Rosa** – (A Maria) Vamos, minha filha, tire a roupa!

**Vasques** – (A Beltrão) Feche os olhos direito, que a moça é minha noiva. (Beltrão fecha os olhos, vai-se virando de costas. Maria Galante, estimulada por Emília, despe-se rapidamente e sai nas pontas dos pés, seguida por Vasques. Quando os dois se ausentam da cena...)

**Emília** – Pronto, gente! Tá aí o traje da dama! (Todos abrem os olhos ou se viram para o lado onde estava Maria Galante. Há um instante de decepção e de permeio com gargalhadas etc.)

**Mulher** – (Indo apanhar o vestido) Largou o vestido no chão!

**Beltrão** – (Que foi o último a abrir os olhos surpreso) Bem que meu pai me dizia para não confiar em mulher! (Aos dois soldados que o acompanham) Vamos, é tratar de perseguir a moça! (Antes de sair com os soldados, encarando Emília) Você me paga! (À Rosa) E a senhora também! Um dia ajustaremos nossas contas! (Retira-se)

**Mulher** – (Às duas) Isso não fica assim não! Minha patroa vai tomar as providências!

**Emília** – (Agarrando a mulher pelo braço) Olhe aqui, sua gata amarela, diga a sua patroa que quando receber bilhete do macho dela, tenha mais cuidado! E diga também ao deputado que venha falar comigo, que eu mostro o que estava no bolso do vestido!

**Mulher** – Perversa! Querendo desacreditar a mulher do homem (Sai)

**Rosa** – (Ouvem-se apitos e vozes de homem. Rosa se abate, sentando-se num tamborete) Meu Deus, que vergonha! Assim também já é provação! (pausa) Quando penso que as coisas vão melhorar...

**Vigia** – Coitada! E se dizer que seu Crispim não veio... Com um homem dentro de casa nada disso acontecia.

**Emília** – Lá isso é verdade. Deus me livre se até o fim do ano eu não arranjar um homem.

**Rosa** – Mulher, você só diz disparate!

**Vigia** – (Referindo-se a Vasques e Galante) Será que eles conseguem se esconder da polícia?

**Emília** – Vão ter que adiar o casamento, mas antes assim...

**Oficial de Justiça** – (Aproxima-se cansado, suado. Pára, a respirar) Que calor horrível! . (pausa, contemplando as mulheres e o vigia) Boa tarde. (Outro tom) Que casa distante!

**Emília** – É melhor se sentar... (Oferece-lhe um tamborete)

**Oficial de Justiça** – Não Senhora. Obrigado. (Fica olhando, em derredor, verificando o local, a casa.)

**Vigia** – (Às mulheres) Se precisarem de mim, estou aqui na construção. (Sai)

**Oficial de Justiça** – Acho que encontrei a casa. (pausa, outro tom) Eu sou do Tribunal de Justiça do Estado. Vim entregar uma notificação judicial. É... no meu entender...

**Rosa** – (Levantando-se, indo a ele) Meu senhor, se é uma notícia má que traz, não precisa dizer mais nada. Já sei que é prá mim.

**Oficial de Justiça** – Infelizmente, a senhora acertou. Trata-se de uma notificação para uma senhora chamada Rosa...

**Emília** – (Surpresa) Para dona Rosa?

**Oficial de Justiça** – Perfeitamente, É o que está escrito.

**Rosa** – E para quem havia de ser, minha filha? (Excitada) Não lhe dizia?! Se é notícia ruim, tinha que ser sempre para mim!

**Oficial de Justiça** – (Entrega-lhe o papel) Agora, a senhora terá que assinar aqui... Compreenda. É uma formalidade. (Limpendo o suor) Ô calor danado!

**Rosa** – Não... não... (Repele o documento que lhe oferece o Oficial de Justiça)

**Oficial de Justiça** – Se a senhora se nega, terei que tomar uma testemunha! (A Emília) Vamos, senhora. Assine aqui por ela.

**Emília** – Não, eu não!

**Oficial de Justiça** – Mas será possível! Compreendam que não posso vir outra vez! É muito longe! (Insistindo) Assinem! É preciso que assinem! (As duas balançam a cabeça negativamente) Não é possível! É um desrespeito à autoridade. Ambas serão chamadas à responsabilidade civil. (Guarda o documento) Mas isso não ficará assim, não, Ouviram? Não ficará assim. Serão responsabilizadas! (Vai saindo, se abanando).

**Rosa** – (Chamando-o) Meu senhor! Meu senhor!

**Oficial de Justiça** – (Voltando-se) Que há? Resolveram!

**Rosa** – (Encabulada) O senhor desculpe... É que nós duas, infelizmente, não sabemos escrever...

## Fim do Segundo Quadro do Segundo Ato

### 3<sup>o</sup> ATO

Cenário anterior. É tarde. O calor vai forte. Rosa, irrequieta mas diligente, supre a mesa de seu improvisado café. Emília segue-a nas caminhadas que dá durante o diálogo que se travará a seguir. Às vezes, ambas param. Por instantes, é claro, pois Rosa está sempre em movimento.

**Rosa** – (Sem parar) Por favor, não me peça para ver o Vasques! Não quero mais olhar a cara desse safado! Agora sei que a idéia de casamento era também um embuste. Tudo falso, pura tapeação!

**Emília** – São coisas da vida, criatura.

**Rosa** – Da vida? Então, você acha direito carregar-se a filha de uma mulher como eu, e não dá nem ao menos satisfação? Porventura será esta uma casa sem respeito?

**Emília** – Você parece que não vive numa grande cidade. Mais dia menos dia, aconteceria. Eu previ.

**Rosa** – (Detendo-se) Você é mulher que adivinha tudo! Só não adivinha o bicho que vai dar. É uma pena. (Outro tom) Querer justificar um despropósito!

**Emília** – Não digo por mal, nem falo porque aprove o que está errado. Mas a verdade é que a gente vai-se acostumando a esses procedimentos. Por aqui, moça pobre não se casa, se amiga. E quem sabe notícia de casamento de cozinheira, de copeira? Quem é? Umas infelizes como nós!

**Rosa** – Só quero ver até onde você vai chegar com essa lição de moral. (Começa a andar outra vez. Segue até o fundo da casa).

**Emília** – (Indo-lhe atrás novamente) Mas você devia compreender que o mundo deu uma volta... está de pernas para o ar.

**Rosa** – (Detendo-a) Espere, criatura. Deixe de me seguir, que faz bem uma hora que eu quero fazer xixi e você não me deixa!

**Emília** – (Caindo em si) Ora, você não me dizia nada! (Volta para o meio da sala. Senta-se num tamborete) Fortaleza é uma cidade muito boa, mas todo fim de ano é assim... Um calor de morte! (Ergue o vestido, a refrescar as pernas)

**Rosa** – (Sem aparecer) Você não ia me fazer uma revelação? Fale!

**Emília** – Que ninguém se interessa mais por casamento. Por isso o Vasques não casou com Maria Galante. (pausa) A desgraça de tudo é a novela de rádio, a fita de cinema, a televisão... Já ouvi um padre dizer isso.

**Rosa** – (Aparecendo) Se tivesse acontecido essa desgraça com Maria no Lagamar, vá lá! Mas aqui, na Aldeota, onde todo mundo arrota decência!

**Emília** – O mundo é um só, minha filha. Mulher é bicho fraco, se perde em qualquer lugar.

**Rosa** – Não sei... não sei... (Vai arranjando a mesa do café. Ficam as duas em silêncio. Depois de um momento...)

**Emília** – Rosa... (Vai dizer algo, mas se arrepende)

**Rosa** – Anda, diz logo. Eu sei que você está querendo falar.

**Emília** – Maria Galante quer vir aqui. Sabe que errou, que não é uma moça ajuizada, etc., etc.

**Rosa** – Não. Não quero vê-la mais. Sou uma mulher de opinião.

**Emília** – É, vai agravar tudo. (pausa) A coitada anda tão enjoada.

**Rosa** – (Surpresa) Enjoada? Mas já? Juntaram-se há sete dias e já está... menino.

**Emília** – Não sei... talvez.

**Rosa** – (No mesmo diapasão de surpresa) Enjôo com sete dias? Não, Emília, eu bem que desconfiava daquele malandro...

**Emília** – Mulher, no fim de tudo se arranja. Filha é filha.

**Rosa** – (Explodindo) E sujeira é sujeira. (Maria Galante surge em cena, sem ser vista por Rosa a tempo de ouvir desta as últimas palavras. Esconde-se ao lado da casa, escutando o que falam as duas)

**Emília** – Bata na boca, criatura. Não fale assim.

**Rosa** – (parando e ficando diante da amiga) Olhe para mim, Emília. Você me conhece. Você tem sido testemunha de meu esforço, da minha dedicação, do meu trabalho pra, vencer. Fiz tudo para mudar de vida, para me meter num meio melhor... Procurei dar educação à Maria Galante... Tentei tudo... e o marido veio, aquele desgraçado veio, e... uma tragédia, Emília! Uma tragédia!

**Emília** – (Admirada) E ele veio? Não diga!

**Rosa** – Veio, sim. (Magoada) Nunca disse a ninguém. Apareceu naquela noite, bêbado, grosseiro, e o pior – com cheiro de mulher!

**Emília** – Ah, foi por essa razão que nunca mais você botou flores no jarro do retrato... (pausa) Mas, talvez não fosse isso que...

**Rosa** – Era... A gente conhece quando o nosso homem anda com outra. É uma coisa esquisita que fica neles, e incomoda a gente.

**Emília** – É a vida.

**Rosa** – A vida! Pois a vida não me tem dado oportunidade para nada! (pausa, num desabafo) Marido mulherengo, grosseiro, sem vergonha, filha perdida, e, agora, a justiça me batendo à porta, para me enxotar daqui. (Outro tom) Vamos, me diga. Para que valeu levantar-me de madrugada, todos os dias, e ir para a beira dó fogo?

**Emília** – Acalme-se. Não fique nervosa. (Maria Galante faz sinal para que alguém se aproxime dela. É Vasques que chega a fica ao lado dela).

**Rosa** – Disso tudo, o que me dói mesmo no fundo do coração, é não ter podido fazer o casamento de minha filha. (Raivosa) Se pego o trapaceiro do Vasques (Maria Galante ao ouvir o que disse a mãe, empurra Vasques para fora da cena)

**Emília** – (Consolando-a) Tenha calma. Não adianta ficar nervosa. A desgraça já está feita. É tratar de remediar a situação.

**Rosa** – Casar! Por que será que ele não pode se casar? Na verdade, não há de ser muito direito para Nosso Senhor. casar-se alguém com uma

testemunha dentro da barriga... Mas... (pausa, arrependendo-se) Meu Deus, por que não pensei nisso antes? Vamos, pode dizer a Maria que consinto em ver ela.

**Maria** – Graças a Deus! (Entra em cena. Vasques já está em cena e se dirige também para o interior da casa. Maria corre a abraçar-se com a mãe, que se conserva séria, fingidamente séria, embora sinta o impulso – depreende-se – de confraternizar com a filha). Mamãe!

**Rosa** – Quanto desgosto! Quanta tragédia!

**Maria** – A senhora deve compreender, mamãe. A gente é moça, dá em sonhar, e sonhar, às vezes, é querer...

**Rosa** – Isso não é desculpa. (Vendo Vasques) E o senhor, seu Vasques, não tem vergonha de avançar o sinal!

**Vasques** – (Encolhendo os ombros) Foi sem querer... Um momento de fraqueza, d. Rosa.

**Rosa** – De fraqueza? Pois trate de consertar as coisas. Emília está aqui, há horas, me pedindo pra concordar em ver vocês. Relutei, mas... afinal... (Outro tom) Tudo foi tão sujo, tão feio!

**Maria** – Não diga isso, mamãe!

**Emília** – Não insista mais, Rosa.

**Rosa** – Mas se é o que eu sinto! Não posso falar em flores, se não sinto o cheiro de flores no meu coração (pausa) E eu há pouco, pensava. Nem tudo está perdido. Talvez falando com o Padre Andrade, ele concorde num casamento para reparar o erro. Vou tratar disso. Claro que não pode ser casamento com vestido branco, que será uma ofensa a Nosso Senhor... (pausa) A idéia é boa, não é Emília? (Emília mostra-se constrangida) Vamos, me dê a sua opinião! (A Maria), E você, minha filha, não concorda comigo? Sei que um casamento escondido não tem beleza nenhuma, mas, afinal, que vamos fazer? (A Vasques) Concorda, seu Vasques? (Há um silêncio. Todos se entreolham) Mas é preciso reparar, não compreendem? É importante. (pausa) Que há com e você?

**Maria** – (Tímida, indecisa) Mamãe, eu...

**Rosa** – (Depois de um momento, como se compreendesse tudo, enquanto se senta numa cadeira, escondendo o rosto nas mãos) Não, por favor não me confirmem o que estou pensando, que seu Vasques é casado...

**Maria** – Mamãe, entenda...

**Rosa** – (Sem erguer a cabeça) Faz muito tempo, eu tinha uma filha. Não tenho mais. Morreu... Chamava-se Maria Galante... (pausa) Compreenderam? Maria Galante já não existe... (Maria Galante tenta aproximar-se de Rosa, mas Emília a impede, sugerindo que ela se retire).

**Emília** – Deus dará depois o verdadeiro caminho... (Maria fica de pé, emocionada)

**Maria** – (Enxugando as lágrimas dos olhos) Há quanto tempo eu não chorava!

**Vasques** – (Aborrecido, à Maria) Vamos embora. Vamos.

**Maria** – (A Vasques) Vá indo. Eu já vou. (Vasques acende um cigarro e sai. Maria voltando-se para Rosa, com sentimento) Mãe, que besteira eu fiz! Que besteira! (Sai apressada, contendo as lágrimas).

**Emília** – Como você é teimosa... como você...

**Rosa** – (Erguendo-se) Não diga mais nada. Fez de conta que tudo isso foi um pesadelo. (Entra pelos fundos).

**Vigia** – (Chegando à porta e se dirigindo à Emília) Queria uma conversa em particular com a senhora.

**Emília** – (Indo ao seu encontro e saindo com ele para o lado da casa) Que há?

**Vigia** – (Sentado ao banco do café) Ouvi d. Julieta dizer que o Juiz já despachou a sentença contra d. Rosa. O despejo vai ser hoje à tarde.

**Emília** – (Surpreendendo-se) Não é possível!

**Vigia** – Verdade! (Coloca café na xícara) É sempre assim. No começo eles mandam aquele homem com um papelzinho, a tal notificação. Depois, se a dona da casa não se retira, voltam com soldados, e a coisa engrossa...

**Emília** – Soldados? Como na guerra?

**Vigia** – É a garantia da lei.

**Emília** – Deus do céu! Quanta infelicidade na vida da minha amiga. Se ela tivesse morando no Lagamar, aposto como teria sido mais feliz.

**Vigia** – É assim, atrás do pobre anda um bicho.

**Emília** – (Como que refletindo) Não estou gostando dessa notícia de soldado. Não vou com farda.

**Vigia** – Nem eu. (Deposita a xícara na mesa)

**Emília** – Eu poderei fazer alguma coisa?

**Vigia** – Acho que não... (Vendo alguém se aproximar) Vem aí o patrão.

**Severiano** – (Indo em direção a eles) Boa-tarde. (A Emília, depois que esta corresponde o cumprimento) Quero falar à sua amiga.



**Emília** – (Oferecendo-lhe o banco do café) Sente-se, doutor. Vou chamá-la. (Segue em direção à casa).

**Vigia** – Quer um cafezinho, doutor?

**Severiano** – Aceito. (Serve-se do café) O que é que o povo está achando da minha casa, seu Frederico? ‘

**Vigia** – Elogiaram muito Já me falaram que vai custar setenta milhões!

**Severiano** – Oitenta! Eu soube que a do desembargador foi setenta e cinco, não quero ficar por baixo.

**Vigia** – Quem tem dinheiro é assim (pausa) Doutor, o senhor me desculpe, mas me disseram que essa fartura de casa bonita na cidade, é por causa de uma tal sonegação do imposto de renda.

**Severiano** – Nada! Isso é jogo dos comunistas! De gente despeitada!

**Vigia** – Bem, pode ser. Eu não entendo. Sei que é difícil juntar oitenta milhões. Eu não junto nem oito contos!

**Emília** – (Ao doutor Severiano) Pode vir, doutor.

**Severiano** – (Levantando-se) Com licença. (Indo até a Rosa) A senhora me desculpe, mas achei que devia tentar novamente. Não quero que me acusem, depois, que sou insensível aos problemas do povo.

**Rosa** – Obrigada, doutor.

**Severiano** – A conversa é ligeira. Vim avisá-la que vão promover o despejo da senhora. como sei que será desagradável, quero indenizá-la.

**Rosa** – (Surpresa) É verdade o despejo?

**Severiano** – Mas se o terreno é da Prefeitura! O Prefeito, agora, resolveu urbanizar esta zona da cidade.

**Emília** – Eu lhe dizia, Rosa. Se você tivesse, ficado no Lagamar, estaria longe disso. Ninguém se lembraria de fazer, lá, essa coisa de urbanização...

**Severiano** – Trouxe-lhe minha colaboração... (Vai entrar-lhe um envelope) Uma ajuda.

**Rosa** – (Recusando-a) Doutor, não é por orgulho, mas procure compreender. Não me serve uma ajuda... Que vou fazer com ela? Outra casinha de taipa? Adianta? Vem depois outro doutor, faz uma casa perto dela, e eu tenho que sair novamente.

**Severiano** – Mas neste caso a Justiça está agindo corretamente. A senhora adquiriu um terreno público. (Insistindo) Tome o dinheiro.

**Rosa** – Não quero. Pode guardá-lo.

**Severiano** – Está bem. A intenção me parecia boa.. (Guarda o envelope, meio constrangido)

**Rosa** – E por favor, doutor, não insista mais. Estou acreditando que certas criaturas têm que viver como alguns animais: dentro da lama. (pausa) Volto pro Lagamar. Difícil, já vi, é ser a Rosa da Aldeota.

**Severiano** – Desculpe-me, então. Não quero importuná-la mais (Retirando-se) uma pena! Uma pena!

**Emília** – (Logo que Severiano sai) Você é mesmo uma besta! Vá ver que o envelope continha uns quarenta mil cruzeiros!

**Rosa** – Tinha não, Emília. Dinheiro dado dentro de envelope é pouco.

**Emília** – Não me convenço!

**Vigia** – (Aproximando-se) Ele veio oferecer dinheiro?

**Emília** – Veio e a Rosa não aceitou.

**Vigia** – Enjeitar dinheiro num tempo desse! Sei não!

**Rosa** – Dinheiro não me faz falta, homem; não me devolve o meu marido, nem me dá volta a honra da minha filha.

**Vigia** – Mas podia garantir a sua existência!

**Rosa** – (Num transporte emocional) Eu terei de ser sempre **A Rosa do Lagamar**.

**Oficial de Justiça** – (Chegando, outra vez, cansado, suado) Ô terra pra fazer calor! (Dirigindo-se aos presentes) Boa-tarde.

**Emília** – Boa-tarde (Reconhecendo-o) Ah, o senhor novamente?

**Oficial de Justiça** – É o meu trabalho.

**Emília** – Quase não o conheci. Da última vez não veio assim tão pronto... Está alinhado.

**Oficial de Justiça** – É, hoje o trabalho é sério. Em dia de despejo tenho que me apresentar vestido com dignidade.

**Emília** – Eu notei logo a diferença.

**Rosa** – Não atrapalhe, Emília. Deixe o homem dizer logo a embaixada dele.

**Oficial de Justiça** – A senhora já deve saber de tudo. (pausa) Vim só comunicar-lhe que precisa abandonar a casa. Se recusar, será despejada. (pausa) Gostaria que me ajudasse, deixando a casa sem reação. Afinal, eu sou mandado.

**Emília** – (À amiga) Agora, não tem mais apelação!

**Rosa** – Mas eu tenho a minha escritura!

**Oficial de Justiça** – D. Rosa, me desculpe... Se verificar, descobrirá que foi vítima de um logro. Este terreno é da Prefeitura Municipal de For-

taleza. Aqui vai passar o prolongamento da Avenida Desembargador Moreira da Rocha.

**Rosa** – (Que não se convence) Espere um momento. (Retira-se)

**Emília** – Meu senhor, eu sou analfabeta de pai e mãe, como se diz, mas acho isso tudo muito errado. Se era proibido fazer casa aqui, porque a Prefeitura não fiscalizou antes?

**Oficial de Justiça** – Não é problema meu. Eu sou um oficial de justiça.

**Rosa** – (Aparecendo com um documento à mão) Veja a minha escritura! Olhe os selos!

**Oficial de Justiça** – (Quase a rir, após verificar) Uma folha de papel almaço, minha senhora... O selo aí, é selo de carta! Tudo falso! Um pedaço de papel!

**Rosa** – Um pedaço de papel? Por acaso o seu me mandando despejar não é um pedaço de papel? Por que não devo acreditar no meu para acreditar no seu?

**Oficial de Justiça** – D. Rosa, estamos perdendo tempo. Já lhe disse que cumpro uma ordem. Sou mandado.

**Emília** – Mas está cumprindo a ordem errada!

**Rosa** – Não se mata, Emília. Deixe comigo.

**Oficial de Justiça** – (À Emília) Outra coisa: não estou aqui para ser criticado.

**Emília** – Engraçadinho! Vem botar a mulher prá fora de casa e ainda se acha merecido! Só mesmo no Curu!

**Rosa** – Só sei que o chão é meu.?: A casa é minha. O senhor precisa considerar que empreguei nela todas as minhas economias. Vamos, seja bonzinho.

**Oficial de Justiça** – (Como se perdesse a paciência) Olhe, pela última vez: é preciso desocupar a casa! E agora, que não posso demorar.

**Rosa**,. E eu? Para onde vou? Fico no meio da rua? (Depois de um momento) Vamos fazer um acordo. Eu saio daqui amanhã. Vou pra onde quiserem. Mas, hoje, não: Quero ficar na minha. casa, I em paz, com as minhas rezas. (pausa) O senhor tem filha moça?

**Oficial de Justiça** – Tenho. Está perto dezessete anos...

**Rosa** – Que faria o senhor se soubesse que ela não é mais donzela, e que está vivendo junta com um homem casado?

**Oficial de Justiça** – Pare! Isso não é maneira de dar exemplo!

**Rosa** – (Súplice) Meu senhor, deixe eu ficar aqui... Por hoje, amanhã, eu saio... Volto pro Lagamar (pausa) Quero dormir no meu canto, contar novamen-

te os caibros, as telhas... São vinte e dois caibros e setenta e duas telhas... Só depois que eu conto é que durmo. É um velho hábito da solidão.

**Oficial de Justiça** – A senhora está dizendo tolice. Não posso ceder. Espero que não insista mais.

**Rosa** – (pondo-se diante dele) Será possível que essa coisa chamada Justiça, Lei, não tenha sentimento? Senhor, estou pedindo tão pouco! Quero apenas compreensão!

**Oficial de Justiça** – Mas não posso atendê-la (Erguendo a voz) Eu não mando nada, ouviu? O juiz é quem manda.

**Rosa** – E o juiz? Por que não traz ele aqui?

**Oficial de Justiça** – Minha senhora, tinha graça trazer o juiz! **Rosa** – Mas os delegados, os soldados, os agentes de polícia, não andam pelas pontas-de-rua? Aposto que tudo sairia melhor se os juizes também andassem pelas ruas.

**Oficial de Justiça** – (Decidindo-se) Vamos é abandonar a casa quanto antes. Chega de tanta conversa boba.

**Emília** – Animal! Estará pensando que é fácil abandonar a casa da gente!

**Oficial de Justiça** – Desaforada! Ninguém está pedindo a sua participação. Cale-se! (Enxugando-se) Quero a casa desocupada, já.

**Rosa** – (Súplice) Só por uma noite mais...

**Oficial de Justiça** – (possesso) Não posso! Quando cumpro ordens, não tenho coração! Entende? Não adianta insistir.

**Emília** – Grosseiro!

**Oficial de Justiça** – Não se intrometa! Já lhe disse!

**Emília** – Desumano!

**Oficial de Justiça** – (Quase apoplético, retira-se da casa e do lado de fora acena para os soldados, que se aproximam) Vamos, comecem a retirar os móveis, tudo que estiver dentro de casa.

**Emília** – Cara de cão! Nojento!

**Oficial de Justiça** – Se a senhora disser outro desaforo, mando prendê-la por desacato à Justiça! (Os soldados e outras pessoas entram na casa e principiam a retirar os móveis, colocando-os, espalhados, do lado de fora)

**Subdelegado** (Que entra com os soldados) Estamos aqui para cumprir as ordens da Justiça.

**Emília** – Você só serve para isso, porque para o resto tem os olhos fechados.

**Rosa** – (Querendo deter o homem que vai carregar sua máquina de costura de mão) Cuidado! Por favor, não segure assim.

**Oficial de Justiça** – É retirar tudo para fora, ligeiro, antes que haja um tumulto por cá.

**Soldado** – (Ao Subdelegado) Tem muita gente reunida na construção.

**Subdelegado** – Nós garantimos a situação. (Aos soldados) Fiquem de arma em punho, cercando a casa, para que ninguém se aproxime daqui. (Os soldados obedecem à ordem. Vão-se postar em posição de repelir a multidão. Ouvem-se gritos: “Não pode! Abaixa o delegado! Isso também é demais! Fora o Governo! Abaixo o Prefeito!”)

**Rosa** – (Indo a um homem que vai carregar um baú) Leve-o com cuidado, que é o baú das minhas roupas! (Outro vai ajudá-lo)

**Oficial de Justiça** – Temos que andar depressa, pessoal. Mas olhem a ordem e o respeito. Não quero atritos com ninguém.

**Rosa** – (protegendo o baú) Não bata na parede! Não arranhem!

**Oficial de Justiça** – A senhora não deve estar se metendo no meio, atrapalha.

**Rosa** – Mas as coisas me pertencem, ouviu? Ninguém pode meter as mãos nelas!

**Emília** – Rosa, se acalme (Vozes de fora, exaltadas: “Não pode! Assim também é demais! É um abuso!”)

**Oficial de Justiça** – (Ao subdelegado) Reforce o policiamento. Se alguém tentar atravessar a barreira, empurre o sarrafo!

**Subdelegado** – (Dirigindo-se à multidão) Vocês aprendam. Estão pensando que isso é brincadeira! Que lhes sirva de lição!

**Emília** – (Vendo um homem que vem de dentro quarto, dos fundos da casa, com um chapéu de mulher na cabeça e conduzindo nas mãos alguns vestidos) Eu não sabia que você era mulher! (Arrebata-lhe o chapéu) Os homens dessa terra vestem calças compridas, de enfeite!

**Oficial de Justiça** – (A um soldado) essa mulher no meio da rua!

**Emília** – (Ao soldado) Não toque em mim, que eu saio. (Já no lado de fora da casa) Macacos! (A essa palavra os soldados se sentem enraivecidos) .

**Oficial de Justiça** – É retirar todo mundo! Para fora! (Rosa e o vigia são levados para fora da casa).

**Maria** – (Aparece em cena. Ao ver a mãe...) Meu Deus! Que foi que aconteceu? **SUBDELEGADO** – Não é nada, moça. E um despejo.

**Maria** – Mamãe! (Quer ultrapassar o cordão de isolamento, mas um soldado a impede) Eu quero ficar com mamãe!

**Soldado** – É ordem do delegado. Não passa ninguém!

**Maria** – Me soltem, que preciso ver mamãe!

**Subdelegado** – (Aos soldados) Façam recuar o povo. Para longe! (Ao povo) Estarão pensando que isso aqui é circo de cavalinhos? Para trás!

**Oficial de Justiça** – (A um soldado) Está tudo fora de casa?

**Soldado** – Está sim, senhor. (Efetivamente, a essa altura os poucos móveis da casa estão no meio da rua, defronte da casa. Rosa está sentada entre eles, num tamborete.)

**Oficial de Justiça** – Agora é fechar a porta, lacrá-la. Ninguém mais poderá entrar nela.

**Rosa** – (Enquanto a porta tia casa é fechada) Meu Deus, o que foi que eu fiz para pagar tanto! Por que eu havia de perder minha casa? Por quê?

**Oficial de Justiça** – Vamos, tenho pressa. (Ao subdelegado) Não deixe o povo encostar. Quero todos fora daqui.

**Subdelegado** – (Como se falasse a uma multidão) É debandar todo mundo. (Os soldados como que começam a empurrar as pessoas, os curiosos. A cena vai-se esvaziando. O vozerio agora está mais distanciado. Sozinha, sentada no chão, abandonada, como se fosse um móvel, continua Rosa, sofrida, desamparada).

**Oficial de Justiça** – (À Rosa, com rispidez) A senhora tem de sair também. Não pode ficar ninguém, ouviu? Ninguém. Nem a senhora. (pausa) Vamos, não pode ficar ninguém!

**Rosa** – (Olhando ao derredor, súplice) Mas... os móveis... as coisas... não ficam? Responda! Responda! Não ficam? (Encosta-se, trêmula, a um dos móveis, como se fosse ela mesma um pedaço de . madeira, uma tábua, uma coisa, e não uma criatura humana)

**PANO**

**Fim do Terceiro e Último Ato**

## **A DONZELA DESPREZADA**

### **PERSONAGENS:**

**AMELINHA**

**VALDELICE**

**LOLITA**

**HOMEM 1**

**HOMEM 2**

**BOTEQUINEIRO (A)**

**AGENTE**

**PERMANENTE**

**DELEGADO EDMUNDO**

**BENEDITO**

**FOTÓGRAFO**

**MÉDICO, ENFERMEIROS**

O cenário amplo revela os diversos locais em que se desenrolarão as cenas. À esquerda, o quarto de Amelinha, personagem principal da história. Cômodo, modesto, com cama – da qual se verá apenas o essencial, afim de que haja espaço suficiente para as posteriores marcações solicitadas. Defronte ao espectador – tomando boa porção do palco – o sítio propriamente dito da quermesse, com um bar de três mesas de ferro e cadeiras. Ao lado direito a barraca ou quarto da cartomante, onde Lolita faz a leitura do baralho. Haverá cerca improvisada partindo do canto esquerdo do bar, a se estender até o proscênio, e, nela, o portão de acesso para a quermesse. Quando corre o pano. Lolita está sentada a uma mesinha entretida com o baralho, deitando-lhe as cartas em cruz. O bar, soturno, não começou a operar mas transcorrem preparativos para a noite. Soam as seis horas da tarde. O quarto de Amelinha segue no escuro, mas distinguida aí a sua presença. Está sentada na cama, de combinação, e metida em visível prostração. De momento a momento ergue as mãos à cabeça, como se quisesse segurá-la,

enquanto os seus movimentos não disfarçam o desespero que a acode. No outro lado do palco, após instante, Lolita levanta-se. A uma espécie de armário de vidro vai apanhar um vidro de remédio. Serve-se em colher de sopa. Nauseada, treme. Treme e tosse. E cessa de tossir quando bebe a segunda dose. Nessa hora desce até a mesinha, onde estava, e retoma o trato das cartas. De repente a luz do quarto de Amelinha .. é estabelecida por Valdelice, que, do interior, veio verificar a razão do silêncio.

**Amelinha** – (Sem conter a irritação, explosiva) Feche! Pelo amor de Deus, feche a luz!

**Valdelice** – (Sem entender) Que é isso, minha filha?!

**Amelinha** – ( Irritada) Feche! FECHE!

**Valdelice** – (Sem querer aciona o comutador e o ambiente escurece. Pausa) É duro aceitar, Amelinha. (Tom) Nem quero acreditar... (Pára).

**Amelinha** – (Encarando a outra, assustada) Hem? Acreditar em quê?

**Valdelice** – Diziam antes e nunca liguei, mas vejo agora: filha gerada nas entranhas de viúva, nasce assim impetuosa, desobediente...

**Amelinha** – Tolice, mamãe! A palavra' não é bem essa. Sei o que a senhora ia dizer. (Pausa) Ner-vo-sa. Mas não sou doída não, ouviu?

**Valdelice** – É o mal de todos. Quem pode escapar à pressa, aos ruídos do mundo? (Querendo mudar o assunto) Se houvesse alguma influência causada pela gravidez, sempre contra mim... O. T.) Não está na hora de vestir-se para a coroação?

**Amelinha** – Não! (Levanta-se. Vai postar-se em posição de ver os . preparativos da quermesse. Dois homens correm cordões de bandeirinhas de papel de seda pelos postes) Rainha do partido azul, da cor do céu, do manto da Virgem Maria. (De repente, exaltando-se) Eu devia ser a rainha do partido encarnado, mãe, que é sangue, é desespero!

**Valdelice** – ( Abusando-se) Quando você sentar o juízo, se livrar dessas idéias, eu volto. (Sai Amelinha, que viu Lolita, de repente apanha o robe e envolvida nele sai do quarto. Dirige-se para a barraca da cartomante. Em descompasso emocional fica diante dela).

**Amelinha** – Lolita, não posso controlar mais! Eu... ( Explode um foguete e ela estremece como se a atingisse um tiro).’

**Lolita** – (Percebendo a situação da amiga) Também não suporto foguetes! (pausa e encarando-a) Más notícias? Que se passa mesmo com você?



**Amelinha** – (Sem ligar à indagação) Você se lembra do dia em que vim lhe pedir a sorte? Era domingo, domingo de maio... **Lolita** – Lembro... O seu vestido vermelho tinha uma fita amarela...

**Amelinha** – Sim, sim... E você disse haver alguém em minha vida, pessoa que me queria muito e haveria de me amar se eu soubesse conquistar... Não foi?

**Lolita** – Sei não...Falo coisas assim com todo mundo... Estou em dúvida.

**Amelinha** – (Em desespero) Mas você tem de recordar. Importa, como importa pra mim!

**Lolita** – (Evasiva) São tantas as cartas, nem lembro mais **Amelinha** – Lô... Nesse dia você não havia abusado do elixir... Não tremia...

**Lolita** – ( Irritada) Mas eu não tremo! ( Ergue as mãos) Não fale assim, não fale...

**Amelinha** – Tremel! Você quando bebe este maldito remédio, se transforma... (Pausa) Foi por isso que acreditei, achei que você falava a verdade. Sua voz, àquele dia, era clara. Foi quando entendi que facilitando mais um pouco o homem seria meu, só meu, entende? (Pausa) Vamos. lembre. Ele prometia ser meu?

**Lolita** – (Ergue-se da cadeira, indecisa e em reação às palavras de Amelinha) Espere. Tenho de refrescar a minha memória... (Vai outra vez servir-se da bebida).

**Amelinha** – Lô. você está maluca! Não, não beba mais. Isso um dia, acabará sua vida!

**Lolita** – (Com o vidro) Ora, não implique! É só um remédio como outro qualquer... Se não bebo, fico nervosa. (Pausa) Você ainda não tem idade de compreender certos problemas... (Retorna à mesa).

**Amelinha** – Pois seja o que você diz, mas agora veja se se lembra. Veja, é importante, muito, muito mesmo, para mim.

**Lolita** – (Deitando as cartas) O valete, mancebo de posição e fortuna. Quando sai com o dez de espadas, significa: esforços coroados de bons resultados. Teria sido o dez de espadas?

**Amelinha** – Tenho dúvida. Estou confusa.

**Lolita** – Vamos recapitular. O nove, nove de espadas! (O.T.) Más notícias, obstáculos. Nem tudo como deseja você...

**Amelinha** – (Prendendo as mãos da outra de modo a impedir a leitura) Pare! Não vê que tenho a necessidade de uma resposta mais objetiva?!

( Erguendo-se) Quero saber se ele vai ser meu homem! Entende? Se deseja casar comigo, se serei feliz...

**Lolita** – (Admirada) Meu Deus, o que que há? Nunca lhe vi assim. Que inseto picou você?

**Amelinha** – (Depois de um momento) O amor fere a gente, fere? Diga, Lô!

**Lolita** – (Encolhe os ombros sem responder).

**Amelinha** – Quero a resposta. (Pausa) Você não sabe, Lô, como é difícil ser de boa saúde, ter sonhos, ter desejos, ser jovem. Para onde nos voltamos há sempre alguém, velho, a nos dizer: PARE! Isso é feio, envergonha os outros. (Pausa) Oh os mais idosos estão cansados demais para compreender os moços... (Olhando as cartas, curiosa) Não, não me anuncie tristezas! Quero viver, entende? ter alguém que me dê carinho... (O.T.) O amor fere a gente, fere?

**Lolita** – Não, não sei responder a perguntas dessa natureza.

**Amelinha** – Que mais vê nas cartas? Contam que me casarei? Falam nisso?

**Lolita** – (Grave) Não, não vejo sinal de igreja.

**Amelinha** – Vamos. Lô, concentre-se. É importante pra mim. Preciso da resposta. O não não serve. Há de ser SIM. Vamos!

**Lolita** – Não sei, não sei mesmo. (Explode outro foguete. Gritos, vozes de crianças ao longe. Amelinha treme) Infelizmente, só sei o que me revelam as cartas. (Como se as lesse no momento) E o que está marcado aqui, um terrível embaraço em sua história de amor. (Pausa) Embora tente mais, sei que não poderei ver adiante.

**Amelinha** – (Num gesto inesperado atirando as cartas ao chão) Quero saber de mim, da minha vida, do meu futuro!

**Lolita** – (Erguendo-se) Louca! É coisa que você faça!? (Tentando recolher as cartas) Meu baralho é sagrado, não pode cair ao chão! (Algumas cartas estão por longe, e a cartomante, aos tombos, tenta apanhá-las com dificuldade. Nisso os homens que estão decorando a cena com os cordões de bandeirinhas reparam as duas mulheres gracejando:

– “Que brincadeira é esta?

– “Estará farejando o cão? “

– “Brincando como menino?”

**Amelinha** – Tonta! O baralho você pode recompor outra vez, como desejar! E minha vida, Lô? Poderá ser como suas cartas? (perseguido-a) Me responda pelo amor de Deus!

- Lolita** – (Indiferente) Falta uma carta.. falta. (pausa: depois. súplice) Repare aí por mim, repare. Quando me abaixo, sinto-me tonta.
- Amelinha** – Pois morra, se acabe! Por causa do seu baralho é que me perdi.
- Lolita** – (Contemplando-a, surpresa) Quê? Vamos, repita!
- Amelinha** – (Nervosa, em paroxismo) Me perdi, me perdi, me perdi!!!
- Lolita** – Céus! Você não podia...(Vai ao armário beber o elixir).
- Amelinha** – (Seguindo-a) Que sabe você de tentação? Hem? Fale! A tentação dana as pessoas. (Triste) É o que nos espera aqui. Que adianta lembrar história de príncipe encantado? Tem não... Principalmente aqui... (Mais triste) Nenhum... Em cada uma de nós vive e morre a mocinha frustrada que não pôde estudar, a criatura que mais dia menos dia será para o notário público apenas a mulher de prendas domésticas. E quase sempre pior (Pausa) As putas não têm profissão: não é?
- Lolita** – (Tapando-lhe a boca) Chega! chega... Nem por sonho imagine isso! Se continuar assim vão falar de você, todos!
- Amelinha** – E me importo? (A encarar os homens da quermesse) Comigo é diferente. (Apontando os Homens 1 e 2) Não me. terão em suas camas... (Elevando a voz) Eu erreí por amor, por amor, Lô!
- Lolita** – (Tentando impedi-la) Não se exalte!... Podem escutá-la!
- Homem 1** – Que disse você, rainha?
- Homem 2** – Algum problema sério?
- Lolita** – (puxando a outra pelo robe) Não lhes dê ouvidos. É difícil, muito, entender os que sofrem.
- Amelinha** – (Livrando-se da amiga) Que me importa agora esse zelo? (Acintosa, virando-se para os homens 1 e 2) Querem mesmo saber o que está se passando comigo? Querem? QUEREM?
- Lolita** – Cale-se! Não fale!
- Amelinha** – (Sem atender) Chamem a minha mãe, chamem! Chamem o padre! (Alt) Avisem às Filhas de Maria, aos membros da liga da decência social! Digam a todos que a rainha do partido azul da quermesse que rendeu duzentos mil reais aos cofres da igreja, acaba de perder a honra.
- Homem 2** – Não é declaração que se faça.
- Homem 1** – (À Amelinha) Você deve refrear-se, não fazer leviandade.
- Amelinha** – Leviandade? Tinha graça!
- Lolita** – (Indo tomar mais do elixir) Boba, beba como eu, que melhora, tudo passa... (Estende-lhe a colher. Afastando a mão da amiga) Não,

não quero esquecer. Sou diferente de você, Lô. Eu poderia beber para falar, abrir a boca. Cada vivente tem sua maneira diferente de reagir ao infortúnio. (Valdelice aparece em cena e é vista por Amelinha) Ah! chegou a vez da mamãe!

**Lolita** – (Indo ao encontro de Valdelice) Não houve nada, nada, nada! É melhor a senhora não ouvir!

**Amelinha** – (Num grito) Mamãe, eu me perdi!

**Valdelice** – (Atordoada) Hem, que foi?!

**Lolita** – (Imediatamente ou simultaneamente com a fala de Valdelice) Louca! Não sabe o que diz!

**Homem 1** – Que escândalo para o bairro!

**Homem 2** – Nunca se viu coisa igual!

**Valdelice** – (Traumatizada) Você?.. Tão boa que era?! Tão ajuizada!!! (Fitando os homens) Vocês conhecem a Amelinha de perto, sabem que sempre foi direita, sabendo se comportar. Esteve empregada na padaria, ninguém passava a mão nela. Serviu de ama, em casa dê doutor e juro ninguém a arranhou. E agora, agora, vai suceder essa tragédia: logo na noite em que ia ser coroada rainha da quermesse!

**Amelinha** – Besteira, a senhora está falando sem propósito! (Pausa) Olhe, isso vai lhe doer, mas ninguém me tentou. Eu errei por acreditar demais nas cartas da Lô. Mas nem as cartas, nem a senhora, ninguém tem culpa, a não ser eu mesma que me entreguei...

**Valdelice** – (Indo à filha, tentando fechar-lhe a boca) Não, não diga mais nada! (Aos homens e Lolita) Que adianta conselho? e ser-mão?! Hem? Sim, se vem o cinema e acaba tudo? (Ao homem 1) É tomar providência, alguém deve falar com o sedutor, resolver o assunto. (À filha) Se eu soubesse, você não teria sido rainha! Foi sua perdição!

**Amelinha** – Cale-se, mamãe, cale-se! Não pode explicar o que não entende.

**Valdelice** – (Aos homens) Esqueçam o que a minha filha disse! Entendam a situação da moça que se transtorna diante da maldade de um libertino. (Lembrando-se de repente) E o meu emprego? Se o vigário souber, não me perdoará. Oh, mas ,todos são testemunhas, eu me esforcei em criá-la com rigor. (A filha) Tudo de melhor era para você, contanto chegasse cedo em casa, não demorasse na rua...

**Homem 1** – (À cartomante, que bebe) Não tome essa droga. Você acaba se envenenando.

**Lolita** – (Grosseira) Não se meta, sai!

**Valdelice** – O nome dele, minha filha, o nome do sedutor!

**Amelinha** – Mamãe, é melhor se controlar...

**Homem 2** – (Sugerindo) O Edmundo conversava muito com ela quando a Sra. saía para abrir a igreja. Aí ele encostava...

**Amelinha** – (Ríspida) Vinha conversar comigo. E daí.

**Valdelice** – Por isso havia uma voz dentro de mim dizendo: “volte, Valdelice, Volte!”

Homem 1- O meu conselho é levar o caso para a polícia...

**Amelinha** – (Arrebitada) Polícia por quê?

**Homem 1** – Olhe, moça, não pense que por gosto o Edmundo vai se casar... O certo é processá-lo, meter as canetas nele...

**Amelinha** – Não, assim não quero! (Pausa) E então não percebem que eu sou a culpada? Posso ter meus defeitos etc e tal, ter agido impensadamente, mas uma qualidade eu tenho: não sou de acusar injustamente.

**Valdelice** – (Aos homens) Vejam! Ficou inteiramente transtornada. O homem encomendou o feitiço – e dos fortes!

**Amelinha** – Tira essa de feitiço, mãe!

**Valdelice** – Vá pensando que não existe, vá!

**Homem 2** – (Ao homem 1) É uma infelicidade termos de adiar o encerramento da quermesse.

**Amelinha** – (Indo até Lolita) Lô, se lembre. É só para me consolar. Você disse que ele se casaria comigo, não disse?

**Lolita** – Lembro não...Faz tanto tempo...

**Valdelice** – (Obstinada) Eu quero a polícia. Quero.

**Amelinha** – (Encarando a mãe) Para que meter mais alguém na história? (Pausa) Eu o desejei, pronto, foi isso. Quando se ama mesmo de verdade é assim. (Tom) Eu o amava demais para pedir algo em troca.

**Homem 1-** (Decidindo) Vou tratar do assunto.

**Lolita** – (perto de Amelinha) Prove meu elixir. Ajuda a esquecer.

**Amelinha** – (Seca) Não!

**Homem 2** – (Indo ao bar, já iluminado. O botequineiro acabou de arrumar as cadeiras) Uma bebida para a moça.

**Amelinha** – Por favor, não insista, Lô. (Alteando a voz) Não quero beber, não quero polícia. não quero piedade de ninguém.

**Valdelice** – (A Lolita, nervosa) Atenda-me veja por favor a sorte das cartas.

**Lolita** – (Seguida de Valdelice vai para seu lugar. Prepara-se para ler as cartas, enquanto os homens insistem para Amelinha beber um “cognac”. dizendo: “Isso reanima, criatura!” – “Tome, mesmo repugnando.” Depois de um instante...) Eu imagino como você não se sente...

**Valdelice** – (partindo o baralho) Cortei com a mão esquerda. É a do coração...

**Lolita** – (Tranqüilizando-a) Não precisa ficar excitada, pois vai dar certo.

**Valdelice** – Não me esconda nada. Quero saber tudo.

**Lolita** – Imagino o que é ser mãe e sofrer uma decepção dessa. Que dor no coração!

**Amelinha** – (Repelindo o copo) Não, não estou carecendo disso...

**Homem 2** – É virar o copo de vez, como você tomava purgante nos tempos de criança, segurando a chave da porta.

**Valdelice** – (Gritando) Meu Deus! (Explode um foguete. Amelinha estremece).

**Lolita** – (parando a leitura das cartas) que houve?

**Valdelice** – Nada... Você não percebe...

**Lolita** – Por quê?

**Valdelice** – (Afastando-se das cartas) Sabe. Lô, sou mesmo uma criatura fraca. (Repete a palavra como refrão) Aliás, má. É isso. Má! Estava me faltando era coragem. Eu queria mesmo saber... (pára).

**Lolita** – Sei, sei...Se a menina se casar, vai ser feliz.

**Valdelice** – (Forte) É isso não... Sabe. estou com medo de perder o emprego (Segura Lolita) Vamos, me tranqüilize. Veja se o vigário me enxotará da igreja...

**Lolita** – (Decepcionada) Era isso que você desejava saber?!

**Valdelice** – (Sem soltar a outra) Você não é mãe. Não compreende certos problemas.

**Lolita** – (Soltando-se) Sentimento. criatura! Às vezes importa ser mãe? Diga. Importa?

**Botequineiro** – O bairro não vai ficar desmoralizado! É chamar a polícia. prender o gostosão.

**Homem 2** – (À Amelinha) Beba mais, beba!

**Amelinha** – (Embaraçada, toma um gole. No segundo pára. De repente joga o copo ao chão e se afasta dos homens, à pressa, na direção do quarto da casa)

**Homem 2** – (Aflito) Amelinha, Amelinha! (Vendo-a fechar-se em casa) Corra.D.Valdelice, a moça vai fazer uma tolice...

**Valdelice** – (Deixando a cartomante) Que está havendo?!

**Homem 2** – Amelinha fechou-se em casa! Ah, é bom pensar no que pode acontecer.. ( O botequineiro acode, curioso)

**Valdelice** – (Indo à casa) Minha filha! Minha filha! (Tom) Amelinha!

**Amelinha** – (Querendo se isolar) Deixem-me, quero ficar só!

**Valdelice** – (Apelando) Saia daí. saia!

**Amelinha** – Não posso (O.T.) Morro de vergonha.

**Valdelice** – Que vergonha! (Tom) Juízo... e nada de loucura.

**Homem 2** – Se houver garrafa com álcool. no quarto, corre perigo.

**Valdelice** – Deus não permitirá! (Voltada para casa) Não desatine, minha filha. (Com a mão impõe silêncio, na ânsia de ouvir melhor os movimentos do quarto).

**Lolita** – O perigo é cortar os pulsos com a gilete de raspar as pernas...

**Valdelice** – (Em desespero) A vida é bela, minha filha. Merece vivida pelos jovens. Juízo!

**Homem 2** – O negócio é arrombar a porta...

**Valdelice** – Amelinha! (Bate na porta com desespero) Fale. Quero saber se você está ainda viva.

**Amelinha** – Vou abrir, mas só entra a senhora.

**Valdelice** – (Enquanto a porta abre, volta-se para o Homem 2 e Lolita) Se precisar, os chamarei depois. Vou acalmá-la.

**Homem 2** – Não facilite. criatura. (Afasta-se com Latita e os demais).

**Valdelice** – (Cerrando a porta, indo abraçar a filha que se atira sobre a cama) Não perca o controle. Tenha calma.

**Amelinha** – (Virando-se para a mãe) Edmundo está inocente. Sem culpa.

**Valdelice** – (Fazendo-a calar-se) Não repita essa asneira. (Pausa) Temos de pressioná-lo, minha filha. Você não tem idade para perceber a ruindade dos homens. Você foi se-du-zi-da.

**Amelinha** – (Sentando-se) Seduzida?! Mas eu sei que não é verdade!

**Valdelice** – A história tem de ser diferente... Trate de se convencer disso.

**Amelinha** – A senhora me desculpe. Não, não foi assim... Prefiro partir, sair daqui, deixar o subúrbio, desaparecer... (Tom, magoadá) Desse modo a senhora não se envergonhará de mim...

**Valdelice** – (Fazendo a filha baixar a voz) Escutam lá fora... (Tom) Não permitirei que aja impensadamente. Você foi seduzida. Não entra na cabeça de ninguém que a filha da zeladora da igreja seja uma pecadora. (Pausa) E as aulas de catecismo? E os bons conselhos do vigário?

**Amelinha** – Sei que firo seu orgulho, mas eu é que me deixei desfrutar...

**Valdelice** – (Reagindo forte) Você foi enfeitiçada. Isso! Edmundo terá de se casar.

**Amelinha** – (Em dúvida, atordoada) Mas como? Que devo fazer?

**Valdelice** – Faz-se a queixa, conta-se tudo à autoridade, tudo, toda a desgraça.

**Amelinha** – (Resistindo, insegura) Não. não pode ser...

**Valdelice** .. Tenha em mente: filha minha não procederá mal! (De pente na mão para pentear a filha) Filhinha, reaja contra os maus pensamentos. (Tom) Vamos, veja-se ao espelho. Ponha um pouco de ruge. Você está pálida...

**Amelinha** – (Vendo-se ao espelho) Não sei... tenho dúvida.

**Valdelice** – Reaja. Tenha coragem.

**Amelinha** – (Ao espelho) Passo baton?

**Valdelice** – E por que não? Por acaso você é uma desprezada? (Tom) Ponha também o lacinho de fita.

**Homem 1** – (Entra com o Agente Policial) Nunca tivemos complicação igual.

**Agente** – Sei, sei. É da vida.

**Homem 1**- (À Lolita) Chame a d. Valdelice. Lô.

**Agente** – (Ao botequineiro) Um trago! (Pausa) Quando começo a trabalhar. paro de beber. Aproveito antes. (Enquanto é servido) Quermesse... Hoje é divertimento de pobre, de ponta de areia. Já foi a melhor brincadeira de rico, de piedosos... (Foguetes explodem) Mas tudo muda, né? Com os chás de benefício, desfile de moda, a quermesse se lascou.

**Lolita** – (À porta, à Valdelice) A polícia chegou.

**Valdelice** – ( Entreabre a porta) É pra já. Estou convencendo a menina. (À filha) Quer mais perfume?

**Amelinha** – É tão ativo! Dá é dor de cabeça.

**Agente** – (A lembrar ) Acontecer essa infelicidade logo no dia da coroação!

**Homem 2** – As mulheres agem impensadas, complicam tudo. **Agente** – Agora todo mundo vai se aproveitar dela. Conheço a raça humana.

**Valdelice** – (À filha) Agora, menina. seguir as recomendações para não se contrariar mais. (Abre a porta e sai em primeiro lugar, seguida de Amelinha. Os homens ficam curiosos, olhando-as) Que é? Nunca viram gente?

**Homem 1** – Não se zangue não, d. Valdelice.



**Valdelice** – ( Indo ao Agente) O sr. não sabe como tudo isso me . martirizou. (Aponta a filha) Foi criada sem sair de casa, com todo o rigor (Aos homens) Não foi? (Tom) Não era “Maria vai com as outras...”(T) Ia ser coroada hoje rainha da quermesse.

**Agente** – (À Amelinha encabulada) Esqueça o que aconteceu. Tenha confiança em mim e tudo será resolvido. Pelas minhas mãos, não é gabando não, já passou muito caso encrencado. (T) Logo mais iremos à chefatura de polícia registrar a queixa... Um conselho: carregue nas tintas, exagere...

**Amelinha** – Não sou de exagerar.

**Agente** – Terá de ser como explico. De outra forma não dá certo não, e a linha papoca.

**Amelinha** – Não me sinto bem dizendo o que não fiz...

**Agente** – Aprenda a primeira lição: às vezes a verdade não é a que se conhece, mas a outra... (Pausa) É ir por mim. (Notando o laço de fita da moça) Pra que este laço?

**Amelinha** – Foi idéia de mamãe.

**Valdelice** – Não a quero desgraciosa diante da autoridade.

**Agente** – (Compenetrado) Nada de lacinho de fita! Você não é anjo de procissão. (Tom) Quem perde a honra, não se interessa por enfeite. (Ríspido) Tire-o.

**Amelinha** – (Indecisa) Mas eu... eu..

**Agente** – (Arrebata-lhe o laço) Bobagem! (Pausa) Retire também o ruge, o baton... Tenho de prepará-la para impressionar o delega- do, o juiz, todo mundo. Do contrário, ninguém defenderá você. (Tom) Assanhe os cabelos. **Amelinha** – (Automaticamente obedece) Mas os cabelos também? **Agente** – Os cabelos, claro!

**Valdelice** – Assim ela vai ficar horrível!

**Agente** – (À moça) Assanhe os cabelos já disse.

**Amelinha** – (Que a contragosto segue as ordens do Agente) Pronto! Pronto! Não me venha com gritos.

**Valdelice** – Oh, mas isso passa da conta!

**Agente** – Não gosto que interfiram no meu trabalho. Meu jeito é esse. Se me querem, terá de ser a meu modo. (Indo à moça) E me desculpe. (Rápido, antes de ela esboçar qualquer reação, passa- lhe as mãos pelo vestido, amarrotando-o)

**Valdelice** – Bruto! Respeite a moça!

**Agente** – (Encarando Valdelice) Já disse e repito que só sei trabalhar assim. (A todos de forma explicativa) Se não a preparo para valorizar o caso junto ao delegado, perco o meu tempo. Sei bem o que faço. Não concordando, volto para o meu lugar.

**Homem 2** – Vá desculpando, criatura! D. Valdelice não falou por mal. É tocar o serviço.

**Valdelice** – O sr. precisa dar um desconto no que digo. Afinal a moça é minha filha.

**Agente** – (Com autoridade) Certo. E agora se me dão licença, arredem! Vou instruir a moça em caráter sigiloso.

**Lolita** – (À Valdelice) Não se incomode comigo. Faz de conta que não estou aqui.

**Agente** – (Indo até a Amelinha, segura-a pelo braço, descendo ambos ao proscênio) Segunda recomendação, mocinha. Para todos os efeitos a senhora foi seduzida pelo cidadão.

**Valdelice** – (Aproximando-se) Pelo amor de Deus evite escândalo!

**Agente** – (À Valdelice) E a madame aprenda a 3ª lição: o escândalo é um ingrediente indispensável. Sem ele não há o que comentar, não haveria sociedade: os jornais não venderiam, nem vivia juiz nem delegado. E a polícia não seria mais que uma irmandade de freiras inofensivas e padres capiongos.

**Amelinha** – Mas é demais! Não me conformo.

**Valdelice** – (Acudindo) Minha filha, é fazer como sugere a autoridade!

**Amelinha** – Mas é duro dizer o que não houve.

**Agente** – Escute, menina. A mentira é instituição nacional. Mente o país todo. Até o presidente.

**Valdelice** – (Animando a filha) Colabore, meu anjinho.

**Amelinha** – Como me desgosto! Edmundo, o coitado não merece isso...

**Agente** – (À Amelinha) Vamos, vamos, não devemos perder tempo (Segura Amelinha pelo braço, conduzindo-a para fora) A receita de tudo é o escândalo. Deixe comigo.

**Lolita** – (Vendo a moça sair, seguida de Valdelice) E agora, meu bom Deus? Que vai suceder à desventurada?

**Homem 2** – Você é quem pergunta? Onde está o baralho?

**Lolita** – Nem me lembrava! As cartas vão contar tudo que acontecerá. (Segue para tomar seu lugar à mesa, seguida dos dois homens).

**Homem 2** – (Ao botequineiro) Vou querer uma gelada. (O outro vai ao balcão-refrigerador apanhar a cerveja. Lolita retira o baralho dos seios, e o coloca na mesa).

**Lolita** – Êpa! Um momento, pois primeiro, tenho de tomar o meu remédio (Serve-se).

**Homem 1** – (Reparando) Aumentou a dose?

**Lolita** – Comecei com uma colherinha, e agora só faz efeito de muito. Ah, mas alivia!

**Homem 1** - Vamos, se apresse! Quero saber o que dizem as cartas. (Indo apanhar a cerveja)

**Lolita** – (Dispondo as cartas) Quem corta? o Homem 1) Você?

**Homem 2** – (Aproximando-se com a cerveja) Eu corto, querendo saber se Amelinha terá coragem de acusar o motorista do caminhão. E se ele aceita o casamento. (parte o baralho)

**Lolita** – (Arrumando as cartas) Não gosto de ver o valete de paus ladeado pela dama de ouro.

**Homem 2** – Que tem isso?! E errado?

**Lolita** – Nem tanto, mas bom deveras é o valete de ouro se apresentar. Ouro com ouro, vocês sabem, gera fortuna. E se vem a fortuna, vem também amor. (Pausa) Marquei a moça na dama de copas. (procurando) Onde se meteu o diabo do valete? (Pausa) Será que fiquei cega? (f) Não. assim não! Atrapalha tudo!

**Homem 1** – O que acha que perdeu?

**Homem 2** – Alguma carta extraviada?

**Lolita** – (De pé) Não consigo descobrir onde se meteu o valete de copas. Com uma carta fora do baralho nada se acerta nem aqui nem na vida real. (Pausa) Quem é que pode viver sem amor? Quem? (todos procuram a carta, tentando encontrá-la debaixo da mesas, das cadeiras...)

**Botequineiro** – Que houve? Perderam Alguma coisa?

**Lolita** – (Respondendo a ele, a todos) Há uma carta fora do baralho... uma carta fora do baralho...

**Edmundo** – (Entra em cena; pega ao chão a carta) Havia! (Tom) Era esta. (Exibe-a)

**Todos** – (Surpresos, voltando-se para Edmundo, a um só tempo) EDMUNDO! (Ele, com ar altivo, dominador, atira sobre a mesa o valete de copas).

**Fim do Primeiro Ato**

## 2º ATO

Delegacia de subúrbio: três divisões de tabique, tendo-se ao meio o escritório do delegado. À dir. a sala do permanente, e, à esquerda a cabine telefônica. Raros móveis. Ambiente modesto, álgido, abafado e constrangedor. Em cena, em suas respectivas salas o delegado. que dormita: o permanente. criatura magra e gasta pela rotina policial. Ao dizer – “entre o seguinte”, depara o Agente.

**Permanente** – Quê? Outra vez você?! (Põe os óculos) Ah, ah...

**Agente** – Quem haveria de ser? (Pausa) Vê lá se sou dos que ficam bem sentados, refestelados, sem conhecer a dureza do sol! Para ganhar o meu ordenado, tenho de rondar os bairros, de bodega em bodega, de quermesse em quermesse...

**Permanente** – Basta! (Pausa) Que novidade tem agora?

**Agente** – (Dramático) Um drama de abalar o mundo! A imaculada filha da zeladora da igreja, viúva. encontrou um papão!

**Permanente** – Ora. homem, deixe a gaiatice! Fale o sério.

**Agente** – (Tentando interessar o outro) Você quer conversa mais séria que essa? (T) Ia a criatura ser a rainha da festa. Menina bem criada, ajuizada, segundo a mãe dela. Donzela digna de melhor futuro, fadada a ter marido rico, dono de...

**Permanente** – (Interrompe-o) Que mania de discurso! (pausa, tom) Que fizeram com a moça?

**Agente** – (Segredando em sussurro) Só pra nós... escute...

**Permanente** – (Depois de instante) Mesmo?

**Agente** – Mesmo. (Pausa) Então me chamaram como salvador da Pátria. Abaixo de Deus você sabe, eu resolvo todos os problemas da periferia urbana. Gostou? (1) Mas o caso agora é sério. A moça é de maior.

**Permanente** – Ah. que pena...

**Agente** – Com a sua colaboração damos um jeito. (Tom) Casamos a moça, pegamos um marido pra ela... E só você querer.

**Permanente** – Dá não! Sou direito. Não me meto em encrenca. (Tom) Dessa vez você bateu na porta, mas errou o bote...

**Agente** – (Como se não o ouvisse) É pena! Fizeram uma quota de mais de trinta mil reais só na primeira passada do pires... Sabe pra quem? Pra

quem colaborar .(1) O pente-fino vem depois... É coisa pra mais de 50 mil, fora o meu...

**Permanente** – Como?! Repita. Fizeram uma quota? (pausa. T.) Olhe, seja tudo pela grande amizade que lhe tenho. Dinheiro não me compra. Nunca me comprou! (1) Cinqüentão...(Decidido) Apadrinho a moça.

**Delegado** – (Ao telefone) Alôôô... (Pausa) Ele, quem haveria de ser?! (Pausa) O delegado... Sei. Sei, quem é. Conheci logo a voz. Crime? Você não acha que já tem demais? (Pausa) Estamos sem novidade no momento. Nada. nada! (Tom) Lhe aviso. (Baixa o fone. desligando) Crime! Crime! (Vai à porta que separa a sala do gabinete do Permanente, e fica vendo o que se passa aí e retoma à sua cadeira).

**Permanente** – (Ao Agente) O que é que você está esperando, homem?

**Agente** – E durmo cem serviço? Estou com a velha e a filha. (Convidando as duas). Entrem, entrem... (Enquanto Valdelice e Amelinha se apresentam) Ela ia ser coroada hoje rainha da quermesse.

**Permanente** – Muito prazer. (Com importância) Resolvemos aceitar o caso da moça. Quero apenas que entendam, o problema é bastante grave.

**Valdelice** – Eu sei, sr. delegado.

**Permanente** – (Corrigindo) Por favor sou apenas o permanente.

**Agente** – (À Valdelice) Só por injustiça, que bem merecia ser. Só se recita aqui pela cartilha dele.

**Valdelice** – (Ao Agente) O dinheiro, entrego logo?

**Agente** – Ora. D. Valdelice, não fale em dinheiro dentro da repartição! O que não vão pensar do Permanente? O dinheiro não é tão... tão... tão necessário como julga a senhora. Fica para o fim, para o charuto” ...

**Permanente** – (À Amelinha) A senhorita sabe que deve facilitar as informações sobre o namorado. cumprir determinadas instruções, não é mesmo?

**Amelinha** – (Tomando a frente) Acho que não vai ser fácil, pois por mais que se aconselhe, minha filha está sempre reagindo. Nunca vi criatura tão difícil.

**Amelinha** – Ora. mãe, a senhora quer que eu diga coisas que não ocorreram? Não pode ser assim.

**Valdelice** – É cabecinha de vento!

**Amelinha** – (Ao Permanente) Acho que vamos nos entender, mas é preciso saber que eu não estou acostumada a contar, a inventar o que na realidade não se passou... Aprendi, ela mesma me ensinou que mentir é feio... E agora...

**Valdelice** – ...e agora as coisas mudaram! e se você não mentir, vai ficar perdida, pra não dizer outro nome, pro resto da vida.

**Permanente** – Tem toda razão, madame.

**Amelinha** – Mas é direito? Não é?

**Valdelice** – (Indo a ela) Será que você sua tonta, não entende? Abra os olhos! Estou me sacrificando por você, criatura.

**Amelinha** – Por mim?

**Permanente** – (Impondo-se) Que que há? Estão numa delegacia de todo respeito, (T) Fica por minha conta. No registro da queixa, carrego a mão. Vou dizer que só tem 17 anos. (Escreve) Faz-se deste modo, e não pode ser diferente.

**Valdelice** – (À filha) Não lhe dizia? Sou eu que tenho razão.

**Amelinha** – (parando o Permanente) Não, o senhor não pode acrescentar isto, Não sou menor,

**Permanente** – (Evitando a interferência) Boba! Você não sabe de nada! Daqui para a frente a verdade é a nossa. (Decidido) Tem 17 anos, e pronto, pronto, pronto, Agora o nome do cavalheiro sedutor.”

**Valdelice** – (À filha surpresa) O nome, o nome daquele infeliz!

**Amelinha** – (A ganhar tempo. omitir-se àquele esquema ora armado) Você não têm esse direito. Eu... esperem...

**Valdelice** – Sua tonta. você foi seduzida. Bote isso na cabeça, bote!

**Permanente** – (Insinuante) Só queremos proteger. A senhorita se convença.

**Agente** – Que engraçado... Parece estar noutra mundo!

**Valdelice** – (Agrada a filha) É para a sua salvação.

**Amelinha** – (Sem se controlar) Mas a custa do sacrifício dos outros! Me deixem, me deixem!

**Delegado** – (Curioso, vem ver o que está sucedendo) Que há com a moça?

**Permanente** – Ia agora mesmo contar. (T) seduzida por um motorista de caminhão. (Pausa) Coitadinha. Ia ser rainha do partido da quermesse, era hoje a coroação.

**Delegado** – (Eufórico) Ah, um caso de sedução! (T) Com licença (Retorna ao gabinete, indo ao telefone).

**Valdelice** – Meu Deus! o homem parece que não se interessou...

**Permanente** – Nem pense! Sei o gosto dele.

**Delegado** – (Ao telefone) Alô...Alô! (Pausa) É com você mesmo. Olhe, tenho caso fora de série. (Pausa) Verdade! Venha correndo, para não

perder. (T.) Não, nada lhe posso adiantar, mas é caso de sedução. Sim, eu disse sedução... Sei que já está fora de moda... Mas é por isso mesmo! (Pausa) Venha logo! (Desliga o aparelho).

**Permanente** – Pronto, o serviço inicial já está concluído. Temos a formalização da queixa etc., etc. (À Amelinha) A senhorita agora depende só do delegado.

**Amelinha** – Estou tão acanhada!

**Permanente** – Fazia tempo que eu não ouvia essa palavra aqui... **Delegado** – (Da outra sala) Tragam a moça!

**Valdelice** – (À Amelinha) Coragem, minha, filha. E por favor agente firme.

**Permanente** – (Com as duas se dirige ao delegado) Por aqui, tenham a bondade...

**Delegado** – (Ao Permanente) Quem foi mesmo que desencaminhou a jovem?

**Permanente** – O chofer da entrega sistemática do gás. (Baixo) Pela conversa, parece que ela ajudou bastante. (Alto) Cheguem para diante do delegado.

**Valdelice** – (À Filha) Reaja. Depende tudo de você. Esqueça seus receios, esse seu ridículo sentimentalismo...

**Delegado** – É de menoridade?

**Amelinha** – (Indecisa) Eu... eu...

**Agente** – (Tomando a frente) Sim, senhor. 17 anos. Conheço ela desde pequena... Por aqui assim (dimensiona com a mão) Fui vizinho da mãe dela. Mulher rigorosa, zeladora de igreja...

**Valdelice** – (Desculpando a filha) A menina está tão nervosa... O senhor deve compreender.

**Delegado** – (À moça) Tenha calma. (Afável) Nós aqui sabemos proceder corretamente. Conte a sua história, minha filha.

**Amelinha** – (À Valdelice) Mãe, que história?

**Valdelice** – A sua... como tudo aconteceu. É pra falar.

**Delegado** – Nada de afligir... A moça tem toda razão de se embarçar. Não é pra menos. (pausa e T.) Melhorou? Pois bem, conte-me agora como foi que o seu namorado procedeu, de quando o conhecia, se lhe prometeu algum presente, dinheiro qualquer coisa assim... (Enquanto vai falando, Amelinha dá a impressão de se ir transformando, mas im-

paciente, como se a envergonhasse a situação que enfrentava) Conte tudo. Aqui é como um confessor. Diga se o moço pegava na mão, se lhe tocava as partes mais... mais íntimas do corpo... Olhe, tudo, mas tudo mesmo, é importante para nós, isto é, para o processo. (pausa, Tom) Fale! Foi contra sua vontade? À força? Você colaborou? Consentiu? (Pausa) Desembuche. (Amelinha, muito tensa, atordoada, segura a cabeça com as mãos e foge para a outra sala).

**Amelinha** – Não, não me torturem!

**Valdelice** – (Seguindo-a) Você perdeu o juízo?! Edmundo só quer se aproveitar de você!

**Amelinha** – Mas sinto que não é justo...

**Valdelice** – Ah, é assim? Pois aguarde. Vai . ver ele se casar com outra. passar com a esposa nas suas ventas, de braço dado, cheirando ela.

**Amelinha** – Vão prender Edmundo, bater nele.

**Valdelice** – Tire esse drama da cabeça. Decida-se.

**Delegado** – (Ao Permanente) Isso é ridículo! Não se concebe! Trate de trazer de volta a moça.

**Permanente** – Tenho culpa não, doutor.

**Delegado** – Que não tem?! (T) O pessoal do jornal já vem por aí.

Que não dirá? Nós somos organizados... (T) Mexa-se.

**Permanente** – (Indo ter com as mulheres) É por isso que eu não gosto de caso de mulher! (À Amelinha, que se mostra mais aquiescente) A senhora me prejudica. Me meteu numa situação desgraçada.

**Valdelice** – Não, está resolvido. (À filha) Ela não vai querer ficar abandonada. É duro ver a outra se aproveitar...

**Amelinha** – (Limpando os olhos) Vai ser então como os senhores querem.

**Valdelice** – (Vai com Amelinha para diante!, do delegado) Nada de perder tempo. Se você e quer casar, tem de ser desse jeito. (Ao delegado) O doutor desculpe. A mocidade não sabe o que deseja. O senhor já foi jovem. teve seus impulsos, seus problemas...

**Delegado** – (Interrompendo a mulher) Chega! A senhora fala demais. (Ao Permanente) Tenho especial interesse no caso. Consiga a certidão de idade da moça.

**Agente** – (Adiantando-se) Já tenho todas as instruções a respeito, doutor delegado.

**Delegado** – (À moça) Como se chama o rapaz?



**Amelinha** – Edmundo.

**Delegado** – A senhorita o conhecia de muito tempo atrás?

**Amelinha** – Desde a primeira festa da Igreja, quando o padre começou a reforma. A gente se via antes no cinema...

**Delegado** – Sei, sei.

**Valdelice** – Era namoro de muito boa intenção.

**Delegado** – Está-se vendo. (Ao Permanente) Intime o moço a comparecer aqui, quanto antes. Exijo pressa, prioridade.

**Permanente** – (Ao agente) Se o rapaz quiser reagir requisite a viatura da Rádio Patrulha.

**Agente** – Vou encontrá-lo na quermesse, já. E com licença.

**Delegado** – (Ao Permanente) Ponha as senhoras na outra sala, à vontade. (T) Sirva café às duas. Estão certamente nervosas.

**Valdelice** – Oh, doutor! O sr. me conforta. (T) Eu tinha tanto medo da Polícia! Agora estou confiante.

**Delegado** – A senhora não perde por esperar. Pode confiar em nós (Pausa) Sente-se lá. por favor e aguarde. O importante é seguir a orientação da autoridade.

**Valdelice** – Estive dizendo a ela. Graças a Deus, está-se convencendo. Não sei como lhe agradecer tanta atenção. (A filha) Não lhe dizia? Sem confiar na Lei não há salvação. (Vai com Amelinha para a outra sala.)

**Delegado** – (Ao Permanente) Nada de afligir a moça. Qualquer interrogatório deverá ser feito na minha presença. (Vai reencostar-se na cadeira. Apanha o telefone e disca)

**Permanente** – (Já na outra sala com os demais. à Valdelice) A senhora pode dizer que ganhou o prêmio maior da loteria. O doutor quando quer é pra valer!

**Delegado** – (Ao telefone) Sou eu, o delegado. Veja se o Benedito já saiu pra cá. (Pausa) É caso muito especial. Vai render, tenho toda certeza. (Pausa) Como? (f) Está a caminho? (Pausa) É o diabo! Não, não chegou. Obrigado. (Desliga)

**Benedito** – (Tipo de repórter de setor, afeito às malandragens do mundo do crime, entra acompanhado do fotógrafo) Vamos doutor! Qual é a bomba?

**Delegado** – (Transparecendo alegria) Acabei de ligar para a redação do jornal. (f) Puxa, você! demorou!

**Benedito** – (Sentando-se na escrivaninha do delegado) Botaram algum menino na bacia da sentina?

**Delegado** – É coisa melhor! (Confidenciando) Uma rainha perdeu a honra no dia da coroação. Imagine! A rainha de quermesse do Pirambu... desencaminhada pelo motorista da entrega sistemática de gás...

**Benedito** – (Saindo do móvel) Puxa, é bárbaro Deus me perdoe, mas como gosto da infelicidade dos outros! (pausa. T.) Você falou em motorista do caminhão do gás? (O outro concorda) E a vítima?

**Delegado** – (Indicando a outra sala) Está com o Permanente.

**Benedito** – (Ao fotógrafo) Prepare a máquina. Farei antes um reconhecimento.

**Delegado** – (Ao fotógrafo) Ei, calma... Se exagerar, vai deitar tudo a perder...

**Benedito** – Sei como faço. (Vai para a outra sala. Ao ver Amelinha, com efusão) É uma rainha! (pausa. 1) Puxa, como você é apresentada! (A Valdelice) Por acaso é mãe dela?

**Valdelice** – Sim, e viúva.

**Benedito** – Viúva! (Alto, para o compartimento do delegado) Viúva? Ouviram? A pobre mãe sem homem em casa, não pôde repelir o vôo traiçoeiro do besourão (Gozando a frase) É de novela mas tem seu valor!

**Permanente** – (Reingressa em cena, com o café. Ao Benedito) Você outra vez?!

**Benedito** – O papaizinho aqui não dorme! Tem faro. Eu lhe disse, esta semana vai ser pra cabeça! (pausa. À Amelinha que continua assustada, mas impressionada com a situação que vive) Então, você acabou sendo enganada? (Ela aquiesce) Levou-a no caminhão da entrega sistemática, não foi? (Ela confirma) Vá ver que era um caminhão Ford. (Ao Permanente) Ford! A influência nefasta do capitalismo internacional. (Pausa) E os botijões? Balançavam? Sacudiam? (Pausa) Estavam cheios... ou vazios?

**Amelinha** – (Num sopro) Vazios...

**Benedito** – (Eufórico) Vazios! (pausa, em explosão) Vibravam. não? (Dramatizando) Imagino como não eram ruidosos! (T) Tática de cinema americano, “noir”, de péssima qualidade. (Pausa) E o carro? Corria veloz? E você, você gritava?

**Amelinha** – (Voz débil, a confirmar) Gritava.

**Benedito** – (Como se representasse) A moça bonita, extuante de vida, a rainha da quermesse, carregada como se fosse botijão de gás! (T) É história para homem nenhum botar defeito. E tinha de acontecer a

você, que é bonita, que nos cativa, e tem simpatia nas suaves covinhas da face... (Ao Delegado) Perfeito o rapto! Tudo engenhosamente armado com malícia e perversão (Ao Fotógrafo) Mexa-se! Vá correndo buscar o material. Hoje é dia de rosário. (T.) Correndo!

**Fotógrafo** – Vamos repetir as fotos da moça violentada?

**Benedito** – Não converse! Faça como lhe digo. O Papaizinho aqui sabe dar o brilhareco. Vá... Correndo!

**Fotógrafo** – Você só sabe arranjar trabalho para os outros.

**Benedito** – (A Amelinha) Então estavam vazios os botijões (Ela concorda) Vazios... E o carro corria, em disparada, não? (Ela aquiesce) E fazia aquele ruído...

**Amelinha** – (Que vai aderindo, qual participasse de um jogo...) Um ruído terrível...

**Benedito** – Ah, eu imagino! (T.) E o seu desespero? Hem, moça?

**Amelinha** – Ah, como sofri dentro do caminhão...

**Valdelice** – (Surpresa, à filha) Você nunca me falou antes em caminhão. Que carro é esse?

**Amelinha** – (Indiferente) O caminhão, mãe... Caminhão Ford.

**Permanente** – (Com bandeja de café, oferecendo) Aproveitem, se não esfria.

**Benedito** – (Tomando uma xícara para a moça) Primeiro para a rainha! (Tom) Vamos. moça, sirva-se. Assim é que eu gosto de conversar com mulheres inteligentes, que sabem como aparecer, brilhar na crônica social dos jornais, lado a lado com as damas do soçaito... (À Valdelice) Os detalhes, madame, são mais importantes do que se pode imaginar. (À Amelinha, que se serve do café) E depois? Hem? Depois?

**Amelinha** – (Enlevada, mais fantasiosa) Ele me apertava em seus braços fortes, sem mais querer me soltar. (Tom) Meu Deus, era bom mas eu sofria. (Pausa) Eu me sentia tonta, desfalecida, principalmente pelo som infernal dos botijões... E por cima de tudo, eu tinha medo de morrer.

**Benedito** – (Animando-a) Mais, mais, vai para a primeira página.

**Amelinha** – Paramos num lugar distante, como se diz mesmo? ...ermo... (Pausa) Onde era? Onde? Ainda hoje me pergunto, sem resposta... (pausa, T.) Nem sei direito. Mas sei que havia uma árvore muito frondosa, e tinha um rio largo, perto... e ... acho que havia também uma cabana. Um velho pescador estava sentado, longe, longe, numa pedra...

**Valdelice** – Minha filha, você está descrevendo o calendário da sala de jantar!

**Benedito** – Não interrompa, minha senhora (À Amelinha) Adiante. adiante.

**Amelinha** – Como estavam todos muito distante. ninguém pôde me acudir. E eu vi que não podia resistir.

**Benedito** – E depois. e depois?

**Amelinha** – Ele começou a puxar o zíper do meu vestido.

**Valdelice** – Mas você não tem vestido de zíper!!!

**Benedito** – Vá contando, me agrada! É matéria de primeira página.

**Amelinha** – Por fim, rasgou. minha combinação de “nylon”.

**Valdelice** – “Nylon”?! Você nunca usou isso!

**Permanente** – (À Valdelice) Como a senhor atrapalha!

**Delegado** – Pelo que vejo a história é mesmo interessante. Vai fazer sucesso.

**Benedito** – Espere até amanhã... Vai ficar no cartaz umas duas semanas.

O título da reportagem já desenhei na minha cabeça. (T) “Para o entregador de gás a donzela honrada não passava de um botijão.”

**Delegado** – Isso já é literatice...

**Benedito** – E como funciona! Ninguém compra jornal para ler frases de Rui Barbosa ou Sartre. (Vendo o fotógrafo que entra com uma espécie de véu e rosário) Você demorou muito! Quase não chegava...

**Fotógrafo** – Tive um trabalhão pra arranjar estas porcarias!

**Delegado** – (Ao repórter) Fique à vontade, pois tenho mais que fazer. (Ao Permanente) Quando o gostosão chegar, leve-o à minha presença. (Afasta-se)

**Benedito** – (pega o véu e o rosário e se aproxima de Amelinha, enquanto Valdelice vai repetindo: “Mas não aconteceu como você conta! Você está inventando!” Sabe usar véu? Quero você com este, bem piedosa, como costumava fazer indo à igreja. (À moça obedece conforme sugerido) Perfeito! Mas que o rosto se ponha mais visível... Assim. assim mesmo. Ah. que feições lindas! (Tom) Agora, um arzinho de contrição... Por favor.

**Fotógrafo** – Moça, erga a cabeça.

**Benedito** – Legal demais! (Orientando-a) Naquele canto da sala, como se estivesse ao confessionário. (T) Sabe lá o que é uma primeira página de jornal! (Pausa) As fotos mais bonitas são premiadas. (Animando-a) Fazia tempo que eu não via modelo tão expressivo. Muito bom! eu estou

apostando que o prêmio é seu! (Tom.) Segure o rosário com devoção. Amelinha segue as instruções) Bravo! .

**Fotógrafo** – (Interferente como todo profissional) Vire o rosto, assim, mais um pouco... Olhando pra mim. isso... Mais. mais um pouco. Êpa! (Pausa) Agora erga as mãos. Eleve o rosário. Vá vá, êpa!

**Valdelice** – Você está linda, minha filha! Uma gracinha!

**Permanente** – Quero um postal, depois.

**Fotógrafo** – (Ao acionamento do flash) Cem por cento!

**Benedito** – Não demore. Outra, outra! (Vai até Amelinha, tira-lhe o véu e o rosário) Com licença. (Mete-lhe as mãos nos cabelos, desgrenhando a moça) Chegou a hora da fotografia fatal. (Pausa) Cruze os braços à linha dos seios. (Faz um gesto para a moça obedecer) Ponha-se triste, triste!

**Valdelice** – Assim é—horrível! Para quê?

**Benedito** – A senhora não acha que o contraste é importante? (Tom narrativo) A primeira foto, à esquerda da página, é da infeliz Amelinha, retrato do álbum de recordações da família, quando pedia a Deus a graça de um bom esposo. (Pausa) À direita, o que vamos fazer agora, a infeliz moça desesperada está certa de que não chega mais aos pés do padre.

**Valdelice** – Do padre não, ela queria ser casada por um frade.

**Benedito** – Frade, pois não! Um religioso de barbas longas. longas... e olhar piedoso.

**Fotógrafo** – Atenção. Senhorita. Um instante mais e estará livre. (Aciona o flash)

**Benedito** – (Ao Fotógrafo) O serviço deve estar pronto numa hora. É o tempo que terei para escrever o texto (Enquanto o outro guarda a máquina) Corra, homem! Isso é importante para nós. Suma-se daqui. (O Fotógrafo se ausenta resmungando) Correndo! (À Amelinha e à Valdelice) Serão bem recompensadas. Nem sei como retribuir tanto espírito de colaboração. (Tom) Tchau! (Sai, passando pela porta de vai-e-vem, indo ao Delegado) Você é mesmo um amigo! Me favoreceu um assunto de primeira ordem.

**Delegado** – Vou querer a reportagem caprichada.

**Benedito** – O meu serviço está bem encaminhado. O desenrolar do drama, agora, é de sua responsabilidade. (Retira-se)

**Permanente** – (À Amelinha, enquanto esta passa o pente pelos cabelos, recompondo-os) Mais café?

**Amelinha** – Não, senhor. Estou satisfeita.

**Valdelice** – (Como se tudo fosse um sonho) Agora, que você está mais calma, me diga mesmo como é a história do caminhão, dos botijões vazios... Onde você conseguiu tudo isso?

**Amelinha** – E eu sei, mamãe?! simpatizei com o moço, e dei de imaginar tudo. (pausa, 1) Será que o meu retrato vai sair bonito no jornal? (Recordando) Quando o Severino matou a mulher, com duas facadas no coração, deu tudo na primeira página. O retrato dele, grande, do tamanho do Presidente da República. (Pausa) Será que o meu vai sair assim? (Embevecida) “À pobre moça, cheia de candura, esperava o noivo.”

**Valdelice** – Edmundo não era seu noivo!

**Amelinha** – Que diferença faz, mamãe?

**Permanente** – Acho que a moça tem razão.

**Valdelice** – Não me conformo. Ninguém falou nessa conversa de caminhão, de botijões cheios, ou vazios, sacolejando... É invenção demais.

**Agente** – (Entrando na sala do delegado) Licença. (Ao “ah, ah” do Delegado, ele se adianta) Trouxe o homem comigo. Relutou, tentou desconversar: “não devo nada a ninguém coisa e lousa, mas amoleceu. (T) fazia hora na quermesse, bebericando no bar. Os amigos, que lhe faziam companhia, vieram também. Arrastei todos.

**Delegado** – Vejo primeiro o galã.

**Agente** – (Introduz Edmundo) Está na hora da autoridade lhe ver. (Edmundo se mostra nervoso mas ao mesmo tempo irritado. O Agente se retira para ir buscar os Homens 1 e 2)

**Delegado** – (Grosseiro e autoritário) Aproxime-se! (Como se gozas-se o efeito da ordem) Então o senhor é o terror das donzelas suburbanas?

**Edmundo** – (Assustado, mas sério) Senhor., está havendo um equívoco.

**Delegado** – (Empurra Edmundo com brutalidade) Vá tomando por conta do equívoco! E se lembre de que não gosto de títulos de mocinhos transviados!

**Edmundo** – Eu tenho os meus direitos.

**Delegado** – Tinha! Além de cínico, não sabe empregar tempo de verbo. Tinha. comece a explicar por que resolveu se engraçar da moça e seduzi-la. Eu não leio “Capricho” nem “Romance”, mas adoro os temas de conquistadores baratos de sua marca. (Rude, enfático) Comece!

**Agente** – (Introduzindo os Homens 1 e 2 na sala onde já estão Valdelice e a filha) Se desejam novidade, chegou a hora.

**Homem 1** – Não sei por que estou aqui. Não fiz nada de mal.

**Agente** – Torno a repetir. Um e outro foram convocados pelo delegado.  
E isso não vai tirar pedaço de ninguém

**Valdelice** – (Ao Homem 2) Então? O quer estão dizendo de mim? Falam muito?

**Homem 2** – Nem tanto... O vigário é que não ficou muito satisfeito.  
(Pausa) Reuniu a irmandade promotora da festa e parece...

**Valdelice** – ... parece o quê?

**Homem 2** – O que está pensando a senhora. Vão retirá-la dos serviços da igreja. A D. Ambrosina comentou para quem quisesse ouvir, que não era direito terem na confraria uma pessoa que não soube educar a filha.

**Valdelice** – Ela disse isso? (Ao Homem 1 c à moça) É muita coragem daquela amancebada. Todo mundo sabe como é o procedimento dela.

**Delegado** – (Restabelecendo o diálogo) Mais, mais! Não me contou ainda o suficiente. (Pausa) Sabe que não sou de tolerar os que escondem a verdade.

**Edmundo** – É como estou contando. O senhor...

**Delegado** – Explique-se, homem! Abra a boca bem aberta e fale bem explicado. Teve ou não relações mais íntimas com a vítima?

**Edmundo** – Doutor, o sr. me desculpe, mas isso é problema meu.

**Delegado** – Problema seu? Decifre a charada...

**Edmundo** – Sim, meu. (Pausa) Na verdade não tive a intenção de me aproveitar da moça. Sempre gostei muito dela.

**Delegado** – Essa é uma piada de rádio!

**Edmundo** – Doutor, estou falando sério.

**Delegado** – Andê, pule essa parte.

**Edmundo** – Não deu tudo certo por que a moça infelizmente me fez perder o juízo. Um dia me chamou para ficar na casa dela...

**Delegado** – Não vá me dizer que tudo começou na casa da viúva.

**Edmundo** – E posso negar? (Tom) Foi lá.

**Delegado** – Andê, vá indo. Conte-me os detalhes.

**Edmundo** – Mas não existe isso de detalhes...

**Delegado** – Então moça e rapaz demoram sozinhos numa casa e não acontecem detalhes...

**Edmundo** – Doutor, quero resumir, nisso tudo eu tenho parte na culpa, mas Deus sabe que a Amelinha é tão responsável quanto eu.

- Delegado** – Dê-se a respeito! Você não passa de um aproveitador. cínico.  
Ainda tem a audácia de se tomar por vítima!
- Edmundo** – Acredite em mim, por favor!
- Delegado** – (parece não escutá-lo e repete) Tem coragem de querer ser vítima!
- Edmundo** – Não é bem assim, eu...
- Delegado** – (Dá-lhe um empurrão, ríspido) Vergonha! Tenha sentimento. Como é que tem ousadia de arquitetar toda essa invencionice?!
- Edmundo** – O senhor vai saber, um dia, que estou falando a verdade.
- Delegado** – (Debicante) Vou esperar sentado. (Ao Agente) Mande a moça entrar para ouvir o que este malandro acaba de mencionar.
- Agente** – (Vai à porta de separação das salas e diz ao Permanente) O delegado quer que a moça se apresenta.
- Permanente** – Um momento. (À Amelinha; que conversa com Valdelice) O Delegado quer ver a senhorita.
- Valdelice** – Preste atenção no que vai dizer, minha filha.
- Amelinha** – Eu sei como fazer. Já aprendi. (T) Não era desse modo que a senhora queria?
- Delegado** – (Gritando da outra sala, afobado) Mande logo a moça entrar! Quero avaliar o caso. ...
- Permanente** – (Entrando com a moça na sala do delegado) Vamos, é andar ligeiro. (Amelinha avança; depara Edmundo, como esperasse a cena. Comporta-se já por então de modo sensível, muito diferente da sua maneira anterior de agir).
- Delegado** – (A Edmundo) Sua sorte, meu rapaz, agora depende dela.(T) Repita o que me disse.
- Edmundo** – (principia a falar com indecisão, procurando achar as palavras) Amelinha, eu... queria que você compreendesse... Por favor conte ao Delegado o que em verdade se passou entre nós dois... Sei que você é direita... (Pausa) Fale.
- Amelinha** – (Em tom indefinido, como se na verdade vivesse outro personagem) Será que você já esqueceu?
- Edmundo** – Esqueceu o quê? Não compreendo.
- Amelinha** – Oh, Edmundo... Vocês, homens, esquecem tão ligeiro!
- Edmundo** – Mas, não esqueci nada! Lembro que você me chamou à sua casa. E me abraçava, me queria... E eu então não pude resistir.



**Amelinha** – Não, não. Edmundo! Você contou tudo diferente demais! E o caminhão?

**Edmundo** – Que tem o caminhão do meu serviço a ver com você?

**Amelinha** – Oh, ao menos hoje, não seja cínico! O caminhão, os botijões vazios! Vamos, não diga que não se lembra! Você me carregou, eu não queria... Me convidou para ver os enfeites da boléia, e de repente, acionou o motor, partiu veloz. Ah. Foi quando eu gritei, gritei: Não faça isso. Edmundo! Pare! Pare! E você correndo, nem me deu atenção!

**Edmundo** – (Ao Delegado) Isso não! Menos verdade!

**Amelinha** – (prossigue, indiferente) E quando você se aproveitou de mim como bem entendeu, me trouxe... me trouxe de volta como um botijão vazio, e me largou diante da casa. Não cobrou nada. Mas o preço que paguei foi alto demais, Edmundo, alto demais!

**Edmundo** – (Indo a ela, segurando-a) Meu Deus! Isso não se passou! (Pausa) O que lhe deram a beber?! (Ao Delegado) Ela está louca! perdeu o juízo... (À Valdelice) A senhora, por favor, desminta essa história de caminhão, de botijão... botijão vazio!!!

**Valdelice** – O caminhão? Como?! Você não se lembra, Edmundo?

**Edmundo** – Meu caminhão não tem nada a ver com isso, D. Valdelice. (Para o Homem 1 que entra com o outro) Por que você não me defende? (Ao Homem 2) E você?

**Delegado** – (Rindo-se) É engraçado! (Pausa) Não, não é engraçado, é impagável! (Ao Agente e ao Permanente) Riam Essa é de almanaque! (Edmundo baixa a cabeça, decepcionado)

**Amelinha** – (Vai até onde está Valdelice, que se mostra surpreendida pelo inesperado da cena) Agora, mamãe, diga se não mereço grau dez?

**Fim do 2º Ato**

### 3º ATO

O mesmo cenário do primeiro ato, em que se vê o aspecto de uma quermesse. Ao desvendar-se a cena, Lolita está sentada diante da mesinha de seu trabalho, como se desejasse, dessa vez, ler a sua própria sorte. No bar o movimento é fraco, pois ainda transcorrem os instantes do anoitecer. À mesa apenas o Homem 2 a bebericar.

**Lolita** – (Levantando a carta, após instante, denotando impaciência). Não gosto quando demoro a ver aparecer o valete de ouro. É um mal sinal!

**Homem 1** – (Que entrou em cena com intenção de ver Lolita) Tem de ser hoje. E agora, que não posso esperar mais.

**Lolita** – (pondo as mãos sobre as cartas, como se desejasse esconder revelações dolorosas de seu próprio destino) Não, não pode ser agora. Não vê que estou lendo minha própria sorte.

**Homem 1** – (Tomando-lhe as mãos) Estou com um problema... Quero saber se ela vai voltar, entende?

**Lolita** – (Exasperando-se, a ponto de chorar) Será que vocês não entendem que também tenho sentimentos? E dor? e dor? Você não vê que estou querendo ficar só, comigo mesmo? (pausa, Tom) Eu ando infeliz. Não pergunte porque... Oh se a vida fosse um restaurante, fácil de pedir e ter as coisas! “Garçom, eu quero um bife...” “Não, não é assim! Paga-se caro e muitas vezes o que obtemos não nos contenta. (Vai beber o elixir. O frasco agora já se conserva aberto. Bebe o líquido com sofreguidão. De repente para, perdendo o fôlego) Antes era só uma colher das de chá... E eu achava que me fazia bem...

**Homem 1** – É remédio? Algum fortificante?

**Lolita** – (Sem dar atenção ao outro, mas bastante impressionada) Depois uma colher de sopa, e agora é como você vê... (Bebe) Nem me pergunte se melhora... Estou cada vez mais nervosa. (Pausa) Como se chamava aquela artista de cinema que morreu envenenada? ou se matou?

**Homem 1** – Sei não! Tem tanta gente morrendo assim...

**Lolita** – (Retoma à mesa. Pega nas cartas, pára; recomeça, desiste) Sinto-me tão desanimada, desamparada mesmo.

**Homem 1** – Melhore, criatura! Quero saber a minha sorte.

**Lolita** – Deixe pra depois, deixe... Estou me sentindo um resto de gente...

**Homem 1** – (Larga dinheiro na mesa pressuroso) Tem mais... Ganhei hoje para fazer o tablado do leilão da quermesse. Eu podia sair daqui mais tarde, Lô, e ir... você compreende. (pausa, T) Mas todas as mulheres são parecidas... (Pausa) Mas o que desejo mesmo e saber se ela vai retomar pra casa, entende? Ela sempre viajava, mas voltava um dia, sábado ou domingo, e ela chegava. (T) Toda uma semana, só para falar com a mãe? É muito, não é?

**Lolita** – (Numa decisão súbita) Vamos ver... (Vai arrumar as cartas, para como se algo a afligisse) Que mal-estar, meu Deus! Que falta de ar!

**Homem 1** – (Ansioso) Pago-lhe bem, mas queria saber se minha mulher vai voltar.

**Lolita** – (Amparando-se na mesa) Meu Deus, a minha cabeça está rodando... Não estou enxergando mais... está tudo turvo...

**Homem 1** – (Surpreso, diante dela) A senhora está verde... (Pausa) Está se sentindo mal?

**Lolita** – (Sem, mais se sustentar em pé) E as crianças? Vieram com você? Tudo igual aos dias de minha infância... (T) Não fale, não diga nada... Não interrompa... Ouça você!.

**Homem 1** – Não tem menino aqui, ninguém está cantando!

**Lolita** – (Em desespero) Deixaram de cantar, o senhor foi falar! (pausa) E agora? Por quê esse ruído? (Estende-lhe as mãos) Não me abandone. Por favor, onde está você? (Abate-se sobre a mesa, de modo súbito).

**Homem 1** – (Aflito) Lô...Lô! (T) Não é hora de desmaiar... (Ergue-lhe o rosto, que solto, volta a cair sobre a mesa; ele assustado, recua, corre ao bar) Depressa! Tem de ser ligeiro! (Ao Homem 2, que beberica) A Lô se apagou!

**Homem 2** – (Admirado) Hem? Você está dizendo que ela morreu?! (O outro confirma) Tenho de avisar ao repórter-amador. Pagam muito bem as notícias de morte.

**Homem 1** – (Contendo-o) A informação é minha! Não pense que você vai ganhar o dinheiro.

**Homem 2** – (Repelindo-o) Me solte! A notícia é minha!

**Botequineiro** – (Que foi ver a cartomante) Por favor não me quebrem o telefone, seus desorientados!

**Homem 2** – Largue o fio! Eu dou o telefonema!

**Homem 1** – Você liga e eu falo. (T) Não se meta, já disse!

**Amelinha** – (Que acode a ver o que se passa) Que está acontecendo? É briga?

**Botequineiro** – D. Lolita deu um chilique. Um' ataque, sei Lá!

**Amelinha** – (Indo ao local) Mas como foi? Me contem!

**Botequineiro** – Mudou de cor... Não tem uma gota de sangue.

**Amelinha** – Convém encostá-la na parede...

**Botequineiro** – (Erguendo a cartomante) Pra mim ela se envenenou...

- Amelinha** – (Tomando ao nariz o hálito da cartomante) Pelo cheiro é o maldito elixir! (Verifica o frasco do remédio) Bebeu tudo... e isso mata.
- Botequineiro** – Corre perigo de morte?
- Amelinha** – Sei não! Só um doutor pode dizer isso. Mas acho que um injeção resolve.
- Botequineiro** – (Aos Homens 1 e 2) Tomaram alguma providência?
- Homem 2** – O jornal está mandando a reportagem.
- Botequineiro** – E ambulância? pediram?
- Homem 1** – Não dão prêmio, a gente esquece. (Retoma ao telefone).
- Amelinha** – Estão exagerando demais. Para que ambulância? (Ao Botequineiro) Será que nunca viram mulher desmaiar? (Ao Homem 2) Não passa de desfalecimento bobo! Uma dose de conhaque reforçada e ele se reanimará.
- Homem 1** – A mulher se envenenou. (T) Quem sabe se ela não queria fica assim?
- Amelinha** – Largue de especular! Não exagerem! (Retira-se para casa).
- Botequineiro** – O negócio é servir logo a bebida forte, o conhaque. (T) Vou buscar. (Vai ao bar)
- Homem 2** – (Ao Homem 1) Quanto pagam mesmo por uma notícia ruim?
- Homem 1** – Sendo de morte, dão bom dinheiro.
- Botequineiro** – (Tentando servir a bebida à Lê) Sempre pensei: você, por causa dessa bebida maldita, vai-se dar mal!
- Amelinha** – (Acompanhando o movimento ao longe) Uma tolice dessa e logo correm todos como umas baratas tontas! (Ao botinqueiro) Já vi que quem bota baralho tem prestígio! (Fica só de combinação, enquanto fala para o interior da residência) Mamãe, apresse o meu vestido. O pessoal do jornal está chegando. Ficaram de vir me fotografar...
- Valdelice** – (Sem aparecer) Que vão aprontar. dessa vez?
- Amelinha** – Nova série de fotos. A reportagem vai sair em cores... Legal! (Vendo os homens que acodem a cartomante) Ligeiro, senão a mulher morre!
- Valdelice** – (Aparecendo) O que está acontecendo lá fora?
- Amelinha** – Nem lhe disse ainda... O tal do elixir fez mal à Lô.
- Valdelice** – (A porta) Na certa se envenenou.
- Amelinha** – Que nada! E tontura, passa!
- Valdelice** – Quem sabe não estão precisando de mim?

**Amelinha** – (Empurrando a mãe de volta para o interior da casa) Ora, deixe a Lô para depois. O importante agora é passar meu vestido. Sabe quanto a Butique das Noivas vai pagar pelo meu retrato? Trinta mil reais. (Tom) Vá. Mamãe! Estou perto de ser artista de cinema. (Valdelice se ausenta) Dou razão a ela... Se eu não houvesse concordado com a história da sedução, tinha perdido todas as vantagens!

**Homem 1** – (Ao repórter Benedito) Eu me lembrei de você e liguei...

**Benedito** – (Seguido do fotógrafo) Não tem o menor problema. O prêmio é seu.

**Amelinha** – (Ao avistar Benedito) Chegou o meu repórter! (Envolve-se num quimono. Ao interior da casa) Mamãe a senhora demorou tanto, que a reportagem chegou!

**Homem 2** – É problema com mulher das cartas. (Aponta para Lolita) Pra mim ela já morreu...

**Benedito** – (Decepcionado) Não diga isso! Detesto dar viagem perdida.

**Homem 1** – Mas pelo visto, ela morre.

**Benedito** – Foi uma carreira só até aqui. Fazia muito tempo que não morria uma cartomante.

**Amelinha** – (Exibindo-se à porta) Alô, alô, rapazes!

**Benedito** – (Sem dar atenção à Amelinha) Alô. (Ao Fotógrafo) Já vi essa zinha. É a da história do Pirambu.

**Amelinha** – (perto) Não se surpreendem? Sou eu, a Amelinha. Mamãe está passando o meu vestido novo... Não demora.

**Benedito** – Isso de vestido fica pra depois. O negócio agora é outro. (Ao Homem 1) Vá contando tudo, sem esquecer detalhes.

**Homem** – Sou bom de memória. Ela estava tirando minha sorte.

**Homem 2** – Estava com você, mas quem ligou fui eu.

**Fotógrafo** – (Mais perto de Lô) Arreda todo mundo! Vou começar o meu trabalho.

**Benedito** – Quero uma foto do corpo, a saia levantada...

**Amelinha** – (Tentando segurar o braço do repórter) Mamãe não demore, não!

**Benedito** – (Livrando-se dela) Depois, minha filha! Depois! (Ao Fotógrafo) Capriche. .

**Fotógrafo** – Você já começa. Fico aporrinhado quando me orientam no meu serviço! (prepara a máquina. Flash) Um sucesso o ar arruinado da mulher!

**Benedito** – O Secretário é exigente, você sabe. Eu gosto de cumprir a pauta. (Pausa) Temos de impressionar os leitores. (T) Vivem dizendo que não querem fotos realistas. mas se babam por cadáver de mulher!

**Amelinha** – (Indo até a casa) Não custe mais, Mamãe! Venha logo com o meu vestido! (pausa, não escondendo sua revolta) Uns tolos. perdendo. tempo com uma cartomante desmaiada!

**Benedito** – Sexo! Quero foto sexy! (Vai ate onde Lô está caída. mexe-lhe a roupa para ficar à mostra uma porção de coxas) Agora está na medida! (Ao fotógrafo) Bata!

**Fotógrafo** – (Acionando a máquina) Era isso mesmo que eu queria.

**Botequineiro** – Não é coisa que se faça! A mulher deve ser respeitada.

**Benedito** – (Voz alta) Acabou-se o sentimentalismo! (Ao Homem I) Conte-me toda a ocorrência... (Amélia se aproxima).

**Homem** – Ganho mesmo o prêmio? Eu liguei. Tenho sempre o número do telefone comigo. E só ver um atropelamento, corro logo pro aparelho...

**Benedito** – Conte a história... Quanto mais real, melhor. Puxe pela cabeça, não esqueça nada. Tudo é muito importante. Não faz mal se aumentar, ,acrescentar alguma coisa. Vá, vá contando... Fale.

**Homem** – (Após momento) Ela vivia ameaçando se matar. Por isso. bebia um tal de elixir misterioso...

**Amelinha** – (Metendo-se) Menos verdade. A Lô era infeliz mas amava a vida!

**Benedito** – (Brusco. afasta a moça) Por caridade, criatura! dê o fora! Você é notícia velha, é de ontem! Volte pra casa!

**Amelinha** – (Revoltada) Bruto! Não devia me tratar desse modo!

**Valdelice** – (Aparecendo a indagar) Queridinha. já estão fazendo as fotos?

**Amelinha** – (Magoada) Que nada, mamãe! vieram para outra reportagem. Imagine! Estão perdendo tempo com a cartomante. (A Benedito) Está pensando que ela morreu? É só um, passamento...

**Benedito** – (Ao Homem 1) Conte mais e não ligue o que a moça está dizendo. Como lhe disse antes, o importante é aumentar... Quanto mais molho na história, melhor fica para você, que ganha mais...(T) Estava tirando a sorte quando perdeu os sentidos?

**Homem 1**- Isso mesmo! E falava no meu futuro, anunciando... agora me lembro melhor, a volta de minha mulher ao lar. E de repente, parecia uma bruxa, uma visagem fora de si rindo como louca...

**Benedito** – Riso mesmo? Veja se lembra?

**Homem** – Não, não. Era choro, um desespero sem tamanho! (Dramatizando) Aí, aí... pegou o elixir, bebeu tudo de uma vez, glute- glute, gritando. “Me libertei, não vou mais sofrer!”

**Homem 2** – (Exibindo o frasco do elixir) Se não me derem também uma ponta do pagamento, não entrego a prova.

**Benedito** – (Toma-lhe o vidro) Participe mas não se meta! (T) Você não será prejudicado. (T) Já tenho o título da reportagem... A GARRAFADA MILAGROSA TIRA A VIDA DA CARTOMANTE!

**Fotógrafo** – (Ao repórter) Se ela morrer...

**Benedito** – Pelo jeito, essa aí vira a perna. Como demora chegar a ambulância, não tem nem perigo...

**Homem 2** – (Ouvindo o ruído da viatura de socorro) Dessa vez atenderam logo!

**Amelinha** – (Desgostosa. à mãe) Eles não podem me deixar agora. Quero tirar meus retratos.

**Valdelice** – Acalme-se. Não vão lhe trocar por uma cartomante vulgar! Você é romance, é drama, é juventude... é desgraça.

**Amelinha** – A senhora acha?

**Valdelice** – Acho... É só esperar! (Sai: na mesma hora entram carregando a maca dois enfermeiros e o médico, que vai auscultar a cartomante)

**Médico** – Não parece grave. Logo se restabelecerá. (Aos homens. que o cercam) Afastem-se! Preciso de espaço. (Ao Fotógrafo, que se prepara para outro flagrante) Favor não me meter em seu trabalho. (Aos homens que não se mexeram) Será que estou falando grego Afastem-se;! Nessas condições não posso socorrer.

**Benedito** – (Ao Homem 1) Com franqueza, eu não estou gostando nem pouco da sua história. Puxe pela memória, relembre tudo, veja se não está esquecendo um fato. A gratificação depende do drama, da tragédia...

**Homem** – Bem...eu estou me esforçando. mas a memória não ajuda.

**Benedito** – Será que não há pelo meio um problema de paixão contrariada... Me ajude!

**Homem 2** – (Ao Médico) O senhor acha que a mulher escapa?

**Médico** – Não tenho a menor dúvida. (Ao enfermeiro) Vamos mais ligeiro. Tenho de atender a outro chamado de urgência.

**Valdelice** – (A filha) Nada de adular a esses aproveitadores!

**Amelinha** – Não fale assim, mamãe! Tudo vai dar certo.

**Valdelice** – E por que não? Sei que você é bonita e prendada! Enche a vista das pessoas Vi na delegacia. O delegado, não fosse casado, ia lhe tomar por esposa...

**Amelinha** – Que esposa, mãe!

**Valdelice** – E como eu digo. (Pausa) Você pensa que os ricos, os barões não gostam de menina do seu tipo? Mesmo casados no padre, são capazes de botar casa e se amigar...

**Amelinha** – Se cale, mamãe... Podem ouvir.

**Valdelice** – Calar por quê? Minha filha, você nem sabe a raiva que estou sentindo dessa gente que não reconhece o seu valor.

**Amelinha** – Assim a senhora me deixa nervosa

**Valdelice** – Passo já um pouco de álcool nos seus pulsos, que melhora.

**Amelinha** – Quero não! (Ergue-se do lugar, onde estivera sentada) Eu quero ficar em paz, calada. em silêncio... Só isso.

**Valdelice** – (Acarinhando-a) Filhinha, não despedace o coração de sua mãezinha.

**Benedito** – (Ao homem 1) Então, o que tem para dizer mais?

**Homem 1** – Tem, sei coisa, mas eu... eu não sei contar.

**Benedito** – (Ao médico) Posso dar que ela se envenenou?

**Médico** – Pode ser, mas não agora.

**Benedito** – (Como se estivesse lendo) SUICIDOU-SE, CONFIRMOU O MÉDICO, DEPOIS DE ESPERAR EM VÃO A FELICIDADE!

**Médico** – Não estou confirmando nada. Por favor não abuse.

**Benedito** – Mas o senhor insinuou... (Rude) Cuide também do seu trabalho, que sei fazer o meu.

**Médico** – Veja como me trata. Não estou aqui para perder meu tempo.

**Benedito** – (Ao Fotografo) Já vi, meu dia hoje não é de sorte.

**Médico** – (Impaciente) Com esse povo em cima não posso trabalhar. (Ao enfermeiro) Melhor a gente sair daqui quanto antes. (Os dois tomam providência para conduzir a cartomante para fora de cena, na maca. O grupo todo troca idéias, em quanto o fotógrafo bate repetidas chapas, e ao tentar novos ângulos atro- pela os outros etc.)

**Fotógrafo** – (Quando o médico se ausenta levando Lô com os enfermeiros) O doutor ia se afobando! Era o que faltava hoje!

**Benedito** – Nem sei pra que estudam 6 anos e mais isso e aquilo. **PHD**, mais não sei o quê... Mas choram se vão tomar uma injeção!



**Fotógrafo** – Pensa que vai sair na foto! Vai Ter muito o que esperar...

**Benedito** – (Voltando a insistir junto ao Homem 1) Melhor a história... Vale mais.

**Homem 1** – Estou me esforçando, mas nada. Só sei que a d. Lô vivia sem homem, muito tristezinha...

**Benedito** – Toda cartomante tem amante. Vamos, se lembre.

**Fotógrafo** – (Ao Repórter) Isto aqui já deu o que tinha de dar. Vamos embora, vou revelar o filme.

**Benedito** – (Batendo nas costas do Homem 1) Você não ganha mais porque é mole.

**Valdelice** – (presumindo que os repórteres vão se retirar. À filha) Eles vão embora. Não pode ser! (T) Vou falar com eles.

**Amelinha** – (Aflita) Mamãe, não faça isso.

**Valdelice** – (Indo aos repórteres) Esperem. Eu exijo as fotos de minha filha. Acabo já de passar o vestido.

**Benedito** – A madame desculpe. Só depois.

**Valdelice** – (Segurando Benedito) Mas o senhor prometeu, e minha filha está esperando! Muito magoada. (À Amelinha, que ainda está em casa) Venha, querida. Venha.

**Amelinha** – (Sem aparecer) Não deixe que eles saiam. Não posso perder essa oportunidade.

**Benedito** – (Ríspido) Por favor, esqueça. Tenho de sair.

**Valdelice** – (Súplice) É só um instante... (Segura o Fotógrafo).

**Fotógrafo** – A senhora amassa meu temo.

**Valdelice** – Eu sei, mas me desculpe. (para Amelinha, que não apareceu ainda) Corra, filhinha, se não eles vão embora!

**Benedito** – (Afastando Valdelice. ríspido) Parece que. perdeu o juízo?! Isso passa da conta.

**Valdelice** – (Encarando-os) E minha filha?! Que vão dizer dela. depois. Por acaso será uma qualquer? (pausa, T) Não é hora de abandoná-la!

**Benedito** – (Atira uma cédula à mulher) Veja se dá para contentar- se! A senhora parece querer aplicar o golpe da moça desonrada!

**Valdelice** – Não, o senhor se engana! Não é dinheiro que interessa...

**Benedito** – (Mais compreensivo) Está bem. E agora me desculpe. (T) Mas entenda. A vez da sua filha já passou. Infelizmente é assim. Ha sempre um novo fato que empurra o de ontem para longe... O jor-

nal vive da novidade, do fato do dia... Eu sei que somos frios... (T)  
Infelizmente.

**Valdelice** – Eu me esforço para compreender e não consigo! Sei, mas antes de ser notícia, minha filha é gente, tem alma, tem sangue, e tem vergonha... Pausa) A notícia passa, mas a criatura fica...

**Benedito** – Que sugere então? Sem um fato novo, o assunto morre. (Vendo Amelinha, que aparece) Que mais se poderá encontrar em você? (Pausa) Você terá por ventura algo mais que interesse ao público? (T)  
Fale. Diga alguma coisa.

**Amelinha** – (Tomando a cena. depois de momento; grave, bastante grave) Estou grávida.

**Tod** – Grávida?!

**Valdelice** – (Voltando-se para a filha) Verdade? Você tem certeza?

**Benedito** – (Com muita alegria) Deveras? (Ao Fotógrafo) Você também ouviu? Ela vai ter um bebê!!! (À Amelinha) Por que não nos disse antes? Não devia ter guardado! (T) A sociedade' nunca deixa de se comover com o nascimento de um novo brasileiro. (Pausa) Quer menino ou menina?

**Valdelice** – Não deseje menina. Mulher dá muito trabalho.

**Benedito** – Estou de acordo. (f) E o enxoval Se não o fez ainda. e aproveitar a campanha do programa “Ajude às Noivas” .

**Amelinha** – (Indecisa, triste) Eu... eu...

**Valdelice** – Fale, minha filha Aproveite enquanto se interessam outra vez por você. (Triunfante) Eu sabia que a cartomante não lhe passara para trás.

**Benedito** – Vá contando, minha filha. Farei outra reportagem de sucesso. (Ao fotógrafo) Bata mais duas ou três fotos.

**Fotógrafo** – (Acionando a máquina) Adoro fotografar mulheres grávidas (A ela) De perfil, para o menino ser também fotografado (Rir) Legal! Legal! (Edmundo entrou em cena; parado, curioso, fica no bar escutando os diálogos)

**Benedito** – (Anotando) “Grave revelação da donzela desprezada”: ESTOU GRA VIDA DE DOIS MESES!

**Fotógrafo** – (À Amelinha, que se revela aturdida) Ânimo. menina! Não se deixa ficar envergonhada! Isso de ser mãe solteira está na moda. Era feio antigamente. Nossos avós exigem demais, e não passavam de cínicos! (O. T.) Não se mexa. Pode estragar o retrato. (Tornando ao tom coloquial) Avós...uns bons velhacos! Viviam desencaminhando as

empregadinhas. (T) Esse Brasil, desde muito tempo já misturava todo mundo. Tem uma palavra difícil, que explica isso: miscigenação... (T) Outra foto, dessa vez rindo. Diga queijo em inglês “chease!” (Ele próprio rir) CHEASE:...

**Amelinha** – (De repente, como se tudo aquilo a repugnasse. À Valdelice) Mamãe, eu não posso! Não agüento mais!

**Fotógrafo** – Chease... Chease...

**Benedito** – (A Amelinha) Que está havendo agora?

**Valdelice** – (Sem compreender o sentimentos da filha) Você não pode desistir.

**Amelinha** – (perdendo o controle) Não! Não e não! Sinto-me como se estivesse representando, fazendo um papel que não é o meu.

**Benedito** – (Ao Fotógrafo) Não se deixe impressionar. Pode ser um truque. Fotografe tudo!

**Valdelice** – (À Amelinha) Você decepciona os rapazes. Meu bem!

**Amelinha** – Não insista, mamãe. Deixe, quero ser eu mesma.

**Benedito** – É cena fora dos nossos planos.

**Valdelice** – Minha filha, você ainda pode reconsiderar... O apoio do jornal é valioso.

**Amelinha** – (Interrompendo a mãe) Mas eu não estou grávida... Não estou, não estou! (Ante o pasmo dos outros) Esqueçam tudo que lhes disse. Não adianta esconder a verdade. Eu descobri, já tarde, sei que acima de tudo está a minha consciência.

**Benedito** – (À Amelinha, revoltado) Com que então temos mais uma pecadora arrependida? Eu não sabia que você trabalhava em novela de televisão! (Pausa) Nunca me enganou! Só serve para ser desfrutada pelos machos! (Ao Fotógrafo) Bata logo uma foto desta cadela! Quero escrever uma legenda especial nela! (T) Vamos, bata!

**Edmundo** – (Aproximando-se no exato instante em que o fotógrafo vai disparar a máquina. Toca nele com tanta força que o faz cair, soltando o equipamento de trabalho)

**Fotógrafo** – (Zangado) Maluco! Irresponsável!

**Amelinha** – (Ao AH! de espanto dos circunstantes) Edmundo!

**Benedito** – Ficou todo mundo doido aqui!

**Edmundo** – (Aos jornalistas) Fora! Saiam já seus desavergonhados! (Pausa) Faz tempo que vocês jogam no chão a honra desta mulher.

**Benedito** – O que você está pensando de nós? Se nos considera errados, recorra à Lei de Imprensa!

**Edmundo** – Fora! Quero lá saber disso! Fora!

**Fotógrafo** – (Verificando a máquina) Vai lhe custar caro! Muito caro!

**Amelinha** – (Indo a Edmundo) Oh, estou tão envergonhada!

**Edmundo** – (Ao fotógrafo) Desapareça daqui!

**Benedito** – (A Edmundo, enquanto sai com o fotógrafo) Não vai ficar assim, não! Não vai mesmo.

**Valdelice** – (A Edmundo) Você botou tudo a perder! Ia ser o maior sucesso! (pausa, 1) E agora? Até meu emprego perdi...

**Amelinha** – (Agarrada a Edmundo) Não me largo mais de você. (Refletindo, em outro tom) Como são terríveis os maus vizinhos, os maus jornalistas, os maus delegados...

**Edmundo** – (Com a mão nos lábios da moça, fazendo-a calar-se) Lembra-se daquela história do caminhão do gás, carregado de botijões vazios, que você contou?

**Amelinha** – Eu inventei, Edmundo! Você não me levou a lugar nenhum! (pausa, como se lamentasse) Eu sempre o desejei tanto! Era amor, amor! (Nesse instante Valdelice, já no interior da casa, como se relembresse tudo, triste, recompõe o vestido da coroação. Depois, presa de emoção, desaparece)

**Edmundo** – Sei, é irreal a história, mas o caminhão existe. Está aí fora, esperando por nós. (Vai com ela até a extremidade do palco, ao fundo, onde se imagine esteja a rua) Antes de recolher o carro. vim ver você. Queria saber até onde agüentava ir...

**Amelinha** – Nem eu mesma sabia. (Pausa) Acho que havia outra mulher com o meu nome...

**Edmundo** – (Carinhosamente, apontando para fora) O caminhão cheio de botijões vazios, do jeito como você contou à Polícia. Com uma diferença: não é de mentira, juro! (Vai-se afastando dela em direção ao carro).

**Amelinha** – Edmundo, eu vou com você. Espere, espere! (Retorna à casa, à pressa, apanha o vestido da festa, que Valdelice havia pendurado em prego de parede. A um e outro móvel pega o “bouquet” e a coroa dourada: quando vai se dirigir para a rua, Edmundo retorna e a toma nos braços levando-a em efusão afetiva. Nesse meio tempo ouve-se a voz de Valdelice, em choro. no interior da casa; – “Amelinha, é você

que vai saindo? Para onde?” Soa música triunfal, marcando a cena que deve transcorrer grandiosa)

**Valdelice** – (Aparecendo no quarto) Amelinha. (Não a vendo ali) Amelinha! (Cresce o ruído do motor do caminhão: ouve-se o retinir característico de botijões de gás vazios se chocando uns contra os outros. Aos homens) Por favor não me digam que foi o caminhão da entrega sistemática! Foi? (tanto ao Homem 1 como ao Homem 2, que confirmam) Que se pode fazer? Falem! A menina sempre foi voluntariosa. Não queria ouvir os meus conselhos... (Indo em direção ao ruído do carro acelerando, partindo...) Que Deus me proteja! (Arrependida. imediatamente) Não, não, que Deus proteja minha filha!

**PANO**  
**Fim do 3º Ato**

## O JULGAMENTO DOS ANIMAIS

### PERSONAGENS:

**VALADÃO** – o patrão-fazendeiro

**MEIA-PATACA** – o moleque da fazenda

**DENGOSA** – vaca respeitável

**VELOZ** – cavalo de estimação

**PÉ-DE-MOLEQUE** – O jumentinho da carroça

**DR. CANUTO** – médico da roça

**ESPÍRITO-MAU** – o desorientador das crianças

### 1ºATO

Ao correr o pano, devassando a cena, ver-se-á um negrinho, tratador de animais. É o Meia-Pataca; moleque vivo, expedito. O público deverá perceber que a ação vai desenrolar-se num ambiente de fazenda. E um grande salão onde avultam selas e arreios. Haverá a um canto uma cama de campanha. Demais objetos necessários à caracterização do cenário poderão, ou até deverão mesmo, ser acrescentados.

**Meia-Pataca** – (DIRIGINDO-SE AOS MENINOS DA PLATÉIA)

Vocês fiquem quietinhos e reparem bem! Quem trabalha alugado, assim como eu, para o trato de uma fazenda, não pode descansar. Vocês pensam que eu acordo tarde? Que fico na cama, imaginando coisas? Nada! O regime aqui é duro. Logo que o galo canta, eu me levanto. Vou tirar leite de d. Dengosa, que é uma vaca muito simpática; abrir a porteira e soltar o **Pé-de-moleque** – um jumentinho pedrês; cuidar de preparar o mingau da Mimi – a gatinha mais bonita que já se viu por aqui. (PAUSA. VAI SENTAR-SE NA CAMA). Às vezes, tenho vontade de dormir um pouquinho mais... Sopra um vento frio; mas o patrão,

esse tal de Valadão, é duro! (Pausa) Será que ele virá aqui, agora? Vem não, vem? (O.T.) Vou aproveitar enquanto ele não chega e dormir um pouco. Se o seu Valadão se aproximar, vocês me acordam! Prestem bem atenção. (DEITA-SE PARA DORMIR, PRINCIPIA A RESSONAR).

**Valadão** – (FORA DE CENA, CHAMANDO) Meia-Pataca! Meia-Pataca! Onde se meteu esse moleque? (DEPOIS DE UM MOMENTO, VALADÃO ENTRA SEM NOTAR QUE MEIA-PATACA DORME) Todos os dias é a mesma coisa! Desaparece o danado! (DIRIGE-SE AOS MENINOS NA PLATÉIA) Vocês viram o Meia-Pataca? Meia-Pataca é um preguiçoso! Não faz nada. Vive por aí a pular cercas e a brincar no pasto com os meninos da vizinhança. Na certa há de estar lá fora, esquecido das suas obrigações. Se o apanho em diabruras, quebro-lhe as costelas com o meu chicote de três pontas! (SAI)

**Meia-Pataca** – (VIRA-SE NA CAMA. DE REPENTE, LEVANTA-SE ASSUSTADO) Acho que me chamavam... (VOLTANDO-SE PARA OS MENINOS DA PLATÉIA) Foi o patrão, o Valadão, que passou por aqui? (DIANTE DO ASSENTIMENTO DE TODOS) Ah! Então eu tenho que me raspar daqui, já e já. Com esse homem ninguém pode folgar um instante. Ele é brabo. (LEVANTA-SE. VAI SAIR, RECUA) Aí vem ele! Agora sim, as coisas vão piorar para mim.

**Valadão** – (ENTRANDO) Onde você andava, Meia-Pataca? Vamos, diga ligeiro, se não lhe pego mais rápido ainda!

**Meia-Pataca** – (ASSUSTADO) Eu estava aqui mesmo, arranjando as coisas.

**Valadão** – E como eu entrei e não o vi?

**Meia-Pataca** – É...ou...eu... estava acocorado.

**Valadão** – Conversa! Eu já sei o que você estava fazendo... Enquanto dormia, os bichos se danavam por aí afora. Aqui na minha fazenda, não admito desorganização.

**Meia-Pataca** – Bem, seu Valadão, eu estava trabalhando... (APONTA PARA A PLATÉIA) Pergunte aí aos meninos!

**Valadão** – Vou perguntar mesmo. (DIRIGINDO-SE AOS MENINOS) Como é, ele estava mesmo se ocupado em alguma coisa?

**Meia-Pataca** – (AOS MENINOS) Por sim, pessoal! (A PLATÉIA TERÁ DE SE MANIFESTAR POR MEIA-PATACA) Olhe aí, patrão! Não lhe disse!

**Valadão** – (ABORRECIDO) É proteção! Esses meninos estão protegendo você! Mas não adianta. Comigo é na lei do muque. Venha cá.

**Meia-Pataca** – Às ordens, patrão.

**Valadão** – Você já atrelou a carroça ao Pé-de-moleque?

**Meia-Pataca** – Não senhor. O jumentinho amanheceu capengando e eu tive pena dele.

**Valadão** – Ora boca de pena! E ainda diz “jumentinho” (IMITA-O), como se bicho fosse gente, para se tratar dessa forma. Bicho na minha fazenda é para fazer força, capengue ou não capengue.

**Meia-Pataca** – Mas o “bichim” não pode...

**Valadão** – Alto lá! Não admito aqui esse negócio de falar como nordestino! Nada de “bichim”, de “jumentim”, de “engraçadim”...

**Meia-Pataca** – Então, o bichão...

**Valadão** – Corra daqui, já, seu malcriado! Atrele a carroça ao jumento e nada de regalias com um reles animal. Bicho é bicho.

**Meia-Pataca** – Sim senhor.

**Valadão** – E outra: quantos litros de leite a vaca Dengosa deu hoje?

**Meia-Pataca** – Dez litros. O senhor compreende. Ela me pediu dois litros para o bezerrinho.

**Valadão** – Espere! Ainda tem essa? O leite é meu e a vaca acha que deve guardá-lo para o bezerro?!

**Meia-Pataca** – Seu Valadão, o leite é da vaca.

**Valadão** – Claro que não é meu! Ora, ora! O bezerro coma capim.

**Meia-Pataca** – Mas é tão bonitinho o bezerrinho! O “bichim”...

**Valadão** – (CORTANDO) Alto lá! Já lhe disse que não quero esse negócio de “bichim”!

**Meia-Pataca** – Bom, o jeito é agente se conformar.

**Valadão** – E raspe-se daqui, que quero tudo, hoje, feito à pressa. É tratar de atrelar a carroça, tirar mais leite da vaca, tosquear as ovelhas...etc, etc! Ligeiro. Anda, moleque!

**Meia-Pataca** – (SAINDO) Já vou indo, patrão. (DESAPARECE).

**Valadão** – Hum! (PARA A PLATÉIA) Vocês pensam que eu sou tolo? Sei exatamente o que estou fazendo. O moleque, que faça força por mim. Ganha para isso. Aqui o degas vai dormir mais um bocado... (BOCEJA) Acordei cedo demais. (APROXIMA-SE DA CAMA) Ai, ai! Que sono! (OLHA PARA OS MENINOS ANTES DE SE DEITAR) Vejam bem. Fiquem aí



quietinhos, que não gosto de zoada. Menino comigo é na peia. Cajados!  
(DEITA-SE BEM ACOMODADO. PRINCIPIA A RESSONAR).

**Meia-Pataca** – (DAÍ A UM INSTANTE, ENTRA. VENDO O PATRÃO DORMINDO, VAI À RIBALTA DIRIGIR-SE AOS MENINOS)  
Quando eu disse aos bichos, que seu Valadão negara os dois litros de leite para o bezerro novo, foi uma revolta geral! Vem tudo aí protestar. Prestem atenção ao que vai acontecer.

(NESSA HORA ENTRAM EM CENA O JUMENTO PÉ-DE-MOLEQUE, A VACA DENGOSA E O CAVALO VELOZ. AS TRÊS FIGURAS, COMO AS FIGURAS DO AUTO POPULAR O “BOI”, RODOPIAM ANIMADAMENTE. QUANDO PASSAM PRÓXIMOS À CAMA, CADA UM MEXE EM VALADÃO, QUE MUDA DE POSIÇÃO, ATÉ LEVANTAR-SE ASSUSTADÍSSIMO).

**Valadão** – Que houve aqui?! Exijo uma explicação!

**Veloz** – (TOMANDO A FRENTE) Nós é que exigimos! O senhor está muito enganado. (OUTRO TOM) Eu sou o cavalo Veloz. De tanto sofrer do senhor, já perdi minhas carnes. Só tenho osso...

**Dengosa** – (ADIANTANDO-SE) Eu sou a Dengosa! A vaca do bezerrinho.

**Pé-de-moleque** – E eu, o jumentinho.

**Valadão** – Não posso admitir essa invasão aos meus domínios...

**Veloz** – Vamos prestar nossas contas, seu Valadão. O senhor se lembra que mandou fazer um par de esporas, bem afiadas, para me tocar com mais pressa?

**Valadão** – Você não queria correr! Estava ficando malandro.

**Veloz** – E não se lembra que havia diminuído a minha ração de milho?

**Pé-de-moleque** – Eu também quero protestar. O senhor se lembra daquela carroça de carregar tijolos, que queria que eu puxasse? Lembra-se?

**Valadão** – Uma carrocinha de jumento! Não pesava nada! Uma brincadeira!

**Pé-de-moleque** – Mas olhe só o meu lombo! Veja como ficou pisa- do!  
(MOSTRA O CORPO A VALADÃO)

**Valadão** – Ora, isso não é nada! Uma tolice! A carrocinha não pesa nada. Tão leve!

**Pé-de-moleque** – É leve, não é? Pois vamos ver agora se é mesmo!

**Veloz** – Certo. O senhor saberá já se ela é pesada ou leve. (GRITANDO PARA FORA) Empurre a carroça com os arreios que me maltrataram!

**Pé-de-moleque** – (À PLATÉIA) Como é, meninada? Botamos ou não botamos a carroça nele?

(MENINOS DEVEM GRITAR: Botam! Botam!)

**Dengosa** – Não há outro jeito. Todo mundo está querendo que o senhor puxe a carroça.

**Valadão** – Mas isso é injustiça! Não, vocês não devem fazer uma coisa dessas!  
(ENQUANTO VALADÃO RECLAMA, A CARROÇA É ATRELADA)

**Dengosa** – (AO PÉ-DE-MOLEQUE) Você é que deve ter a honra de botar o cabresto no senhor Valadão!

**Pé-de-moleque** – Agradeço a distinção. Mas a senhora, que sofreu mais do que eu, deve guiá-lo.

**Meia-Pataca** – (PULANDO DE ALEGRIA) Eu bem que dizia! Agüente, seu Valadão! Ninguém pode maltratar os bichos!

**Dengosa** – (À GUIZA DE CABRESTO, AMARRA UMA COR-DA NA CABEÇA DE VALADÃO) Olhe, seu Valadão, num vou apertar o lago! É só para fingir.

**Valadão** – Eu protesto! Isso é um ultraje à minha dignidade! Eu sou um homem!

**Veloz** – Homem que não se dá a respeito, que não sabe tratar os animais!

**Valadão** – Meia-Pataca, me salve! Isso é ridículo!

**Meia-Pataca** – (À PLATÉIA) Como é, meninos, ele puxa ou não puxa a carroça?

(OS MENINOS RESPONDEM: SIM! SIM!)

**Dengosa** – Vamos começar o nosso passeio! Basta subir a ladeira...

**Valadão** – (ASSUSTADO) Subir a ladeira? Não, vocês estão loucos? A ladeira é muito íngreme! Não, ou sei que morro. Não tenho forças para tanto!

**Veloz** – Toca pra frente! Vai andar pelo mesmo caminho que todos os dias enfrentamos! (O.T.) Dona Dengosa, arranje por aí um bom chicote!

(VALADÃO SAI PUXANDO A CARROÇA. OS OUTROS ANIMAIS FICAM EM CENA FAZENDO COMENTÁRIOS COMO ESTES: “Não agüenta muito tempo! É mofino!”; “É um merecido castigo para quem maltrata os animais!”; “Ele nunca teve pena de nós. Agora, sofra!”)

**Meia-Pataca** – (QUE VAI À PORTA E VOLTA ATÉ A PLATÉIA, PARA DAR AS SUAS IMPRESSÕES) Fala aqui o repórter Meia-Pataca! Nesse momento o homem mau, chamado Valadão, que tirava o

leite dos bezerros e tocava os bichos com espora, está puxando carroça... E vem vindo aí, senhoras e senhores!

**Valadão** – (ENTRA EM CENA PUXANDO A CARROÇA. ESTÁ CANSADO) Ah... Ah... Eu não agüento mais. Isso é uma impiedade. Não deviam maltratar-me assim.

**Meia-Pataca** – Não lhe dizia, patrão? Os bichos sentem como nós, são iguais às criaturas humanas.

**Pé-de-moleque** – É para você aprender. Lembra-se de quando me mandou à feira com uma carga de trezentas mangas? Eu ia me arrastando, tal era o peso. E o senhor dizia: “Batam com força nele que isso é preguiça!”

**Valadão** – Ah, mas eu não sabia que era assim... Por favor, safem-me dessa carroça. Eu prometo que me regenero. (VALADÃO FAZ CARA DE CHORO).

**Dengosa** – Que é isso? Nunca vi homem chorar! Espere mais um pouco. O senhor está sendo julgado por nós. (Pausa) Quem mais acusa este homem?

**Veloz** – Eu, o cavalo Veloz. Todo dia, ele queria que eu fosse o mais depressa possível à estação. E quando eu não ia a tempo, me castigava.

**Dengosa** – É homem sem coração. Vocês sabem disso, pois mandou cortar o leite de meu filho.

**Valadão** – É intriga dessa vaca!

**Dengosa** – Dobre a língua. Exijo que me trate com respeito. Eu sou uma senhora.

**Valadão** – Está bem, dona Dengosa.

**Veloz** – E vai ser também castigado exatamente porque roubou o leite de um inocente, deixando-o com fome. Eu dou a sentença. O patrão Valadão, homem mau que maltrata os bichos, vai ter que berrar como bezerro faminto.

**Valadão** – Não, não façam isso! Não!

**Dengosa** – Da minha parte aprovo a sentença.

**Veloz** – Eu também.

**Valadão** – Os meninos, todos que estão aí, vão rir de mim. Por favor, não me aflijam dessa forma.

**Veloz** – Quem decide é d. Dengosa.

**Meia-Pataca** – (AOS MENINOS) Vamos torcer, gente, para que ele fique berrando como bezerro. Vai ser muito divertido!

**Valadão** – Não me dêem esse castigo! Garanto que daqui para a frente jamais faltará leite para o bezerro de d. Vaca, nem capim para o jumentinho. Jamais maltratarei os bichos... Eu...

**Veloz** – A sentença está dada. Agora é a nossa vez.

**Valadão** – Mas eu não sei berrar.

**Dengosa** – É fácil. Todo mundo sabe berrar.

**Valadão** – Mas os meninos vão manganar de mim.

**Veloz** – Não tem importância. Vamos, comece a imitar um bezerro que está chorando à falta de leite.

**Valadão** – Olhe, esqueçam isso! Prometo, juro-lhes que serei bem bonzinho.

**Meia-Pataca** – (PULANDO DE ALEGRIA) Agüenta, patrão! É bem feito!

**Dengosa** – Não adianta querer nos enganar. (AUTORITÁRIA) Comece. Berre.

**Valadão** – (INDECISO) Bé! Bé!

**Veloz** – Assim não serve. Tem que ser um berro mais forte com cara de sofrimento.

**Valadão** – Estão exigindo demais! Assim também não!

**Veloz** – É o que o senhor sempre exigia de nós!

**Valadão** – (COM ESSE SENTIMENTO QUE SE EXIGE DELE) Bé... Bé... Bé...

**Dengosa** – Aprende! E para o senhor ver como sofria o meu filho. E sabe o que dizia? “Corre, Meia-Pataca, jogue uma lata d’água naquele bezerro infeliz!” E se o Meia-Pataca não estava presente, o senhor mesmo é quem ia molhá-lo.

**Valadão** – Era ignorância! Eu não sabia.

**Veloz** – Ora ignorância! Era ruindade! (Pausa) Dê graças a Deus por não o fazermos de cavalo. Aí, sim, é que o seu sofrimento seria grande! Quando eu não corria, o senhor me enfiava as esporas! Lembra-se? Lembra-se?

**Valadão** – Não, eu prefiro ser bezerro mesmo. Bé... Bé...!

**Pé-de-moleque** – Ah, temos aqui uma espora... (VAI APANHAR UMA ESPORA QUE ESTA ENTRE OS ARREIOS) Eu também sofri muito na ponta desse instrumento de suplício.

**Valadão** – Eu sei. Mas fiquem tranqüilos. Eu prometo que me tornarei um homem de bem.

**Dengosa** – Repare no que está dizendo. Terá que tratar bem todos os animais. Nunca deixar gatinho ou cãozinho sem alimento. Não permi-

tir que os meninos amarrem latas à cauda dos gatos nem dos cães. Entendeu?

**Valadão** – Está certo... Bé!... Eu agora serei outro homem, bem direito... Bé!...

**Veloz** – Logo que o senhor esteja falando a verdade, prometendo o que lhe diz o coração, então ficará bom. Não berrará mais.

**Dengosa** – Tem que ser uma promessa de homem de palavra. Nada de mentiras.

**Valadão** – Eu sei, eu sei... Bé!... Eu prometo, quero daqui em diante ser um homem que ame os animais... todos os animais... Bé...

**Veloz** – Então, nós já vamos... Vamos também, Meia-Pataca! Precisamos comemorar nossa vitória!

(AUSENTAM-SE DE CENA, AOS GRITOS: VIVA OS BICHOS! VIVA OS BICHOS!)

**Valadão** – Ai que coisa ridícula! (VAI NOVAMENTE PARA A CAMA; DEITA-SE. DEPOIS, SE SENTA. ASSUSTADO) Meu Deus, o que foi que houve comigo? Foi sonho ou simples verdade? Eu... estava berrando... Não, um homem não berra. Não pode ser... Que houve comigo? Vocês sabem, meninos? Andou algum animal aqui? Eu estava mesmo berrando? (CONSULTA O RELÓGIO) São quase sete horas da manhã. Estou muito atrasado em meu trabalho. Dormi demais...Bé! (ASSUSTA-SE) Quem foi que berrou? Que negócio é esse? Bé! (ALAR-MADO) Meia-Pataca! Ô Meia-Pataca?!

**Meia-Pataca** – (APARECE À ENTRADA DA CENA) Que foi, patrão?

**Valadão** – Eu estou doente, moleque. Tive um pesadelo. Acho que vieram uns animais aqui... Bé... É isso, estou berrando!

**Meia-Pataca** – Patrão! Será que o senhor virou bicho?

**Valadão** – Corra, moleque! É preciso ir chamar o médico! Bé! Vá ligeiro! Bé!

**Meia-Pataca** – É um momento, patrãozinho. Vou chamar o doutor.

**Valadão** – Correndo, Bé! Ligeiro, Bé!

**Meia-Pataca** – (VAI SAINDO, ESTACA) Patrãozinho, eu chamo mesmo um médico ou um veterinário? (VALADÃO DÁ UM TREMENDO BERRO).

**PANO**

**Fim do Primeiro Ato**

## 2º ATO

Ao abrir o pano, ficará à amostra Valadão que está deitado, enfermo, aguardando a chegada do médico. Meia-Pataca, próximo à platéia, pede aos meninos que se conservem em silêncio.

**Meia-Pataca** – Eu estou achando essa situação meio embaraçosa. Desde ontem que seu Valadão está sofrendo. Até dormindo, o homem berra. O médico já deve vir por aí.

**Valadão** – (ACORDANDO) Ah... (ESPREGUIÇA-SE) O que está mesmo acontecendo comigo? Será que não fico bom? (Pausa) Como é, Meia-pataca, você disse ao médico que eu o queria ver com urgência?

**Meia-Pataca** – Disse, sim senhor. E ele deve vir por aí, correndo.

**Valadão** – Ah! Malditos animais! Quando me sentir melhor, sei o que faço. Atrelo a maior carroça naquele cavalo de olho torto e meto o bezerro na ração de milho e capim. Nunca mais mamará. Está ouvindo o que digo, seu Meia-Pataca?

**Meia-Pataca** – Estou, sim senhor.

**Valadão** – Pois é. Sem berrar, já me sinto melhor. Ora, se eu sou homem para me render às imposições de três animais safados! E aquela vaca era a mais pretensiosa dos três.

**Meia-Pataca** – Berra já! Vocês vão ver! Toda vez que ele começa a dizer que vai novamente maltratar os animais, piora.

**Valadão** – (TAPANDO A BOCA COM A MÃO SEM PODER FALAR) Hum... hum...

**Meia-Pataca** – Diga, patrãozinho... Desse jeito eu não posso entender.

**Valadão** – (AINDA DA MESMA MANEIRA) Hum!..Hum!..

**Meia-Pataca** – Patrão, se o senhor berrar... ou, desculpe, se o senhor falar, talvez até melhore. (PALMAS DE FORA DA CENA)

**Valadão** – (MAL PODENDO SE CONTER) Hum!... Hum!...

**Meia-Pataca** – Ai que é o doutor! O homem já chegou. Vamos, seu Valadão. Deite-se que o médico está aí fora. (ENQUANTO VALADÃO SE DEITA, MEIA-PATACA VAI ABRIR A PORTA).

**Dr. Canuto** – (É UM VELHOTE, DE ÓCULOS. ENXERGA POUCO. AO ENTRAR, AGARRA O PESCOÇO DE MEIA- PATACA) Ah, eu sabia! Pelo seu pulso, eu já sei que é febre! Noventa e dois graus! Está fervendo!

**Meia-Pataca** – Solte-me, doutor! O senhor está segurando o meu pescoço! Ai!

**Dr. Canuto** – Eu sabia! Eu sabia! O senhor pensa que não enxergo? Ah, eu sou o melhor médico do mundo. O pulso... o pulso... (ABAIXA-SE E PEGA NA PERNA DE MEIA-PATACA) Está com febre! Não dizia! Não dizia!

**Meia-Pataca** – Solte a minha canela, doutor! O doente é o seu Valadão!

**Dr. Canuto** – (SOLTANDO A PERNA DO MOLEQUE) Valadão! Valadão! Eu sei, eu sei! Pois então, vamos ver. Onde está esse homem?

**Meia-Pataca** – Está deitado na cama.

**Dr. Canuto** – Fale, seu Valadão, para que eu possa me dirigir ao seu corpo debilitado. Fale!

**Valadão** – (FAZ UM ESFORÇO TREMENDO PARA NÃO BERRAR, MAS...) Bé!

**Dr. Canuto** – É um bezerro ou uma vaca? Não é possível. Não admito brincadeira.

**Meia-Pataca** – É ele, o patrão, m. Canuto. De repente ficou assim.

**Dr. Canuto** – Já sei. Deve ser um soluço animal. (APROXIMA-SE DA CAMA) Bem, vá falando, vá dizendo o que sente, seu Valadão.

**Valadão** – Bé! Bé!

**Dr. Canuto** – (IRRITANDO-SE AINDA MAIS) Não admito brincadeiras! Estarão pensando que eu sou doutor de boi? Não, senhor. (O.T.) Seu Valadão, exijo respeito. Fale.

**Valadão** – Doutor, eu... Bé... Não sei porque, todas as vezes que quero falar... Bé... berro...

**Dr. Canuto** – Meu amigo, isso é doença de quem maltrata os animais... É castigo. O senhor certamente andou batendo em seus bichos... Estire a língua, estire a língua!

**Valadão** – (ESTIRA A LÍNGUA).

**Dr. Canuto** – A língua é de gente. Pode guardar. (AFASTA-SE DA CAMA. VAI ATÉ ONDE SE ENCONTRA MEIA-PATACA) Menino, você notou alguma coisa mais de extraordinário em seu patrão?

**Meia-Pataca** – Não senhor. Só sei que, de ontem para hoje, começou a berrar, a imitar um bezerro.

**Dr. Canuto** – Não sei, não sei! Minha medicina não tem remédio para essa anormalidade. (Pausa) Ele contou história de Trancoso, de dia? Cria cauda, cria cauda...

**Meia-Pataca** – Não, senhor.

**Valadão** – Doutor...bé!...Bé... Eu... bé... queria ficar bom.

**Dr. Canuto** – O caso é sério, meu amigo. Eu disse sério? Seríssimo! Seríssimo. É isso mesmo. Talvez fosse melhor chamar um veterinário.

**Valadão** – Veterinário não! Bé... Eu... (APERTA A BOCA COM A MÃO, PARA NÃO BERRAR)

**Dr. Canuto** – Sabe de uma coisa, eu sou médico de gente. Vou embora. É isso. Vou embora.

**Meia-Pataca** – Mas, doutor. Que vou fazer?

**Dr. Canuto** – É um caso liquidado. Eu disse: liquidado. Pois é. Liquidado. Até logo. Até logo. E não esqueça. Da próxima vez chamem o veterinário. (SAI)

**Valadão** – Bé! Bé!

**Meia-Pataca** – (À PLATÉIA) E agora? Vocês achem que eu posso ficar com esse homem berrando o tempo todo? Não, não é possível. Há de se encontrar um meio... E é já... Vou sair.

**Valadão** – (NUM GRITO) Não! Não saia! bé!

**Meia-Pataca** – Eu volto logo, patrão. Não me demorei.

**Valadão** – Não me abandone. Eu tenho medo. Os bichos podem voltar! Bé!

**Meia-Pataca** – Mas o senhor é um homem forte.

**Valadão** – Não, não me deixe assim! Eu morro de medo. Bé... não, não saia daqui.

**Meia-Pataca** – Eu vou consultar os meninos. Se eles acharem que devo sair, sairei.

**Valadão** – Não, não faça isso! Esses meninos vão concordar com você... Bé! Eles não gostam de mim, porque sabem que maltratei os bichos! Bé!

**Meia-Pataca** – Vou perguntar. (À PLATÉIA) Como é, meus amiguinhos, eu devo sair, deixando o patrão sozinho? Vamos, respondam!

**Valadão** – (SENTANDO-SE NA CAMA) Vocês respondam que não! Não! Bé!

**Meia-Pataca** – Respondam que sim! (A PLATÉIA DEVE MANIFESTAR-SE FAVORÁVEL AO MEIA-PATACA)

**Valadão** – Ah, eu sabia. Bé... os meninos estão contra mim!

**Meia-Pataca** – Eu voltarei logo, patrãozinho. E tenho a certeza que encontrarei alguém para tratar do senhor. (SAI)



**Valadão** – Volte logo, não demore! Bé... (Pausa) Sabem? Vou esconder-me aqui na cama. De repente aqueles bichos podem voltar... Bé... Por favor, não digam que estou metido sob os lençóis! Certo? Bé! Que sofrimento! Bé! (VALADÃO COBRE-SE JÁ DEITADO NA CAMA).

**Dengosa** – (QUE ACABA DE ENTRAR, SEM DESCOBRIR ONDE SE ENCONTRA VALADÃO) Ah, não vejo onde está o patrão. (À PLATÉIA) Para onde ele foi? Digam em que lugar se meteu O Valadão? (VAI ATÉ A DIREITA BAIXA E CHAMA OS OUTROS ANIMAIS) Entrem, meus colegas...

**Veloz** – (ENTRANDO) Está todo mundo aí fora, se preparando para entrar. Agora, temos cães, gatos... todos os bichos da fazenda, até cabras e as ovelhas.

**Dengosa** – (À PLATÉIA) Como é? Onde ele se escondeu? (OS MENINOS DIZEM: NA CAMA!).

**Veloz** – Ah, ele está metido na cama!

**Dengosa** – (JUNTAMENTE COM VELOZ APROXIMA-SE DA CAMA. RETIRA O LENÇOL) Ah, aqui temos o nosso patrão!

**Valadão** – (AMEDRONTADO) Ai, vocês? Os bichos, outra vez! Bé!

**Dengosa** – Somos nós. Estamos certos de que o senhor vai ser agora um homem de bem. E viemos todos agradecer e dizer que confiamos em sua palavra.

**Valadão** – É verdade? (DEPOIS DE UM MOMENTO) Eu havia prometido... Sim, eu serei muito camarada com os bichos... Não vou mais maltratá-los... (ALEGRE) Viram! Deixei de berrar!

**Veloz** – Exatamente! O senhor agora está falando com convicção. Diz a verdade. E os que falam a verdade não merecem nenhum castigo.

**Valadão** – Eu nunca pensei que os animais fossem tão amigos do homem.

**Dengosa** – Nós somos os seus grandes amigos. Servimos ao homem em todas as horas do dia. Somos o seu alimento, a melhor fonte de recuperação do solo... Não merecemos, portanto, a ingratidão.

**Veloz** – Nós, os animais, estamos certos de que o senhor será agora amigo de todos. Vamos prestar-lhe uma homenagem. Os outros estão aí fora.

**Valadão** – Ah, que notícia maravilhosa! Quer dizer que de agora em diante eu não berrarei mais?

**Dengosa** – Desde que se emende, que não pratique os desmando de antigamente.

**Valadão** – A lição me serviu. E vocês foram até muito bondosos comigo. Imaginem se me têm transformado num cavalo. Eu te-ria sofrido muito mais. Aqui para nós, carregar oitenta quilos nos lombos, a galope, não é brincadeira não!

**Veloz** – E as esporas?! Ah, nem lhe conto!... Como dilaceram o couro! São como agulhas ou como pontas de faca.

**Valadão** – Que grande lição aprendi!

**Meia-Pataca** – (ENTRA ESBAFORIDO, ASSUSTADO) Patrão, vem aí o Espírito-mau! Ele quer falar com o senhor. Diz que lhe traz um remédio especial!

**Dengosa** – (AMEDRONTADA) O Espírito-mau? Nossa! É quem mais nos persegue!

**Espírito-Mau** – (DO LADO DE FORA DA CENA) Abram a porta! Aí vou eu! (A PORTA SE ABRE. OS BICHOS FICAM AMEDRONTADOS. ESPÍRITO-MAU APRESENTA-SE EM CENA, É FIGURA DE ESPANTALHO) Essa festa não vai acabar desse jeito!

**Dengosa** – **Veloz** – (AO MESMO TEMPO) Espírito-Mau!

**Valadão** – Que faz o senhor aqui? Quem é o senhor?

**Espírito-Mau** – (ÀS GARGALHADAS) O Espírito-Mau! Já ouviu falar em mim? Eu estou sempre perto de todo menino travesso. Sou eu quem manda os meninos amarrarem lata à cauda dos gatos e dos cães... Sou eu, quem faz os meninos jogarem pedras nos passarinhos. E eles apanham de seus pais enquanto eu desfruto a minha vidinha gostosa de atormentar os outros.

**Valadão** – Ah, Espírito-Mau!

**Dengosa** – Por causa das artes desse monstro é que o senhor acabou sendo um homem impiedoso, maltratando os bichos.

**Espírito-Mau** – Não escute conversa de bicho! Lembre-se de mim. Desde pequeno fui sempre seu amigo. Era eu que o mandava atirar pedras às vidraças da vizinhança... Era eu que o fazia matar os passarinhos em suas caçadas pelo pomar.

**Valadão** – Mas eu mudei... Eu quero ser homem de bem.

**Espírito-Mau** – Não, o senhor se engana. Há de continuar fazendo as coisas que eu mandar. Sabe o que trago comigo? Outro presentinho para lhe dar. É chicote de estimação.

**Espírito-Mau** – (APRESENTA-O) Veja que maravilha! Tem estalo na ponta. E trago outras armas *comigo*. Olhe esta espora... Como tem as

pontas afiadas! (EXIBE UMA ESPORA ENORME) Não se renda aos bichos! Não se renda!

**Valadão** – Não, Espírito-Mau. Agora, já não sou um menino travesso. Sou um homem que deseja praticar o bem. Quero ser amigo de todos os animais.

**Espírito-Mau** – Que amigo de animais, nada! (ACIONA O CHICOTE) É bater-lhes com o relho. (ÀS GARGALHADAS) Eu tenho um verdadeiro arsenal de armas, de instrumentos, de astúcia para fazer mal aos animais! Olhe esse estilingue (baladeira)! (EXIBE-A) Atira pedra a traseiros dos bichos! E tenho mais coisas para você, mas só se o amigo quiser aceitar as minhas sugestões. Ah! Ah! Lembre-se de sua infância! Não se entregue assim tão facilmente.

**Valadão** – Eu me considero agora um homem honrado. Estou do lado dos bons. Vou tratar os animais com humanidade.

**Espírito-Mau** – Não faça isso! Dê-lhes com este chicote. Olhe como estala! (ACIONA) É uma maravilha! Aceite-o! Vamos. Decida-se.

**Valadão** – (DEPOIS DE UM INSTANTE) Dê-me o chicote. Acho que vou aceitar a sua idéia...

**Espírito-Mau** – Eu sabia! Eu sabia! O Espírito-Mau sempre tem astúcia para convencer!

**Dengosa – VELOZ** – Não, não é possível!

**Espírito-Mau** – Tome o chicote. Maltrate os bichos!

**Valadão** – (RECEBE O CHICOTE), seu bandido! (FUSTIGA-O).

**Veloz** – Triunfa a bondade do homem! Graças a Deus!

**Espírito-Mau** – Ai! Ai! Não me castigue! Ai! Eu fujo! (VALADÃO CORRE ATRÁS DO ESPÍRITO-MAU QUE ACABA FUGINDO) .

**Valadão** – (À PLATÉIA) Vocês viram? Nunca mais deixarei o Espírito-Mau apoderar-se de mim. Vou tratar os meus queridos animais como realmente merecem. São eles que nos ajudam a viver. Sem os animais o homem não poderia trabalhar a terra, nem teríamos dinheiro para alimentar e educar as nossas famílias!

**Dengosa** – Quer dizer que agora o meu bezerrinho terá dois litros de leite por dia, não é?

**Valadão** – Cinco! Cinco litros! (VIRANDO-SE PARA O CAVALO VELOZ) E as esporas, todas as esporas, serão destruídas! Animal nenhum sofrerá na minha fazenda! Que essa atitude sirva de exemplo para outros fazendeiros!

**Veloz** – Que maravilha! O jumentinho Pé-de-moleque vai ficar morto de alegre!

**Pé-de-moleque** – (ENTRANDO) E ficarei mesmo! Eu é que sofria mais com a ponta das esporas! Como dóia!

**Dengosa** – Vamos comemorar! Dê-me a sua mão seu Valadão! Vamos todo mundo brincar de roda! (IMPROVISA-SE UMA RODA. OS BICHOS DE MÃOS DADAS COM SEU VALADÃO, DANÇAM A RODA ALEGREMENTE)

**Meia-Pataca** – Meu Deus, isso é um sonho! O Seu Valadão de mão dada com os bichos! (À PLATÉIA) Sabem de uma coisa? Eu também vou já entrar na roda! (DANÇAM TODOS, ALEGRES, RUIDOSOS)

**PANO**

**Final do Segundo e Último Ato**

## O ANDARILHO

### PERSONAGENS:

#### ANDARILHO SOLDADO

#### DELEGADO

#### VOZES

#### MULTIDÃO

#### CORO

Foco de luz a iluminar tosco banco de delegacia interiorana. A escuridão restante favorece o situamento de certa atmosfera de solidão e desamparo. Rumor de multidão. Vozes que gritam frases desordenadas, discordantes em seus propósitos:

**Vozes** – Santo! Santo!... Impostor! Alucinado! PRENDAM-NO! PRENDAM-NO! PRENDAM-NO!

**Soldado** – (Fora de cena) Ordem! E se mantenham afastados guardando distância!

**Vozes** – PRENDAM-NO! PRENDAM-NO! PRENDAM-NO!

**Soldado** – (Identificado) Recuem! Não podem empurrar a porta nem se encostar nela! Larguem-se daí. (O.T.) Não vêem que prejudicam o trabalho da autoridade? A uma hora dessa, quem tem juízo perde-o. E se batemos em alguém, acodem logo jornalistas e padres, mulheres e advogados, a dizer que somos impiedosas, vis! CALEM-SE! (por um instante acalmam-se os ruídos) Silêncio, quietos! Deixem-no falar!

**Andarilho** – (Como o qualificassem criminalmente) Sou José João andarilho, andador sem destino. Há vinte anos pago minha penitência ao Santo Cícero, meu padrinho de Juazeiro do Norte. E recolho esmolas para distribuir com os desafortunados. O que é dado a outrem, sob arrependimento, desserve. Nada quero deste mundo. Meio destino é encontrar o Salvador. Quem me contentar com o mais modesto dos óbolos, rece-

berá a recompensa eterna. A quem me indaga, ansioso, que fazer, como proceder, para ganhar o Reino de Deus, simplesmente aconselho: não deverás pagar tributo indevido! Não deverás votar por interesse, sem pensar no destino do povo! (Pausa) Não porás o teu honrado nome em documento de sorte, que a fortuna Deus é quem decidirá na hora aprazada. Para aliviar-se dos pecados, faz-se necessário o sacrifício pessoal. Cada um o fará como lhe mandam as forças! Eu ando! Andarei sempre, até deparar a minha derradeira morada, o Reino do Senhor. (No decorrer de sua identificação com a platéia, o foco de luz terá ido ressaltando-lhe o físico, sua figura humilde, mas afirmativa. Está descalço. Veste túnica branca, encardida pelo pó dos caminhos. Ao pronunciar a última frase, as Vozes tornam a interferir, participantes).

**Vozes** – É santo!

É santo! É santo!

**Soldado** – (Também já iluminado, em cena) Calem-se! Se não o fizerem, evacuo todas as galerias: (Tom) Calados! Nem mais uma palavra! (Esmorece a exaltação que, daí por diante, se alternará nas manifestações a favor e contra o prisioneiro) Não estamos em comício. O delegado é quem decidirá a sorte do penitente. A mim coube prendê-lo. (Ao Andarilho) É no banquinho que o senhor deve sentar. (Vendo-o indeciso) Vamos. Obedeça sem reclamar.

**Andarilho** – (Segurando, tímido, um livro de capa preta) Como? Te- rei de sentar-me?

**Soldado** – (Indo ao Andarilho, com abuso, fazendo-o arrear-se no banco) É o que lhe digo!

**Andarilho** – (Erguendo-se) Não, não posso! Vozes-Senta! Senta! Senta!

**Soldado** – (Autoritário) Eu mando e você obedece. Sentado. (Fá-lo retomar ao banco, acovardado.)

**Andarilho** – (Sentindo que se lhe escapa o livro, caindo ao chão) O livro! É meu! (pronuncia essas palavras como se dissesse é minha Bíblia!) .

**Vozes** – Alucinado! Alucinado! Alucinado! Santo! Santo! Santo!

**Andarilho** – O livro, o meu livro... Não posso passar sem ele. Vai comigo aonde vou. (Tenciona aluir-se, disposto a se movimentar)

**Soldado** – (Ríspido, ameaçador) Quietos, homens!

**Delegado** – (Entrando em cena) Que se passa? (O. T.) E lá fora, por que gritam?

**Soldado** – (Defrontando a multidão) Viram? Estão agora satisfeitos? Que pensará o Senhor Delegado? Que não cumpro meu dever, que não me imponho aos marginais. (Ao superior) É um andarilho. Fazia tempo que eles não apareciam... (Ao preso) Sentado!

**Andarilho** – (Súplice) Ao menos eu podia ficar de pé...

**Soldado** – De pé, não pode. É proibido.

**Andarilho** – (Dirigindo aos que integram a multidão) Que palavra horrível, principalmente quando nos impede a liberdade. (Tom) Não vêm que percorro as estradas, que vou de um lugar a outro procurando a salvação?! Então, minha promessa não comove?

**Soldado** – (Galhofeiro) Promessas não salvam mais ninguém.

**Vozes** – É santo! É santo! É santo!

**Delegado** – Silêncio! Se querem testemunhar o julgamento, que se conservem calados! (O. T.) Quem é ele, Soldado?

**Soldado** – (Ao Andarilho) Vamos, chegou a hora de falar.

**Andarilho** – Senhor, o que quero mesmo é andar, pisar o chão dos caminhos, ver outras pessoas como eu, inseguras e sofridas, e dizer que o ódio não convém, não constrói, não nos salva! Estou em busca da Paz! Não a encontrei em minha própria casa, nem na minha comunidade, nem por onde tenho passado... Falam que as coisas mudaram, os tempos são outros, e que ela não mais existe... (Pausa) Mas hei de encontrá-la um dia, escondida, pronta a se revelar. Os insensíveis trancafiaram os seus corações e estão tentando agora cercar a minha pregação, os meus passos...

**Soldado** – Sem prestar atenção ao preso, entrega o livro deste ao Delegado) É peça importante do processo que acabo de instaurar.

**Andarilho** – (Lastimando-se) Tanto que eu desejava ficar de pé!

**Soldado** – Não pode. Mantenha-se sossegado.

**Andarilho** – Não vê que não posso ficar parado?

**Delegado** – (Curioso) Afinal, quem é este indivíduo? A mim não me parece bom do juízo.

**Soldado** – (A exhibir o livro de capa preta) Conta-se aqui toda a estória dele...

**Delegado** – (Tomando o livro para ler) “Chegou a esta vila a andarilho José João. Ninguém esperava mais dias melhores para plantar. Mas logo se formaram as nuvens pluviosas, e passou a chover. Houve até quem

o desejasse entre nós por toda a vida. (Pausa) José João afirmou que os dias difíceis são provocados pelo nosso estado de pecado. É da manchados que procedem mal, que precisamos nos livrar...” (O. T. ) Isso me cheira a subversão... Tanto jardim necessitando de homem válido para seus cuidados, e se dá de o senhor andar sem destino, a flunar pelo mundo! E com que idéias!

**Andarilho** – (Alheio a tudo; tímido) Posso me levantar?

**Delegado** – Não! (Pausa) Devia matá-lo! Não sabe a vergonha que me fará passar hoje, ao final do meu expediente, quando o Secretário de Polícia testemunhar que nada mais fiz do que prender um maluco.

**Andarilho** – O cristão que falar a verdade não será castigado.

**Vozes** – A verdade! A verdade! A verdade!

**Delegado** – (Sem se conter) Calem-se!

**Soldado** – (Ao Andarilho) O senhor teria feito melhor passando ao largo...

**Andarilho** – Não escolho caminho. . . Há uma força que me atrai, nem sei explicar... Tinha de vir até aqui.

**Delegado** – (Ao Andarilho) Os documentos. Carteira de identidade, título de eleitor, registro do sindicato. caderneta do Ministério Trabalho, CPF...

**Andarilho** – Só tenho o livro...

**Delegado** – Oh! montanha de ignorância! Nós só somos alguma coisa na vida quando temos o nosso número... (Ao soldado) Veja se o prenderam antes.

**Soldado** – (Lendo ao livro) “Esteve detido por nós, para averiguações, mas por pouco tempo, tal o alvoroço que despertou na Delegacia confundindo os presos. Esse José João é anormal mas inofensivo.”

**Delegado** – Não, esse não me engana. (Ao preso) Sente-se!

**Andarilho** – (Sem entender) Por que não posso ficar de pé?

**Delegado** – O réu tem de estar sentado. De pé só a autoridade, a lei.

**Andarilho** – Pois na Fé deve-se estar sempre de pé.

**Vozes** – Santo! Santo! Santo!

**Soldado** – Aprenda de uma vez por todas. Na frente da autoridade é preciso guardar obediência e respeito.

**Delegado** – (Ao Andarilho) Só usa túnica?

**Andarilho** – Aprendi que as vestes suntuosos não fazem o homem.

**Vozes** – Impostor! Impostor! Impostor!

**Delegado** – (para a multidão) Calem-se! Posso mandar evacuar as galerias!...  
Adiante, soldado. Leia.



**Soldado** – (Lendo) “José João é aprendido nas artes da Bíblia e percorre as estradas do Nordeste recolhendo dinheiro par repartir com os pobres. Em nossa vila recebeu generosa contribuição da população; pediu a Deus para que o Esporte Clube ganhasse o campeonato local, mas o time perdeu... Foi a única tristeza que nos deixou.”

**Delegado** – Farsante! (O.T.) Declare, sob as penas da lei, quanto arrecadou de dinheiro até a agora.

**Andarilho** – Recebo-o com uma mão, e dou com a outra...

**Vozes** – Santo! Santo! Santo!

**Soldado** – Se não se conservarem silenciosos, ponho todos daí para a rua!

**Andarilho:** (Vai-se erguendo) Será que já posso...

**Soldado** – (Empurra-o de volta ao banco) Não, não pode! (Pausa) Trate de explicar tudo ao Delegado. Diga porque anda pelo mundo como judeu errante, e onde estão os seus comparsas – Mateus, Miquéias, Lucas, Tiago, Samuel, Jonas... (Pausa) O Delegado tem bom coração mas não é otário. Não há de querer, como outros ingênuos, escrever em seu livro.

**Andarilho** – Assenta nele quem quer...

**Soldado** – Então, está contando com o meu testemunho? Quanto custa? Hem? Quanto custa?

**Andarilho** – A oferta é do tamanho da bondade de cada um...

**Soldado** – (Ao Delegado, confidenciando) Acho esse homem, pela maneira de falar, muito perigoso...

**Delegado** – Acho que com um pouco de tortura, é de contar tudo que está escondendo...

**Soldado** – (Baixo) Mas não podemos afligi-lo na frente do povo. O meu pressentimento é de que ele tem seguidores nas galerias...

**Delegado** – (Baixo) Mas temos de agir. (Alto, ao Andarilho): Vamos, malandro, confesse quantas vezes se aproveitou dos ricos! Se não tem profissão, é aventureiro, aproveitador.

**Andarilho** – “O rico e o pobre se encontram: a um e outro faz o Senhor.”

**Delegado** – Que Senhor? (Pausa) Não gosto dessa sua maneira de falar!

**Soldado** – É ter paciência, sr. Delegado.

**Delegado** – (Ao Andarilho) E fazer, o que é que você sabe?

**Andarilho** – (Serenamente) Andar.

**Soldado** – (Voltando-se para a multidão) Viram? Essa ,cara é doido!

**Vozes** – Prendam-no! Prendam-no! Prendam-no!

**Andarilho** – (De repente, como se o impulsionasse força estranha, põe-se de pé) Não posso ficar sem me movimentar, saibam! Se não me deixam ir até a rua, se não me permitem caminhar livremente, ando aqui mesmo, dentro desta sala. Para os que acreditam, o caminho começa tanto na morte como na prisão! (Começa a dar passadas pela sala. Acompanha-o o lampejo de intermitente iluminação.)

**Delegado** – Guardas, tomem as portas! Não o deixem! É proibido andar!

**Vozes** – Soltem-no! Soltem-no! Soltem-no! (Depois de um momento) Prendam-no! Prendam-no! Prendam-no!

**Andarilho** – (Regoungante) Eu, José João, o Andarilho, o andador, anda! Encruzem-me uma peia nos braços, nas pernas, se pretendem me deter. Mas juro, não vou parar!

**Soldado** – (Agarra o Andarilho) Quietos! Quietos! (Fá-lo sentar-se à força) Não vê que terá de depor?

**Andarilho** – (Erguendo-se novamente como se movimentado por mola) Não está em mim! Não está!

**Soldado** – (Obrigando-o a permanecer no banco) Sentado! desobedece, dou-lhe uma pranchada!

**Andarilho** – Senhor! Não me deixes nas mãos de meus inimigos! **Vozes** – Davi! Davi! Davi!

**Delegado** – (Lendo ao livro do Andarilho) “Esteve em nossa vila o andarilho José João, de Juazeiro do Norte. Repete os salmos de Davi. Conhece a Bíblia e se proclama cheio de fé. É caminheiro com destino ao Reino de Deus. No meu entender – e o digo como Juiz desta comarca – não passa de paranóico alimentando a idéia fixa de salvar-se a si próprio, e aos outros, com o auxílio de orações e caridade. Deus o proteja! Não importa tratar-se de um doente. Pensa melhor do que muitos que se julgam de mente esclarecida. O importante é que se imagine trabalhando pela humanidade, e sem molestar a ninguém.”

**Andarilho** – (Implorativo) Apiede-se de mim, sr. Delegado! Não posso continuar sentado. Tenho de andar. (Pausa) Os animais não andam? E os pássaros, não voam? Não nadam os peixes?

**Delegado** – Calma, e logo nos entenderemos. A autoridade não é como apregoam os descontentes. Não o maltrataremos. Tenha paciência e tudo correrá bem.

- Andarilho** – Quero andar! Por favor, não posso parar.
- Delegado** – Dê-lhe o nosso calmante, Soldado. Depois o deixaremos partir em paz.
- Soldado** – (Oferece um copo, em bandeja, ao Andarilho) Sirva-se. É em seu próprio benefício. O Delegado está compreendendo sua angústia.
- Andarilho** – (Serve-se ávido) Seja! Até veneno, contanto que me deixem seguir a meu caminho.
- Soldado** – (Irônico) Você vai seguir, como disse. “Os animais não andam?”
- Andarilho** – Sim, andam! (Afirmativamente) Andarei!
- Soldado** – Só mais um instante, enquanto o sr. Delegado opinará em seu livro, declarando que se pode ir...
- Andarilho** – Como vê... Desejo tão pouco da autoridade, só o direi- to de me locomover. Os animais andam, os pássaros voam, os peixes nadam...
- Delegado** – E então? Como se sente agora? Experimente se já está, com todas as suas energias... E se dizer que somos uns brutos, que só aprendemos a bater!
- Andarilho** – (Tenta aluir-se do banco: não consegue) Valei-me, Senhor! Acode-me com tua infinita coragem!
- Delegado** – (Debicante) Perdeu a disposição? Está amolentado? (Em direção às galerias) Coitado, perdeu as forças... Digam-lhe que ande.
- Vozes** – Ande! Ande! Ande!
- Andarilho** – (Ao Delegado) Estou realmente livre?
- Delegado** – Falo sinceramente: livre!
- Andarilho** – (Intenta erguer-se novamente, mas lhe fogem as energias) Meu Santo, ou hoje ou nunca mais!
- Soldado** – (Suspende o Andarilho pela gola da túnica. Este oscila, sem manter equilíbrio, como se um peso o retivesse) Não desejava caminhar? Pois ande! o dia está muito bonito lá fora. Talvez seja dia de milagre...
- Andarilho** – (Conscientizado de que é incapaz de se mover) Por que fizeram isso comigo? Por quê?
- Delegado** – (pândego) Ah, é um farsante! Está livre e não mais quer seguir o seu caminho...
- Andarilho** – (Em desesperado esforço tenta erguer-se. Consegue. Tenta dar passadas, não pode. Retrai-se, abatido, e acaba por desabar sobre o banco, atordoado) Por quê? (Tom) É também proibido andar?

**Delegado** – Que diferença há de fazer, depois de proibidas tantas coisas, não se permitir a alguém caminhar?

**Andarilho** – (passado um momento, quando todos imaginam sucumbido) Mas o pensamento continua livre, não?

**Delegado** – (Em explicação quase estatística) Bem, é proibido matar; é proibido roubar. Assaltar não pode. Conspirar, também não. (Pausa. Tom) É proibido... Hem? como foi que perguntou? (Pausa) Não, não é proibido pensar.

**Andarilho** – (Diante do inevitável) Graças! Graças! Ao menos o pensamento está livre, não foi ainda proibido. (Pausa) Assente no meu livro, então...

**Soldado** – (Ao Andarilho) Diga: – “por favor, Sr. Delegado, assente no livro”.

**Andarilho** – Por favor, sr. Delegado... (Pausa) o **Andarilho** José João, rei dos andarilhos, esteve preso na minha delegacia, e apesar de colhido, subjugado, ele andava. (Noutro tom, marcante, afirmativo) JOSÉ JOÃO ANDAVA. . .

**Vozes** – SANTO! SANTO! SANTO!

**Coro** – (Superpondo-se às vozes, em tom cadenciado, e grandioso)

JOSÉ JOÃO ANDAVA!

NÃO ERA O ANDARILHO

QUE PROPRIAMENTE CAMINHAVA

INDO A TODOS OS LUGARES.

MAS O PENSAMENTO,

QUE É LIVRE, E SE MOVE,

MESMO QUANDO TUDO ESTÁ PROIBIDO!

**PANO**

## **FORTUNA CRÍTICA**

### **O MORRO DO OURO**

#### **EDUARDO CAMPOS E O SEU TEATRO**

**NADIR SABOYA**

**FORTALEZA, 13 DE JUNHO 1963.**

O título de teatrólogo, dado a Eduardo Campos, entre os de contista, folclorista, jornalista, não menos merecidos, é possivelmente, pelo público e pelos críticos, o menos comentado. As raras e perfunctórias opiniões abalizadas sobre o escritor teatral, nos parece muito aquém do conteúdo artístico que se pode encontrar nas obras para teatro desde jovem intelectual cearense, já hoje, membro da Academia Cearense de Letras.

Por pretendermos conhecer, mais intimamente, a porção dedicada ao teatro desde cérebro moço e cheio de vitalidade, aventuramo-nos, sem maiores credenciais, a fazer um despretenso e sumário comentário sobre Eduardo Campos e o seu teatro.

Por três vezes tivemos a oportunidade de, como tão bem diz Jean Louis Roux: “procurar com a maior fidelidade possível, decifrar as intenções do autor”, quando arvorando-nos em “metteur-en-scène”, apresentamos pelo TEATRO ESCOLA DO CEARÁ as peças de Eduardo Campos: “Os Deserdados” “Nós... As testemunhas”, “A Máscara e a Face”, para o público de Fortaleza e de outros &tados da União. Obviamente, um diretor teatral, resulta do conhecimento da obra do autor. A firmam por aí que um depende do outro. Daí, a necessidade que nos veio de obtermos a exata ciência da produção total desse autor. Encontramos assim, segundo nossa minguada capacidade analítica, dentro da temática e da estética do mesmo, o artista e, possivelmente, o homem.

A primeira vista, o dramaturgo, pode parecer, aos menos atualizados, extravagante, levando-se em conta o clima teatral anterior, tão comumente apresentado e conhecido. Seu teatro de vanguarda, claramente exposto

nas peças “O Demônio e a Rosa”, “O Anjo”, “Os Deserdados” e outras mais, na época em que foram escritas, veio surpreender a muitos. Era, na realidade, tão somente, uma segura demonstração do seu irrefutável estudo de tetro e da sua capacidade em acompanhar a sua evolução.

Dizem os entendidos que o teatro de vanguarda não é um teatro fácil. Extremamente experimental trás consigo a necessidade de plasmar um público. Sendo a procura de formas novas e estranhas, nele, o autor foge à rotineira comunicação com o espectador. Ou melhor, tenta, por meios inabituais, fazer o espectador pensar e sentir por si mesmo.

Como diz Adamov em “La Parodie” no teatro de vanguarda... ‘o cenário deve dar a impressão de preto e branco, deve suscitar a sensação de desconhecido, de algo não familiar ao espectador’.

Eduardo Campos, mergulhado no objetivo deste teatro re-novador, jamais se preocupou em levar a platéia a uma fácil compreensão dos sentimentos humanos, entre esta mesma platéia e os seus personagens, muito embora, esses últimos, por vezes, e quase sacrificante, a exortem. Pelo contrário, seguindo a intenção da técnica empregada, procura levar o ouvinte à inquietação e a uma angustiante análise das paixões humanas.

Mesmo assim, não chegou nunca ao exagero de um transcendental Ionesco ou de um Beckett, que vão, como estão rotulando agora, a criação de um anti-teatro. Não se deixou arrastar a essa ausência total de compreensão que o teatro de Ionesco apresenta, na intenção evidente de afirmar que vivemos numa egoística” solidão, rodeados de frase feitas, estereotipadas, incapazes, que somos de pensar de nós mesmos. Mas, expondo, como podemos constatar, em “Nós as Testemunhas”, um assassino apenas mental, insuflado por um complexo culposo, mostra ao espectador confundido, uma consciência em carne viva e um corpo humano estranhamente morto, vivo, aniquilado e assassinado, notemos bem, à min-gua do amor.

Na peça “**Os Deserdados**” apresenta-se o autor com ausência de “mise-en-scene”, que dentro da técnica adotada vem influenciar e sobre-carregar a representação de quadros superpostos de miséria e degradação moral e física do homem.

Cabe aqui citamos palavras de Léo Gilson Ribeiro sobre o teatro de vanguarda: o autor “querendo revelar a miséria física e moral do homem, apela, justamente, para a miséria física dos cenários e dos fi-

gurinos, como símbolos visíveis da desesperadora condição humana. E para contrabalançar essa parcimônia recorre à iluminação e à música... A luz porém, em vez de plasmar o ambiente e participar do ambiente – concreto da peça, se torna fosca, neutra, impessoal, da mesma forma que o cenário assume o aspecto de “um lugar nenhum”, fora do tempo e do espaço.

De outra vez, na peça “**A Máscara e a Face**”, procura o teatrólogo, acentuar a incomunicabilidade entre as criaturas humanas, servindo-se da figura irreal de um fotógrafo, que representará para os personagens, assim como para o público, o protótipo da hipocrisia humana, o remorso ambulante de erros ou a consciência de suas paixões. Usa também, aí, de efeitos luminosos não indo, porém mais além, na contextura e construção do cenário.

Integralmente de vanguarda, na intenção na motivação, no cenário, no espaço e no tempos, podemos encontrar ainda, na peça “**O Demônio e a Rosa**”, e como, aliás, em todas as suas produções para o teatro, a constante de uma verdade encoberta pela carapaça social, com a qual o próprio ser humano se envolve, para esconder, como ainda assevera Léo Gilson Ribeiro numa síntese sobre o teatro contemporâneo: “a hostilidade dos homens entre si, a marginalidade dos nossos pensamentos e intenções ocultas, e, sobretudo, de nossa invencível solidão individual”.

No entanto, o autor em pauta, mais uma vez, deferindo de Ionesco, não nos mostra tudo isso dentro de um implícito tão completamente absurdo.

Veza por outra se volta à técnica do teatro romântico-realista, se nos permitirem chamá-lo assim, de um Ibsen.

Apresenta, em cenas de dramaticidade fundamentalmente teatro realista, finais de quadros e de atos de grande envergadura sentimental.

Transmuda-se o artista-criador num escritor espiritual e, por vezes, quase novelesco. Faz um personagem sofrer a mais Ibseniana dor humana: a perda do amor.

Faz com que gentes humilde e sacrificadas, possuam um amor invulgar e heróico pelo solo agreste e inóspito.

Faz uma mãe que não conhece ou que procura não se aprofundar nos dramas íntimos dos filhos, preferindo viver rodeada de uma felicidade fictícia, afixada nas fotografias dos momentos felizes.

Faz ainda, vislumbramos, uma outra mãe; quase incestuosa e quase cúmplice num assassino mental.

E tudo isto o autor nos mostra, realmente, dentro de uma composição teatral autêntica.

Não é nossa intenção recusar ao teatro de vanguarda a possibilidade de comunicação dramática, cômica ou mesmo trágica. Se assim não fora não seria o teatro uma representação da vida humana e nada justificaria a sua existência do homem sobre a terra. Nada há na verdade, de mais dramático para a condição humana do que o vazio com que a envolve Ionesco. Mas, com uma técnica e uma objetividade, realmente, de um Ibsen, de um Chekov, de um Shaw, de um Pirandello e de tantos outros, mostramos Eduardo Campos, dentro dos limites de um teatro renovador, um conjunto bastante romanesco de dramas humanos, com soluções quase sempre trágicas e usadas na velha escola renascentista.

Tudo isto vem, pensamos assim, seu inerente anseio de felicidade entre as criaturas, sua preocupação com as tragédias sentimentais e sua grande sensibilidade.

Essas tendências exageradamente espirituais, o homem nos transmite pelo artista que é em rasgos de grande capacidade dramática.

Embate-se, porém, esta dramaticidade, com a própria técnica renovadora, a qual justificaria, por si mesma, a, muitas vezes, descurada motivação lógica dos personagens.

Debate-se o autor como dissemos, entre a técnica em pregação e o artista romântico e espiritual. .

Mas, não tão somente isto, dificulta-lhe o alcance da perfeição total, dentro da técnica adotada.

Há ainda, no artista, uma outra faceta de espiritualidade. Como pensamos demonstrar existe também uma sensível temática mística, quase religiosa, beirando ao sobrenatural, no âmago das suas criações.

Defrontamo-nos em, *A Máscara e a Face*”, com um “fotógrafo” que, em entono extraterreno declama trechos da Bíblia.

Na peça “*Os Deserdados*”. uma criança transformada em anjo-negro” pela mente sofrida de uma mulher supersticiosamente crente, além da cura “milagrosa” de um aleijado.

Na “*O Demônio e a Rosa*”, levando já em conta o próprio título, deparámo-nos com o encontro de “espíritos” no “além”.



Na peça simbolicamente intitulada “O Anjo” a par do título vemos um homem que não enxergando o mundo real que o cerca, encontra numa mulher um “anjo”.

Parece-nos o suficiente para sem receios, constatarmos uma dose inegável de tendência mística e taumaturga.

E este, nos parece, o homem que saindo possivelmente, das suas fixações da infância, amparadas por uma alma sonhadora e profundamente sensível ao sofrimento dos humilhadores e ofendidos pela desigualdades sociais foi levado por seu dinamismo criador, sua geração e seu consciencioso estudo de teatro a adoção de uma técnica teatral quase incompatível com sua alma de homem e de artista.

Não lhe estamos, porém, fazendo uma censura ou apontando um erro. Esclarecemos tão somente aqui, o entrechoque que nos parece existir na repulsão desses dois pólos.

Já tem sido ele, muitas vezes apontado como autor teatral, de inconseqüente e aligeirado na execução de sua produções, não lhe perdoados os críticos essa irreverência

Nós porém, que não somos críticos e que presumimos conhecer mais de perto o artista e um pouco também o homem, admiramos no primeiro a veemência dos impulsos incontidos, e, no segundo, o desapego ao aplauso, desapego que beira quase a uma espécie de auto-suficiência.

Auto-suficiência que poderá sem dúvida retirar-lhe simpatias nunca porém, negar-lhe o talento e a arte.

Estas singelas considerações nos vieram, porém, de uma última surpresa.

Acabamos de ler a sua última dádiva ao teatro. A peça intitulada “**O Morro do Ouro**” encenada pelo grupo “A Comédia Cearense”.

Nova peça, novo teatro, novo artista e quase novo homem. Nesta nova peça, podemos delimitar as motivações o tempo e o espaço. É mais um espetáculo teatral do que um texto para teatro.

É um teatro puramente ideal-sociológico, movimentando e grandemente visual a mensagem é fragmentada, esporádica, cabendo bem dentro da mais recente inclinação teatral. Não há, realmente, uma mensagem poetisada, como seria de esperar em se tratando do autor que conhecemos.

Encontramos, todavia, na nova peça, o artista.. Desconhecemos o homem.

Regozijam-nos, assim mesmo com o surgimento do que consideramos uma nova fase no teatrólogo e que seguramente lhe trará melhor receptividade e maior sucesso ainda.

Fica-nos, porém, a qual certeza que não erramos a todo nos nossos julgamentos anteriores sobre o artista, o homem, quando evidenciamos, ainda em **“O Morro do Ouro”**, um pequenino mas mesmo assim portentoso “milagre”!

## O DIRETOR VÊ A PEÇA

B. DE PAIVA

REVISTA DA COMÉDIA CEARENSE Nº 1, 1964

O Senhor Eduardo Campos é um viajante no campos da ficção. Do cronista dominical ao contista observador, varejando de há pouco o mistério do romance – em *Chão dos Mortos*, principia a delicada aventura nos caminhos da estória comprida – é o seu diálogo, comunicativo e dinâmico, que absorve e se lhe revela o teatrólogo permanente.

Da reportagem – quase surrealista – de O Demônio e a Rosa aos flagrantes do drama social e agrário de Os Deserdados, Eduardo Campos tinha começado em O Anjo a campanha de um teatro dinâmico e, se não conformista, mas atual e direto. Começaria então o roteiro (quase trilogia) em suas peças: Nós, As Testemunhas, A Máscara e a Face da tragédia burguesa, não fechando o ciclo, que poderia documentar os problemas das famílias das altas rodas tradicionais da sociedade.

Abre então a página do drama da cidade, revelando os personagens dos subúrbios, este estranha e necessária moldura que acompanha o progresso das grande comunidades.

O primeiro ato de **O Morro do Ouro**, onde a essência das figuras se revela e segura o contexto do drama, é uma dos mais perfeitos “primeiros atos” do teatro brasileiro. Corre e domina as figuras, permitindo um ritmo crescente, onde o encerramento (apoiado num lugar comum do teatro clássico: a mensagem, antecipa um equilíbrio de tempo e lugar, e onde então, mesmo focalizando um ambiente regional – desperta para o universal das grande tragicomédia sociais.

O folclórico e o pitoresco se irmanam – artesanalmente –, permitindo viver necessariamente aqueles acidentes, e funcionando necessariamente em razão do aproveitamento dos efeitos que os personagens do auto popular “Bumba-meu-Boi”. Acredito-o sincero no seu caminho de observador das grandes transformações sociais, e permita-me dizer: é um autor que participa da construção de um teatro nacional para o universal.

## MORRO DO OURO

ADÍSIA SÁ

TRIBUNA DO CEARÁ

7 DE AGOSTO 1963

Vários fatores me levaram ao “Morro do Ouro”: o talento respeitável do autor, o equilíbrio do grupo; a obra em si e a franca publicidade em torno da peça. Eduardo Campos, por ser profissional de sete instrumentos, não decepciona, pelo contrário, supera a melhor das expectativas. Explico: o tempo – devorador das energias e dos sonhos – não tem sido pródigo com o “imortal”. Eduardo Campos, homem moço – 40 anos – muito cedo teve que enfrentar a realidade, com isto trocando gabinete de estudos pela banca de trabalho. Exercendo diversas atividades, Eduardo Campos obrigado a aproveitar – com sôfrega sede – o minuto que lhe sobra e nele produzir crônicas contos, comentários, teatro, conferências...

Resultado: o melhor não sai da pena do escritor. O bom, sim, como a peça “Morro do Ouro”. O primeiro ato – primor de movimento, de vida, de flahs, de mensagem de captação – perde terrivelmente para os dois restantes. A pressa – a inimiga do intelectual – engole’ tudo e fica como que uma obrigação, a peça a terminar. Repleto de imagens, de figuras, de personagens, de ambientes e de cores. Eduardo Campos – pelo pouco tempo que tem sai lançando pontos, e mais pontos, feliz, felicíssimo – no início, perde-se no segundo e no terceiro atos, inclusive deixando que falsas personalidades dominem personagens, como é o caso da mãe de Madalena ou que fatos – fora do tempo – surjam. simplesmente, como acontece com o “boi”.

Anterior à trilha de Dias Gomes, Eduardo Campos procura fixar homens e acontecimentos em contexturas sociais, verberando injustiças, açoitando superstições. chorando misérias filhas da ignorância e da fome. Isto está presente em todas suas obras, seja teatrais ou não e no **Morro do Ouro** o fato se evidencia mais, inclusive levando o espectador menos conhecedor de suas produções a fazer comparações entre esta e o *Pagador de Promessa...*

O grupo de B. de Paiva aqui para nós é receita garantida: para êxito de qualquer obra como o de Cacilda e Bibi Ferreira, Aurimar Rocha e Sérgio Cardoso. Não desmerecendo a obra de Eduardo Campos: tivesse

sido ela levada por outros elementos, que não os de Haroldo Serra – e a peça não teria constituído este sucesso.

E a peça? ela é um soco bem forte dado no rosto da sociedade. Não procura chorar – mesmo quando emprega o linguajar do povo – sim acordar a comunidade para as nossas vizinhanças. Porque não tem, como no teatro de vanguarda, a pretensão de esbofetear instituições... simplesmente!

Quando à publicidade resta a dizer que foi bem bolada, muito bem lançada e conseguiu arrastar público para o José de Alencar.

## DECLARAÇÕES DE HAROLDO SERRA

O teatro no Ceará, segundo o presidente da comédia Cearense, Haroldo Serra, já alcançou a sua maioria vivendo a encenação da peça de Manoelito Eduardo, **O Morro do Ouro**, que já atinge a sua 18ª exibição no teatro José de Alencar. Sorrindo, o Haroldo diz: – **O Morro do Ouro** bateu o recorde de público, bilheteria e... convites.

Além de sua repercussão como espetáculo e como obra literária, **O Morro do Ouro** será encenada além fronteiras, pois está nos cálculos da COMÉDIA CEARENSE uma tournée por Recife, Bahia, Rio, Porto Alegre e Montevidéu. Será portanto, uma peça internacional, como fez questão de frisar Haroldo Serra.

A temporada está prevista para o próximo mês – setembro, portanto – logo após o encerramento das encenações da peça de Manoelito Eduardo no Teatro José Alencar.

## PREFERÊNCIA POR PEÇAS DE AUTORES CEARENSES

Revelou-nos, também, o presidente da COMÉDIA CEARENSE que é pensamento de seu conjunto preferir a encenação de peças de autores cearenses, fator que não deixa de ser um incentivo para os nossos literatos, principalmente aqueles que já se revelaram e podem produzir com mais fertilidade.

Batemos palmas a Manoelito Eduardo, à COMÉDIA CEARENSE e ao povo de nossa Fortaleza que começa a entender os esforços daqueles que fazem arte entre nós.

## O MORRO DO OURO TERÁ GRUPO ESCOLAR EDUARDO CAMPOS

**O Morro do Ouro** era um montão de detritos perdido o meio caminho dos bairros de Monte Castelo e Jacarecanga. Uma população marginalizada vivia em promiscuidade com cães vadios e porcos enlameados, constituindo uma das paisagens mais pobres e tristes da progressista Capital Cearense.

Outrora era conhecido como a “rampa” onde se jogava o lixo da Cidade. E de “rampa” a Morro do Ouro a mudança, além do nome, foi de

apenas mais gente. O número de moradores cresceu muito. Morro do Ouro passou a ser subúrbio grande, com milhares de habitantes, mas cada vez mais esquecido, mais pobre, mais sujo, mais abandonado.

Um dia, o escritor e homem de imprensa Eduardo Campos viu o lugar, sentiu o drama da sua gente, estudou os seus problemas. E transformou tudo numa peça de Teatro que conquistou Fortaleza e muitas outras praças, despeitando para o “Morro do Ouro” – o do palco e o verdadeiro – para o seu conteúdo humano e para a problemática do **Morro do Ouro** as atenções das autoridades.

### GRUPO ESCOLAR “EDUARDO CAMPOS”

Depois da peça, **O Morro do Ouro** melhorou muito. Ganhou pavimentação; ganhou luz; ganhou água; pracinha para namorados, abrigo de ônibus. Está mais limpo. Não lembra mais o tempo em que era a “rampa”. Está muito mais bonito. E agora vai possuir o seu Grupo Escolar para abrigar a sua população infantil que deseja aprender a ler. A Prefeitura doou o terreno e o Estado está construindo o prédio. O vereador Raimundo Unhares (ARENA), num preito de reconhecimento ao trabalho que Eduardo Campos realizou por aquele bairro, requereu e a Câmara Municipal aprovou, um apelo ao Secretário de Educação do Estado para dar ao estabelecimento escolar em construção o nome do escritor que deu projeção ao **Morro do Ouro**. O Secretário de Educação, professor Lúcio Melo, aceitou prontamente a idéia e já oficializou a denominação até que mereceu a aprovação do Sr. Governador do Estado.

Assim, o grupo escolar do **Morro do Ouro**, que brevemente estará recebendo as criancinhas daquele bairro, se chamará “Grupo Escolar Eduardo Campos”.

## MORRO DO OURO

### FRAN MARTINS

O que admira na nova peça de Eduardo Campos, “Morro do Ouro”, é a perfeita identificação do teatrológo com o ambiente posto em destaque. Os tipos apresentados, as cenas vividas, os dramas humanos de cada personagem são reais, verdadeiros, sentidos em toda a sua simplicidade trágica. Sobretudo a linguagem, que sem dúvida há de ferir os ouvidos de um público acostumado a receber dos personagens frases feitas, corretas e puras – a linguagem, às vezes chocante, não poderia ser outra. Talvez haja um pouco de exagero, mas, se pensarmos bem, em uma esquina de morro, freqüentada por prostitutas e rufiões, não se poderá esperar outra língua que não a falada pelos que aparecem em “Morro do Ouro”. Acredito que o autor será bastante criticado por muita gente que ainda acha que em uma obra de arte, sobre a nudez pura da verdade, deve vir sempre o manto diáfano da fantasia. Mas o fato é que Eduardo Campos cresceu pela coragem como encarou o problema. Se queria nos dar um autêntico **Morro do Ouro** não poderia, de modo algum, usar de palavras açucaradas para a expressão dos seus personagens.

Nesta nova peça Eduardo Campos há, evidentemente, um grande processo do autor. O drama social do morro foi bem situado, o ambiente bem localizado e as figuras são humanas. Entretanto, no meu modo de entender, o autor poderia ter feito melhor obra se não tivesse a preocupação de ser excessivamente enciclopédico, trazendo à baila grande número de problemas quando, na verdade, se tivesse se fixado em apenas um teria obtido melhores efeitos.

Por exemplo, seria indispensável a referência ao Padre Cícero que em nada, de fato, melhorou a peça. Dispensável o aparecimento do boi, apesar de o autor justificá-lo com o contrabando, o que nos pareceu um pouco forçado. Dispensáveis algumas cenas, como a visita de senhores da sociedade ao bairro, quando as visitadoras sociais já haviam dado a nota relativa à incompreensão que essa gente tem, em regra, dos problemas dos menos favorecidos da sorte.

E já que estou no capítulo das restrições, devo acrescentar que fiquei um pouco decepcionado com a orientação final que a peça tomou, caindo na rotina depois de tão admiravelmente iniciada com um primeiro



ato em que o autor mostra toda a força do seu talento, dando-nos, na realidade, um teatro novo. A regeneração do morro não foi contrastada com a volta do rufião que não sabia da transformação ali operada. A coisa ficou um pouco falsa e acredito que, pensando melhor no assunto, Eduardo Campos há de concordar comigo.

Mas isso não desmerece o valor dessa peça que marca, a meu ver, um dos pontos mais altos da carreira de Eduardo Campos como teatrólogo. A excelente direção de B. de Paiva e a unidade do conjunto em que dificilmente se poderá dizer quem mais se destacou – tudo isso faz de **“Morro do Ouro”** uma peça teatral de estatura igual às que melhor mente tem sido escritas no Brasil, merecendo, por tal razão, ser vista e aplaudida por todos.

## FORA DE SIGILO INÁCIO DE ALMEIDA

Numa cidade com todas as características de província, sem público certo para o incentivo normal para autor-artista, e onde apenas uma camada esnobe da sociedade se dá ao luxo de ver de perto as “obras consagradas” ou as “companhias” do Rio ou de São Paulo, é uma aventura se fazer teatro. É muita abnegação esforçar-se para não se deixar morrer uma pequena chama da cultura artística de pequeno grupo de apreciadores do Belo cênico. É acendrada paixão

pela inebriante arte de Thalma. Apesar de tudo isto, “Morro do Ouro”, ora em apresentação pela Comédia Cearense, José de Alencar, vem atestar a bravura e maturidade de quantos fazem teatro no Ceará. É um espetáculo que toca à grande a quem acompanha os esforços dos idealistas B. de Paiva e Haroldo Serra, para não encher a coluna com apenas pela estrutura conteudística, de realismo social crítico, mas também pelo formal denunciando em Eduardo Campos um competente mestre da carpintaria teatral.

Observando-se o panorama do teatro brasileiro, nos últimos cinco anos, temos que reconhecer a existência de novos e honestos dramaturgos perfeitos analisadores da problemática social. Assim é Gianfrancesco Guarnieri com *Gimba* e *Eles não usam Black Tie* assim também Antônio Callado com *Pedro Mico*. Assim Alfredo Dias Gomes com *O Pagador de Promessas* e *A Invasão*.

Nesta lista pode participar agora Eduardo Campos, com o seu “**Morro do Ouro**” pela felicidade de caracterizar o popular e o regional, de pintar os tipos que enchem os bairros das capitais nordestinas, e mais particularmente Fortaleza, da sua honestidade em não fazer distorções.

É claro que, de certa forma, o público se choca com a crueza da ação do dialogo. Mas, na sua reportagem social, o autor não poderia poupar a prostituta, empurrada da zona rural para a cidade grande; como fórmula de sobrevivência o bicheiro, forjando sonhos para cada um dos fregueses afim de suportar a vida do asfalto; o bodegueiro, ganhando cruzado pela venda da cachaça que faz passar problemas de fome de amor; o contrabandista comerciante marginal eterno alvo dos “tiras” da policia; a monitora e assistentes sociais denunciadoras de um vazio conhecimento

dos problemas de falsas soluções; as mulheres do “society” eternas caçadoras de novidades para fugirem à monotonia das quatro paredes do lar; a lavadeira e outros tipos autênticos de qualquer bairro.

Nesse mostrar as coisas dos subúrbios, Eduardo Campos demonstrou ter dado o salto tríplice-semântico-participante, atestou que a sua honestidade de autor sobrepuja as próprias conveniências pessoais e de dirigentes de empresa, e num arranco de liberdade voltou as idéias, que dormitavam consigo, desde que deixara às manias consideradas loucas de escrever e interpretar para a gente dos bairros, que o aplaudia como autor e artista.

Eduardo Campos ganhou a dimensão do intelectual moderno, sem barreiras e com horizontes definidos, dentro da realidade nacional para atestar isto. Aí está a sua peça com as ações, os tipos e o linguajar do nosso homem comum, que anda de alpargata de rabicho, que come uma vez por dia, que sofre e sua nos transportes coletivos, que não tem dinheiro para casar, que vegeta até a tuberculose o conduzir para a última morada.

As figuras humanas estão todas ali, com a sua necessidade econômica, com o seu misticismo doentio, com os seus desejos e instintos animalescos, com a alegria nos lábios ao viver intensamente a dança do Bumba-Meu-Boi com toda aquela gama que faz uma criatura se arrastar no lodo e ainda ter tempo para sonhar em coisas belas.

Em “**Morro do Ouro**” encontra-se também o talento do “metteur-en-scène” B. de Paiva, imprimindo perfeito equilíbrio na composição, no ritmo, bem como nas interpretações magistrais dessa plêiade de jovens revelações onde se destacam Teresa Bittencourt, José Humberto, Hiramisa Serra, Afonso Barroso e tantos outros.

Excelente também é o cenário de Flávio Phebo, cearense que reside em São Paulo, onde já foi várias vezes premiado como melhor cenógrafo e figurinista. Apesar de estar distante, este afamado decorador realizou um trabalho magistral, recriando com todos os detalhes, os prédios característicos do bairro dando mais autenticidade ao ambiente onde se desenrola a peça.

Em suma, esta obra popular de Eduardo Campos apesar de algumas deficiências que de tão insignificantes não tiram o brilho do contexto geral, constitui-se uma revolução, rompendo com a velha estrutura do melodrama e do digestivo e fazendo-nos mais crentes de que o futuro já se integrou na realidade dos dias presentes, na vida teatral cearense.

## TEATRO

### NADIR SABÓIA

Tivemos no José de Alencar, um espetáculo de verdadeiro teatro. O que vimos na estréia da peça **“Morro do Ouro”**, nascida da mentalidade e do talento dramático de Manuel Eduardo Campos, resume, a nosso ver, um espetáculo-teatral tecnicamente” perfeito.

Bem avisado foi o autor, ao entregar a este outro consumado artista que é José Maria Bezerra de Paiva, o nosso conhecido B. de Paiva, a direção, a realização, a vivência enfim, do seu **“Morro do Ouro”**.

Quem não conhece, como temos a imodéstia de; afirmar conhecermos, as dificuldades insuperáveis, assim como as dificuldades comezinhas, para se realizar em nossa terra um trabalho de teatro, não poderá, aquilatar da desmedida porção do amor à beleza e a arte de teatro que armazena em si, essa figura ressequida de sonhos que é B. de Paiva.

Fugindo aqui, ao nosso lema de aprovação que, em se tratando de teatro, costuma sempre revelar e compreender as falhas e deslizos, por maiores que se apresentem. Levando em conta, tão somente o esforço despendido, e a necessidade de um incentivo, numa terra onde fazer teatro é ainda um percalço, propomo-nos fazer uma ligeira e construtiva análise da peça e do espetáculo que nesta estréia, arrancou aplausos maciços da platéia do José de Alencar.

Eduardo Campos enceta como **“Morro do Ouro”** uma nova etapa na sua técnica teatral. Volta-se para a mais recente tendências: teatro social. Explora com muita realidade, ambiente, tipos, costumes dos marginais da nossa terra, assim como, alguns tipos da polícia e da alta roda social. A principal figura é Madalena, a prostituta que se arrepende; a seguinte, Zé-Valentão, bamba-da-zona, e contrabandista de morro.

Na sua vida de mulher perdida, Madalena, caída, sem tragédia, na puberdade, e por instinto no comércio da carne, tem, normalmente, preferência pelo homem moço que lhe satisfaz e lhe presenteia com artigo de contrabando. Outros homens lhe dão, ocasionalmente, o que ela necessita física e materialmente. É uma mulher da vida, igual a tantas outras. Mas eis que lhe é anunciada a visita da mãe, sertaneja de Juazeiro-do-Norte. Aparentada com o choque que sua maneira de viver (fazemos algumas restrição a essa susceptibilidade moral dos sertanejos que, ao nosso ver, é em

geral, muito elástica) provocará na mesma, Madalena recompõe os vestidos (outra restrição: terá uma decaída marginal noção exata do efeito do seu trajatar?) e puritana o ambiente do quarto. A mãe, supersticiosamente devota do Padrim Padre Cícero, consegue, (relevemos ainda essa possibilidade e essa capacidade) dada a sua ignorância da verdade ambiente, purificar aqueles meios eliminando os elementos de perdição: cachaça, jogo-de-bicho, etc. substituindo-os por novenas e festa de arraial. Na noite da última novena, Zé-Valentão regressa a prisão e vem procurar Madalena. Encontra-a vestida de um hábito de S. Francisco. Deseja-a. Ela se recusa, inibida. Gostou da farsa de ser pura... (revelemos e admitamos) depois de um clímax teatral, ela se vai embora, levada pela mãe. O homem fica só...

Resumido assim, o enredo já de si sucinto, seria perfeito se tratasse de um conto ou de uma novela. Na vivência, porém, da realidade da vida, e mais ainda, da rapidíssima realidade teatral, faltou dentro da peça, presumimos, um fator importante: deixar o espectador convencido da verdade. A verdade que um teatro-social requer. Uma mulher perdida desde a tenra infância não se regenera pela força de um “milagre” fictício, forjado por ela mesma, maliciosamente, para enganar a mãe.

No teatro, a faculdade de raciocínio do espectador é rápida, a motivação para que este raciocínio se satisfaça, obriga-se também, a ser rápida e muito convincente. Quando esta motivação não pode ser de solução imediata, necessita deixar ao espectador a possibilidade de levada consigo e de lhe dar o destino condizente com a sua capacidade espiritual. É o que se convencionou chamar “a mensagem entregue”.

Descurou-se ao autor dessa mensagem, ao se preocupar por demais com a composição teatral do espetáculo visual, a qual, ao nosso ver, está perfeita.

A peça, que no primeiro ato, deslumbra e entusiasma, na promessa de culminância artística, dilui-se no segundo e se fragmenta no terceiro em cenas sem muito conteúdo, a procura de um fim. Por que, Zé-Valentão, um bambada-zona, pode momentânea e animalescamente, reagir como o fez, à insatisfação do seu desejo, porém nunca permanecer numa dramatização Ibseniana, fugindo assim, ao seu tempo de macho-valentão. Se a peça retrata cenas de morro... porque não, um final mais perto desse mesmo morro e mais condizente com o que podemos ler todos os dias nos jornais: “Monstruoso crime

no **Morro do Ouro**". Dar-se-ia assim, um ponto final, uma mensagem teatralizada: A inconseqüência e o irrisório das tragédias humanas.

Concordamos, todavia, que é fácil apontar fraqueza e achar soluções pretensas melhores para uma obra já artisticamente criada. Expressamos aqui, unicamente a nossa maneira de sentir. E a peça de Eduardo Campos, nome já consagrado, obterá sem dúvida, o sucesso que bem merece.

Para isto pode a peça também contar com a direção que lhe deu B. de Paiva. Num ritmo seguro, sem vazios na dialogação plástica dos inúmeros personagens, explorando detalhes e ambiências, passando do cômico ao emocional com a maestria de um perfeito "metteur-enscène", conseguindo como bem diz Jean Louis Roux: "com a maior fidelidade possível decifrar as intenções do autor".

Mesmo assim, atrevemo-nos a fazer alguns reparos que nos parece aconselhável. Uma melhor valorização caricata que achamos pouco real, na chefe das Assistentes-sociais, menor exuberância no tipo da lavadeira, assim como na mãe de Madalena e, sobretudo, maior valorização do motivo "Bumba-Meu-Boi".

Na interpretação que, realmente, agradou em cheio tornar-se difícil deixar de salientar a de Madalena por Tereza B. de Paiva, vivida e sentida em todos os instantes, num realismo tal que nos fez esquecer a quase inconsistência da sua motivação. Afonso Barroso, quase pese a sua recente iniciação teatral, chega a convencer no seu personagem, faltando-lhe um mínimo de adaptação ao tipo de marginal que o papel requer. Hiramisa marca um tento de naturalidade e vivência na mulher do Aleijado. Finalmente, no conjunto de tipos humanos, temos a satisfação de encontrar em todos esses elementos amadores de teatro um respeito digno de nota pela arte teatral e uma quase perfeição, por demais alentadora e necessária ao prosseguimento do teatro do Ceará.

O cenário de Flávio Phebo, artista cearense radicado em São Paulo, com quanto não tenho sido possível consegui-lo "in-totum", tem composição adequada e muita beleza artística.

Parabenizamos aos encarregados da contra-regra, da sonoplástica e dos efeitos da luz, esses artistas invisíveis ao público mais tão indispensáveis à perfeição de um trabalho teatral.

Aplaudimos com todo o nosso entusiasmo a esses legítimos idealistas da "Comédia Cearense" e, com eles dizemos ao povo do Ceará: Vamos ao teatro.

## O MORRO DO OURO

### MARCIANO LOPES

Quando já se afirmava que o teatro cearense sucumbira, eis que, mais uma vez, Haroldo Serra aparece e joga a última cartada. Desta feita, a “tábua de salvação” foi a obra máxima do teatrólogo Eduardo Campos, **“Morro do Ouro”**, que Haroldo “vestiu” de roupa nova, a fim de testar a veracidade das afirmações, segundo as quais, o teatro já era coisa do passado, morto sepultado, por obra e graça da Televisão.

A roupagem nova com que Haroldo Serra “vestiu” o velho Morro foi roupagem sonora, concebida segundo a extraordinária capacidade criadora dos jovens Belchior e Jorge Melo, dois expoentes que acabam de colocar o Ceará na pauta do movimento de MPB que até então congregava, apenas, cariocas e baianos e algumas exceções mineiras, paulistas e gaúchas.

Sem tirar o mérito da obra de Eduardo Campos, que consideramos como a sua melhor criação, não temos palavras para louvar o gênio inventivo de Haroldo Serra, que repetiu o feito de Alan e Lerner, a famosa dupla norteamericana, que transformou o “pigmaleão”, de Shaw, no soberbo espetáculo *“My Fair Lady”*. Salvando as proporções, o trabalho de Haroldo Serra merece os mesmos encômios que receberam os geniais adaptadores da Broadway.

Mesclando espetaculosidade mecânica de *“O Balcão”* e a coreografia alucinante de *“Hair”* e mais ainda, valendo-se de todas as modernas tendências que são a tônica forte das atuais montagens teatrais nas grandes cidades, o esforçado homem de teatro de nossa terra construiu o seu **Morro**, que agora, é, realmente, de OURO, graças ao tratamento recebido durante nada menos de nove meses – período exato de uma gestação.

Nessa fase de montagem de **Morro do Ouro**, houve quem afirmasse que, como denúncia, a peça está superada, uma vez que a própria peça quando de sua encenação original, encarregou-se de solucionar o angustiante problema da famigera da favela onde proliferava a marginalização, pois as autoridades, ante a denúncia levada ao palco, resolveram mudar a situação dos infelizes que ali moravam.

Mas, não se justificam tais afirmações, uma vez que **O Morro do Ouro** permanecerá, pelos séculos afora, como símbolo de um problema social, como identificação de um aglomerado de criaturas a que vegetam

na mais absoluta promiscuidade. E não importa se geograficamente se chama “Morro do Ouro”, “Curral”, “Cinzas” ou “Lagamar”. Por outro lado, como espetáculo em que Haroldo Serra acaba de situar a obra-prima de Eduardo Campos, Morro do Ouro pode ser incluídas nas criações imortais e daqui a cem anos, ela ainda será algo digno da admiração pública.

Não é fácil concentrar esta versão musicada de **Morro do Ouro**, principalmente, porque ela surge, no momento exato em que o teatro vem sendo apontado como a mais desacreditada das artes, mormente entre nós. Posso dizer, apenas, que o espetáculo é chocante, chocante, não pelo fato de apresentar a nudez que caracteriza “*Hai,..*”, ou a promiscuidade moral de “*Navalha na Carne*”, ou os palavrões de “*Roda Viva*”. Este espetáculo choca, pela sua grandiosidade, pela sua contínua vibração, pela sua música maravilhosa, pelo seu lirismo, pela sua brutalidade.

Não é este o comentário que pretende fazer de **Morro do Ouro**. Este, virá depois, quando assistir a uma segunda apresentação. Mas, posso dizer agora: Vá ao teatro! Não deixe passar a oportunidade de assistir a coisa mais séria que já se fez nesta terra, em matéria de teatro! Até Domingo, quando comentarei **Morro do Ouro**, analisando detalhes de sua montagem. Por enquanto, adianto que a peça tem cenas inesquecíveis, canções inesquecíveis, interpretações inesquecíveis e uma Hiramisa Serra diferentes de toda as Hiramisas que você já virá antes. Ela está, apenas Divina, Maravilhosa, Estupenda como “mulher do aleijado”. E faço minhas, as palavras de Afonso Jucá: “Hiramisa está tão autêntica como mulher de um mendigo que a gente, lá do fim da platéia sente a catanga dela...”. Confesso que também senti...



**MORRO DO OURO BRILHOU NA BASÍLICA**  
**SÔNIA MARGARIDA**  
**DIÁRIO DA REGIÃO**  
**S. JOSÉ DO RIO PRETO-SP, 20 DE JULHO 1971.**

Ontem foi apresentada a peça mais original e bem montada do III festival nacional do teatro amador. Trata-se” **O Morro do Ouro** “, pelo grupo G. U. T. de Fortaleza, Estado do Ceará. Direção de Haroldo Serra, músicas de Belchior Jorge Mello, arranjos de Avanson, autoria de Eduardo Campos.

Integraram o grupo 40 elementos. A única crítica que poderíamos fazer diante de tão genial espetáculo cênico, é que eles também não precisavam ser tão geniais. Mais foram. Assim sendo, só temos que elogiar tão magnífico espetáculo. Conseguiram um perfeito entrosamento entre som, iluminação, interpretação. Os atores surgiam como que impulsionados por uma varinha de condão. De todas as partes da plateia só se ouviam aplausos e mais aplausos. A Basílica, mas uma vez, abrigou um grande público, que vibrou durante todo o desenrolar das cenas. O júri popular aprovou dando 79% de bom e apenas 4% de regular. Só não entendemos a razão dos 4% de regular. Mostraram o folclore cearense em meio a muito som, a muita música.

Estes jovens estão conseguindo criar uma nova imagem do nordeste. U ma imagem colorida, onde se reflete um estado em desenvolvimento em todos os setores e principalmente o teatro. O autor da peça revelou à nossa reportagem que gostou de escrever sobre a pobreza, mas mostrando que ela tem um encanto que só as pessoas sofridas conseguem transmitir. Eduardo Campos é presidente da Academia de Letras do Ceará, e dirige uma rede de rádio e televisão e jornais. O governador do Ceará fará realizar um festival nacional de teatro e já convidou grupos teatrais de nossa Rio Preto. A garota que faz o papel principal apesar de que na nossa opinião todos fizeram papéis principais cursa o 42 ano de Odontologia e seu nome é Teresa Cristina. O ator principal é também compositor das músicas interpretou Zé Valentão é o já citado anteriormente Jorge Mello. A mulher do aleijado esteve esplêndida. Trata-se de Hiramisa Serra, que é assistente de direção. “A peça gira em torno da vida de um morro existente de qualquer parte da terra”, como disse o Eduardo Campos. Desde o

início até o seu término, houve movimento, vibração e comunicação no **Morro do Ouro**. Quando terminou o espetáculo ninguém queria retirar-se, sentia-se em cada rosto o desejo de continuidade, pareciam clamar: “Queremos mais”!

**O Morro do Ouro** proporcionou a todos que viveram juntos com seus personagens, seus problemas e suas tradições, uma sensação dourada, uma sensação gostosa de saber que o bom teatro existe. Grupo Universitário de Teatro, vocês mostraram o colorido da pobreza e a expressão do desamor dentro de um clima de euforia e grandiosidade.

## TEATRO

**OTACÍLIO COLARES**  
**GAZETA DE NOTÍCIAS**  
**28 DE JULHO 1971**

Não faz muitos dias, quando aqui se anunciava a encenação da peça “**O Morro do Ouro**” do teatrólogo conterrâneo Eduardo Campos dizíamos de nossos receios por saber que o original do conhecido escritor iria ser representada através de uma adaptação que incluía tratamento musical, além de outras modificações na parte cênica propriamente dita.

Dias depois, e antes ainda da apresentação, tínhamos oportunidade de fazer o elogio de certas músicas que iriam incorporar-se à “mise-en-scène”, ouvidas que foram por nós, num programa de TV.

Também, de dar com a expressão de um certo receio, quanto a adaptação em si, dizíamos da nossa confiança no talento e na experiência de Haroldo Serra como diretor teatral, uma experiência que já lhe valerá anos atrás, elogios efusivos da mais exigente crítica especializada do sul do país.

E a verdade é que as apresentações (múltiplas) de “**O Morro do Ouro**”, nessa nova fase, foram sucesso aqui em Fortaleza, para alegria dos que, apreciando a nobre arte teatral, sabem quanto ela é incompreendida e desestimulada entre nós, já por arte de um grande público pouco sensibilizado, já e sobretudo por parte dos poderes públicos, sempre e lamentavelmente desinteressados pelos problemas da cultura artística...

Quando estávamos em vésperas da realização do Festival Nacional de Teatro e Amador de São José do Rio Pardo, a nossa convicção de que “**O Morro do Ouro**” iria marcar, entre as dezenas de outras peças a serem ali representadas. E assim o fazíamos baseados no conhecimento das qualidades intrínsecas da obra, até certo ponto muito avançada para a época em que apareceu e foi levada ao palco, isso já faz mais de dez anos, já pela “tarimba” de que ia forrado o numeroso elenco responsável pela encenação.

As notícias agora chegam lá do sul, e são um coroamento de um trabalho honesto desenvolvido por Haroldo Serra e sua equipe de amadores. O aplauso de público e júri em São José do Rio Pardo, proporcionaram à peça e ao elenco, depois da representação bastariam para consagrar

o autor e os que lhe apresentaram a obra, não fora a existência de prêmios que foram à mesma conferidos com espírito de justiça.

Valha o acontecimento como um grito de alerta aos homens do setor cultural de nosso governo. Tudo temos e do melhor, nos mais diversos escalões de cultura artística; só o que nos há faltado é estímulo e sobretudo estímulo financeiro.

## SALVE O CEARÁ

**ROBERTO DE CLETO**

**O DIA, RIO 20 FEVEREIRO 1972**

Sob o patrocínio do Governador do Ceará, César Cals, do Prefeito Vicente Fialho e do Secretário de Cultura, Ernando Uchôa, Haroldo Serra trouxe para o TEATRO SENAC, aqui no Rio, a peça do cearense Eduardo Campos: **O Morro do Ouro**.

A iniciativa é das mais simpáticas e dá conhecimento ao nosso público de um autor de quem possivelmente poucos jamais haviam ouvido falar, assim como do trabalho que vem se desenvolvendo no campo teatral de um dos mais simpáticos Estados da União.

**O Morro do Ouro** é o retrato de um dos bairros mais pobres de Fortaleza, aquele justamente onde é despejado o lixo da cidade, mostrando diversos aspectos da vida de seus habitantes. A peça não chega a ter um desenvolvimento dramático, sendo mais uma série de flagrantes mostrados através de uma história simples, mas apresenta vários tipos interessantes e situações curiosas e engraçadas.

A adaptação feita por Haroldo Serra, sobretudo na introdução das músicas excelentes de Belchior e Jorge Mello dá um ritmo trepidante ao espetáculo, tornando-o moderno e agradável. Temos certeza que o espetáculo feito por um elenco inteiramente cearense teria um sabor especial que pode ser notado nas interpretações de Hiramisa Serra, Teresa Mello, Amália Riomar e Martha Vasconcelos, que faziam parte da produção original, mas de qualquer maneira, as aquisições feitas no Rio para o elenco funcionam perfeitamente, não tendo apenas a cor local que dá o toque característico, assim como algumas das palavras que aparecem no texto.

Miriam Pérsia, mulher bonita e atriz completamente segura de seus dotes, se encarrega do papel principal que desempenha com grande categoria. Milton Morais (diga-se de passagem, cearense também, com vários anos de Rio), é o excelente ator que estamos acostumados a ver e resolve com um pé nas costas o papel de Zé Valentão. B. de Paiva, outro cearense radicado no Rio, faz o político demagogo com muita graça. As demais aquisições cariocas são Paulo Pinheiro, Lara Vitória, Célio de Barros, Marcus Miranda, Elizabeth Matos, Mary Neubauer, Vera Monteiro, Almir Teles,

Francisco Silva e Tarcísio Gurgel, todos desempenhando muito bem seus papéis. E ainda o coro constituído por Adail Daliano, Cairo Trindade, Francisco Neto, João Antônio, Paulo Rogério, Wanderley Pinto e Wilson Cirino, todos perfeitamente entrosados.

Parabéns, pois, a Haroldo Serra por ter mostrado ao Rio de Janeiro o que está se fazendo, em matéria de teatro, no Ceará e a Belchior e Jorge Mello, ótimos compositores e cantores. Podem ir que vão gostar.

## O CRESCENTE INTERESSE DO CEARÁ PELO TEATRO

**SABATO MALGADI,**  
**O ESTADO DE SÃO PAULO**  
**30 DE AGOSTO 1972**

Inauguração de uma biblioteca especializada, verba para o começo da reforma do Teatro José de Alencar, montagem da peça **Morro do Ouro** (seguida de debate), promessa para a melhoria do curso de Arte Dramática e anúncio de um festival de teatro de arena marcaram o último fim de semana em Fortaleza.

Enquanto um repórter me perguntava se o teatro está morto, eu podia testemunhar o interesse crescente por ele: foi o governador do Ceará, César Cals de Oliveira, quem inaugurou a “Biblioteca Carlos Câmara e entregou um cheque de 50 mil cruzeiros ao diretor do teatro José de Alencar, Haroldo Serra, para que iniciasse a reforma; depois da apresentação de **“O Morro de Ouro”**, peça de Eduardo Campos, participaram de um debate sobre o espetáculo os secretários da cultura e da fazenda, Ernando Uchôa Lima e Josberto Romero; o Diretor do Serviço Nacional de Teatro, Felinto Rodrigues Neto, prometeu interceder junto ao Ministro da Educação para regularizar a situação do curso de Arte Dramática; e o prefeito da cidade, Vicente Fialho, autorizava Haroldo Serra a promover o primeiro festival brasileiro de teatro de arena.

Diante de tantos episódios animadores, seria impossível ficar insensível à vitalidade do teatro no Ceará.

Observação de costumes locais, **“O Morro do Ouro”** se valoriza pela autenticidade. O texto de Eduardo Campos (49 anos, diretor de jornais, de uma emissora de televisão e industrial) tem como filão principal a história de uma prostituta que, ao receber a mãe beata, precisa oferecer uma imagem diferentes de seu cotidiano. Paralelamente, satirizam-se a venalidade do processo eleitoral e a curiosidade folclórica das grã-finas pela miséria.

Sem ser ambicioso, o texto funciona pela fluência do diálogo e pela sucessão de tipos, retratados com espírito de síntese. A crítica às eleições está superada, porque é preferível havê-las, em qualquer hipótese. E o desfecho fica no ar, porque amputadas as palavras do autor, não sobraram elementos suficientes para a platéia completar por conta própria o entrecho.

Haroldo Serra musicou o texto, saiu do flagrante realista para dar um colorido imaginoso ao espetáculo e enriqueceu o espaço cênico, desde a utilização do pátio interno do Teatro José de Alencar. Vê-se que ele está atualizado pelas recentes pesquisas de encenação e imprime uma conveniente dinâmica à montagem. É um diretor de quem se pode esperar muito.

E me impressionei verdadeiramente com o vigor de vários intérpretes, entre os quais Hiramisa Serra, Marcos Fernandes e Marcus Miranda



## O MORRO DO OURO

ORLANDINO ROCHA

O CRUZEIRO, 23 DE FEVEREIRO 1972

**O Morro do Ouro** não é um morro como outro qualquer. Consistente qual uma rocha, as vezes lírico, às vezes místico, é um vulcão em erupção contínua. Suas lavas atingem, de pronto, a sensibilidade de quem o assiste. Na verdade, é uma peça viva, esculpida pelo talento do escritor cearense Eduardo Campos e dirigida pelo seu conterrâneo Haroldo Serra.

Quem vai ao TEATRO DO SENAC, em Copacabana, está virtualidade no topo do **Morro do Ouro**, onde poderá aplaudir a coreografia amorosa de Zé Valentão (Milton Morais) e a sua quenga preferida, Madalena, interpretada por Míriam Pérsia. Tudo isso com o acompanhamento do som de Jorge Mello e Belchior, aqueles meninos grandes que ganharam com Hora do Almoço o Festival da música Universitária, promovido pela rede Tupi de Televisão.

Deixando o topo do **Morro do Ouro**, encontramos no seu sopé sua população, composta de canelau, gente sem berço, alguns sem chão, muitos sem teto, com exceção de um candidato a vereador, muito demagogo, mas, por sinal, muito bom. Também, pudera! Interpretado por B. de Paiva, nem poderia ser diferente. Tirante a mãe de **Madalena** – que já chega no fim da peça, trazendo o retrato do Padre Cícero nas mãos, com o mesmo ardor com que uma porta-estandarte

conduz a bandeira de sua escola –, todas as mulheres que habitam **O Morro do Ouro** são quengas. Não escapa nem a mulher do aleijado, uma personagem muito bem vivida por Hiramisa Serra. Mas a “natureza teatral”, na qual elas foram geradas, lhes deu uma forte dose de calor humano, que faz suar até mesmo os espectadores.

Por isso, **O Morro do Ouro** não é um morro qualquer. Por isso, no III Festival Nacional do teatro Amador, realizado em São José do Rio Preto, São Paulo, a peça fez jus ao Arlequim, primeiro prêmio do certame, foi a preferida do júri popular, além de ganhar mais oito troféus. Na Guanabara, **O Morro do Ouro** está sendo encenado sob os auspícios do governo do Ceará, que vem prestigiando todos os movimentos culturais nas suas mais variadas expressões. Quem se comunica – como Eduardo Campos –, através de um grupo tão homogêneo, dirigido por Haroldo Serra, precisa ser ouvido e entendido por todos. Ainda bem que **O Morro do Ouro** também tem eco.

## MUITAS E GRATAS SURPRESAS DO CEARÁ

SABATO MALGADI

JORNAL DA TARDE

SÃO PAULO 16 DE MARÇO 1974

A primeira virtude de **Morro de Ouro** está em revelar a São Paulo um dramaturgo (Eduardo Campos), um diretor (Haroldo Serra), e diversos intérpretes cearenses. O TEATRO APLICADO, no seu elogiável programa de explorar as várias regiões do país (*Lampião no Inferno*, *Viva o Cordão Encarnado e Derradeira Ceia*), mostra agora uma outra realidade brasileira, tão importante para o conhecimento do nosso público, em termos de arte.

Nada disso seria significativo se não estivesse amparado por outra virtude: o interesse do texto e do espetáculo. E se as qualidades não surtiram envoltas em despretenção. Ninguém tenta revolucionar dramaturgia brasileira nem os conceitos da encenação moderna. Deseja-se apenas, dentro da técnica tradicional do teatro, documentar um problema verídico de Fortaleza, que aliás se aplica provavelmente a todas as nossas capitais. E a direção, informada pelos processos em voga no palco de hoje, procura assimilá-los à realidade nordestina.

Eduardo Campos faz, basicamente, uma peça de costumes, . cujas personagens pertencem a uma favela de Fortaleza, onde deságua o lixo de toda a população. Nesse ambiente marcado pela marginalidade avultam as figuras de um contrabandista, uma prostituta, um aleijado, um bicheiro, um dono de botequim e assim por diante. Seus conflitos concentram-se nas questões do dia-a-dia, animadas pela vinda da policia, de um candidato a vereador ou da mãe da prostituta, devota do Padre Cícero. Não há uma análise em profundidade de nenhum problema social, mas o desfile de figuras expressivas de um cotidiano triste.

Enquanto o texto, de 1963, adota a linguagem realista, em voga desde a estréia, em 1958, de *Eles Não Usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, Haroldo Serra acrescentou-lhe o elemento musical. Como a musica (de Jorge Mello, que é também cantor, de Belchior e de Haroldo Serra) é bonita e propicia os deslocamentos *do* conjunto, o espetáculo ganha uma nova dimensão. Pode ser discutido o sacrifício da última parte

*do* texto, que sugere ao espectador ter ficado incompleto, sobretudo, o destino de Zé Valentão.

**Morro do Ouro** funciona pelo colorido, pela plasticidade, pelo ritmo sempre dinâmico do desempenho. Mesmo com os deficientes recursos técnicos da iluminação ou das projeções, o palco se encontra em continuo movimento. É possível que Haroldo Serra tenha alterado as características das assistentes sociais, cuja fatuidade não precisaria chegar à composição artificial das personagens. Mas na sua perspectiva solidária *com* a verdade do morro, compreende-se a deturpação caricatural *do* mundo lá de fora – tanto as assistentes como o político e os policiais. Um elenco de 22 intérpretes, numa produção forçosamente econômica, deveria ter altos e baixos. A rapidez dos ensaios não permitiu a superação de trabalhos inaceitáveis. Mas há muitos desempenhos espontâneos e vigorosos, *como* os de Teca Melo (Madalena), Tereza Teller (Elvira), José Dumont (Aleijado), Ricardo Guilherme (Ezequiel), Vera Silva (Margot) e Zélia Silva (Mulher do Aleijado). Diversos intérpretes prometem uma carreira de êxito.

As primeiras atividades *do* empresário Tom Santos não convenceram de nenhum ponto de vista. Não eram artisticamente sérias nem indicavam bons propósitos. As três estréias da última temporada e **Morro de Ouro** são indícios de uma salutar regeneração, que pode converter o teatro aplicado num dos centros mais importantes *do* palco paulista e brasileiro. São esses os votos de quem acompanha, quase *como* torcedor, esse esforço pela implantação de um dramaturgia nacional, originária dos vários estados e cunhadas de popularidade.

## NO APLICADO UM MUSICAL DE RAÍZES NORDESTINAS

**ALÍPIO R. MARCELINO**  
**CRÍTICO DE SÃO PAULO**

“Mas o que mais se destaca no entrecho do espetáculo é o seu acentuado teor de análise crítica tomando como ponto de partida o cortejo das misérias morais, físicas e, portanto, subumanas de pessoas pertencentes a uma determinada comunidade social. A candência da denúncia dessa situação parece Ter surtido efeito junto às autoridades constituídas, pois estas foram levadas a construir no local, que foi alvo da acusação do jornalista cearense, um grupo escolar que recebeu como homenagem o próprio nome de Eduardo Campos. Como vê, a procedência da denúncia teve feliz acolhida junto a quem de direito, fato este que seria sempre procedente, se todas as vezes que alguém ao mesmo tempo que se tornasse porta-voz de uma comunidade marginalizada socialmente, fosse ouvido e acatado como um fator do Bem Comum.”

## PEÇA: MORRO DO OURO

HILTON VIANA

“DIÁRIO DA NOITE”

SÃO PAULO, 9 DE ABRIL 1976

“**Morro do Ouro**” não é a primeira peça que nos mostra os problemas de uma coletividade em versão musical. Plínio Marcos já havia se preocupado, com os problemas sociais dos cantadores de papéis numa peça interpretada por Maria Delia Costa, Ivete Bonfá, Walderes de Barros e grande elenco e com o sugestivo nome de *Homens de Papel*. Guarnieri nos deu um excelente musical com *Gimba* quando abordou os problemas sociais do morro. Eduardo Campos, tornou como ponto de partida um fato real, de Fortaleza, quando em determinada faixa de pessoas, sobreviviam do que catavam lixo, a sobra vinda do centro.

O autor nos mostra através de “flesh” e cenas isoladas mas que tem uma conotação lógica, como vivem essas pessoas que residem naquela parte da cidade e não os motivos os levaram a Ter aquele tipo de vida.

Simple e direto, o dialogo de Eduardo Campos é muito bom e apesar de ter sido escrito há dez anos (e graças ao espetáculo montado no Ceará acabou com o problema social abordado na peça) mantém o interesse e não cai no lugar comum.

Sem nenhum cenário de apoio, linha propositadamente adotada, e rendimento interpretativo nada perde, muito pelo contrário, consegue bons resultados...

## O ESCÁRNIO E NÃO PRANTO

**JEFFERSON DEL RIOS**  
**FOLHA DE SÃO PAULO**

São Paulo acolhe atualmente, no TEATRO APLICADO, uma experiência teatral que foge inteiramente à sofisticação das montagens às quais estamos acostumados. Um trabalho simples e distanciado da complacência comercial e das enfeites aparentemente criativos mas que escondem a verdade interior de uma obra teatral.

“**O Morro do Ouro**”, de Eduardo Campos, dirigido por Haroldo Serra – ambos cearenses e ligados à popularização do teatro em Fortaleza – é a visão da pobreza e dos dramas da população do bairro com este nome, um dos mais abandonados da capital cearense, último reduto dos marginais, mendigos e desempregados que o centro rejeita.

As vicissitudes produzam um sentimento natural de solidariedade entre os seus habitantes e o autor parte desta constatação para tecer uma história singela da prostituta que tenta esconder sua condição quando sabe que a mãe virá do interior para visitá-la. E todos os vizinhos participam da farsa para que a velha senhora não saiba a verdade.

O tema tem um forte apelo melodramático que poderia esvaziar suas intenções críticas. O autor, porém, contorna habilmente o terreno da emoção fácil ao envolver, simultaneamente, os fatos com uma irônica rejeição da auto-piedade, atitude não estranha às idéias do teatro de Brecht. A pobreza é cruel mas sobre ele se eleva o escárnio e não o pranto dos atingidos.

“O Morro” incorpora, em sua visão geral do grupo humano que apresenta, elementos da cultura popular como o Bumba meu boi e a música de viola. A junção destes elementos em cenas fragmentadas fornece ao espectador um quadro genérico da situação. O dramaturgo encerra bruscamente a peça sem deixar indicações precisas sobre o desfecho das muitas tramas que armou. Enquanto a mãe da prostituta não chega, ou durante sua permanência, aconteceram amores difíceis e sensuais, violências da polícia e façanhas engraçadas de um esperto cambista do jogo do bicho. Um fecho mais orgânico daria maior consistência ao texto e ao espetáculo.

Haroldo Serra – um dos veteranos encenadores de teatro do Nordeste – deixou por algum tempo suas atividades como diretor do TEA-

TRO JOSÉ DE ALENCAR, de Fortaleza, e o trabalho junto aos grupos “COMÉDIA CEARENSE” e “TEATRO MÓVEL”, que percorre os bairros e veio reproduzir “**O Morro**” em São Paulo, a convite do produtor Tom Santos.

Seu espetáculo é claro nas intenções críticas ao fixar determinado drama social sem deixar de dar ao espectador o encanto dos folguedos populares. É um trabalho maduro, sem preciosismos. Que aproveita ao máximo o potencial dos atores, embora o tempo de ensaios (um mês) tenha sido bastante exíguo. Pena que a crítica não disponha, no momento, a relação dos interpretes para citar os que se destacam (o bicheiro o aleijado). A falta de outro recurso imediato, a solução e registrar nomes conhecidos como o de Teresa Teller, na melhor composição de sua carreira (a velha) e Luzia Carmela, que volta ao palco na criação de um marcante tipo popular (costureira e lavadeira).

“**O Morro**”, além dos méritos artísticos evidentes, é um lembrete a mais aos empresários paulistas. O nordeste tem um teatro expressivo embora careca de novas influências renovadoras. Fortaleza, por exemplo, faz teatro desde 1830, conforme documenta Marcelo Farias Costa em sua “História do Teatro Cearense”. Quem mais, em São Paulo, se habilita a prestigiar estes valores?

## UMA SÁTIRA CEARENSE ESTRÉIA NO “APLICADO”

### O ESTADO DE SÃO PAULO

10 DE MARÇO 1976

Lavadeiras, donos de botequim, lixeiros – os habitantes das imediações de um antigo depósito de lixo em Fortaleza, Ceará – são os personagens de **“Morro do Ouro”**, peça do jornalista Eduardo Campos que estréia hoje às 21 hora no TEATRO APLICADO de São Paulo, avenida Brigadeiro Luís Antônio, 931.

Dirigida em tom de sátira por Haroldo Serra, diretor do TEATRO JOSÉ DE ALENCAR de Fortaleza, a peça procura relatar a vida desta população marginalizada que, utilizando alta dose de criatividade, conseguia tirar da própria situação os recursos de que necessitava para sobreviver.

Neste sentido, o diretor esclarece que o tom irônico dado à encenação foi simplesmente extraído do comportamento da população da cidade, que apelidou o depósito de **“Morro do Ouro”** em evidente analogia com os achados dos marginalizados em suas incursões pelo local em busca da sobrevivência. Do morro, eles tiravam o alimento, as roupas e os objetos que vendiam pelas ruas de Fortaleza.

A peça foi escrita há 13 anos e na época em que foi encenada no Ceará gerou autêntica polêmica, cujo resultado foi a transferência dos moradores para outro local. No morro, construíram-se entre outras coisa um grupo escolar – que leva o nome do autor da peça – e uma creche.

Como a base do texto é eminentemente real o diretor procurou introduzir na encenação elementos plásticos simbólicos como forma de eliminar o excesso de regionalismo; A simbologia deu-lhe meios de acentuar a semelhança entre a situação desta população marginalizada de Fortaleza com a de outros locais, pois acredita que ela se repete em outros centros urbanos, tanto no Brasil como no Exterior.

A encenação aproveita ainda criações populares, como o “Bumba-meu-boi” e faz com que os símbolos fiquem a meio caminho da realidade e da abstração. A música, composta pelo próprio Haroldo Serra, Jorge Mello e Belchior basicamente se resume a slogans que reforçam a sátira e



quebram a narrativa em alguns momentos, especialmente quando são Introduzidos como *flashback*.

Com **“Morro do Ouro”**, o TEATRO APLICADO de São Paulo prossegue em sua linha de programação destinada a divulgar o autor nacional. Este trabalho, segundo Haroldo Serra, “é de grande importância” porque possibilita o conhecimento de realidades artísticas pouco conhecidas e facilita a integração cultural do País.

## O REENCONTRO

**ILKA MARINHO ZANOTTO**

**REVISTA VISÃO, 5 ABRIL 1976**

Em cena no Teatro Aplicado, mais um autor nacional – o cearense Eduardo Campos e seu Morro do Ouro, irreverente, satírica e com boa dose de observação, a peça retrata o “Lixão” de Fortaleza, bairro esquecido de todos e somente lembrado pelos políticos em época de eleição ou por enfasiadas senhoras da Aldeota (o Morumbi de lá) como ilustração de suas “pesquisas sociais”. Em torno da história desprezível de indivíduos que dão a volta por cima da miséria que os cerca, armou-se um espetáculo cheio de música e cores, de acordo com o espírito do texto. Entre os muitos modos de resistir à injustiça existe o do desafio sorridente e este é o escolhido por Morro do Ouro.

Movidos pela solidariedade nascida da desgraça que a todos identifica, os residentes do morro não hesitam em driblar as “aves de arribação”, sejam elas as autoridades políticas ou policiais. Sucedem-se rapidamente cenas bem enquadradas, nas quais triunfa sempre o espírito de Pedro Malazartes, que ainda anima a todos: no pega-pega com a polícia, até um bumba-meu-boi invade o palco para despistar os perseguidores do contrabandista amigo.

Fica do espetáculo uma impressão de coragem colorida e de alegria irrefreada, que não abafa de todo o travo amargo presente nas entrelinhas. O numerosíssimo elenco saiu-se com garra da parada bem conduzida pelas mãos hábeis de Haroldo Serra e embelezada pela música de Jorge Mello, Belchior e do próprio Serra. São marcantes as interpretações de Tereza Teller, como a mãe Elvira; Teca MeLo, como Madalena; Simone Miranda, como a “menina” e o bicheiro Fortuna.

## ROSA DO LAGAMAR

### HIRAMISA SERRA OU “O CAVALO DA ROSA”

MARCIANO LOPES

DIÁRIO DO NORDESTE

Hiramisa Serra está festejando (?) 30 anos de teatro, 24 dos quais emprestando seu corpo para que o espírito de Rosa do Lagamar nele se manifeste em toda sua plenitude. A carreira de Hiramisa nasceu do acaso, esse acaso que as vezes determina vidas, profissões, alinha e entorta caminhos e até programas a morte.

Com Haroldo Serra, “companheiro de sina e de cruz”, participa da mesma luta pelo teatro e também da batalha pela própria existência, que casados estão (ou não) desde quando ela se fez atriz. Pois a história da comédia cearense e a história desse casal obstinado que ao longo dos anos tem participado, melhor, dizendo, tem ajudado (com toda força) a fazer o teatro de nossa terra.

Óbvio, que em 30 anos, Hiramisa já “incorporou” “muitos outros personagens que vão do nosso Eduardo Campos até Molière, patrono do teatro francês. Mas foi a Rosa que marcou a vida de Hiramisa, determinando, inclusive, mudanças no comportamento da atriz.

Em 24 vivendo a sofrida e ingênua **Rosa do Lagamar**, num total de 500 “incorporações”, Hiramisa Serra está de tal forma unida ao personagem, que até as pessoas que privam da sua intimidade afirmam não saber mais quando ela deixa de ser Hiramisa e começa a ser a Rosa e vice-versa.

Qual irmã siamesa, Hiramisa não pode mais prescindir da sua “companheira” que passou a integrar sua vida e seu cotidiano... Pois Hiramisa e a Rosa se fundiram...

Levada as várias cidades brasileiras, inclusive Rio e São Paulo, Hiramisa chegou a disputar com monstros sagrados do teatro, como Fernanda Montenegro, o título de melhor atriz do ano. Por causa da sua Rosa. E do seu talento também, e evidente.

Em 24 anos, o elenco da **Rosa do Lagamar** tem sofrido sucessivas alterações e só Hiramisa permanece imbatível, donde se conclui que não é mais possível a gente conceber a Rosa “incorporar” em outro “cavalo”, digo em outra atriz, tal a simbiose existente entre as duas cria-

turas. A Rosa nasceu para Hiramisa, assim como a planta parasita depende de outra para sobreviver.

Em 30 anos de carreira das mais dinâmicas, sempre participando de todas as montagens da COMÉDIA CEARENSE como uma de suas vigas mestras que é, Hiramisa é hoje, uma intérprete completa, quer no drama, na comédia escrachada ou da sofisticada e até na tragédia. Ela da conta do recado em qualquer personagem e em qualquer situação seja na pele de um dondoca socialite ou “recebendo” a simplória **Rosa do Lagamar**, cheia de sonhos e ilusões.

Nos últimos anos, senhora absoluta do mundo do teatro, Hiramisa, além de atriz, tomou para si, outros encargos e tem-se revelado, também, excelente figurinista com apertadíssimo bom gosto, cuidando ela própria de todo o setor de criações de vestuários quer seja de uma peça infantil ou de montagens mais sofisticadas e difíceis, inclusive de época, que exige pesquisa e o máximo da equação. Nas montagens infantis, sempre de muito bom gosto, tem emprestado seu talento, também na direção o que vem a atestar seu total engajamento ao mundo maravilhoso e fascinante do teatro.

Nesta atual montagem da **Rosa do Lagamar** com a qual Hiramisa festeja as suas vitórias, poderia comentar outros personagens e outros intérpretes, porém, como, este não é um comentário crítico e sim uma homenagem a Hiramisa Serra, direi apenas, que Arnaldo Matos, esta notável, como o milionário, que Lourdinha Falcão e a própria “lavadeira” e que dificilmente outro ator fazia um simplório vigia com tanta convicção como tarimbado e veterano Ary Sherlock. Para Haroldo, nota “mil” pela idéia do carrão do milionário em “slide” bem com belo achado do “carro da polícia.”

Mas, como disse, a festa é de Hiramisa, da Rosa e do Eduardo Campos. 30 anos de carreira de Hiramisa que soma 24 anos “recebendo” a Rosa em nada menos de 500 “incorporações”. Não são números cabalísticos, são somas de vitórias e conquistas após tantas batalhas escondidas, batalhas que sempre se refugiam do público atrás dos bastidores.

Triste é dizer que a Rosa ainda vai “incorporar” muito, pelos anos porvir. Em Hiramisa e em outros “cavalos, digo atrizes. Pois a **Rosa do Lagamar** é um síntese de outras Rosas e Marias e Joanas e Joaquinas e Sebastianas para as quais os Lagamares da vida serão um constante, já que a Aldeota não passa de uma imagem. Ou de uma triste decepção.

## ESPETÁCULOS DO RIO PEÇA ROSA DO LAGAMAR

**EDIGAR DE ALENCAR,**  
**“A NOTÍCIA”, RIO, 5 DE JULHO 1966**

Comédia de costumes focalizando aspectos da pobreza de bairros de Fortaleza, com muita argúcia de observação. Linguajar solto, autêntico, com dialogação bastante expressiva, natural, sem qualquer rebuscamento literário que lhe tire o sabor e a agressividade de alguns trechos mais vivos. a estória não tem originalidade, pois é calcada no velho e secular problema da habitação pobre construída em terreno cujo dono aparece mais tarde para promover o despejo fatal. Mas não se lhe pode negar o cunho da realidade, pois o fato de tão banal pode até ser caracterizado como reportagem. O que há a salientar no texto não é propriamente o enredo. a estória em si, mas o seu conteúdo dramático e pitoresco que Eduardo Campos soube bem manipular; sem cair no melodramático. Tratando-se de autor conhecido como jornalista, ensaísta e ficcionista, devemos salientar que é no teatrólogo que mais se evidenciam suas qualidades. O teatro parece-nos o campo onde mais se lhe ajusta a vocação. **Rosa do Lagamar** é uma peça bem desenvolvida e retratamento aspecto urbano comum com muita facilidade e segurança.

A direção se conduziu com acerto na encenação da comédia cearense. Dentro das possibilidades do quadro de intérpretes, a representação decorre equilibrada e viva. Hiramisa Serra no personagem-título demonstra desembaraço, embora o natural nervosismo das primeiras cenas. Teresa Paiva e Salete Dias também também se portam com denodo das figuras de Maria Galante e Emília. Ayla Maria (Dona Julieta) um tanto fria e por demais angélica no tipo que encarna, sem maiores ensejos de destaque. é mais cantora do que atriz. Haroldo Serra tira proveito do papel que lhe coube (Vasques) mas sem oportunidade de maior comicidade. M. de Paiva numa ponta (oficial de justiça) demonstra seu domínio no palco Jório Nerthal faz o bêbado com segurança. Os demais mantêm o bom nível da representação.

Cenário bem armando o cenário de J. Bezerra, dentro da sua simplicidade de realização.

Síntese: Uma produção honesta o atual espetáculo da Comédia Cearense, no Teatro Nacional de Comédia. Demonstração de que pelo nordeste já se faz teatro com coragem sem fantasia e sem literatura.

## UM ESPETÁCULO POÉTICO

**JOSÉ ADERSON**  
**JORNAL DE BRASÍLIA**  
**20 DE JANEIRO 1979**

“Quero fazer um teatro que atinja tanto o juiz da comarca, quanto o vendedor de pirulitos”. Assim Haroldo Serra se pronuncia sobre seu teatro. E esta sua afirmação fica patente em Rosa de Lagamar, de Eduardo Campos, peça montada pela COMÉDIA CEARENSE, sob sua direção, ora apresentada no TEATRO DA ESCOLA PARQUE. Haroldo Serra, um cearense que trabalha há mais de 25 anos pelo desenvolvimento teatral de seu estado, e um artista tipicamente popular. Ele carrega consigo todos os condimentos do teatro circense, do deboche e do escracho brasileiro.

Em Rosa de Lagamar é colocado em cena o povo brasileiro, com seus problemas, malandragens, amores e sofrimentos. Tudo no espetáculo é simples, e esta simplicidade o torna bastante específico e estabelece a comunicação direta entre os atores e o público. O espetáculo até certo ponto é rústico, e o diretor às vezes lança mão de velhos clichês, mas mesmo assim, como não poderia deixar de ser, o espetáculo é de grande honestidade. Nele está contida a aspereza do teatro popular, seu sal, suor, barulho, cheiro, enfim, um teatro bastante próximo do povo.

Rosa de Lagamar é uma antiheroína brasileira. Uma mulher simples que encontramos em qualquer ponta de rua, em qualquer botequim de canteiros de obras. Arraigada às suas crenças religiosas e a padrões de comportamento, Rosa vive a sonhar com a volta de seu marido, que partiu há 10 anos para o sul em busca de melhores condições de vida. Ela também sonha com um futuro promissor para sua filha, que acaba grávida, lhe dando assim um profundo desgosto.

Um dos maiores sonhos de Rosa era mudar de Lagamar (antigo bairro de Fortaleza onde os moradores viviam em condições desumanas). Depois de muitas economias, Rosa consegue comprar um terreno na Aldeota, muito antes de se tornar o bairro mais grã-fino de Fortaleza. Então, coma chegada das construtoras e dos milionários, Rosa acaba por ser enxotada de seu barraco e, sem dinheiro nem casa, retoma para Lagamar, onde “tem muita água, mas serve pra pescar”.

Diante de Rosa e seus problemas desfilam os outros personagens, uns conscientizados da realidade brasileira, outros totalmente alienados como é o caso de Rosa, Rita, por exemplo, uma lavadeira que vive a passear com os vestidos das madames e a fuxicar de suas vidas, é um dos personagens mais conscientes da peça. Ela vive a aconselhar Rosa para que deixe de sonhar com a volta do marido, pois “ele há muito tempo deve estar amigado”. Ou quando a filha de Rosa engravida, e esta decreta sua morte, não querendo mais saber dela, Rita diz: Que é isso Rosa, onde você já viu pobre casar de véu e grinalda? Gente como a gente se amiga, se junta. Onde você já viu falar que lavadeira, cozinheira tem dinheiro para se casar”.

Em todo o espetáculo, tanto a policia, como também a alta sociedade, são criticados sagazmente pelo autor, crítica esta reforçada pela direção do espetáculo. O casal que representa a alta sociedade cearense é desprovidos de qualquer humanismo, e nas suas vestes, carros, ventiladores, por causa do calor cearense, preocupações e aspirações, sentimos toda a futilidade de suas vidas. Já a policia em vez de se preocupar com os verdadeiros criminosos, vive atrás de Rita, que usa um dos vestidos das madames. E assim outras situações são criadas, sempre satirizando a justiça e a elite brasileira.

O espetáculo está também intimamente ligado a filosofia do teatro de Brecht. Principalmente no seu final, quando os atores cantam uma marcha carnavalesca, e portanto estandartes, conseguem fazer com que o público pense e reexamine toda a problemática apresentada na peça.

Eduardo Campos, autor de **Rosa do Lagamar**, não desviou nem por um momento seus olhos dos problemas brasileiros, particularmente cearense. E a peça nos traz uma carga de informações no que concerne aos hábitos, gírias e costumes do povo cearense.

**Rosa do Lagamar** é um espetáculo claro, simples e poético. Nele a obscenidade é fascinante, exercendo um papel do libertador social, pois, por sua própria natureza, o teatro popular é anti-autoritário, anti-tradicional, anti-pomposo, anti-pretensioso. É um espetáculo para o povo.

## HILTON VIANA

### DIÁRIO DA NOITE, 27 DE JANEIRO 1979

... Um drama pungente e que adquire a dimensão que somente uma pessoa como Eduardo Campos, autor também do **Morro do Ouro**, poderia reproduzir com tanta fidelidade. E é também com simplicidade e fidelidade que Haroldo Serra dirigiu o espetáculo, um dos mais importantes apresentados em São Paulo nos últimos anos. Só a vinda de uma peça como **Rosa do Lagamar já** justifica o Projeto Mambembão. Quanto aos intérpretes, Hiramisa Serra pode ser considerada, quer pela voz, verdade e qualidades de intérprete entre as primeiras atrizes brasileiras. E a protagonista total do espetáculo e todo elenco a começar por Haroldo Serra, um excelente intérprete ao lado de Zulene Martins, Arlindo Araújo, Lourdinha Falcão, Ricardo Guilherme, Paulo Alencar, Walden Luiz, Antonieta Noronha e Deugiolino Lucas.

Simple e direto, o diálogo de Eduardo Campos é muito bom e apesar de ter sido escrito há dez anos mantém o interesse e não cai no lugar-comum...



## ROSA DO LAGAMAR

### TÂNIA PACHECO

O GLOBO, 2 DE FEVEREIRO 1979

... “E para isso foi muito auxiliada por todo clima que o grupo COMÉDIA CEARENSE soube emprestar à montagem, acentuando o seu aspecto regional e lançando o público do Cacilda Becker, temporariamente, em um mini-Ceará. Já na entrada do teatro, a venda de artigos típicos inicia a viagem no espaço. No seu interior, as fotos iluminadas dos alagados, o pequeno filme mostrado no decorrer da peça e a participação do Quinteto Agreste, cantando algumas músicas anunciadas, de forma coloquial, pelo diretor, reafirmam o aspecto “regional” e acentuam, para a platéia, o clima geral adotado pela encenação. A partir daí, Haroldo procura “brincar” com a peça e o espectador, lançando mão de recursos como a primeira entrada do Dr. Severiano, em seu carro, da polícia, do Oficial de Justiça, ou a briga das mulheres. O melodrama fica, assim, restrito ao final do espetáculo, enquanto o aspecto de submissão da obra é quebrado, criticamente, pela utilização da música – aparentemente enfática – contrastada à ironia dos estandartes carnavalescos e loquazes”.

## MELODRAMA ALIVIADO PELA FARSA

YAN MICHALSKI

JORNAL DO BRASIL, 2 DE FEVEREIRO 1979

Como tem ocorrido em maior ou menor grau com todos os espetáculos do Mambembão, torna-se difícil avaliar corretamente Rosa do Lagamar sem situar o trabalho do grupo que o produziu dentro do contexto exato em que ele se exerce. Do ponto-de-vista do espectador culto da Zona Sul do Rio, a peça de Eduardo Campos tem muito de um descabro; mas para quem conhece de perto o trabalho da COMÉDIA CEARENSE, voltado em boa parte para a divulgação do teatro junto às camadas mais carentes da população da Fortaleza e pelo interior do Estado, o sentido da realização aparece sob uma luz bastante diferente.

Ainda assim, pode-se questionar o acervo da excessiva fidelidade da COMÉDIA CEARENSE aos seus dois grandes cavalos de batalha, **Morro do Ouro** e esta **Rosa do Lagamar**, ambos periodicamente remontados praticamente desde que o grupo existe. Por mais representativas que as duas peças de Eduardo Campos sejam de uma dramaturgia voltada para a realidade local, a constância das suas rerepresentações ao longo dos anos restringe as possibilidades de renovação do repertório do grupo, e corre o risco de viciar o elenco numa fórmula interpretativa que ele já exaustivamente domina. Ainda mais considerando que esta fórmula interpretativa é elaborada a partir de uma matéria-prima literária, claramente ultrapassada na sua visão do mundo e da sociedade.

É assim que **Rosa do Lagamar** – escrita ainda num tempo em que não se falava em inflação, mas em alta do dólar – embora partindo de uma clara intenção de protesto contra as injustiças sociais, acaba pregando a acomodação e o conformismo. A Rosa do título saiu do miserável bairro do Lagamar e construiu seu barraco num terreno adquirido a duras penas nas cercanias das residências chiques da Aldeota. Mas os vizinhos capitalistas e a Justiça que está a seu serviço não permitirão que ela fique ali por muito tempo: a escritura do terreno era falsa, um ricoço está de olho nele para ampliar os jardins da sua casa, e eis a indefesa embora valente Rosa, abandonada por todos os golpes de infortúnio que se possa imaginar, devolvida à miséria do Lagamar. Sem dúvida, o Autor quis apontar para o

caráter injusto e discriminatório desta situação; mas do jeito como escreveu a peça, acabou insinuando que o lugar de Rosa é mesmo no Lagamar, de onde ela nunca deveria ter tido a petulância de sair, pois a situação que a impede de morar num bairro melhor é imutável.

Em boa hora, o diretor Haroldo Serra resolveu, na atual remontagem, dar a máxima ênfase aos elementos de comédia de costumes contidos na peça, que têm um potencial de humor bastante simpático e comunicativo, explorado na encenação por uma exacerbação quase farsesca, que se revela, graças mesmo à sua assumida ingenuidade, eficiente e direta. Os elementos de melodrama, desta vez atenuados na medida do possível, sobrevivem ainda através de algumas falas cuja falsidade e ranço sublitério nem a direção nem a interpretação conseguem resolver. No conjunto, porém, prevalece o tom descontraído de quem se diverte com a solene seriedade do que está dizendo; e creio que hoje em dia é sobretudo a este tom que a COMÉDIA CEARENSE deve a penetração e a longevidade da sua **Rosa do Lagamar** junto ao seu público popular. Sobretudo porque o elenco, com poucas exceções, sabe defender esta empostação com inegável competência, destacando-se a falsa seriedade de Hiramisa Serra e as quase debochadas composições de Zulene Martins e Lourdinha Falcão.

## A IMPREVISIBILIDADE NO DESTINO DO RETIRANTE “ESTADO DE SÃO PAULO”

**Rosa do Lagamar** – Peça de Eduardo do Campos. Direção de Haroldo Serra. Música de Haroldo Serra e Helder Peixoto. Com Hiramisa Serra, Zulene Martins, Lourdinha Falcão e outros. Em cartaz no Teatro Eugênio Kusnet. Projeto Mambembeão.

O trabalho que o grupo Comédia Cearense apresenta faz um esforço para atualizar-se com a realidade, enfocando a atualidade dos conflitos urbanos. Na peça de Eduardo Campos, o fulcro é a tentativa de abandonar os alagados para sediar-se numa região mais seca e, portanto, mais salubre. A peça se desenvolve sobre uma personagem que tenta esse primeiro movimento para melhorar a qualidade da vida.

Entretanto, por um problema de acabamento do texto, a peça apresentada é ainda um índice que remete a uma área mais extensa, e cluída da representação. A parte mais elaborada da peça concentra-se na protagonista, enquanto os adversários da sua felicidade e os seus amigos são tratados como meras caricaturas. Não possuem força dramática para significar alguma coisa além de si mesmos.

Outro problema da peça é o tratamento piedoso dado à protagonista, o que funciona para acentuar ainda mais a sua singularidade. Conso-me-se no indivíduo a simpatia do espectador, enquanto a significação social do problema é forçosamente esmaecida por um tratamento desigual.

Partindo de, um bom assunto e de algumas personagens isoladamente interessantes, faltou ao autor habilidade para movimentar a ação. Na maior parte das vezes, as personagens são “pinçadas” para entrar em cena a partir de um enunciado da personagem central. São personagens sem autonomia suficiente para englobar conflitos coletivos.

Em cena essa invasão de figuras desprovidas de animação própria tem um resultado caótico, dispersando a atenção do espectador dos dramas que deveriam interessá-lo. Uma vez que a sua interferência é aparentemente um ponto de apoio para a revelação da protagonista, prevalece a impressão de que o mais interessante dessa história toda é a imprevisibilidade do destino que assola a retirante dos alagados.

Essa desorganização é, aliás, uma característica geral do espetáculo, onde todas as soluções resultam aparentemente de uma inspiração mo-

mentânea e ainda não refletida. Isso é mais evidente na movimentação precária, como se o trabalho estivesse ainda numa fase experimental.

Por outro lado, essa confusão permite ao elenco (e principalmente à parcela feminina) desenvolver uma forma de comunicação muito espontânea e interessante pelas qualidades individuais dos intérpretes.

O traço mais nítido desses atores cearenses é uma vocação para a comicidade muito útil nesta peça, porque humaniza e enriquece diálogos que beiram a pieguice.

Em última análise a segurança e a liberdade com que os atores representam as suas personagens representam com mais fidelidade o mundo a que se referem do que a peça que escolherem para interpretar. Nos gestos, no andar e na manipulação da fala pode-se perceber um retrato interpretativo de uma comunidade a que o texto se refere apenas idealmente. Uma comunidade que tem certamente muita força para contrapor à noção de destino.

**TEATRO**  
**DIÁRIO POPULAR, SP**  
**27 DE JANEIRO 1979**

“Rosa de Lagamar” é a peça de Eduardo Campos que está em cartaz no Teatro Experimental Eugênio Kusnet e marca a presença do grupo COMÉDIA DO CEARÁ já com seus 21 anos de atividades. Falamos muito em São Paulo do espetáculo *Eles não usam Black-Tie*, peça de Gianfrancesco Guarnieri levada no mesmo espaço há 22 anos. Claro que não se pode relegar tantos anos de bons exemplos e querer diminuir o valor do texto de Guarnieri para e exaltar as qualidades de “Rosa de Lagamar”. Temos que reconhecer entretanto que, além do valor do texto de Eduardo Campos, uma comovente denúncia social, há uma verdade em cena rara, já que todos os elementos do grupo são mais autênticos. Não porque pertençam a classe social da personagem Rosa, mas porque estão familiarizados com os barracos construídos nos alagados, justamente onde se desenrola a ação do texto, um dos mais belos, poéticos e patéticos que o Projeto Mambembão nos enviou.

Haroldo Serra, o diretor e um dos principais intérpretes, preferiu a simplicidade para mostrar a obra de Eduardo Campos. Excelentes as soluções encontradas em misturar os personagens desde o início a ação do espetáculo, com a maravilhosa música do próprio Haroldo Serra e Helder Peixoto. A própria protagonista, Hiramisa Serra, antes de “viver” seu drama, participa do prólogo.

## “ROSA DE LAGAMAR”

De saída, somos conquistados pelo jeito informal com que Haroldo do Serra inicia o espetáculo, apresentando seus músicos, que tocam e cantam coisas de sua autoria, terminando como tema de **Rosa, a do Lagamar**, contando também por sua intérprete, Hiramisa Serra. Ao fim dessa introdução, que é feita no material do palco ainda vazio, sem interrupção, a partir de uma fala introduzida no coloquial dessa introdução, com a movimentação dos músicos para dentro do palco, com uma nova música, “Mutirão”, os atores trazem os móveis e os apetrechos cênicos, uma luz se fixa e tem início, propriamente, a ação da peça. Então, mais uma coisa para deliciar os nossos ouvidos: o linguajar tão saboroso da gente do interior ou das periferias das grandes cidades cearenses, afinal tão parecida com o modo de ser e de falar de todo o nordeste, principalmente ouvido aqui, distante de lá.

O público, ri, principalmente, ou quase sempre, pelas frases que ouve, pelo jeito com que elas são ditas, mais que pelo seu significado no desenvolvimento da peça. Em “Rosa do **Lagamar**”, o principal “não acontece” no palco, é contado; a ação se fragmenta; embora em bom nível, tudo segue horizontal, do princípio ao fim, e até a expulsão de Rosa do seu, barraco não tem força dramática, é chocha.

O original de Eduardo Campos estreou em novembro de 1964, sob a direção de B. de Paiva, em Fortaleza. Em 66 foi retomando no Rio de Janeiro, no teatro Nacional de Comédia, ainda sob a direção de B. de Paiva, com parte do elenco da primeira montagem.

Em outubro de 75, adaptava por Haroldo Serra, musicada por ele e por Helder Peixoto, conservando-se, ainda, no elenco, Hiramisa Serra, Lourdinha Falcão, Antonieta Fernandes, Haroldo Serra passando à direção do espetáculo. Em 77 a Comédia Cearense, com “Rosa”, representou o Ceará no III Seminário de Estudos do Nordeste de Teatro, em Salvador, Bahia. Tudo isso já é conhecido, pois foi dito, também aqui, ontem, em matéria da primeira página. A I repetição é para dizer, também, que, apesar de tão longa convivência do diretor Haroldo Serra e do seu elenco com o texto de Eduardo Campos, o espetáculo que eles nos apresentam não parece amadurecido, realizado, como seria de se esperar.

Além da horizontalidade no desenvolvimento dramático, também nas interpretações não se tem a força e o domínio que a longa experiência

deveria ter dado; algumas vezes ela cai ao nível de falas declamadas, sem expressão, e, quando deveria subir, nos momentos de maior dramaticidade (onde deveria haver maior dramaticidade) ela é insuficiente, não sobe. Mesmo não conhecendo o texto original, percebe-se que a sua musicalização a inserção de comentários musicais à ação foi boa idéia (também porque a música, com características regionais, deu ao espetáculo características mais verdadeiras). Mas que fazer a adaptação Haroldo Serra parece não ter aproveitado suficientemente a oportunidade para reestruturar a peça, tirar partido maior de suas potencialidades cênicas com a introdução da música.

Sem dúvida que “Rosa do Lagamar” é um espetáculo agradável, principalmente para os nordestinos desterrados aqui pelo centro e pelo sul do país, que reencontram e se identificam com os tipos e o linguajar apresentados no palco, mas que, também, não satisfaz, inteiramente, espera-se mais. É um espetáculo leve, agradável, quando poderia ser forte, com aprofundamento crítico social de maior impacto e significado.



**“ROSA DE LAGAMAR” O MELHOR ESPETÁCULO  
MOSTRADO EM S. PAULO  
DIÁRIO DA NOITE, 27 DE JANEIRO 1979**

Está em cartaz no Teatro Experimental Eugênio Kusnet o espetáculo “Rosa de Lagamar” a cargo da Comédia Cearense. E de autoria de Eduardo Campos e teve direção de Haroldo Serra que também interpreta um dos papéis. “Rosa de Lagamar” narra um problema social de Fortaleza o mesmo que enfrentam os que moram em favelas, ou em palafitas.

É o caso de Rosa que sempre viveu no que o Ceará é denominado de Lagamar. Ela conseguiu ir morar na Aldeota, local reservados aos grã-finos. Mas seu terreno despertou a cobiça de uma noiva ambiciosa e o sossego de Rosa e sua filha acabaram por desaparecer. Insistentemente assediada, recusa-se a vender o que para ela é o mais importante: seu pedaço de chão. Não deseja voltar para o alagado. Mas os interessados em seu terreno e casa são muitos influentes e através da Prefeitura, conseguem seu despejo. Um drama pungente e que adquire a dimensão que somente uma pessoa como Eduardo Campos, autor também do “Morro do Ouro”, poderia reproduzir com tanta fidelidade.

E é também com simplicidade e fidelidade que Haroldo Serra dirigiu o espetáculo, um dos mais importantes apresentados em São Paulo nos últimos anos. Só a vinda de uma peça como “Rosa de Lagamar” já justifica o Projeto Mambembão, pois do contrário, os artistas não teriam condições de mostrar o maravilhoso espetáculo em São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro.

Haroldo Serra está ligado ao teatro há 25 anos e sua esposa Hiramisa Serra há 21, quando também se casaram. Nesse tempo todo, sem interrupção, estão à frente da COMÉDIA CEARENSE. O repertório da companhia é o mais variado que se possa imaginar. E muitas peças encenadas pelo conjunto são de autoria de Eduardo Campos.

Mas, por certo que poucas vezes ele conseguiu ser, porque não dizer, tão universal. “**Rosa de Lagamar**” atinge apesar da simplicidade proposta, dimensões que vão desde o teatro brechtiano até os autos de Gil Vicente. E a personagem de **Rosa de Lagamar**” apesar de toda tragédia que a cerca, como por exemplo, constatar, além da perda da casa e terreno, que sua única filha foi desonrada, como diz, por um homem casado. Ou então o desaparecimento do marido há 10 anos.

Apesar do texto estar a um passo do dramalhão, o espetáculo adquire dimensões raras. Do gênero musical, a encenação tem ainda a vantagem de nos mostrar a música local.

Quanto as interpretações, Hiramisa Serra, pode ser considerada, quer pela voz, verdade e qualidades de intérpretes entre as primeiras atrizes brasileiras. É a protagonista total do espetáculo e toda ação dramática recai sobre sua personagem.

Mas não poderemos esquecer da homogeneidade do elenco a começar por Haroldo Serra, um excelente intérprete ao lado de Zulene Martins, Arlindo Araujo, Lourdinha Falcão, Ricardo Guilherme, Paulo Alencar, Walden Luiz Antonieta obrigatório e permanecerá entre nós somente até amanhã.

**ROSA DO LAGAMAR CONSEGUE LEVANTAR O ASTRAL**  
**DIÁRIO DA REGIÃO, S. J. DO RIO PRETO,**  
**25 JULHO 1987**

Finalmente um bom espetáculo”. A exclamação de um anônimo espectador do 9º Festival Nacional de Teatro Amador, mostra a insatisfação do público com as peças apresentadas antes de **Rosa do Lagamar**, pelo grupo COMEDIA CEARESNE, um verdadeiro e bem acabado exemplo do teatro popular, daquele que rir de pequenas tragédias que acontecem todos os dias e que discute a luta pela sobrevivência contra o poder econômico de forma simples, direta sem metáforas e metalinguagens.

Pela primeira vez, dentro do 9º Festival Nacional de Teatro Amador, uma apresentação sem grandes produções, simples, mas espontânea e direta, conseguiu a unanimidade da platéia, que por – várias vezes aplaudia o espetáculo em cena aberta. Pela primeira vez um grupo mostrou que pode-se fazer teatro de linha popular sem recorrer a grosseirias, palavrões. Um teatro popular que ainda consegue agradar fazer rir e ao mesmo tempo pensar sobre os problemas de todos.

A encenação de ontem à noite, feita pela COMÉDIA CEARENSE, foi irrepreensível. No palco algumas peças com restos de madeira formam a casa de Rosa da Aldeota, que já foi do Lagamar e que seria apenas um lugar tranquilo e seco para morar e educar a sua filha Maria Galante. O texto de Eduardo Campos, adaptado por Haroldo Serra consegue ao mesmo tempo mostrar as dificuldades de Rosa e com um boa dose de humor fazer a crítica social.

Um espetáculo que beirou o perfeito, com truques que agradaram o público, como a projeção de um slide imitando um automóvel trazendo o rico. Num ativo trabalho de interpretação, Hiramisa Serra “é a Rosa sofrida, Lourdinha Falcão dá a graça que a personagem Emília exige e Haroldo Serra é o malandro Vasques com todos os seus “tiques” e “truques”. A espontaneidade do elenco foi outro trunfo de Rosa do Lagamar, que finalmente conseguiu tirar a impressão de enfadonho que pairava sobre o Festival. Como disse o espectador: finalmente um bom espetáculo.

No n. 1 desta revista, publicamos a peça **“O Demônio e a Rosa”**, de Eduardo Campos, como amostra de sua atividade intelectual nesse setor. Na realidade, há 40 anos Eduardo Campos se dedica ao teatro, sem prejudicar também sua produção como contista, romancista, folclorista e ensaísta – ramos da literatura em que tem tido importante atuação, com obras que enriquecem o acervo cultural do Ceará.

Autor de várias peças teatrais, publicadas ou representadas em todo o Brasil e no exterior (a sua peça **“Os Deserdados”**, para a televisão, foi finalista, entre 175 concorrentes, em um concurso internacional, realizado em Barcelona, do mesmo modo que, no Brasil, em S. José do Rio Preto, em competição de caráter nacional, a apresentação de **“O Morro do Ouro”** obteve o 1º lugar), Eduardo Campos é, sem dúvida, na atualidade, o mais destacado teatrólogo cearense, merecendo menção especial, entre as suas peças, além de **“O Demônio e a Rosa”**, **“O Anjo”** uma peça **“original e comovente”**, na opinião de Sérgio Milliet, **“Os Deserdados”**, **“Nós, as Testemunhas”**, **“O Morro do Ouro”**, **“Rosa do Lagamar”**, **“A Farsa do Cangaceiro Astucioso”** e **“O Fazedor de Milagres”**, além de inúmeras peças curtas para o rádio e a televisão. Pela sua marcante atuação no teatro cearense, Eduardo Campos foi merecidamente homenageado, pela Comédia Cearense, ao completar 40 anos de dedicação ao teatro, tendo aquele conjunto, que tantos serviços tem prestado à arte cênica no Ceará, publicado uma plaqueta, alusiva ao evento, com o título *EDUARDO CAMPOS, ATOR E AUTOR*:

Além de suas atividades como um dos nossos mais criativos autores teatrais, aqui lembrados especialmente pelo fato de ter sido inçado no n. 1 desta revista, Eduardo Campos é, também, jornalista, radialista, contista, romancista, folclorista e ensaísta dos mais destacados do Ceará. Publicou, entre outros, os livros *“Águas Mortas”*, *“Face Iluminada”*, *“Viagem Definitiva”*, *“Os grandes Espantos”*, *“As Danações”*, *“O Abutre e outras Estórias”* (contos); *“O Chão dos Mortos”*

e” *A Véspera do Dilúvio*” (romances); “*Medicina Popular*”, “*Folclore do Nordeste*” e “*Estudos do Folclore Cearense*” (folclore) e “*O Complexo de Anteu*”, “*As Irmandades Religiosas do Ceará Provincial*” e “*Procedimentos de Legislação Provincial do Ecúmeno Rural e Urbano do Ceará*” (ensaios).

Além de integrar o Grupo CU, Eduardo Campos pertence à Academia Cearense de Letras e ao Instituto do Ceará. No momento, exerce as funções de Secretário de Cultura e Desporto do Estado.

## O JULGAMENTO DOS ANIMAIS

MARCIANO LOPES

O ESTADO

8 DE NOVEMBRO 1966

A qualidade de uma peça infantil a gente mede pela participação do público no desenrolar do espetáculo. Neste “Julgamento dos Animais” Eduardo Campos, o inimitável mestre do folclore, encontra um dos seus momentos mais felizes como teatrólogo.

Demonstrando um profundo conhecimento dos costumes da nossa gente do campo, Manuelito, transpõe para o mundo diminutivo do palco toda a vida movimentada de uma fazenda típica do sertão, sem faltar inclusive as diabruras de um moleque insolente, no caso o “Meia Pataca”, que é “um carvão”.

Nessa interessante obra, uma das mais bem imaginadas, Eduardo Campos supera, ao nosso ver, tudo o que se tem feito no gênero em nosso país inclusive, toda a farta produção de Maria Clara Machado e até mesmo de Lúcia Benedete.

A exceção do moleque” Meia Pataca”, de seu Valadão, do médico e do Vaqueiro, todos os demais personagens são animais: jumento, vaca, cavalo, que encontrando admiráveis intérpretes nessa encenação elogiável, o excelente texto farto de diálogos saborosíssimos e plenos daquele espírito tão característico do autor de “O Morro do Outro”.

Os intérpretes muito bem conduzidos por Hiramisa Serra, que também faz o papel de “Meia Pataca”, todos estão à altura do texto, merecendo maiores encômios o “jumento” de Luis Derossy, ator que se revela magistral comediante. Walden Luiz, como o médico, é inigualável o mesmo acontecendo com Ivandete, que faz uma “vaca” gozadíssima e com ótimas falas. João Antônio fazendo o cavalo, está quase irreconhecível arrancando gargalhadas do público grande e pequeno que tem ocorrido ao José de Alencar todos os fins de semana. Marcus Miranda, na pele do cruel e depois complacente fazendeiro Valadão é o ator seguro de sempre. Hiramisa travestida de moleque “Meia Pataca” dá mais um “show” de interpretação e ratifica o título de atriz mais versátil do Ceará.

Em suma, O **“Julgamento dos Animais”** é um bom trabalho de Eduardo Campos, plenamente aproveitado pela Comédia Cearense e que merece ser visto mais de uma vez não só por crianças mais também pelos adultos, pois sua mensagem é válida para todos.

Além do mais, “Meia Pataca” é um carvão, queima!

## TEATRO

VAN JAJA

FORTALEZA, MAIO 1967

Começamos hoje a escrever nossa coluna diretamente desta generosa e surpreendente cidade. Aqui chegamos inédito de tudo e fomos envolvidos por esta cidade e este povo sedutores. Convidados que fomos pelo Departamento de Cultura para presenciarmos a estréia de O Fazedor de Milagres, de Eduardo Campos, acabamos estagiando nesta Fortaleza, incrivelmente eterna e moderna; cheia de gente fotogênica e inteligente.

Assim é que resolvemos nos integrar na paisagem cearense e viver uma semana ao lado de alguns de seus filhos mais ilustres e que damos início com o dramaturgo Eduardo Campos que também tem marcado sua ativa presença nas áreas do romance (*A Véspera do Dilúvio*), do conto (*Os Grandes Espantos*), no folclore (*Estudos do Folclore Cearense*) e no teatro com sua presenciada **Rosa do Lagamar** e de leitura do seu excelente **O Morro do Ouro**.

Eduardo Campos é sem favor algum o mais expressivo dos dramaturgos cearenses contemporâneos que incrementou e deu vez à dramaturgia local, o que significa impulsionar a dramaturgia nacional, que segundo tudo indica desta vez se concretizará, e acreditamos não mais sofrerá solução do continuidade.

Até nós a COMÉDIA CEARENSE trouxe ao Teatro Nacional de Comédia a sua **Rosa do Lagamar** numa breve temporada e neste agora tomamos contato com o seu Fazedor de Milagres, no Teatro José de Alencar. Exatamente sobre seu teatro e sua obra como escritor importante fixado em Fortaleza, na terra dos verdes mares bravios onde além, muito além daquela serra, que ainda azulada no horizonte, nasceu Iracema, aquela, exatamente aquela mesma que animou a nossa adolescência com seus lábios de mel, e seus cabelos mais negros que a asa da graúna e mais sei que promessas, Eduardo Campos nos enreda com sua inteligência aguda e revela fatos e curiosidades na primeira pessoa do singular, numa entrevista informal, mas de importância maior.

“Eu sinto, honestamente, que sou um homem de teatro. Até quando escrevo conto ou romance, por trás do personagem está o dramaturgo.



A primeira conferência que fiz em minha vida foi sobre teatro. Eu estudava no liceu do Ceará e tinha 18 anos. O tema foi o teatro russo, a fase outubrista com Maiacowski e toda sua equipe. Daí para cá fiquei lendo teatro em italiano, francês e muito mal em inglês, mas mesmo assim lia.

– A princípio tive uma ambição muito grande de ser diretor, inclusive dirigi minha peça *Os Deserdados*. O ponto desta peça foi o B. de Paiva. Nós fundamos um teatro que tinha como patrono Renato Viana. Chamava-se Teatro Escola Renato Viana. Montávamos duas peças por mês, quase sempre de nossa autoria, do pessoal que compunha o grupo (o que mostra que já naquela época laboratizávamos) e outras peças como “*Onde Canta o Sabiá*”, de Gastão Tojeiro (eu trabalhei nela).

– Eu fui ao Rio em 43 e assisti a uma peça que me impressionou vivamente porque era uma réplica das peças que eu imaginava representadas na Europa. Eu visualizava um teatro avançado, o que na minha ingenuidade julgava teatro de vanguarda. Então assisti *Vestido de Noiva*. Não era peça comum, era um espetáculo mesmo. E escrevi posteriormente, seguindo a mesma linha de planos, *O Demônio* e *a Rosa*, peça essa saudada entusiasticamente, não pelos que a assistiram em Fortaleza, mas pelos que a leram editada pela *Revista Clã*. Várias pessoas se manifestaram a favor como Guilherme Figueiredo que escreveu até um artigo.

– Depois eu vi que esse era um teatro literário e que era um teatro de esnobação em que o autor veiculava muito suas idéias, os seus princípios literários, mas completamente distanciado da vida, da realidade. É um teatro etéreo e não terreno.

– Então passei para uma literatura mais objetiva e escrevi possivelmente no meu entender a minha melhor peça: **Os Deserdados**. São todas essas formas literárias bonitas de dizer as coisas numa peça em que não estão modificadas as condições de existência do povo.

– Temos nos **Deserdados** o drama do misticismo, o drama da seca e o drama da perversidade que gira em torno desses problemas. Posteriormente me desviei dessa tendência por influência do próprio TEATRO ESCOLA DO CEARÁ que fazia espetáculos para uma classe social distanciada dos problemas mais imediatos do povo e passei a escrever peças em que os personagens e o sentido de aventura eram mais da *intelligenza* burguesa do que do estado natural da convivência da minha comunidade que é pobre.

– Com a retomada da responsabilidade do teatro nacional de fazer os seus dramas com autenticidade, eu vi que era necessário retomar também o caminho anteriormente abandonado em **Os Deserdados**, então escrevi dentro dessa linha **O Morro do Ouro**, **A Rosa do Lagamar** e **A Farsa do Cangaceiro Astucioso** e, finalmente, **O Fazedor de Milagres**.

– Eu escrevo nesses termos porque acho que não somente os marxistas têm o direito de fazer o protesto em nome do povo, que todos nós, democratas ou não, devemos ter a coragem de proclamar as situações que afligem ou constroem o povo, não sendo, portanto, esse princípio de solidariedade humana privilégio de comunistas nem de democratas e nem de cristãos.

O tema pobreza me seduz, principalmente porque é na pobreza que nós vamos encontrar na sua forma mais pura a manifestação de todos os nossos problemas e o tema parece não empolgar apenas escritores solidários como eu, mas a própria autoridade eclesiástica que acaba de dar ao mundo uma demonstração de amor à pobreza, publicando a Encíclica *Populorum Progressio*.

## EDUARDO CAMPOS E OUTRAS CRÍTICAS

“**O Morro do Ouro**” é um espetáculo de imensa validade. Eduardo Campos é a Voz do Ceará que nos chega clara e lúcida. Haroldo Serra orquestrou tudo e todos com mestria com a ajuda positiva da música jovem e inspirada de Belchior e Jorge Mello. Este sim é um espetáculo para exportação.

**VAN JAJA, CRÍTICO**

É necessários que movimentos como este se tomem um constante no intercâmbio cultural do nosso País. Venham, cearenses, venham mais vezes ao Rio!

**JACY CAMPOS, TV EDUCATIVA**

Estou encantado! Este é o caminho do teatro brasileiro. Fora do nosso folclore não há qualquer opção! São amadores! Pois sim!

**JOSÉ GAMA, ESCRITOR**

A melhor coisa que posso dizer deste espetáculo é que ele tem alma que toca a alma da gente. Tem o coração e a inteligência de Haroldo Serra, sonhador e realista, realizador notável de coisas grandes. Que gente! Autenticidade, pureza, grandeza, amor e muito Brasil. Valeu! E como? Eduardo Campos se inscreve com autor pai d'égua!

**PEDRO BLOCH, TEATRÓLOGO**

Fui convidada para participar de peça, infelizmente não pude aceitar por outros compromissos, mas tive muita pena, porque ao assistir hoje pela segunda vez a peça, cada vez mais vejo o trabalho, que foi feito por esta equipe tão simpática, tão profissional, formada por Haroldo Serra. Espero da próxima vez poder trabalhar com eles.

Pois tenho certeza que o Governo do Ceará, que tão bem auxiliou a vinda do grupo, auxiliará uma próxima vez diante do sucesso junto ao público e da classe teatral daqui do Rio, que muito tem apreciado “**O Morro do Ouro**”.

**SUSY ARRUDA, ATRIZ**

“**O Morro do Ouro**”, Eduardo Campos, Haroldo Serra e Fortaleza – quatro brasileiros que devem sempre voltar ao Rio mostrando o Nordeste, sua

verdade, sua abertura, sua gente, seu teatro. Que o governo do Ceará tome por base essa iniciativa e continue cada vez mais prestigiando o teatro de sua terra.

**RUBENS DE FALCO, ATOR**

“Jamais vimos um espetáculo de estréia (**O Morro do Ouro**) apresentar em tão grande intimidade produtiva a peça em si e a interpretação”.

**OTACÍLIO COLARES, ESCRITOR**

“Rosa do Lagamar, ao nosso ver, ainda mais do que a anterior, Morro do Ouro, define, para o dramaturgo Eduardo Campos, o caminho certo e necessário – aquele que faz do homem de letras figura atuante no meio em que vive e se deve realizar. Rosa do Lagamar indica mais uma vez o caminho de um teatro brasileiro, de um teatro repleto de autenticidade...”

**VAN JAJA, CRÍTICO.**

De todos os personagens (**O Morro do Ouro**) mais meu foram **Zé Valentão** – ele está presente em toda a peça, mesmo que engaiolado tanto tempo, longe de nossas vistas – e a adorável quenga do Morro... Madalena é a mais bela criação do nosso teatro. Tem a perenidade de Tereza Raquin, de Anna Christie, de Anna Lucasta”.

**PÉRICLES LEAL**

“... Finalmente é preciso destacar (**O Morro do Ouro**) o da cultura espontânea popular, o que parece certo como um caminho para a realização não somente de um teatro, mas de uma arte brasileira”.

**CLÓVIS GARCIA, ESTADO DE S. PAULO**

O espetáculo coloca a dramaturgia com outra dimensão, totalmente divergente da tradicional. Essa fluidez mostra o mundo cheio de acasos que é **O Morro do Ouro** e não uma simples estória contada. A situação sociológica do texto está sujeita a eventualidades. O tom satírico como é tratado o problema da religião foi muito bem colocado pela direção e passa perfeitamente. Tanto o que a beata coloca quanto o político contribuem para uma total alienação por parte da população...

**MIROEL SILVEIRA, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO  
PAULISTA DE CRÍTICOS DE ARTE**

Realmente eu acho muito importante, muito mesmo, a tentativa de colocar o povo brasileiro em cena. E o que vi no Teatro Aplicado era o povo brasileiro. Pelos espetáculos que assisti em São Paulo nessa atual temporada o nível de representação d' **O Morro do Ouro** é excelente. São atores brasileiros fazendo coisas brasileiras e há momentos de perfeita interpretação que o elenco consegue realizar uma verdade maravilhosa.

O melhor momento em termos de dramaturgia é quando o folclore do bumba-meu-boi é usado na ação dramática. Isto é, um cara vai tentar passar o contrabando pela polícia através de uma manifestação folclórica. É perfeita. Chega a ser obra-prima. É fora do comum. Eu gostaria de ter essas idéias para aproveitar o folclore brasileiro...

O teatro do Ceará e suas implicações sociais me interessam profundamente. E se a proposta do trabalho é fazer uma dramaturgia cearense isso representa uma enorme contribuição ao teatro brasileiro.

### **PLÍNIO MARCOS, DRAMATURGO**

Na peça **O Morro do Ouro**, que conta o misticismo e o folclore ingênuo do Nordeste, ela é Madalena, a prostituta. São apenas cinco atores cariocas, enquanto o resto do elenco é de grupos amadores nordestinos, gente que deixou provisoriamente o estudo, o emprego, a vida em sua terra, para dizer sua mensagem. A peça foi levada em algumas cidades do Brasil, antes de chegar ao Rio.

Apaixonei-me pelo grupo (COMÉDIA CEARENSE) e pelo entusiasmo. Dão um banho de vitalidade numa montagem estruturada, seja no texto colorido de Eduardo Campos ou na direção de Haroldo Serra. Pena que a temporada seja curta, porque a peça é uma delícia.

### **MIRIAM PÉRSIA, ATRIZ**

... É preciso destacar o aproveitamento de elementos da cultura espontânea popular, o que parece certo como um caminho para a realização não semente de um teatro, mas de uma arte brasileira. E também não pode ser esquecida a orientação adotada pelo teatro Aplicado de apoiar uma dramaturgia brasileira, de inspiração popular, que merece todo incentivo.

### **CLÓVIS GARCIA, PROF. DE TEATRO DA USP E CRÍTICO DO “ESTADO DE SÃO PAULO”**

Eduardo Campos, o autor, dá uma amostra muito real dos costumes e da cultura do povo do Ceará, aonde apesar da pobreza da sua gente, valores tradicionais como o respeito à família e a fé cristã são evidenciados. O colorido típico da região, seus ingênuos cantos populares amainam a dureza da região... A criatividade da direção de Haroldo Serra, às vezes excessiva, e um elenco de jovens que se entregam ao trabalho com garra total, fazem deste musical simples e ingênuo algo agradável de se ver e ouvir.

**ELVIRA GENTIL,  
CRÍTICA DA REVISTA “ESTE MÊS EM SÃO PAULO”**

De tendência analítica, sobretudo denunciante, a peça – um pós ter colorido e muito bem dimensionado do norte-nordeste, se fundamenta numa trilogia indispensável ao entendimento do espetáculo: costume, crença e o próprio folclore. A direção em nada deturpou o desabafo do autor. Ativou apenas sua criatividade e há de se reconhecer no trabalho de Haroldo Serra um processo metódico de integração, objetivando o conjunto.

**ROGGIEGO, CRÍTICO DA GAZETA DO IPIRANGA**

... O que se destaca no entretcho do espetáculo é o seu acentuado teor de análise crítica, tomando como ponto de partida o cortejo das misérias morais, físicas e, portanto sobre-humanas de pessoas pertencentes a uma determinada comunidade social... A concepção cênica possui a qualidade de saber aproveitar todas as virtualidades do musical seja no ritmo das danças ao som de músicas como o baião, seja na captação das partes dialogadas que ligam umas cenas às outras. A direção musical de Jorge Mello está sincronizada ao estilo interpretativo adotado por Haroldo Serra, o que proporciona uma dimensão cênica bastante equilibrada.

**ALÍPIO R. MARCELINO,  
CRÍTICO DO JORNAL DA SEMANA**

Rosa do Lagamar – “inegavelmente é o melhor espetáculo cênico da Comédia Cearense nos últimos anos...”

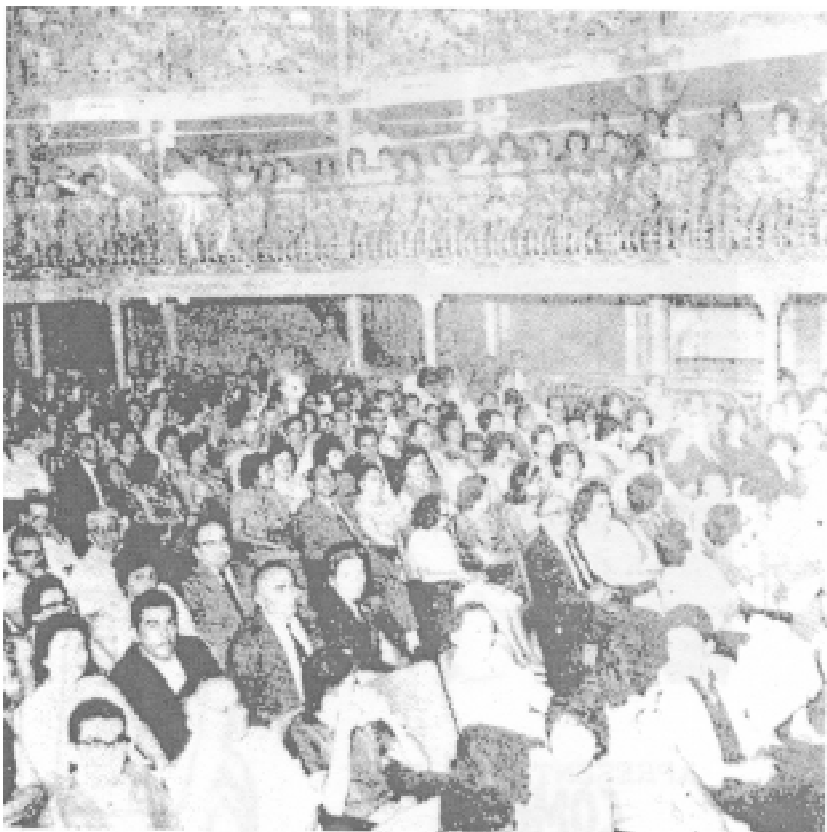
**ELIEZER RODRIGUES, O POVO**

# ICONOGRAFIA

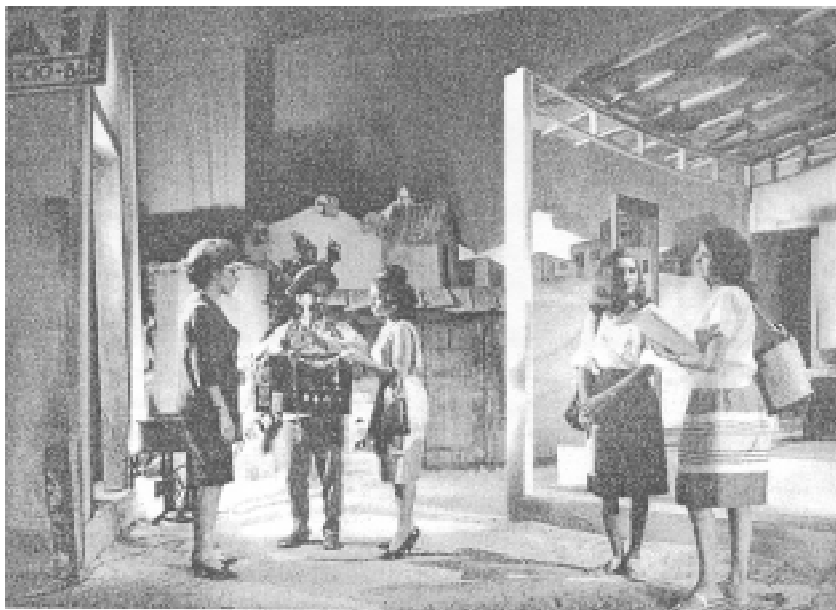


Anúncio de jornal marcando a estréia de “O Morro do Ouro”, em espetáculo dirigido por B. de Paiva e Haroldo Serra.

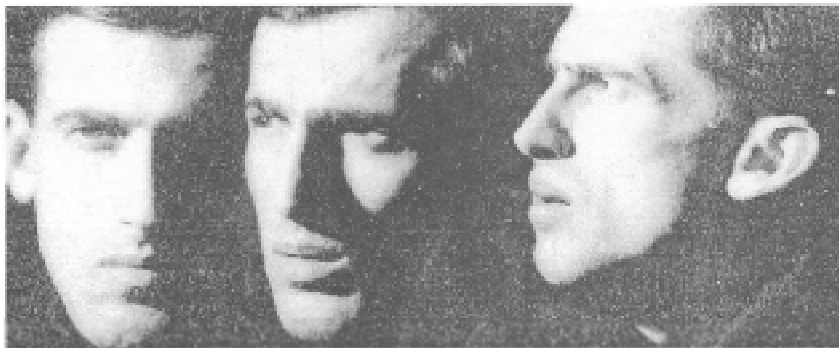




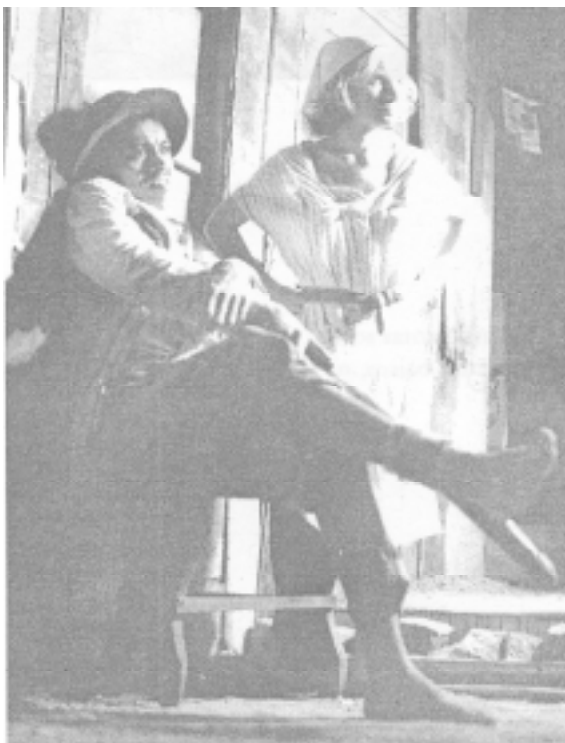
Aspecto costumeiro da platéia se fazia presente às encenações de “O Morro do Ouro” no Teatro José de Alencar, em Fortaleza.



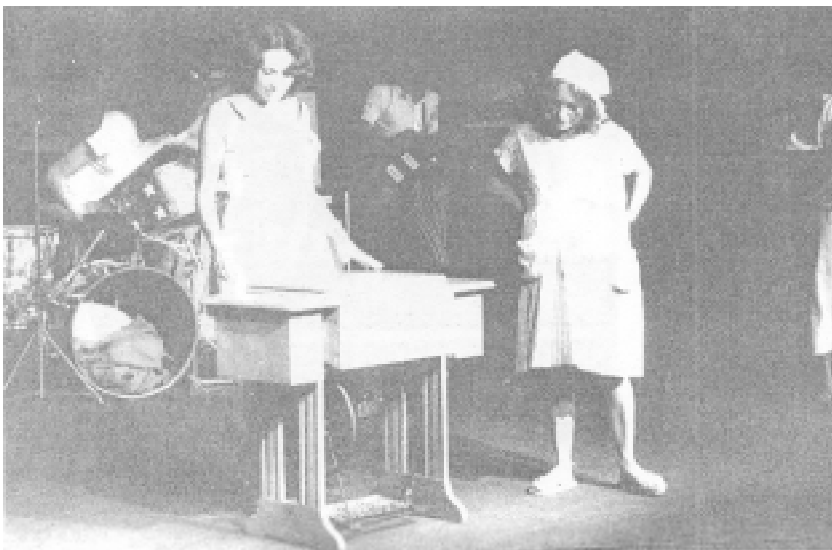
Cena em que se apresentam as “visitadoras sociais” entrevistando os moradores do bairro, na peça “O Morro do Ouro”.



B. de Paiva, grande nome do teatro cearense e um dos responsáveis pela montagem de “O Morro do Ouro”, em tríptico fotográfico extraído de álbum alusivo ao acontecimento.



Os atores José Humberto e Hiramisa Serra em foto clássica de “O Morro do Ouro”.



Miriam Pérsia e Hiramisa, duas grandes atrizes brasileiras, na montagem de “O Morro do Ouro”, Rio de Janeiro, Teatro do SENAC.



Cena de “O Morro do Ouro”, obtida por ocasião da estréia de “O Morro do Ouro” no Teatro José de Alencar, em Fortaleza.



Cena de “A Rosa do Lagamar”. Destaque para Haroldo Serra, à esquerda do leitor. Fazia sempre pequenos papéis em virtude das responsabilidades de dirigir o espetáculo.



Outra cena de “A Rosa do Lagamar”. Destaque para Hiramisa Serra desafiando os ricos que desejavam despojá-la sua casinha do Lagamar.



Cena de “A Rosa do Lagamar”. Espetáculo em praça pública, apresentado para os moradores do Lagamar.

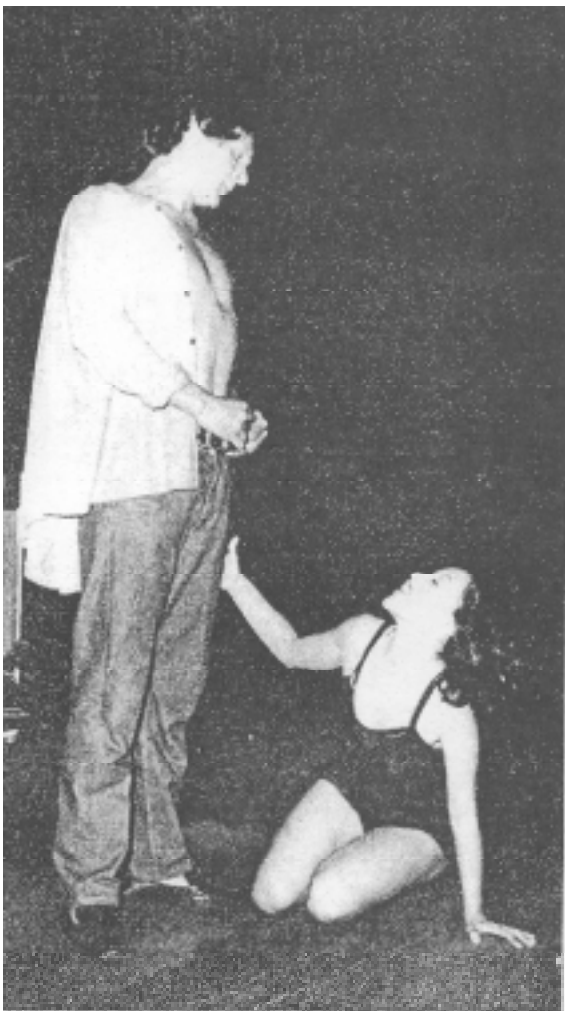


Miriam Pérsia e Milton Morais (grandes artistas brasileiros): ela a Madalena, ele o Zé Valentão de “O Morro do Ouro”, em espetáculo montado no Teatro do SENAC, Rio de Janeiro.



Haroldo Serra, grande diretor da Comédia Cearense e responsável pela versão musical de “O Morro do Ouro”. Ao lado, Miriam Pérsia, a Madalena do “Morro”.

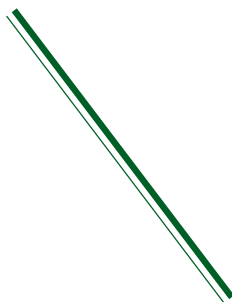
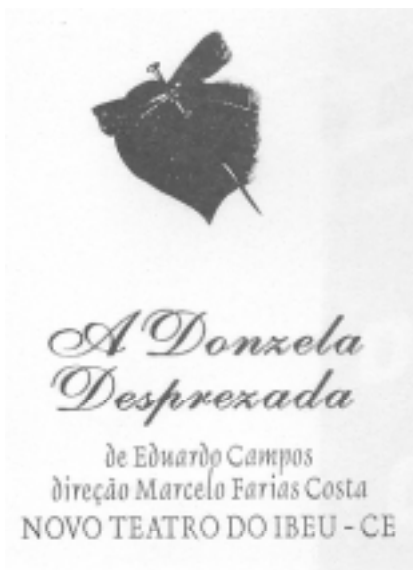




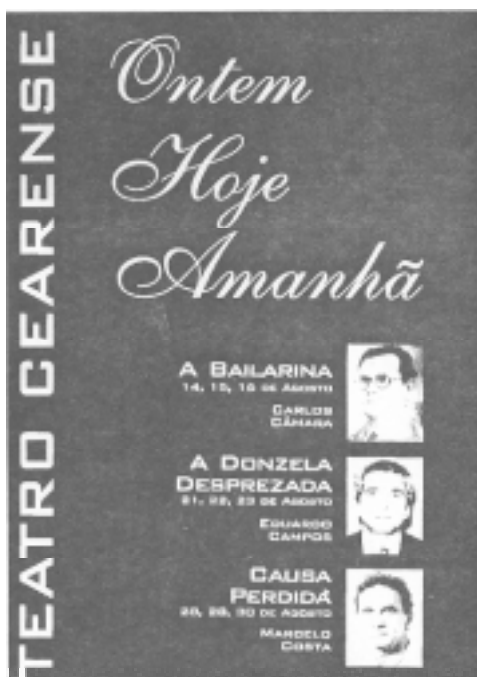
Os atores Milton Morais e Miriam Pérsia na apresentação de “O Morro do Ouro”, Rio de Janeiro.



Propaganda da peça de Eduardo Campos. “O Morro do Ouro”, aplicada na fachada do Teatro Aplicado, São Paulo.



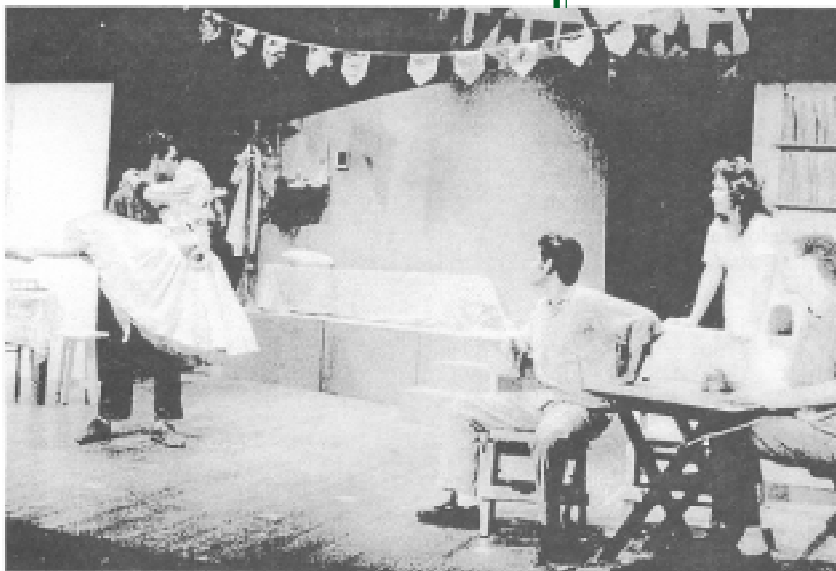
Programa-anúncio da peça de Eduardo Campos, “A Donzela Desprezada”. Sob direção desse vigoroso diretor cearense, Marcelo Costa, inaugurou o novo teatro do IBEU, em Fortaleza.





Movimentada cena da peça “A Donzela Desprezada”, obtida por ocasião da estréia na inauguração do Teatro do IBEU. Destaque para Kátia Camila, Marta Vasconcelos, Socorro de Carvalho, Jota Arraes, Ivany Gomes, Aurora Miranda Leão.

Mais uma cena da peça de Eduardo Campos, “A Donzela Desprezada”. Teatro do IBEU, espetáculo de inauguração do Teatro do IBEU, em 9 de agosto de 1995.





Outra cena da apresentação de “A Donzela Desprezada”, no IBEU, sob direção de Marcelo Costa.

## CONVITE

Para apresentação de  
"OS DESERDADOS"

De EDUARDO CAMPOS

**Ballet Hugo Bianchi**

TEATRO DA EMCETUR

Dia 29-10-81 às 20.30 horas

(ENCERRANDO A EXPOSIÇÃO DE DOCUMENTOS SOBRE SECAS)

**Secretaria de Cultura e Desporto do Estado**

**ROSA DO LAGAMAR**

PARA EDUARDO CAMPOS

É esta a água  
De muito mar  
É esta a lágrima  
Este o olhar

E esta a hora  
De muito amar  
É esta a rosa  
Do lagamar

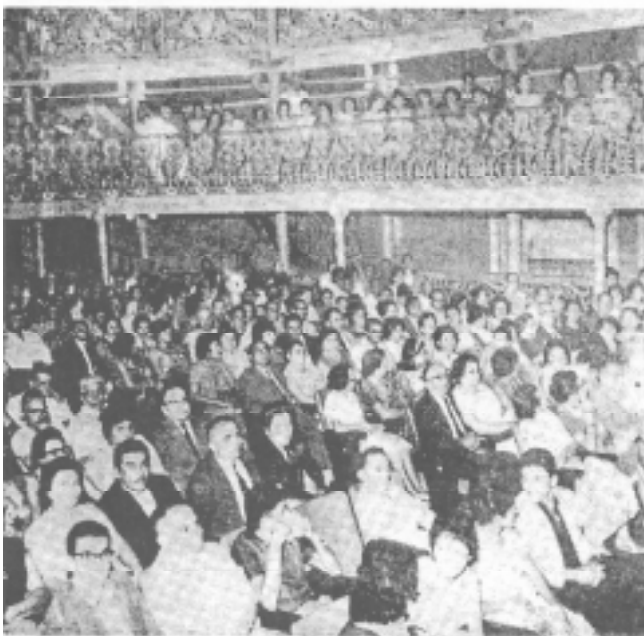
É este o lago  
De sol luar  
Este esperar

É esta a hora  
É esta a Rosa  
Do Lagamar

Convite para a apresentação do Ballet Hugo Bianchi, na encenação de "Os Deserdados", em 1981, Teatro da EMCETUR, hoje Carlos Câmara. Embaixo um soneto de Horácio Dídimo: "A Rosa do Lagamar".



Visão de como ficavam os teatros pelo interior do estado do Ceará, quando ali a Comédia Cearense apresentava “A Rosa do Lagamar” ou “O Morro do Ouro”.  
Flagrantes tomados aos jornais da época, década de 1970.



Platéia sempre numerosa, no Teatro José de Alencar, para ver e aplaudir a peça de Eduardo Campos “O Morro do Ouro”.